

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
INSTITUTO DE PSICOLOGIA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA SOCIAL E  
INSTITUCIONAL

ADRIEL GIORDANI CHRIST

***GRINDR* E PROCESSOS DE SUBJETIVAÇÃO:  
UMA DERIVA CARTOGRÁFICA PELA PRODUÇÃO DE CORPOS**

PORTO ALEGRE

2021

ADRIEL GIORDANI CHRIST

*Grindr* e processos de subjetivação: uma deriva cartográfica pela produção de corpos

Dissertação de mestrado apresentado ao  
Programa de Pós-Graduação em  
Psicologia Social e Institucional da  
Universidade Federal do Rio Grande do  
Sul.

Orientadora: Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Inês Hennigen

PORTO ALEGRE

2021

#### CIP - Catalogação na Publicação

Giordani Christ, Adriel  
GRINDR E PROCESSOS DE SUBJETIVAÇÃO: UMA DERIVA  
CARTOGRÁFICA PELA PRODUÇÃO DE CORPOS / Adriel Giordani  
Christ. -- 2021.  
208 f.  
Orientadora: Inês Hennigen.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal do  
Rio Grande do Sul, Instituto de Psicologia, Programa  
de Pós-Graduação em Psicologia Social e Institucional,  
Porto Alegre, BR-RS, 2021.

1. grindr. 2. corpo. 3. processos de subjetivação.  
4. homonormatividade neoliberal. 5. neoliberalismo. I.  
Hennigen, Inês, orient. II. Título.

ADRIEL GIORDANI CHRIST

**GRINDR E PROCESSOS DE SUBJETIVAÇÃO:**  
UMA DERIVA CARTOGRÁFICA PELA PRODUÇÃO DE CORPOS

Dissertação de mestrado apresentado ao  
Programa de Pós-Graduação em Psicologia  
Social e Institucional da Universidade  
Federal do Rio Grande do Sul.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Inês Hennigen

**BANCA EXAMINADORA**

---

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Inês Hennigen  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS

---

Prof. Henrique Caetano Nardi  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS

---

Prof. Luis Henrique Sacchi dos Santos  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS

---

Prof<sup>a</sup>. Nísia Martins do Rosário  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS

---

Prof. Richard Miskolci  
Universidade Federal de São Paulo - UNIFESP

Porto Alegre, 19 de fevereiro de 2021.

Dedico a quem me fez vida: Zélia e Jorge, meus queridos;  
Ao amor do cotidiano: Lucas, poeta das imagens;  
Aos aprendizados diários: “profe” Inês e seus *inesquecíveis* dizeres.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço aos meus queridos pais, Zélia Maria Giordani e Jorge da Silva Christ. Amo vocês com todo meu coração. Ao Lucas Boeira Bittencourt, por correr comigo descalço entre feras e imagens. Te amo. Um agradecimento muito especial à minha incrível orientadora, Inês Hennigen. Pelo carinho, reflexões, pelas risadas, por me dar as mãos e me lembrar que sei caminhar sozinho quando necessário. Estou animado pela nossa próxima jornada juntos! Quero deixar agradecimentos muito sinceros ao professor Henrique Caetano Nardi pelas excelentes contribuições, delicadezas e por estar sempre a postos para estar conosco. Ao professor Luis Henrique Sacchi dos Santos pelas sugestões atenciosas, por contribuir com dedicação e gentileza. Agradeço à professora Nísia Martins do Rosário por sugerir que nesta pesquisa aparecessem os usuários “excêntricos”, não tão “belos”, àqueles que, por via ou outra, “desobedecem”, foi uma sugestão que me fez pesquisar com alegria e diversão. Agradeço ao professor Richard Miskolci pela receptividade e atenção... achei um dos seus livros num sábado pacato e desde a sua leitura tomei decisões transformadoras. Tem sido uma grande aventura! Agradecimentos profundos às/aos componentes do LECOPSU: Edson, Cristiano, Bruno, João, Ana, Fernanda, Isabel, Maria Lúcia, Patrícia, Luana, Otávio, Nychollas. E deixo um agradecimento muito especial ao querido amigo de jornada, Evandro Martins (continue com a ousadia de rasgar as folhas de rascunho e entregar como parte fundamental do processo, grande mestre!). Agradecimentos às amigas Loyvana Perucchi, Caroline Scussel, Luciane Gemmellaro, Keli Damin, Fernanda Rocha, Daniela Navarini, Amanda Schiavon: vocês deixam a vida mais festiva! Amo vocês. E não posso deixar de agradecer minha segunda família: Maria Helena Boeira, Jorge Bittencourt, Tulio Inácio, Roger, Chimango e Cícero. Quero deixar registrada minha profunda gratidão à minha avó Gessi, que sempre torce por mim, e à minha avó Neusa... que se foi durante esta jornada de mestrado, mas também torcia muito. Não posso deixar de agradecer às/aos colegas, professorxs e profissionais do PPGPSI. Especialmente ao Israel Aquino, sempre solícito. Além de um agradecimento a CAPES por garantir o acesso à bolsa de pesquisa que transformou minha história. Finalizo agradecendo todxs usuárixs do Grindr. E agradeço as lutas de pesquisadorxs, professorxs e psicólogxs do Brasil: resistiremos!

“imaginem que isso aqui é um quadrado  
com drones volantes  
ou uma cena congelada  
com o céu cheio de zepelins,  
mas o som é um só:  
barulho de máquinas  
voadoras  
pelo céu.  
[...]

eu queria falar da hélice quando gira  
e produz ação  
e eu queria falar do caminhão  
se deslocando com a mudança  
e eu queria falar do poema  
caminhando junto com esse fio invisível  
que faz mover as coisas  
e do céu repleto de zepelins  
em movimento  
e das ondas sonoras  
que atravessam o ar  
mas tudo o que pude compartilhar  
aqui  
foi essa imagem da hélice que  
paralisa  
foi a fronteira fechada  
e o ruído  
mecânico  
que faz a gente *desligar*”

(Marília Garcia, 2017, p. 96)

CHRIST, Adriel Giordani. **Grindr e processos de subjetivação**: uma deriva cartográfica pela produção de corpos. 2021. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social e Institucional) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2021.

## RESUMO

Por meio de uma cartografia, nesta dissertação problematizamos a produção de corpos focalizando em práticas de uso do aplicativo Grindr. De forma mais específica, buscamos investigar como se dá o incitamento à (e a) produção, composição e estilização dos diferentes corpos de usuários Grindr. Em sua totalidade a dissertação divide-se em quatro seções principais. Na primeira parte apresentamos uma breve contextualização de estudos anteriores sobre o Grindr, uma rede conceitual foucaultiana que discute o dispositivo da sexualidade, a biopolítica e governamentalidade neoliberal, bem como os processos heteronormativos e homonormativos neoliberais. Também debatemos os principais procedimentos metodológicos, ou seja, as derivas cartográficas enquanto modo de pesquisa-intervenção. Em seguida concentramos as análises em outras três partes. Uma imersão pelas etapas de edição de perfil discutindo a montagem do corpo, e ferramentas que possibilitam diferentes formas de experimentação do corpo de acordo com as possibilidades de pagamento (Grindr grátis, Grindr XTRA e Grindr *Unlimited*). Uma articulação entre os *lifestyles* do Grindr (“*zero feet away*”, e seu mais recente *lifestyle* “*unlimited*”) com a racionalidade biopolítica neoliberal, por meio de uma deriva por materiais publicitários e jornalísticos sobre as estratégias que o Grindr tem buscado traçar para constituir em uma parcela da “população LGBTQ+” um paradoxal público global de consumidores “*queer mainstream unlimited*”, aos seus próprios moldes. E criamos uma seção com as derivas por composições de corpos no Grindr tomando (à luz dos) os processos heteronormativos e homonormativos neoliberais. Neste olhar por diversos corpos-perfis buscamos nos atentar aos processos de individualização, formas de privatização e empresariamento dos corpos. Ao final das derivas buscamos apontar que as problemáticas não parecem estritas a uma questão de consumo, mas à formação de um modelo subjetivo: corpo como maior capital do empresário de si mesmo. Na lógica da concorrência não parece haver margem para parceiros, e a superindividualização deve ser refletida enquanto processo que coloca em risco ações políticas e outra relação com a norma das subjetividades dissidentes das normas de gênero e sexualidade.

**Palavras-chave:** Aplicativo Grindr; Corpo; Processos de Subjetivação; Homonormatividade Neoliberal; Neoliberalismo;



CHRIST, Adriel Giordani. *Grindr and subjectivation processes*: a cartographic drift through the production of bodies. 2021. Dissertation (Master in Social and Institutional Psychology) - Federal University of Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2021.

## ABSTRACT

Through the use of cartography, in this dissertation we problematize the production of bodies focusing on the usage practices of the application Grindr. More specifically, we seek to investigate how the production, composition and stylization of the different bodies of Grindr users are encouraged. In the first part we present a brief contextualization of previous studies about Grindr, a conceptual Foucaultian network that discusses sexuality, biopolitics and neoliberal governmentality, as well as the heteronormative and neoliberal homonormative processes. We also discuss the main methodological procedures, such as cartographic drift as a mode of research-intervention. The analysis is centered around three parts. An immersion in the steps of editing the user profile discussing the assembly of the body, and tools that enable different ways of experimenting with the body according to the payment possibilities (Grindr free, Grindr XTRA and Grindr Unlimited). An articulation between Grindr's lifestyles ("zero feet away", and its most recent lifestyle "unlimited") and a neoliberal biopolitics rational, through a cartographic drift by advertising and journalistic materials on the strategies that Grindr has sought to outline in order to constitute a portion of the "LGBTQ + population" a global public paradox of "queer mainstream unlimited" consumers in its own way. Lastly, we created a part with the drifts by compositions of bodies in Grindr taking into account the neoliberal heteronormative and homonormative processes. Through this examination of several body-profiles we attempt to focus on the individualization processes, forms of privatization and entrepreneurship of the bodies. After reviewing the drifts, we point out that the problems don't seem to be strictly a matter of consumption, but the formation of a subjective model: the body as the entrepreneur's greatest capital. In the eyes of the competition, there seems to be no room for partners, and over individualization seems to call into question the process that endangers political actions and another relationship with the norm, and limitations on the exercise of power of subjectivities dissenting from gender and sexuality norms.

**Key-words:** Grindr application; Body; Subjectivation Processes; Neoliberal homonormativity; Neoliberalism;

# SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	11
1.1 APLICATIVO GRINDR EM ESTUDOS ANTERIORES	16
1.2 REDE CONCEITUAL: BIOPODER, BIOPOLÍTICA, DISPOSITIVO DA SEXUALIDADE E GOVERNAMENTALIDADE NEOLIBERAL	22
1.3 CORPO	29
1.4 HETERONORMATIVIDADE E HOMONORMATIVIDADE NEOLIBERAL	35
1.5 CARTOGRAFANDO DERIVAS: CAMINHAR PELA PRODUÇÃO DE CORPOS NO GRINDR	45
2. PERFIL: MONTANDO UM CORPO ENTRE PREDEFINIÇÕES, ESTEREOTIPIAS E TRIBOS	52
2.1 PERFIL COMPLETO: CORPO EM AÇÃO	78
2.2 JOGOS COM O ARMÁRIO NO <i>GRID</i> : ENTRE O “SIGILO” E O “SEM FOTO? SEM PAPO!”	80
2.3 CORPOS COM DIFERENTES FERRAMENTAS: GRINDR GRÁTIS, GRINDR XTRA, GRINDR UNLIMITED	88
3. DO <i>LIFESTYLE “ZERO FEET AWAY”</i> AO <i>LIFESTYLE “UNLIMITED”</i> : RACIONALIDADE BIOPOLÍTICA NEOLIBERAL DO <i>GRINDR</i>	96
4. DERIVAS POR CORPOS NO GRINDR	127
4.1 “SIGILOSOS”: DISCRIÇÃO E PROCESSOS HETERONORMATIVOS	127
4.2 “PADRÃOZINHO” E PROCESSOS HOMONORMATIVOS NEOLIBERAIS	132
4.3 HIBRIDIZANDO: “MASCULINOS DEMAIS, AFEMINADOS DEMAIS”	139
4.4 OSTENTANDO FEMINILIDADE	141
4.5 TENSÕES ETÁRIAS E NEGOCIAÇÕES DA MATURIDADE	149
4.6 DEFININDO ANTECEDÊNCIAS E FORMAS: AS GRANDEZAS DA PRESSÃO ESTÉTICO-CORPORAL	156
4.7 EMBATES RACIAIS NO GRINDR: “NEM TODO NEGRO É DOTADO” E “HOMEM BRANCO BUSCA HOMEM BRANCO”	166
4.8 EMBATES DO CUIDADO COM O CORPO E “SAÚDE SEXUAL”	174
4.9 DIFERENTES FORMAS DE DEMARCAR AS SOROPOSITIVIDADES	181
4. 10 GERINDO UM CORPO POLÍTICO NO GRINDR	186
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	198
REFERÊNCIAS	203
ANEXO 1	207

## 1. INTRODUÇÃO

Foi durante o mestrado que conheci o aplicativo *Grindr* na sua versão grátis. Fui atraído pelas possibilidades de diferentes experiências, pela facilidade de seu uso e visível enfoque na sexualidade. Logo, constatei que o aplicativo *Grindr* anuncia-se como uma rede social que se destina a “conectar pessoas gays, bi, trans e *queer*” e “agregar a comunidade LGBTQ”, conforme anuncia em seu site oficial (GRINDR LLC, 2020). No ano de 2020, a maioria de seus quase 13 milhões<sup>1</sup> de usuários eram homens que buscavam encontros com outros homens, produzindo um ambiente marcado por diferentes expressões das masculinidades<sup>2</sup>. Neste sentido, o Grindr ficou popularmente conhecido como um aplicativo de busca de parceiros para encontros sexuais, embora se anuncie mais amplamente em seu site oficial como um “espaço seguro” onde o usuário pode “se conectar com pessoas ao redor do mundo e navegar em infinitas possibilidades” (Grindr LLC, 2019).

No início do percurso desta pesquisa constatei no aplicativo a existência do “status PrEP”<sup>3</sup>, ao qual o usuário pode indicar em seu perfil fazer uso desta estratégia de prevenção ao vírus HIV. Mais do que mera coexistência, certa articulação ficou ainda mais evidente quando me tornei usuário desta estratégia preventiva no Instituto

---

<sup>1</sup> Dado fornecido pelo próprio Grindr em postagem oficial nomeada “*Grindr Unwrapped*”, a partir do dia 18 de dezembro de 2020. A postagem foi momentânea e não há link de acesso para pessoas externas. As imagens podiam ser acessadas por usuários durante a própria dinâmica do aplicativo, e se propunha a ser um “*relatório informal estatístico que lança alguma luz sobre a atividade no Grindr durante o ano {de 2020}*”. O texto completo com as imagens em inglês encontra-se no Anexo 1, bem como a sua tradução. Acesso: 28 de dezembro de 2020.

<sup>2</sup> As categorias supracitadas (“homens” e “masculinidades”) foram escolhidas de forma estratégica, já que são mais facilmente acessíveis em diferentes espaços. Neste trabalho estou focalizando, de modo geral, em usuários que se reconhecem a partir de identidades sexuais e de gênero específicas, isto é, homens cis - gays, bi e homens que fazem sexo com homens, embora eu também evite o máximo possível tais denominações, pensando mais em seus processos e menos em suas identidades. Neste sentido, o sexo anatômico não fora o elemento decisório (embora seja rotineiramente exaltado no Grindr, questão que merece atenção, inclusive). Como passo inicial optei por pensar as tensões e modos de produção do corpo de seu público maior. Deste modo, durante a imersão por perfis acabo não focalizando, por exemplo, na produção de corpos de homens trans. Acredito que trabalhos com homens trans (e mesmo com pessoas não binárias, intersexo, etc) e que, em diferentes formas e intensidades, possuem relação com a questão das masculinidades no Grindr, mereçam esforços teóricos específicos e sensíveis, que desdobrariam discussões que, neste momento de tempo limitado do mestrado, não executaria apropriadamente como eu gostaria.

<sup>3</sup> O site do Ministério da Saúde do Brasil (2019) explica que a Profilaxia Pré-Exposição ao HIV é um método de prevenção à infecção ao HIV que consiste no consumo diário de um comprimido que impede que o vírus da aids infecte o organismo. <http://www.aids.gov.br/pt-br/publico-geral/prevencao-combinada/profilaxia-pre-exposicao-prep> Acesso em: 12 de agosto de 2019.

POAPrEP<sup>4</sup>. Em visitas a esta instituição buscava conectar o aplicativo, e fui percebendo que os participantes do estudo também estavam conectados ao *Grindr* estabelecendo interações. Para minha surpresa, os profissionais do estudo relatavam desconhecer que o aplicativo dispunha da função de veiculação de “Status PrEP”. Desde então, passei a refletir que tanto o *Grindr*, como o Instituto POAPrEP, agenciam estratégias biopolíticas, pois a despeito de suas formas particulares, ambos monitoram seus usuários. O *Grindr*, no mercado de aplicativos, se utilizando da coleta de dados virtuais; e instituições como o POAPrEP, estudando efeitos da Profilaxia Pré-Exposição – PrEP em corpos de uma população específica de homens gays, bissexuais, homens que fazem sexo com homens, mulheres trans e travestis. Logo, uma população de grande interesse para a indústria farmacêutica, coletando dados de saúde, produzindo outros estudos e novas estratégias de adesão aos tratamentos. Ambos promovem formas de atenção e cuidado com o corpo que passam pelo consumo da medicação, e produzem uma imagem do usuário que se previne (de certo modo, um corpo “blindado” do HIV/Aids). Em posições supostamente desprezíveis em torno destas formas de consumo, creio que sejam também espaços que se vinculam para conduzir condutas e transformar práticas, e aqui nesta articulação *Grindr*/PrEP aludo mais especificamente, às práticas sexuais (uso ou não de preservativo, por exemplo), e portanto, compreendo também que ambos inserem-se como parte do dispositivo da sexualidade.

Levando em consideração estigmas históricos que subjetividades dissidentes de normas de gênero e sexualidade carregam (estigmas como “sexualidade intensa”, “população infectada pelo HIV/Aids” e como “problema de saúde pública”), foi ficando mais evidente para mim não só que os mercados de aplicativos e farmacológicos se associam para instaurar práticas que levem formas específicas de sociabilidade, de experimentação da sexualidade e de um cuidado com o corpo, mas que é possível traçar uma articulação mais ou menos direta, moralizante e mesmo reducionista às perspectivas de “doenças”. Ao longo deste percurso me deparei com achados de reportagens que responsabilizavam o *Grindr* pelo aumento do HIV/Aids, IST’s, DST’s em outros países. E uma busca por artigos internacionais sobre o *Grindr* também identifiquei estudos que faziam conexões “comportamentos de risco” e doenças

---

<sup>4</sup> POA PrEP refere-se à campanha do estudo HPTN 083, realizado pelo IPARGS (Instituto de Pesquisas em AIDS do Estado do Rio Grande do Sul). Segundo o site oficial, este estudo é o primeiro ensaio clínico em larga escala de um medicamento injetável de ação prolongada para a prevenção do HIV. <https://www.poaprep.org/> Acesso em: 15 de agosto de 2019.

sexualmente transmissíveis, sugerindo o uso de PrEP como estratégia preventiva ao HIV/Aids. (WINETROBE *et al.*, 2014; GOEDEL *et al.*, 2016). Constatei que o medo e o perigo prosseguem sendo dimensões importantes para condução de corpos que prosseguem marcados pelo estigma da Aids. Posteriormente, ao longo da pesquisa, além das tensões de saúde/doença e do incitamento ao “corpo blindado do HIV/Aids”, outras questões foram me mobilizando quanto à produção dos corpos.

Por meio de leituras no grupo de pesquisa em que estou inserido (Leituras do contemporâneo & Processos de subjetivação - LECOPSU), eram problematizadas questões referentes ao uso das redes sociais e as derivas algorítmicas a que todos nós somos conduzidos. Simultaneamente, na posição pesquisador, passei a fazer uso das versões pagas (*Grindr XTRA*, e posteriormente a versão *Grindr Unlimited*), em que pude identificar diferenças importantes nas suas versões. Experimentei um aplicativo sem publicidade e com ferramentas mais elaboradas, como os “Filtros *premium*”. Já havia identificado que o salvamento de perfis, mesmo em sua versão gratuita, permitia monitorar distâncias, horários em que outros usuários estiveram *online/offline*, além de acompanhar mudanças de informações nos perfis. Entretanto, identifiquei que as versões pagas oferecem um nível ainda maior de monitoramento da rotina de outros usuários, ao possibilitar a busca e salvamento de perfis com endereços inseridos no localizador, possibilidade de saber o horário que outros usuários leram respostas, e uma lista de quais visitantes o perfil recebe (com horário). Naquele momento específico me intrigava a produção dos “corpos geolocalizáveis”, que decorrem em meio a processos de controle, capturando, conseqüentemente, uma infinidade de dados dos usuários. Mas outras afetações com o caminhar da pesquisa foram acontecendo.

A imersão pelos diversos perfis me fez atentar para a estilização corporal. Passei a compreender que a centralidade do corpo e a incitação pelo desejo de apresenta-lo estabelecem o grande atrativo do *Grindr*. Além de ser um “radar”, que propicia a escolha do melhor parceiro para encontro sexual, como parte do lazer é possível passar tempo apenas acompanhando a veiculação rotineira de informações, filtrar corpos, observar detalhes de cada perfil. Ficar em um ciclo de imagens eróticas e troca de *nudes* explícitas, exibição de desejos e preferências sexuais, apresentação de prefedinições automáticas e de características das mais singulares. Como prática central, o usuário *Grindr* é interpelado à “montagem de um corpo” (atrativo, ainda que os parâmetros e interesses sejam variados). Mesmo perfis anônimos, quase imperceptíveis, correspondiam a um tipo de sedução, e se faziam visíveis justamente

pela sua aura de mistério e discrição que alguns usuários pontualmente buscavam. Por isso, passei a definir que iria compreender os processos de subjetivação relacionados à produção deste “corpo editável”.

Os modos de subjetivação foram abordados, de um modo mais específico, em *História da Sexualidade III – O cuidado de si*, em que Foucault (2017) demonstrou que pela via de procedimentos diversos os gregos constituíam um exercício de cuidado da própria existência. Estas configurações produziam diversificadas formas de vida e de organização social que continuamente se transformavam. De modo geral, os modos de subjetivação se referem para Foucault “ao modo pelo qual se constituem determinadas formas de relação consigo e com o mundo em um contexto histórico específico”. Nesta perspectiva, buscando se distanciar de universalizações, “cada formação histórica produz, portanto, uma experiência subjetiva singular definindo nossos modos de pensar, agir e sentir” (SILVA, 2008, p. 40).

Ao longo de suas obras, Michel Foucault propõe duas acepções sobre os modos de subjetivação. A primeira, mais ampla, se refere aos modos de objetivação do sujeito. Já a segunda acepção, mais estrita (que aparece em *História da Sexualidade II e III*), se refere às formas de atividade sobre si mesmo, isto é, ao trabalho reflexivo sobre si mesmo, portanto, concerne à ética do sujeito. Estas acepções são interdependentes, mas neste trabalho decidi fazer o uso da acepção mais ampla, isto é, aos modos de objetivação do sujeito (CASTRO, 2016), mas não desconsiderando sua articulação.

Assim sendo, passei a pensar como estão em jogo formas de objetivação e práticas de si relacionadas à estilização e exibição de si, articuladas à vasta produção de dados virtuais da rotina de uso do aplicativo dos usuários (como frequência, horário, região, fotos, bate-papos), compreendendo que o Grindr compõe-se como um dos vetores do que Michel Foucault (2014) nomeou de dispositivo da sexualidade, justamente pela sua relação com a produção biopolítica contemporânea, que abrange processos de controle e monitoramento em relação às populações.

Sendo assim, ao longo do trabalho busco pensar modos como o Grindr conduz às formas de se apresentar imagetivamente e discursivamente pela via do perfil, ao qual o usuário deve informar seus dados, combinando marcações para apresentar seu corpo. Dados como idade, altura, peso, etnia, porte físico, posição sexual, tribo, e status de relacionamento podem compor, combinar e reforçar uma série de estereótipos, reiterando normas de corpo-gênero-sexualidade, entre outros marcadores. São estes processos em relação a estes diferentes elementos, no encontro com estes elementos,

que busquei pensar a forma “como se faz sujeito”, pela via da produção do corpo, àquilo que está colocado em sua dinâmica.

Assim como explanou Foucault (2017) em sua genealogia da sexualidade, a confissão induziu o sujeito produzir verdades a respeito de si pela via contínua de reconhecer seu desejo e se fixar a uma identidade. Embora díspar da confissão cristã em sua literalidade, compreendo que o usuário *Grindr* também se conduz (pois é conduzido) a formas de confissão. Ao ter de marcar categorias predefinidas, deixa explícitas características, desejos, formas de tentar conduzir o outro, instaurando verdades que vão posicionando os corpos nas relações. Sendo assim, ficam visíveis modos como o sujeito torna-se objeto de uma relação entre conhecimento e poder, isto é, as formas como certos discursos e saberes passam a falar, formatar, enquadrar sujeitos - por exemplo, denominações como: “sigiloso”, “padrãozinho”, “grande”, “gordo”, “papai”, “sugar daddy”, “POC”, etc, e seus múltiplos sentidos - deste modo, surgiram algumas possibilidades de conjecturar seus desdobramentos na posição de sujeitos e na produção de subjetividades.

Quando tinha percorrido parte do trajeto de pesquisa, passei também a olhar para estas formas de objetivação de sujeitos, de modo a perceber como se dão certas prescrições que fundamentam os processos sociais de regulação e controle da produção dos corpos. A reiteração das normas de corpo-gênero-sexualidade (entre outras, como classe, raça, idade) passou a me fazer mais questão. Estes processos heteronormativos e homonormativos ocorrentes na ambiência do *Grindr*, de variadas maneiras, formas e intensidades, buscam conservar a hegemonia da heterossexualidade (sobretudo cisgênero e branca) como modelo natural em todas as esferas da vida, atualizando a denominação contemporânea para o dispositivo histórico da sexualidade. Mas estes processos igualmente se atualizam em outras ordens, se hibridizam e entram em tensão, portanto suas multiplicidades me eram interessantes (BERLANDT & WARNER, 2002; POCAHY & NARDI, 2007; MISKOLCI, 2016).

Deste modo, passei a pensar certa articulação entre a racionalidade biopolítica neoliberal e o aplicativo *Grindr*, tomando as suas dimensões totalizantes/individualizantes que são postas em operação à formação do modelo subjetivo do empresário de si mesmo (FOUCAULT, 2008; CANDIOTO, 2011). No mesmo sentido, passei a refletir quanto à produção do corpo que se empresaria articulado aos processos heteronormativos e homonormativos neoliberais no campo do viver e a incorporação de demandas LGBTQIA+ no funcionamento da política

econômica neoliberal ao qual Grindr se insere; me passou a fazer questão os modos pelos quais os corpos-perfis são incitados a determinadas formas de empresariamento de si, a uma sociabilidade privatizante, à lógica de concorrência e individualização (DUGGAN, 2002; OLIVEIRA, 2013).

Portanto, de modo geral, a escolha do Grindr como objeto de pesquisa se deu por identificar que ele constitui-se enquanto um dos atuais elementos do dispositivo da sexualidade, colocando em jogo práticas biopolíticas no corpo e produzindo processos de subjetivação que me interessavam compreender. Para abordar estas questões brevemente explanadas, na primeira seção do trabalho busquei fazer uma breve contextualização de estudos anteriores sobre o Grindr, que me ajudaram a pensar aspectos centrais da pesquisa e também alguns deslocamentos; a seguir, delineio uma rede conceitual foucaultiana que discute o dispositivo da sexualidade, a biopolítica e a governamentalidade; além disso, busco uma breve articulação mais geral de autores que fazem uma discussão sobre a produção do corpo; também busquei trazer uma rede conceitual que discute processos heteronormativos e homonormativos neoliberais; e finalizo a primeira parte contextualizando a metodologia que utilizei durante as derivas de pesquisa, isto é, a cartografia como modalidade de pesquisa-intervenção.

## **1.1 APLICATIVO GRINDR EM ESTUDOS ANTERIORES**

Neste capítulo apresento uma contextualização de estudos anteriores sobre o Grindr, que me auxiliaram a escolher elementos importantes à pesquisa. Os artigos foram buscado em periódicos eletrônicos e bases de dados como SciELO, Periódicos Capes e Pepsic, a partir de palavras-chave como “grindr”, “aplicativos de encontros”, “geolocalização”, “corpo”, “imagem”, “consumo de aplicativos”, “processos de subjetivação”. Optei por trazer aqueles estudos que contextualizam o Grindr, principalmente abordando sua a dinâmica de funcionamento, que tivessem enfoque nas questões do corpo e que, de algum modo, apresentavam efeitos na produção de subjetividades.

Início trazendo um estudo brasileiro de Maracci-Cardoso et al. (2019). A partir de entrevistas com onze homens gays, usuários do aplicativo Grindr, os autores colocam em questão produções discursivas e imagéticas (fotos, textos, códigos e símbolos) analisadas em perfis. Neste estudo, os sujeitos foram compreendidos pela via das



“performatividades”, concepção butleriana, e em seus aspectos linguísticos e semióticos por meio de uma concepção barthesiana. Para estes autores, o Grindr seria um “sistema de significação” e um agenciador semiótico de enlaces entre homens. Em sua dinâmica são utilizados diversos artifícios para modular corpos e para manipulação de fotografias (como uso de filtros, ângulos, luz), e cuidados específicos com o corpo são realizados, (através de exercícios físicos, procedimentos estéticos, alimentação, suplementações, uso de medicações, etc). Os marcadores sociais de diferença dos usuários (de raça, classe, e fatores como juventude e das masculinidades que se compõem) constituem hierarquias que fazem retomar valores sociais históricos que contornam a homossexualidade.

Para estes mesmos autores, pela via dos perfis, os sujeitos são conduzidos a uma produção de si/práticas de si em que constitui uma dimensão erótica e política. As normas estético-corporais fomentam a valorização do corpo musculoso, pautado também em um ideal de saúde (por exemplo, pela recusa implícita e explícita a infecção do vírus HIV). Estes elementos produzem negociações entre os usuários para escolha dos parceiros. Dentre as relações dos usuários, os autores também identificaram que a heteronormatividade segrega, por exemplo, homens considerados afeminados (pelo seu gestual, voz, indumentário, estilo, etc), produzindo uma série de enunciados homofóbicos (MARACCI-CARDOSO et al., 2019).

Segundo os autores supracitados, nas relações e nos encontros estabelecidos pelo formato do aplicativo surge uma “gramática” própria: palavras e imagens são produzidas com significações particulares, convergidos a partir de conteúdos comerciais e midiáticos (como a linguagem pornográfica, por exemplo). A interação linguística também se dá por “emojis” específicos para uso de drogas, sexo entre casais, definição de posição sexual (ativo, passivo ou versátil). Isto é, nesta “gramática própria”, os usuários precisam “alfabetizar-se” para conseguir socializar. Além disso, para os autores, o *Grindr* foi (e segue sendo) uma das plataformas de mediação virtual que alterou a lógica de busca por sexo e parceiros, e por isso mostra-se historicamente importante para compreensão de questões de sexualidade, gênero, corpo e da relação entre sujeitos e tecnologias na contemporaneidade.

Já o estudo de Padilha (2015) buscou abordar usuários que apresentam o corpo como um “produto”. O corpo passa a se decompor em medidas, preferências, e na produção de uma imagem que seja atrativa aos olhos de outros usuários. Os participantes deste estudo alegaram a sensação de uma disputa de mercado, ironizando a

concorrência por visibilidade na circulação de perfis. Segundo o autor deste estudo, os entrevistados afirmaram se sentir como produtos a espera por serem consumidos. Além disso, os relatos indicaram que os homens que querem ter acesso direto ao outro (e a práticas sexuais com o outro) tem de negociar sua corporeidade. Nestas negociações os usuários se deparam com hierarquias que se estabelecem, as quais nem todos os corpos são disponíveis e sexualmente acessíveis.

O mesmo estudo mostra que no ano de 2015 o *Grindr* contava com dois milhões de usuários em 196 países, e seus discursos publicitários eram centralizados em homens gays e bissexuais, com divulgação de modelos brancos e atléticos. Segundo o autor, homens considerados gordos, ou magros demais, homens negros ou asiáticos, não constavam em imagens publicitárias. Para este autor, os discursos publicitários e a pornografia gay compõem certa combinação, guiando os modos como os usuários manufaturam seus perfis em aplicativos. Neste sentido, conforme outros estudos realizados no Grindr, o autor constatou que havia uma valorização na veiculação de fotografias. Os textos em perfis igualmente indicavam processos de regulação dos corpos e de seus desejos. Sendo assim, neste universo do aplicativo *Grindr*, ocorriam negociações diversas sobre diferenças estéticas, corporais, de gênero, geracionais, étnico-raciais, de classe e renda, de estilos de vida, educacionais e profissionais. Outra discussão que se repete nesta pesquisa é que, de forma frequente, os usuários manifestavam desejos por corpos idealizados evocando o “homem de verdade”, que o autor também compreende pela via da heteronormatividade. Nesta esteira, também apareciam desejos pela discrição/sigilo como fatores que se reproduziam discursivamente (PADILHA, 2015).

O estudo de Grohmann (2015) buscou indicar os modos como usuários do *Grindr* apresentavam-se em seus perfis. O autor se refere à noção de um “sujeito de sucesso” na ambiência do Grindr, que se compõe em textos e imagens de apresentação em perfis. Os usuários expressavam discursivamente formas de negação do outro, através de enunciados desqualificantes como “não sou”/“não curto” (“não curto afeminados, por exemplo). Estas tensões perpassavam por sentidos em torno das expressões das masculinidades, das feminilidades e por fatores como classe social, indicando determinadas relações de saber-poder que se constituem socialmente. Neste sentido, aspectos de diferenciação pela via de corpo, sexualidade, gênero e raça, por exemplo, produziam desigualdades. Para o autor, estas “convocações” no Grindr indicam como se dá a produção social da “preferência”, da “questão de gosto”, que não

são processos neutros. Por isso, as expressões em perfis como “não gosto/não sou” se tornam estratégias discursivas de qualificação e de desqualificação para traçar, essencialmente, distinção.

Conforme os estudos anteriores, o autor explica que no Grindr se produz uma normalização discursiva a partir da heteronormatividade misógina. Conforme o autor, determinados aspectos compreendidos como de uma masculinidade cis-heterossexual são valorizados; enquanto aspectos compreendidos como femininos são afirmados como negativos, produzindo reações contra os modos ‘efeminados’ de alguns homens. De forma mais ampla, nas relações se produzem o que o autor chama de “convocações biopolíticas” no dispositivo *Grindr*. Formam-se categorias consideradas legítimas e valorizadas, que seriam: o “macho”, o “homem discreto”, o “trabalhador”, o “inteligente”/“intelectualizado”, o “sarado”, e o “cara sério”. Enquanto categorias ilegítimas (os anormais) seriam: o “afeminado”, o “assumido”, o “baladeiro”, o “analfabeto”, “o que se veste mal”, e o “pobre”. O autor indica que mídias virtuais como o Grindr, apesar de instrumentalizar interações românticas e sexuais, produzem um mercado estruturado, que ele chama de “mercado de corpos” ou “cardápio humano” (GROHMANN, 2015).

Por via semelhante, Morelli e Pereira (2018) abordam o *Grindr* (e o aplicativo *Hornet*) a partir de um processo que classificam como “pornificação do corpo masculino”, traçando uma relação importante entre corpo, imagem, pornografia e mídias digitais. Para os autores, um acontecimento fundamental deste tipo de interatividade se deu pelo advento da web 2.0 e por aparelhos que possibilitam acesso à conexão móvel, novas formas de sociabilidade online e pelo acesso a conteúdos informacionais diversos. Segundo os autores, o uso de aplicativos de busca por parceiros amorosos e sexuais é gerido mediante vocabulários, códigos, imagens, e *slogans* específicos que asseguram a ideia de auxiliar a descobrir o/a melhor parceiro/parceira, de forma fácil e rápida para encontro.

Assim como outros pesquisadores, para Morelli e Pereira (2018), as buscas online por parceiros sexuais e/ou amorosos se dão pela veiculação de um corpo que é operado pela modulação das imagens. Para os autores, o corpo é elemento central na seleção das buscas por sexo e afeto (o corpo online não se descorporifica, ele observa, enrubesce, sua, treme, se exhibe, goza, etc). Por esta compreensão, problematizam quais estratégias se dão em aplicativos como o *Grindr* para se apresentar o corpo desejável. E como estratégia importante, identificam o que chama de: “corpo pornificado”. As

imagens que os usuários apresentam remetem a iconografia pornográfica, que vão desde as poses, as modulações, as partes escolhidas para se deixar visíveis. Assim, se constitui um quadro que vai definindo quais corpos importam, quais não importam, na produção de desejos em ambientes virtuais (MORELLI & PEREIRA, 2018).

Os autores também abordam a questão afetiva. A produção do imaginário destes usuários está em consonância com outras produções midiáticas, como a sexualidade do universo pornô, e também com uma tradição do amor romântico advindo das mídias de massa (revistas, cinema, publicidade, televisão). Estas mídias produzem efeitos nas interações dos usuários de aplicativos de mídias digitais como o Grindr. Ao mesmo tempo em que alguns entrevistados deste estudo idealizavam o imediato arrebatamento, apaixonado (“amor à primeira vista”, o “olho no olho”, encontro de corpos, bastante semelhantes com as cenas de novelas, filmes e comerciais), de forma ambivalente, rejeitavam o imperativo de imediatismo, a rapidez e a persistência de visualização de fotos com rosto/corpo (para saber com quem se fala a partir da imagem corporal). Este imediatismo em questão se torna uma contradição. Além disso, o desejo por encontros espontâneos passa a incidir por processos de racionalização na seleção e triagem do melhor parceiro que o aplicativo propõe. São as fotos atraentes, as informações disponíveis, a configuração de seus corpos, isto é, o capital erótico de cada usuário que fomentam a melhor seleção possível (MORELLI & PEREIRA, 2018).

A partir das falas dos entrevistados, os autores também discutem uma associação entre binarismos como “feio/doente” e “belo/saudável” que estão bastante implicados à pornificação de corpos em aplicativos como o *Grindr*. Os autores afirmam que historicamente a homossexualidade foi associada ao pecado, ao obsceno, à criminalidade, à doença, à feiura e até mesmo ao antipatriotíssimo. Por isso, a pornografia gay teve decisivo papel político-estético, e os investimentos no corpo “belo” e “saudável” formavam as tentativas de transcender estigmas que ainda circulam socialmente. As novas mídias digitais absorveram com vigor as referências pornográficas, produzindo efeitos na sexualidade e nas concepções corporais dos seus consumidores atuais (MORELLI & PEREIRA, 2018).

O estudo de Bianchi (2014) sobre o aplicativo Grindr analisou imagens de corpos de usuários, que o autor definiu como “corpos oníricos e comunicantes”, compreendendo-os como produtores de sentido e desejo. O autor especifica o aplicativo como uma rede social *gay* geolocalizada, que estabelece práticas de lazer em busca de formas de prazer. Por estabelecer um tipo de interatividade geosocial, o autor afirma

que há uma contínua reconfiguração do urbano. Neste trabalho, de forma metafórica, o autor diz que o Grindr torna a cidade uma imensa “cama” em que se estabelecem relações que se configuram pela “avidez orgástica”. Os corpos que habitam/circulam pelo entorno reorganizam/reconfiguram a cidade, enquanto realizam encontros ou esperam serem escolhidos. Com aplicativos como o Grindr, os espaços públicos se tornaram sempre lugares potenciais de encontros, não mais ao acaso, mas com o direcionamento e filtragem de acordo com as preferências do usuário. Para o autor, o usuário pode experimentar um valor lúdico na ação de tocar a tela com as pontas dos dedos, em que se abre um conjunto de expectativas em forma de imagens corporais, conversações, de lugares a se chegar.

Para o autor, todo usuário do *Grindr* é um corpo em busca de sedução do olhar do outro. O corpo participa de um jogo lúdico em que se tenta apreender o outro, ao ser identificado igualmente como objeto desejante. Deste modo, o corpo, através da imagem, não tem apenas o convite de atrair um primeiro olhar, mas a passar por processos de mobilidade no ambiente do aplicativo e, em simultâneo, por espaços da cidade. Pelo uso dessa tecnologia, empiricamente o usuário passará a entrar em contato, não apenas com pessoas, mas com corpos inseridos em diversos ambientes. Neste sentido, o autor acredita que estes atores redesenham suas cartografias e suas relações emocionais com a cidade (BIANCHI, 2014).

O estudo de Tavares e Tavares (2018) se configurou como uma pesquisa em Campos dos Goytacazes, no Rio de Janeiro, em que foram entrevistados dez homens gays, usuários do *Grindr* para compreender a relação do corpo com o desenvolvimento de microterritorialidades gays nesta cidade. Conforme as autoras “microterritorialidades urbanas são aqueles locais que em um determinado momento ou horário é apropriado por um determinado grupo social e em outros momentos [...] outros grupos sociais se apropriam desse mesmo espaço” (p.71). Estas microterritorializações promovidas no encontro entre corpos de homens gays se territorializam principalmente a fim de encontrar pares para relações afetivas e sexuais, formando assim, o que as autoras compreendem como território-rede homossexual.

Um dos participantes desta pesquisa de Tavares e Tavares (2018) relatou que aplicativos de “pegação” como o *Grindr* possibilitaram encontros, bate-papo e troca de ideias, e mesmo a construção de amizades que possibilitaram o apoio emocional em situações de preconceito que não encontrou em sua família. O entrevistado faz uso deste aplicativo na universidade, em *pubs* e em momentos de lazer noturno. Ele também

relatou que utiliza em espaços de festa em que existe o clima de caça-caçador. O participante explica que como o seu “gaydar”/“radar gay” (capacidade de um homem gay identificar outros homens gays em um espaço) não funciona, o aplicativo *Grindr* lhe facilita esta identificação. Uma das maiores vantagens foi aprender pelo uso do aplicativo quais locais e horários tem maior circulação de homens gays na cidade.

Outro participante da pesquisa afirmou possuir dois perfis no *Grindr*. Um perfil mais utilizado para sexo e “pegação”, enquanto o outro para encontrar pessoas que poderiam consolidar um relacionamento afetivo mais sério ou amizade. O participante relatou utilizar o *Grindr* durante viagens e passeios, para identificar “onde *as gays* se escondem” em cada localidade (p. 91). Portanto, para as autoras, a geolocalização facilita que os sujeitos encontrem seus pares e reconheçam locais na cidade onde podem promover encontros face a face. Na cidade Campos dos Goytacazes, o *Grindr* atua como ferramenta para que usuários identifiquem locais e horários de concentração de homens gays, possibilitando que seus usuários constantemente reconstituam microterritorialidades na cidade. Os entrevistados desta pesquisa indicaram utilizar o *Grindr* principalmente em espaços públicos, festas noturnas, pubs, universidade e nas suas moradias (TAVARES & TAVARES, 2018).

Diante destes elementos específicos até então abordados sobre o aplicativo *Grindr* a partir de outros autores e pesquisas, a seguir, busquei delinear a rede conceitual escolhida para esta pesquisa. Através de conceitos foucaultianos, busquei explanar teoricamente (no subcapítulo 1.2) a biopolítica, o dispositivo da sexualidade e a governamentalidade, e posteriormente (no subcapítulo 1.3), o corpo; estes conceitos serão fundamentais para as compreensões que busquei constituir ao longo deste trabalho.

## **1.2 REDE CONCEITUAL: BIOPODER, BIOPOLÍTICA, DISPOSITIVO DA SEXUALIDADE E GOVERNAMENTALIDADE NEOLIBERAL**

Ao longo desta pesquisa passei a compreender o *Grindr* como um dos vetores do que Michel Foucault (2014) nomeou de dispositivo da sexualidade, pela sua relação com a produção biopolítica contemporânea. O *Grindr* enquanto “vetor” abrange processos de controle e monitoramento de populações específicas, no seu caso, uma parcela da população LGBTQ+ global; em função disso, efetiva normalizações,

normatizações e processos político-econômicos da governamentalidade neoliberal. Passemos então a discutir estes conceitos fundamentais para que possamos fazer outras compreensões ao longo da pesquisa.

Em 1976, no primeiro volume do livro “História da Sexualidade”, Foucault abordou a biopolítica e o dispositivo da sexualidade. O conceito de biopolítica trata de uma política da vida (“*bio + política*”). Neste mesmo volume Foucault (2014) situa que uma das características principais do poder soberano, poder este que se exercia antes do século XVII no Ocidente, foi o “direito de vida e de morte”; ou seja, exercício de poder sobre os reclusos aos quais os governantes podiam “causar a morte ou deixar viver”. Foucault indicou que, como formas de exercer controle e conduzir condutas, além dos castigos e confiscos, o poder soberano detinha estratégias como a pena de morte e a requisição à guerra, por exemplo.

Posteriormente, “o direito de causar a morte ou deixar viver” foi substituído por um poder de “causar a vida ou devolver à morte” (Foucault, 2017, p. 149). Somente partir do século XVII o poder político passa a assumir a tarefa de gerir a vida. Portanto, nestas novas configurações de poder, se concebe a possibilidade de matar apenas àqueles que exercem perigo biológico para os outros. A partir da emergência destas transformações, as técnicas políticas passam a forjar uma série de procedimentos que se centram nos fenômenos de vida da espécie humana. Torna-se estratégico fazer viver.

Este poder de fazer viver, que o autor nomeia de biopoder, tomou o corpo humano como central. Falemos sobre suas duas formas principais. A primeira, individualizante, por meio de procedimentos de poder que Foucault chama de “disciplinas”, sob a forma de uma *anátomo-política do corpo humano* (que concebe o corpo como máquina). Nesta forma de poder disciplinar, o corpo deve ser adestrado, seus movimentos observados e modificados detalhadamente a partir de sistemas de controle “eficazes e econômicos” (Foucault, 2017, p. 150). De modo a ir a cada minúcia, este corpo docilizado tem como um das funções ampliar as próprias aptidões.

A segunda forma, totalizante, se engendra em torno da regulação das populações e vai se desenvolvendo por volta da metade do século XVIII. Centrando-se no corpo-espécie: “no corpo transpassado pela mecânica do ser vivo e como suporte dos processos biológicos” (Foucault, 2017, p. 150), com intervenções e controles reguladores que podem ser chamados de “biopolítica da população”. A biopolítica passa a lidar com “a proliferação, os nascimentos e a mortalidade, o nível de saúde, a duração da vida, a longevidade, com todas as condições que podem fazê-los variar” (p. 150).

Instaura-se, deste modo, o que Foucault chama de “era de um biopoder”. A biopolítica se constituiu, assim sendo, como parte de um processo marcado pela “entrada da vida na história” (p.153). Assim, se fez necessário não apenas quantificar e descrever o corpo, mas também compor combinações e comparações.

Foucault (2017) também afirma que, neste processo de formação de práticas políticas de Estado biologizantes, se buscou a dimensão dos nascimentos, óbitos, de criminalidade, imigração, fecundidade, morbidade, longevidade, entre outras medições, dando origem à produção de saberes como a Medicina Sanitária, a Estatística e a Demografia. Sendo assim, esta política biologizante da vida faz com que o homem ocidental tenha consciência, pouco a pouco:

[...] o que é ser uma espécie viva num mundo vivo, ter um corpo, condições de existência, probabilidade de vida saúde individual e coletiva, forças que se podem modificar, e um espaço em que se pode reparti-las de modo ótimo. Pela primeira vez na história, sem dúvida, o biológico reflete-se no político (FOUCAULT, 2017, p. 154).

Portanto, as disciplinas (individualizantes) do corpo visavam adestrar, conformar, docilizar, extorquir forças e instituir moldes (por meio de instituições como escolas, casernas, exército, hospitais, ateliês, etc). E as regulações (totalizantes) em torno das populações, com “a demografia, a estimativa da relação entre recursos e habitantes, a tabulação de riquezas e de sua circulação, das vidas com sua duração provável” (p. 151), passam a investir na gestão dos corpos, isto é, por uma gestão principalmente calculista. Foucault (2017) diz que por essa dupla incidência das disciplinas e da biopolítica é que se estabelecem práticas políticas de caráter econômico, “dos problemas de natalidade, longevidade, saúde pública, habitação e migração; explosão, portanto, de técnicas diversas e numerosas para obterem a sujeição dos corpos e o controle das populações” (p. 151). Deste modo, o filósofo situa que:

[...] o fato do poder encarregar-se da vida, mais do que a ameaça da morte, que lhe dá acesso ao corpo. Se pudéssemos chamar de ‘bio-história’ as pressões por meio dos quais os movimentos da vida e os processos da história interferem entre si, deveríamos falar de ‘biopolítica’ para designar o que faz com que a vida e seus domínios entrem no domínio dos cálculos explícitos, e faz do poder-saber um agente de transformação da vida humana. (FOUCAULT, 2017, p. 154).

Portanto, esta proliferação de tecnologias políticas incide sobre saúde, maneiras de viver, morar, em torno da própria existência. Estes investimentos de gestão



sobre o corpo vivo, as instituições e as técnicas de poder presentes em todos os níveis do corpo social foram fundamentais às formas de desenvolvimento econômico. Assim sendo, esse biopoder que se compôs pelas disciplinas, como pela biopolítica, foram fundamentais ao desenvolvimento do capitalismo. E desta articulação, “na forma de agenciamentos concretos que constituirão grandes tecnologias do poder no século XIX: o dispositivo da sexualidade será um deles, e dos mais importantes” (Foucault, 2017, p. 151).

Como já dito, o biopoder tem como objeto a uma política da vida. Deste modo, o sexo tomou a forma do dispositivo histórico da sexualidade, cruzando os eixos das disciplinas e da biopolítica sobre o corpo. O dispositivo da sexualidade, portanto, adquire uma série de funções na articulação dos dois eixos que constituíram este aparato de tecnologia política. “De modo geral, na junção entre o ‘corpo’ e a ‘população’, o sexo tornou-se o alvo central de um poder que organiza em torno da gestão da vida, mais do que da ameaça da morte” (Foucault, 2017, p.159).

No século XIX, a sexualidade é esmiuçada nos mínimos detalhes. De um lado as disciplinas do corpo, que visam adestrar, intensificar, por vigilâncias, controles constantes, exames médicos e psicológicos e ordenações espaciais em cada detalhe; e do outro, “o sexo pertence à regulação das populações, por todos os efeitos globais que induz”, por estimativas estatísticas e intervenções sobre o corpo social e grupos específicos, “por meio de incitações ou freios à procriação, de campanhas ideológicas de moralização e responsabilização: {a sexualidade} é empregada como índice da força de uma sociedade, revelando tanto sua energia política como seu vigor biológico” (Foucault, 2017, p. 158).

Dos aspectos concernentes à vida e sexualidade, Foucault (2017) delineou a hipótese de que a sexualidade não foi reprimida na sociedade contemporânea, mas incitada por procedimentos de saber-poder que foram elaborados na época clássica e colocados em prática no século XIX. Portanto, o pensador demarca que:

[...] quanto a nós, estamos em uma sociedade do ‘sexo’, ou melhor, de sexualidade’: os mecanismos do poder se dirigem ao corpo, à vida, ao que a faz proliferar, ao que reforça a espécie, seu vigor, sua capacidade de dominar, ou sua aptidão para ser utilizada. Saúde, progenerura, raça, futuro da espécie, vitalidade do corpo social, o poder fala da sexualidade e para a sexualidade; quando a esta, não é marca ou símbolo, é objeto e alvo (FOUCAULT, 2017, p. 160).

Durante a modernidade começam a serem postas em operação formas de

normalização dos sujeitos. Para Foucault a normalização refere-se ao “processo de regulação da vida dos indivíduos e das populações [...] nossas sociedades são sociedades de normalização [...] a normalização descreve o funcionamento e a finalidade do poder” (p. 309). Como efeito que se estabelece na modernidade, no dispositivo da sexualidade, o sexo igualmente se torna objeto de verdade quando se delineia uma *scientia sexualis*. Esta ciência se compõe como um rigoroso esquadramento descritivo das práticas sexuais dos sujeitos. Como veremos ocasionalmente se efetivar nas configurações do Grindr em capítulos a seguir, os diferentes saberes científicos que se estenderam por séculos, também colaboraram com as perspectivas de cuidado de vida do autogoverno neoliberal para conduzir condutas. Estas diferentes técnicas, a partir de saberes, tem a função de atribuir uma verdade e uma identidade ao indivíduo, e paradoxalmente, apagar diferenças e singularidades (CANDIOTTO, 2011). Determinadas formas de produção de verdade, a partir do século XIX são oferecidas

[...] quase que exclusivamente pelo conhecimento científico. Ciências do homem, como a psicologia, a psiquiatria; ciências sociais aplicadas, como a administração e a estatística; e ciências da vida, com a biologia e a biomedicina, procuram mediar, pelo cuidado da vida e a modulação do comportamento, o acesso à *verdadeira identidade* dos indivíduos. Essas mediações do cuidado da vida e da modulação das condutas exerceram um papel fundamental para as novas formas biopolíticas de governamentalidade, como a do neoliberalismo (CANDIOTTO, 2011, p. 487).

Em um movimento que lhe era típico Foucault passou a repensar a questão do poder/governo, aos termos de “conduzir condutas” e “ação sobre ações possíveis ao outro”, e cunha outro conceito: o de governamentalidade. Segundo CandiOTTO (2011), é no curso “*Segurança, Território e População*” de 1978 que Michel Foucault passou a se inclinar a um estudo da racionalidade política. Iniciando pela biopolítica (que aparece no curso “*Em defesa da sociedade*”), ele passa a enfatizar a governamentalidade, buscando realizar uma genealogia do “âmbito reflexivo das práticas de governo, a racionalização da prática governamental no exercício da soberania política” (2011, p. 477). Como indica o autor, neste curso Foucault explanou mais especificamente que, tanto a totalização como a individualização, antes mencionadas neste texto, seriam dois *modus operandi* fundamentais, em mútua imbricação, na atuação das políticas liberais modernas e contemporâneas.

Neste curso, Foucault busca explicar que, enquanto a totalização

corresponderia aos processos de objetivação por meio de mecanismos que regulam fluxos vitais da população, a individualização se referiria aos processos de normalização e modelação nas práticas políticas que conduziria indivíduos a se reconhecerem e se fixarem em identidades, tornando-os dependentes de uma espécie de autoimagem mimética. As racionalidades políticas como liberalismo moderno e as vertentes do neoliberalismo contemporâneo, compreendidos por Foucault como técnicas de governamentalidade, se desdobraram a partir dos procedimentos de totalização, de regulação biopolítica, e de individualização, de normalização disciplinar (CANDIOTTO, 2011).

Já no ano seguinte, Foucault se dedicou ao curso “*Nascimento da Biopolítica*” de 1979. A partir de então ele se detém mais especificamente à modalidade neoliberal, situando o neoliberalismo como o maior exemplo de governamentalidade biopolítica de nossa época. O cuidado da vida neoliberal volta-se, portanto, à constituição do indivíduo como livre “empreendedor de si mesmo”. Por meio de um constante investimento em si, o indivíduo deve continuamente se gerir, calculando e racionalizando os custos, e principalmente, os próprios benefícios econômicos (CANDIOTTO, 2011).

Segundo Sampaio (2018), Foucault buscou destacar em seus estudos sobre a racionalidade política, entre o liberalismo e o neoliberalismo, duas artes distintas de governar e dois modos distintos de lidar com a individualidade. Enquanto o liberalismo dos séculos XVIII e XIX tem como razão política o *laissez-faire*, buscando fundar um indivíduo constituído como limite do governo e de uma liberdade que predispõe o risco, no neoliberalismo do século XX a sua razão política estará alicerçada na lógica da concorrência, e a liberdade do indivíduo será o grande ponto de intervenção. A partir do século XX, o indivíduo tornou-se o foco central para ação do governo, efetivando-se como o objeto e produto das práticas de condução neoliberais.

Na concepção foucaultiana, mais do que um programa político e ideológico, o neoliberalismo é um dos maiores projetos de investimento da vida, isto é, uma racionalidade que conduz a modos de pensar, agir, viver e ser, isto é, uma tecnologia do eu. Este regime de saber-poder atua na constituição do indivíduo como um investimento extensivo a todas as esferas da vida. Trata-se de produzir não mais somente o trabalhador, mas o empreendedor, ou seja, quem tem que assumir a forma-empresa, o indivíduo ativo, fonte dos próprios lucros e responsável pela própria satisfação. No modelo subjetivo do “empreendedor de si” o indivíduo é seu próprio capital.

Responsável pelas suas escolhas deve gerir a própria liberdade e lidar com a lógica da concorrência. A competição deve dinamizar todas as relações, sempre incitada como elemento fundamental das esferas econômica, social e política. Assim, o cuidado da vida neoliberal passa necessariamente por um investimento por este capital humano (SAMPAIO, 2018; RAGO & PELEGRINI, 2018).

Segundo Wendy Brown, a governamentalidade biopolítica neoliberal contemporânea visa criar um conjunto de intervenções na vida biológica, entretanto estas intervenções estendem-se ao campo dos desejos, motivações e principalmente das ações. Com isso o neoliberalismo incita que se “gere tipos distintos de sujeitos, de formas de conduta e de ordens de sentido e valor social” (2018, p. 19). Para Foucault, a governamentalidade neoliberal é uma racionalidade que teria sentidos diferentes da noção de ideologia, afinal ela é formadora do mundo. A racionalidade biopolítica neoliberal pensada a partir de Foucault é apresentada pela autora de duas maneiras principais:

{1} [...] o neoliberalismo é comumente compreendido como um conjunto de políticas econômicas que promove ações sem restrições, fluxos e acumulações de capital por meio de tarifas baixas e impostos, desregulamentação das indústrias, privatização de bens e serviços previamente públicos, desmonte do Estado de bem-estar social e a destruição do trabalho organizado; {2} uma racionalidade que coloca sob um viés econômico cada esfera e empenho humano e substitui um modelo de sociedade baseada num contrato social produtor de justiça por uma sociedade concebida e organizada como mercados, com Estados orientados pelas necessidades de mercado (BROWN, 2018, p. 19-20).

Deste modo, para a autora, o que se espalha com o neoliberalismo é a noção de liberdade em forma de mercado “como princípio ontológico”. A competição é o motor fundamental para a ordem e o desenvolvimento neoliberal em todos os domínios e sujeitos. Como centralidade as ações visam se efetivar pela privatização de bens públicos e na responsabilização dos sujeitos por qualquer esfera da vida com a justificativa da “esfera pessoal protegida” em nome de um tipo de liberdade. Mesmo a expansão de direitos é voltada a direitos individuais ampliados a favor de corporações. Na prática, as privatizações neoliberais, privatizam vidas, subverte profundamente a democracia, gerando exclusão, desigualdade e concepções nebulosas de democracia por parte dos sujeitos despolitizados que se efetivam (BROWN, 2018, p. 25-28).

Passemos agora adiante por uma breve articulação geral de textos e autores que buscaram trazer discussões sobre o corpo. Esta discussão será importante para que

possamos pensar práticas de uso do aplicativo *Grindr*, focalizando a produção do corpo de seus usuários, bem como seus desdobramentos na formação de novas estereotípias, processos de empresariamento de si e práticas de individualização.

### 1.3 CORPO

Uma pesquisa sobre o Grindr coloca o pesquisador em contato com autores e obras que se dedicam à temática fundamental do corpo. Por exemplo, para Michel Foucault, as questões do “corpo” foram abordadas de diferentes formas ao longo dos seus estudos. Buscando neste momento não centralizar acepções sobre o corpo pela via do biopoder, como anteriormente tratado, trago uma passagem específica em que um Foucault mais literário profere: “meu corpo é o contrário de uma utopia, é o que jamais se encontra sob outro céu, lugar absoluto, pequeno fragmento de espaço com o qual, no sentido estrito, faço corpo” (2013, p. 7). Diz ele, “faço corpo”. Neste fazer, nesta processualidade:

[...] meu corpo está, de fato, sempre em outro lugar, ligado a todos os outros lugares do mundo e, na verdade, está em outro lugar que não o mundo. Pois, é em torno dele que as coisas estão dispostas [...] o corpo é o ponto zero do mundo, lá onde os caminhos e os espaços se cruzam, o corpo está em parte alguma: ele está no coração do mundo, este pequeno fulcro utópico, a partir do qual eu sonho, falo, avanço, imagino, percebo as coisas em seu lugar e também as nego pelo poder indefinido das utopias que imagino [...] é dele que saem e se irradiam todos os lugares possíveis, reais ou utópicos (FOUCAULT, 2013, p. 14).

Em “As palavras e as coisas” Foucault menciona o corpo como um “fragmento de espaço ambíguo cuja espacialidade própria e irreduzível se articula sobre o espaço das coisas” (CASTRO, 2016, p. 87). Todavia por um breve momento dou atenção a uma autodescrição corporal de Foucault (2013) como poderia ler o perfil de um usuário do Grindr: “rosto magro, ombros arcados, olhar míope, sem cabelos, realmente nada belo” (2013, p. 7). Muitas outras significações poderiam compor esta descrição, com tom quase confessional. Acho curioso que ele mencione sua beleza ao pensar sobre o próprio corpo. Até ele se viu confrontado com a pressão da normalização daquilo que é belo e não belo? Pergunto-me se ele montaria um perfil no Grindr com a mesma descrição de si - vulnerável e paradoxalmente forte, de um corpo que não está conforme as normas. Mas jamais saberemos. Visando trazê-lo a nós como ponto zero, parte ele de

seu próprio corpo, para dizer de um “corpo incompreensível, corpo penetrável e opaco, corpo aberto e fechado” (2013, p.10) no coração do mundo e em outro lugar que não o mundo.

Posteriormente, refere-se o filósofo ao corpo em relação iminente com o outro como uma “gaiola que não gosto, que será preciso mostrar-me e caminhar; é através desta grade que será preciso falar, olhar ser olhado” (FOUCAULT, 2013, p. 7). Gaiola. Grade. Talvez vitrine. Quem sabe, perfil *online*? Deste escrito mais antigo de Foucault (“O corpo utópico, as heterotopias”, originalmente de 1966) se poderia criar uma série de metáforas interligadas ao Grindr e do corpo do usuário, que, no cotidiano presente, é conduzido de formas específicas a mostrar-se, caminhar, olhar e ser olhado. Não cabe tentar descrever o Grindr como uma heterotopia, mas, conjecturar se em algum nível, seria possível pensar o Grindr como uma maquinaria que esboça a aspiração “[...] onde corpos se transportam tão rápido como a luz [...] onde se é visível quando se quiser, invisível quando se desejar” (p. 8). Ou, se em algum grau, o Grindr poderia fazer “os estigmatizados, cujo corpo torna-se sofrimento, resgate e salvação, ensanguentado paraíso” (p. 14), saciar um desejo por ocupar:

[...] um lugar onde [...] teria um corpo sem corpo, um corpo que seria belo, límpido, transparente, luminoso, veloz, colossal na sua potência, infinito na sua duração, solto, invisível, protegido, sempre transfigurado; pode bem ser que a utopia primeira, a mais inextirpável no coração dos homens, consista na utopia de um corpo incorporeal (FOUCAULT, 2013, p. 8).

Nas utopias do corpo incorporeal trazidas por Foucault, podem-se pensar possibilidades corporificantes do Grindr. Se, em certa medida, o *app* anuncia, a presente pesquisa busca mostrar, uma miragem pelo corpo veloz, luminoso, potente e protegido, talvez seja equivocado afirmar que o Grindr é um aplicativo que promove processos de descorporificação. O contraponto seria mais adequado: o Grindr parece conduz o sujeito a uma corporificação específica, em muitos níveis. Ali, onde não há nenhuma intenção de tornar o corpo sagrado, aparece uma materialização de outro tipo de sonho: um corpo montável, estilizável e descritível a partir de uma série significações que podem, em alguma medida, fixa-lo em uma identidade a tentar torná-lo inteligível. Vemos a tentativa de materialização de ter um radar, que acoplado ao corpo, é capaz de sondar outros corpos, que em seus trânsitos, possam ser simultaneamente localizáveis e discerníveis.

Foucault (2013) diz que “tudo o que concerne ao corpo [...] faz desabrochar, de

forma sensível e matizada, as utopias seladas no corpo” (p. 13). Para ele, o corpo seria uma das utopias mais antigas que a humanidade criou para si mesma. Foucault se utiliza para exemplificar as tatuagens, vestimentas, máscaras, pinturas e uniformes como possibilidades de arrancar o corpo de seu lugar, e coloca-lo em lugares outros. Mas diante destes variados artifícios e indumentos, em seguida, Foucault suscita encontros com o espelho e com o cadáver. São eles:

[...] que nos ensinam (enfim, que ensinaram aos gregos e agora ensinam às crianças) que temos um corpo, que este corpo tem uma forma, que esta forma tem um contorno, que no contorno há uma espessura, um peso; em suma, que o corpo ocupa um lugar. Espelho e cadáver é que asseguram um espaço para a experiência profundamente e originariamente utópica do corpo (FOUCAULT, 2013, p. 15).

Seja em morte ou em vida, a definição do corpo com forma, contorno, espessura, espaço que ocupa um lugar, um fulcro que acessa relação com o entorno, fala de um pequeno fragmento do espaço que está sempre por se fazer. Foucault refere-se a um “corpo absolutamente visível [...]: sei muito bem o que é ser olhado por alguém da cabeça aos pés [...], sei o que é estar nu”, em contrapartida, “este corpo que é tão visível, é afastado, captado por uma espécie de invisibilidade da qual jamais posso desvencilhá-lo” (2013, p. 10). Então evoca um fantasma: uma cabeça que, sem se ver, pode tocar o próprio crânio com seus dedos, mas para se enxergar deve pousar em frente a um espelho, onde só aparece de maneira fragmentada.

De forma um tanto diferente do espelho, aplicativos como o Grindr também demandam encontros com fragmentos dos corpos, mas um tanto diferentes: medidas, ângulos, marcadores, nichos a se referir, pedaços de imagens e fotografias (*selfies* e *nudes*). Tomando uma acepção foucaultiana dos corpos tomados pelo biopoder, assim como delinearía Lazzarato (2017), nos parece mais importante atentarmos aos dispositivos biopolíticos não pertencentes ao Estado, isto é, por técnicas de governo a partir do consumo, atravessadas pelo neoliberalismo que se engendram a produção dos corpos, como é caso do aplicativo Grindr.

Em comum acordo com as análises do biopoder de Foucault, o filósofo Peter Pál Pelbart (2006) afirma que o poder tomou a vida em suas esferas mais profundas, “desde os gens, o corpo, a afetividade, o psiquismo, até a inteligência, a imaginação, tudo isso foi violado, invadido, colonizado, quando não diretamente expropriado pelos poderes” (p.1). Dos poderes, Pelbart se refere de forma breve ao capital, ao Estado, à

mídia, às ciências, que se exercem por mecanismos “anônimos, esparramados, flexíveis, rizomáticos” (p.1). Por meio de uma concepção foucaultiana, Pelbart se refere a um poder produtivo: “tal biopoder não visa barrar a vida, mas tende a encarregar-se dela, intensifica-la, otimizá-la” (p.1). Segundo o filósofo jamais antes um poder chegou tão profundamente no cerne da subjetividade como nesta configuração contemporânea do biopoder.

Conforme Pelbart (2006), atualmente o capital não necessita tomar a disciplina e os músculos, e sim de uma potência de vida que se utiliza da força-invenção: a criatividade, a imaginação, a inventividade. Sendo assim, “a verdadeira fonte de riqueza hoje é a inteligência das pessoas, sua criatividade, sua afetividade, e tudo isso pertence, como é óbvio, a todos e a cada um” (p.1). Destes corpos ativos e produtivos, somos monitorados em níveis extremos, “até mesmo o sexo, a linguagem, a comunicação, a vida onírica, mesmo a fé, nada disso preserva já qualquer exterioridade em relação aos mecanismos de controle” (p.1). Estamos sobre um poder que toma a potência de vida, isto é, o biopoder responde à biopotência, e que necessariamente, passam pelo corpo.

Quer dizer ele que a subjetividade foi reduzida ao corpo. Esta compreensão de Pelbart (2006), de que “hoje, o eu é o corpo” (p.2), caracteriza um superinvestimento na corporeidade no contemporâneo. O foco na intimidade psíquica dos sujeitos na modernidade desloca-se, nas últimas décadas, para a estética, a aparência, a imagem, performance, a longevidade, a saúde. Não temos nossos corpos disciplinados como cem anos atrás pela escola, pelo exército, pela fábrica. Desejamos hoje submeter nossos corpos ao que o autor chama de ascese científica e estética. Neste cuidado de si, por um lado, “trata-se de adequar o corpo às normas científicas da saúde, longevidade, equilíbrio, por outro, de adequar o corpo às normas da cultura do espetáculo, conforme o modelo das celebridades” (Pelbart, 2006, p.2).

Diferentemente dos antigos gregos e romanos, como indicou Foucault em suas obras em que aborda a estética da existência e um cuidado de si visando à bela vida, no contemporâneo visa-se um cuidado com centralidade no corpo, com o objetivo de se atingir parâmetros de:

[...] saúde, beleza, boa forma, felicidade científica e estética [...] a obsessão pela perfectibilidade física, com as infinitas possibilidades de transformação anunciadas pelas próteses genéticas, químicas, eletrônicas ou mecânicas [...] tentativas de causar o desejo do outro por si, mediante a idealização da imagem corporal, mesmo às custas do bem-estar, com as mutilações que o comprometem [...] estamos às voltas, em todo caso, com o registro da vida



biologizada... Reduzidos ao mero corpo, do corpo excitável ao corpo manipulável, do corpo espetáculo ao corpo automodulável (PELBART, 2006, p.2).

Lazzarato (2017) também compreende que a produção da subjetividade contemporânea passa pelo trabalho sobre o corpo: “o corpo é fabricado e nos é atribuído”, e completa: “um corpo capaz de se desenvolver em um espaço social, produtivo e doméstico” (p.186). As interiorizações do corpo “natural” e “individuado” se deu logo em fases iniciais aos fluxos capitalísticos, produzindo dualismos como masculino/feminino, alma/corpo, individual/coletivo. Para ele, a partir da intervenção sobre o corpo, a governamentalidade se exerce ao mesmo tempo sobre o indivíduo e sobre o coletivo. De forma simultânea, o que o Estado e as empresas privadas mobilizam é uma série de “equações da ciência, os ‘signos-poderes’ da química e os ‘pontos-partículas’ das neurociências, da biologia molecular e da genética agindo diretamente sobre o corpo sem passar pela representação e pela consciência” (p. 187). Trata-se de persistir nos componentes biológicos, atômicos, químicos do sujeito. Portanto, o autor compreende que o corpo está atravessado por signos de poder (mobilizados pelas indústrias farmacêuticas e genéticas, pesquisas, laboratórios), com vistas à produção de um novo corpo e de um novo sujeito, justamente como no acoplamento entre PrEP/Grindr já referido na introdução e que será retomado nas análises adiante.

Já autores como Borba e Hennigen (2015) problematizaram atravessamentos publicitários e midiáticos na relação com a corporeidade no contemporâneo. Segundo os autores, as tecnologias e diferentes mídias direcionam a padrões corporais, produzindo e reiterando elementos que compõem jogos de verdade nos modos de viver dos sujeitos. Diante da crise da subjetividade e de uma aceleração da obsolescência, em sincronia aos imperativos de velocidade das transformações tecnológicas, o corpo torna-se lugar essencial para a discussão de enlace e desenlace destes agenciamentos cotidianos. Para os autores, o corpo contemporâneo está em relação direta aos diversos assédios publicitários. Convocado e mobilizado às formas de consumo, imperativos diversos, na produção de desejos efêmeros, a corporeidade tomou importância imagética: em nossa cultura tornou-se cartão de visita. Em meio às inovações tecnológicas promovidas pelas indústrias cultural, da informação e da mídia, o corpo é acoplado em “mediações midiáticas”, num mundo cercado por imagens. As imagens e imaginários são

apoderados pela expansão econômica, expondo uma ampla realidade a ser consumida, movida a espetacularizações replicadas pelos próprios sujeitos-consumidores.

O corpo que consome e é consumido em torno de si mesmo, imerso no mosaico de imagens publicitárias, imerge-se na multiplicação de ofertas que pautam essencialmente a liberdade de escolha, sem limites e imperativos de individualidade. A racionalidade que produz o “indivíduo livre”, capaz de fazer escolhas, e modular o próprio corpo, guiadas por várias tecnologias que a todo instante são recriadas, se embatem e sobrepõem, por meio de discursos e modos de viver (BORBA & HENNIGEN, 2015). Estas tecnologias guiam os sujeitos à:

[...] produtos, diagnósticos, estéticas, entre as inúmeras verdades disponíveis sobre o corpo, propõem que cada um atente para as demandas de seu corpo, e se responsabilize por elas, a partir do que está colocado como necessidades no mercado global; ainda, que também experimente nisso um cuidado de si voltado à ampliação do prazer, que está, muitas vezes, relacionado à segurança ontológica em vista da coerência e aceitabilidade social. A partir disso, convergem demandas por vezes cruzadas e contraditórias do consumo, nas fronteiras entre saúde, bem-estar, prazer e beleza (BORBA & HENNIGEN, 2015, p. 250).

Portanto para os autores citados, entre estas contradições de saúde, beleza e bem-estar, se subjetiva “o corpo como espaço e o desejo como parceiro, motor do consumo, materialização da relação sujeito-sociedade” (p.247). Na relação direta com tecnologias de informação, a publicidade e a mídia, fomentados pelo ideal de indivíduo expressos pelo capitalismo neoliberal, os corpos são convocados às formas diversas de consumo. A superabundância de recursos da mídia e da publicidade tem efeitos diretos nos processos de subjetivação. Este tipo de poder, de muitas formas, “canaliza ‘destinos’ possíveis dentro de uma hierarquia de posições, lugares e papéis pré-concebidos” (p.154). Contudo, ressaltam que, diante deste cenário, sempre há espaço para práticas de invenção e resistência no que concerne à produção de sujeitos, já que o vir a ser de cada corpo não se estabiliza de forma definitiva no campo da existência (BORBA & HENNIGEN, 2015).

Seguiremos agora com mais alguns conceitos importantes e que auxiliarão a fazer questão sobre os modos pelos quais os corpos-perfis são incitados a determinadas formas de empresariamento de si, a uma sociabilidade privatizante, à lógica de concorrência e individualização. Estes conceitos serão fundamentais para que possamos discutir a questão central desta pesquisa, em que busquei problematizar práticas de uso

do aplicativo Grindr, focalizando a produção de corpos de seus usuários. De forma mais específica, investiguei como se dá o incitamento à (e a) produção, composição e estilização dos diferentes corpos de usuários Grindr.

#### **1.4 HETERONORMATIVIDADE E HOMONORMATIVIDADE NEOLIBERAL**

De modo geral, nesta seção busco refletir sobre a questão do corpo, focalizando na constituição de sujeitos sexuais em relação a determinadas normas. A proposta é criar uma articulação entre o aplicativo Grindr e processos heteronormativos e homonormativos neoliberais no campo do viver. Neste sentido, a homonormatividade é discutida a partir da heteronormatividade. Conforme Pocahy e Nardi (2007), tanto a heteronormatividade como a homonormatividade correspondem à reiteração das normas de corpo-gênero-sexualidade (entre outras, como classe, raça, idade) como forma de manter a ordem heterossexual. Estas reiterações de normas, que sempre se reatualizam, efetivam-se como dispositivos discursivos de produção e/ou manutenção de alguns corpos como abjetos, inferiores, feios, etc. Mais especificamente, a homonormatividade está relacionada às formas de experimentação normativas das sexualidades LGBTQIA+.

Contudo, antes de nos aprofundarmos na heteronormatividade, e, sobretudo na homonormatividade, farei uma breve discussão sobre a reiteração da norma corpo-gênero-sexualidade. Nas obras “Problemas de gênero” (2015) e “Corpos que importam” (2019), Judith Butler fala de reiterações de corpo-gênero-desejo. Deste modo, propõe uma acepção de que o corpo é, em si, uma construção. Por construção, Butler não se refere a um simples processo de escolhas. Pelo contrário, refere-se a “construção como restrição constitutiva” (p. 17) em uma estrutura rígida, em que “que “o” corpo vem em gêneros” (BUTLER, 2019, p. 14). Sendo assim, o gênero:

é a estilização repetida do corpo, um conjunto de atos repetidos no interior de uma estrutura reguladora altamente rígida, a qual se cristaliza no tempo para produzir a aparência de uma substância, de uma classe natural de ser (BUTLER, 2015, p. 59).

Visando diferenciar gênero de sexo biológico, bem como a lógica binária feminino/masculino, Butler (2015) compreende que o gênero é o significado cultural assumido pelo corpo sexuado, que não necessita se dividir em um sistema binário (p. 27). O gênero feminino não estaria necessariamente determinado por um corpo tido como biologicamente feminino, bem como o gênero masculino não estaria

necessariamente em um corpo biologicamente tido como masculino. Entretanto, para Butler (2015) os corpos não tem uma existência significável antes da marca de seu gênero, que é “performativamente produzido e imposto pelas práticas reguladoras da coerência de gênero” (p. 48). Portanto, o gênero é “construído por meio de relações de poder e, especificamente por restrições normativas que não só produzem, mas também regulam vários seres corporais” (p. 16).

Conforme Butler (2019), essa “repetição ritualizada pela qual essas normas produzem e estabilizam não só os efeitos de gênero, mas também a materialidade do sexo” (p. 16) indicando que nesta acepção o sexo seria também culturalmente construído (BUTLER, 2015, p. 27). Estas construções constitutivas de corpo-gênero-sexualidade, que não são inequívocas, não seriam ilusórias ou artificiais, mas algumas configurações passam a ser socialmente consideradas “bem sucedidas”, assumindo um caráter de naturalidade e de “real” (por exemplo, para algumas pessoas cis-heterossexuais).

A respeito da heterossexualidade, pela via de Michel Foucault, Butler (2015) compreende que a regulação binária da sexualidade suprime sua multiplicidade subversiva, e que não seria possível existir uma sexualidade completamente subversiva, “uma sexualidade além do “sexo”, e que possa estar livre das leis e das relações de poder” (p. 63-64). Tal equívoco seria inclusive uma “noção utópica de sexualidade livre dos construtos heterossexuais” (ibidem, p. 64).

Além disso, igualmente por meio de uma leitura foucaultiana, Sacchi e Zago (2013) dizem que a emergência da “homossexualidade” como desvio deu-se através do dispositivo da sexualidade, como um dos efeitos do biopoder. Homens que fogem da matriz heterossexual passam por regulações da produção biopolítica, sendo “re-posicionados no seio mesmo das sociedades do liberalismo avançado não mais como desviantes, agora, eles são distribuídos de acordo com uma curva de normalidade” (ibidem, p. 149). Assim, se dão outros processos regulatórios relacionados a corpos de homens gays, mais “pautados pela sua adesão, ou não adesão, a determinadas racionalidades biomédicas que preconizam o imperativo de saúde e de pureza orgânica dos corpos” (ibidem, p. 149). A partir de um reposicionamento dentro de curvas de “normalidade” das sociedades modernas ocidentais, os autores ressaltam que são as “normas de sexo-gênero-sexualidade, de adequação estética e geracional, de cor de pele e pertencimento étnico, até mesmo de formação educacional e cultural, que tomam os corpos” de homens gays (SANTOS & ZAGO, 2013).

Mas, para que possamos discutir efeitos na produção do corpo pela via do Grindr nos próximos capítulos, pensemos a partir de uma breve concepção da heteronormatividade, que nesta discussão parece pertinente para que possa focalizar em desdobramentos nas sexualidades entre homens, estigmatizações da homossexualidade e principalmente nas tensões público/privado ao qual o Grindr também se estende. O sociólogo Michael Warner foi um dos primeiros estudiosos a mencionar a heteronormatividade na obra “*Fear of a Queer Planet*” (1993), sem especificá-la conceitualmente. No Brasil, onde suas obras continuam sem tradução, este autor é referenciado principalmente por pesquisadores que se propõem aos estudos *queer*. Em consonância com Warner, Miskolci compreende que heteronormatividade “expressa as expectativas, as demandas e as obrigações sociais que derivam do pressuposto da heterossexualidade como natural e, portanto, fundamento da sociedade” (2016, p. 6). Warner e Berlant buscaram posteriormente criar uma concepção que, por heteronormatividade eles compreendiam:

aquelas instituições, estruturas de compreensão e orientações práticas que não apenas fazem com que a heterossexualidade pareça coerente – ou seja, organizada como sexualidade – mas também que seja privilegiada. Sua coerência é sempre provisional e seu privilégio pode adotar várias formas (que às vezes são contraditórias): passa despercebida como linguagem básica sobre aspectos sociais e pessoais; é percebida como um estado natural; também se projeta como um objetivo ideal ou moral. (BERLANT & WARNER, 2002, p. 230, apud. MISKOLCI, 2016, p. 6).

Portanto, para este conjunto de autores, a heteronormatividade inscreve a heterossexualidade não somente como uma orientação sexual, mas como um fundamento natural na sociedade. É um processo que se privilegia socialmente de instituições, saberes e práticas, relegando a homossexualidade e outras identidades sexuais e identidades de gênero como sexualidades do espaço privado. A heteronormatividade evidencia uma ordem sexual que prescreve aos sujeitos se comportarem necessariamente como pessoas heterossexuais em espaços de sociabilidade, produzindo estigmatização em torno dos diferentes enlances afetivo-sexuais entre masculinidades no campo de vivências de esferas público/privado. Este tensionamento heteronormativo do público/privado foi também pensado por Michael Warner em “*Sex in public*” (1998), situando modos aos quais o *cruising* (ou sexo praticado em espaços públicos entre homens) em locais urbanos específicos dos Estados Unidos continuamente evocava conflitos, produzindo jogos de visibilidade, além de

cenas de retaliação e violência.

De acordo com Miskolci (2014) a partir de 1995 que houve uma profunda mudança na visibilidade do desejo, gerada por impactos com o advento da web 2.0. A partir de 2009 e 2010, com o advento dos *smarthphones* e *tablets*, acoplados a tecnologia geolocalizada, possibilitaram o consumo de aplicativos, que são anunciados como estratégias mais práticas, de uso simples. Esta transformação fez com que as plataformas antigas (como bate-papos, sites de encontros) fossem gradualmente perdendo força, embora ainda existam. Segundo o autor, esta linha evolutiva social-tecnológica ao qual o Grindr se compõe, produziu novas práticas sexuais e formas de se relacionar:

a invenção de Simkhai se expandiu entre as classes médias conectadas, o que permitiu a afirmação desejante homossexual por mídias digitais, em relativo segredo ou discrição. Isso leva a constatar que, a despeito da despatologização e descriminalização da homossexualidade em boa parte do mundo, o desejo homossexual continuou a ser perseguido no espaço público nos últimos setenta anos. Perseguição que não tem mais como agentes principais as forças repressoras da medicina psiquiátrica ou da polícia, mas o controle de outras não menos eficientes: as culturais e midiáticas. (MISKOLCI, 2017, p.26)

Desde a invenção de aplicativos como o *Grindr* e da profusão de outras redes sociais, além do massivo compartilhamento de “*nudes*”, os seus usuários indicaram uma facilitação do “*hook up*”, jargão estadunidense para encontros sexuais efêmeros, eventuais, sem compromisso, que entre os usuários brasileiros são denominados pela gíria “*fast-foda*”. O *hook up* é a expressão contemporânea de uma antiga prática gay chamada em San Francisco de “*cruising*”, ou o flerte e os contatos sexuais de gays em espaços públicos (banheiros, praças, cinemas, parques, etc). No Brasil esta prática de flerte e contato sexual também pode ser chamada de “*banheirão*”, ainda que as interações não ocorram apenas em banheiros, mas em diversos espaços públicos, como shoppings, rodoviárias, metrô, ônibus (MISKOLCI, 2014; 2017;)

Esta pesquisa de Miskolci (2014) indicou que houve um processo em que aplicativos passaram a higienizar práticas como o *cruising*, incentivando novas maneiras de seleção de parceiros. Aplicativos como o *Grindr* criaram outros níveis de vinculação e envolvimento, como o sexo anônimo e sem compromisso, que em San Francisco são chamados de “*string attacheds*” (ou pela abreviação “*NSA*”), nestes encontros não se sabe o nome ou qualquer aspecto da vida do parceiro, já que alguns perfis de usuários são justamente sem dados para se manter o aspecto de reserva e discrição. A prática do “*fuck buddies*” também passa a surgir, e consiste em escolher

amigos que servem especificamente para transar, mas que não se estendem para outras formas de relação (no Brasil chamado de “*pau amigo*”), “*friends with benefits*” (“amigos com benefícios”, ou amizade que se estende para outros espaços sociais, mas que inclui sexo ocasional), “*dates*” (que são encontros românticos), e o “*long term relationship*” (ou LTR), que no Brasil são classificados como relacionamentos sérios. Para o autor, surge uma nova economia do desejo, produzindo processos de individualização de busca sexual e amorosa, e fomentando a existência de filtros, que fortalecem critérios de escolha mais minuciosos, além de maiores modulações nas configurações afetivas e no tipo de envolvimento entre parceiros.

No Brasil, os chamados “banheiros” também continuam transformando locais considerados públicos em espaços de experimentação sexual entre homens. Em meu trabalho de campo utilizando o Grindr pude constatar que em Porto Alegre, alguns banheiros públicos de ambientes comerciais, shoppings, supermercados específicos, e mesmo o Parque Farroupilha (Redenção) e o Parque Moinhos de Vento (Parcão) se constituem como exemplos atuais onde se vê a recorrência destas práticas. Na simultaneidade da rotina, estes espaços são tomados por homens gays, bissexuais, ou mesmo homens que fazem sexo com homens, que colocam em questão não só a concepções de privacidade do sexo, como produzem desestabilizam nossas compreensões quanto às categorias das identidades sexuais. O aplicativo Grindr surge como uma das estratégias tecnológicas geolocalizáveis para que as aglomerações possam acontecer de maneira discreta e quase “invisível”.

Prosseguindo na tarefa de pensar tensões heteronormativas e homonormativas para discutir o Grindr, em uma leitura foucaultiana, Miskolci propõe que, na heteronormatividade, o sujeito é subjetivado por

[...] um conjunto de prescrições que fundamenta processos sociais de regulação e controle; a heteronormatividade marca até mesmo aqueles que não se relacionam com pessoas do sexo oposto. As formas de definir a si mesmo de várias culturas sexuais não-hegemônicas seguem a heteronormatividade, o que é patente na díade ativo/passivo dos gays, a qual toma como referência a visão hegemônica sobre uma relação sexual reprodutiva para definir papéis/posições sexuais. Assim, a heteronormatividade não se refere apenas aos sujeitos legítimos e normalizados, mas é uma denominação contemporânea para o dispositivo histórico da sexualidade que evidencia seu objetivo: formar a todos para serem heterossexuais ou organizarem suas vidas a partir do modelo supostamente coerente, superior e “natural” da heterossexualidade. (MISKOLCI, 2016, p. 6).

Neste sentido, estes autores vêm indicando que nas vivências cotidianas da heteronormatividade há um imperativo de coerência, portanto, homens devem se comportar como heterossexuais, independente sua orientação sexual, baseados nesta “naturalidade” da heterossexualidade, e preferencialmente corporificando aquilo que se concebe popularmente como o que há de mais valorizado em aspectos masculinos, por exemplo: apresentar força, virilidade, contar com a sorte de um pênis avantajado, performatizar o macho, entre muitos outros atravessamentos comuns que fazem das constituições das masculinidades um campo instável e múltiplo, mas carregado de normatizações.

Passando a pensar formas de experimentação normativas das sexualidades LGBTQIA+, também cabe destacar que não há um conceito fechado e unívoco de homonormatividade. Oliveira (2013) discute a homonormatividade a partir de duas concepções, que se demarcam em diferentes temporalidades: a homonormatividade pós-guerra e a homonormatividade neoliberal. A primeira, pós-guerra, pensada por ele a partir de Dana Rosenfeld, seria caracterizada pelo silêncio das identidades sexuais de gênero consideradas desviantes, que deviam passar despercebidas para evitar discriminações e violência, chamadas de *“politics of passing”*, ou políticas para se passar por heterossexual. Como estratégia de aceitação, são realizados esforços para adaptação e conformidade às normas de corpo, sexualidade e gênero, mantendo inquestionada a heterossexualidade. A segunda concepção seria a homonormatividade neoliberal, pensada a partir de Lisa Duggan, compreendida como uma política sexual do neoliberalismo, em que a formação normativa não questiona instituições heterossexuais. Há um empenho para se assimilar e se incluir promovendo na manutenção dessas instituições. No modelo pós-guerra prevalece uma necessidade de se passar por heterossexual em todos os espaços. No modelo neoliberal há mais tendência assimilacionista do privado, isto é, a privatização dos afetos e da sexualidade para o domínio doméstico principalmente pela via do consumo. O autor acredita que em termos de experiência há uma densa imbricação entre a homonormatividade pós-guerra e a homonormatividade neoliberal, prevalecendo o que há de comum entre elas: a sexualidade e o afeto devem ser vividos no privado, e o espaço público deve permanecer saturado pela heterossexualidade.

Como referida anteriormente, Lisa Duggan (2002) passou a popularizar uma compreensão mais específica desta discussão, pensando a partir dos efeitos de políticas neoliberais nos Estados Unidos e que indica potencia para pensar o Grindr. Neste



sentido, a autora passou a destacar a homonormatividade como uma incorporação das demandas LGBTQIA+ no funcionamento da economia neoliberal. Nesta perspectiva, a homonormatividade auxiliaria na sustentação de um sujeito do neoliberalismo, mais especificamente, funcionando com uma cultura gay privatizada, estereotipada e individualista, com linguagem *mainstream*, e ideais de ascensão pela via do consumo. Assim como no modelo cis-heterossexual, na homonormatividade neoliberal haveria uma valorização na constituição da família, na adoção, vida religiosa e no casamento monogâmico, que seriam demandas importantes no processo de garantir direitos e do bem viver.

Em “*The New Homonormativity: the politics of neoliberalism*”, Duggan (2002) buscou demonstrar, a partir da análise de um grupo específico de escritores *online*, o IGF (*Independent Gay Forum*) uma faceta homonormativa e neoliberal se delineava como política sexual em 1999. Como um exemplo do que se formava, ela demonstra que o grupo era composto por trinta homens gays e três mulheres lésbicas, a maioria pessoas caucasianas, com exceção de um homem autodeclarado afro-americano. No início dos anos dois mil, este grupo se descrevia como a vanguarda de um novo movimento gay, visando plena inclusão de gays e lésbicas na sociedade civil norte-americana. O IGF mesclava ideias de “criatividade” e “decência”. Acima disso, se posicionavam como uma terceira corrente, que visava superar tanto o conservadorismo moral da direita, anti-gay, bem como as políticas progressistas queer, “multiculturalistas”, com agenda nos direitos civis. Compartilhavam de uma concepção comum: “nas virtudes fundamentais do sistema americano e suas tradições de liberdade individual, autonomia moral e pessoal, de responsabilidade e igualdade perante a lei. Nós acreditamos que essas tradições dependem de instituições baseadas em uma economia de mercado, com livre debate e Estado/governo limitado” (DUGGAN, 2002, p. 176, tradução minha)<sup>5</sup>.

Segundo a autora (2002) esta nova formação não se apresentaria apenas como outra posição no espectro político do movimento gay dos Estados Unidos, mas como uma parte crucial da frente cultural do neoliberalismo nos Estados Unidos propondo “livre mercado” e retórica de limitação do Estado, ao qual o governo deve intervir o mínimo possível. O neoliberalismo não se apresentaria como um conjunto de

---

<sup>5</sup> “We share a belief in the fundamental virtues of the American system and its traditions of individual liberty, personal moral autonomy and responsibility, and equality before the law. We believe those traditions depend on the institutions of a market economy, free discussion, and limited government” (DUGGAN, 2002, P. 176).

intervenções e interesses, mas como uma espécie de “não política”. Para este grupo a privatização era alocada como desejável em diversos âmbitos da vida. O mundo privado aparecia como forma de uma construção imaginária da igualdade gay, que visava funcionar dentro da estrutura da política neoliberal. Os escritores afiliados do *IGF* buscavam inicialmente se impor sustentando a força do neoliberalismo, especialmente em relação à esquerda gay, estabelecendo uma política mais moderada e conservadora. Entretanto, a autora ressalta que estas tentativas de forjar o/a “gay/lésbica convencional”, não apresentou o sucesso esperado em influenciar a política tradicional a apoiar questões centrais de acesso total ao casamento e serviço militar.

De todo modo, desde o começo dos anos dois mil, Duggan acredita que estaria se desdobrando uma nova política sexual neoliberal privatizante que não contesta a heteronormatividade. Segundo a autora:

[...] a nova política sexual do neoliberalismo do *IGF* pode ser denominada de nova homonormatividade – é uma política que não contesta a heteronormatividade dominante, suas suposições e instituições, mas as defende e as sustenta, ao mesmo tempo em que promove um eleitorado gay desmobilizado, privatizado e despolitizado, a uma cultura ancorada na domesticidade e no consumo [...] principalmente por meio de um remapeamento retórico das fronteiras público/privado, projetando diminuir a esfera pública a pessoas gays redefinindo a questão da igualdade gay, indo contra a “agenda dos direitos civis” e o “liberacionismo”, visando acesso às instituições de privacidade doméstica, “o livre mercado” e o patriotismo (DUGGAN, 2002, p. 179, tradução nossa)<sup>6</sup>

Neste sentido, Lisa Duggan abordou uma compreensão da homonormatividade neoliberal e especificamente estadunidense, que não seria necessariamente idêntica e aplicável ao contexto brasileiro. No Brasil, onde a intermediação de movimentos sociais, do Estado e do mercado produz questões localizadas, as formas homonormativas no viver também apresentam desdobramentos específicos. Entretanto, cabe lembrar que o aplicativo Grindr foi um serviço criado no contexto estadunidense, segue sendo gerido por lá com veiculação globalizada. Neste sentido, me parece

---

<sup>6</sup> “The new neoliberal sexual politics of the igf might be termed the *new homonormativity*—it is a politics that does not contest dominant heteronormative assumptions and institutions but upholds and sustains them while promising the possibility of a demobilized gay constituency and a privatized, depoliticized gay culture anchored in domesticity and consumption. Writers in the igf produce this politics through a double-voiced address to an imagined gay public, on the one hand, and to the national mainstream constructed by neoliberalism on the other. This address works to bring the desired public into political salience as a perceived mainstream, primarily through a rhetorical remapping of public/private boundaries designed to shrink gay public spheres and redefine gay equality against the “civil rights agenda” and “liberationism,” as access to the institutions of domestic privacy, the “free” market, and patriotism” (DUGGAN, 2002, P. 179).

importante conjecturar os processos de subjetivação que ecoam e se desdobram nos modos de produção dos corpos espalhados em sua rede pela via do seu *lifestyle*. Pensando o momento atual no Brasil, onde se ascende também um conservadorismo LGBTQIA+, bem como uma noção de liberdade individualizada que se torna cada vez mais aguda pela via de discursos neoliberais e conservadores, não parece que estas questões estejam isoladas na América do Norte.

Neste sentido, a discussão de Oliveira (2013) sobre efeitos da homonormatividade busca refletir o contexto português. O autor abrange aspectos da cidadania sexual em relação às pessoas LGBTQIA+, ao que se refere à atribuição de direitos e responsabilidades, reconhecimento social, incorporação à sociedade. Para este autor a cidadania sexual em Portugal tem um aspecto de simultaneidade: busca reconhecer direitos e ao mesmo tempo encerra-se no atual quadro neoliberal, criando brandos processos de normalização e assimilação. Ele exemplifica que em Portugal, no mesmo dia em que o casamento deixou de ser exclusivo para pessoas do mesmo sexo, foi adicionada uma lei proibindo que casais do mesmo sexo pudessem adotar. Neste sentido, ele se refere a esta conjuntura como uma profunda contradição da heteronormatividade a olhos vistos.

Oliveira (2013) destaca que esta discussão de forma alguma se esgota numa lógica de direito ao casamento e à família aos quais alguns movimentos europeus se mobilizam, e neste conjunto de direitos com foco na família, engaja principalmente gays e lésbicas. Justamente, estas tensões estão articuladas a outros grupos de pessoas bissexuais, trans, intersex, feministas, antirracistas, movimentos poliamor, que em seus ativismos buscam extravasar problemáticas de direito a família. Neste sentido, passam a questionar a estratégia de tentar tornar assimilável a instituições que fazem perdurar o legado da heteronormatividade, criando hierarquizações dentro destas comunidades, conformidade às normas de gênero, e mesmo produz competição, foco no lucro e em estratégias internas de coerção.

Neste mesmo estudo, o autor passa a colocar o direito ao consumo em questão. A partir da análise de entrevistas o autor concluiu que o consumo de bens e produtos culturais ligados às identidades LGBTQIA+ permitem viver no privado experiências pessoais que dão a sensação de “escape”, de sentirem-se mais “livres” das contradições causadas pelas vivências heteronormativas, longe de um meio social adverso e olhares estigmatizantes. Ele cita principalmente filmes e séries, mas neste sentido podemos incluir aplicativos como o Grindr. (OLIVEIRA, 2013)

Oliveira (2013) coloca contradições em tensão: questiona ele se seria o consumo uma consolação para a discriminação. Havendo uma privatização dos afetos LGBTQIA+, parece que se encontra na própria formação social capitalista neoliberal uma tentativa paradoxal de alívio. Como referido, a contradição se dá à medida que estes produtos produzem uma dinâmica de compensação, isto é, a perspectiva de suavização das formas de discriminação. E se para algumas pessoas as estratégias devem ser definidas na legislação, como o direito de ser protegido das discriminações, direito a casar, a adoção, simultaneamente, quando não sanadas, é a posse de capital que viabiliza o acesso a algumas perspectivas. Ele indica que apenas certas identidades com situação econômica estável conseguem ascender (possivelmente gays e lésbicas brancos, por exemplo). Porém, reforça que quando passam a ter acesso a determinados bens, serviços e produtos, este acesso em nada lhes garante imunidade a formas de preconceito.

Neste sentido, Oliveira (2013) prossegue indicando que na homonormatividade o poder emancipatório do movimento LGBTQIA+ é adequado ao projeto neoliberal e transformado em mais um produto do capitalismo, processo ao qual denomina de “cidadania sexual da consolação”. E indica finalizando que, países como Portugal, onde há maior perspectiva de uma legislação que busque garantir direitos às pessoas LGBTQIA+, vem demonstrando que as discriminações às identidades sexuais e de gênero consideradas dissidentes prosseguem, advertindo que a lei não é estratégia única e suficiente para produzir efeitos de transformação nas posições dos sujeitos. Por isso, é preciso prosseguir com

[...] atenção aos efeitos de uma formação social capitalista de matriz neoliberal como pano de fundo para processos sociais marcados pela normalização da população LGBTIQ que conseqüentemente traça linhas de hierarquização dentro dos grupos, aproximando uns/umas do modelo do bom cidadão e excluindo outrxs para uma zona de abjeção, marcada pela ausência de inteligibilidade como sujeitos e como humanos [...] este trabalho permite evidenciar o modo como a adaptação a um contexto marcado pela discriminação em função das sexualidades e do gênero, bem como as estratégias homonormativas de consolação desse esforço, são duas faces da mesma economia política heteronormativa (OLIVEIRA, 2013, p. 76 – 77).

Diante destas compreensões, busco ressaltar que, ao longo da pesquisa, evitei a tentativa de definição estável e universal de um modelo heteronormativo (exemplo: “o sigiloso”) e de um modelo homonormativo neoliberal (o “*gay mainstream*”, figura eventualmente mencionada na mídia para se referir a homens gays “convencionais”, principalmente estadunidenses, que incorporam aspectos e ideias heteronormativos). Ao

longo deste trabalho tomei como proposição que não seria possível definir um corpo totalmente heteronormativo ou homonormativo, mas que poderia olhar as várias hibridizações e tensões que se produzem. Por isso, ao longo do trabalho venho pensando como no Grindr o corpo é atravessado por processos heteronormativos e homonormativos, engendrados à racionalidade biopolítica neoliberal; mas são processos dinâmicos e sempre em construção. Estes processos ajudam a compreender como se operam dispositivos discursivos de produção e manutenção de alguns corpos, que ora são socialmente reconhecidos, ora são considerados abjetos.

Consoante a isso, Gehl (2013) explica que as mídias sociais se tornaram instituições-chave capazes de constituir arquiteturas que exercem poder para conduzir condutas dos sujeitos. Instituições de poder mais antigas, como Estados e forças armadas não exercem poder como antes, na contrapartida, mídias sociais como o Facebook, o Google e o Twitter “invadiram” a subjetividade. Neste mesmo sentido, buscamos pensar o poder da arquitetura do Grindr. Como arquitetura entendemos àquelas formas, composições, configurações e a própria modelagem do ambiente do aplicativo. O modo como ela é forjada permite um modo do usuário (se) conduzir e ser conduzido. Passemos, a seguir, a discutir a metodologia de pesquisa, em que busco indicar de que modos se deram as derivas cartográficas: em acompanhar processos do/no *app*. Estas derivas cartográficas foram ocorrendo fundamentalmente acompanhando processos relacionados à arquitetura do aplicativo, compreendendo os modos em que as predefinições levam a uma forma de compor o perfil. Geralmente os estudos anteriores sobre o Grindr abordavam a veiculação de determinadas estereotípias no campo da sexualidade entre homens, todavia nesta pesquisa busco analisar também a produção de estereotípias, mas articulando aos modos como a forma do aplicativo (sua arquitetura) conduz condutas no que diz respeito aos modos de compor o perfil, e, sobretudo, às formas de produção do corpo em face as diferentes masculinidades.

## **1.5 CARTOGRAFANDO DERIVAS: CAMINHAR PELA PRODUÇÃO DE CORPOS NO GRINDR**

Foi quando virei usuário do aplicativo Grindr que decidi que, na pesquisa de mestrado iria *investigar coisas que acontecem por lá*, sem saber ao certo *o quê* ou *de que modo*. Desde 2018, em meio às orientações, fomos delineando os modos de fazer, esboçando as perguntas e experimentando os procedimentos que utilizaria. Não usamos

uma bússola, e não havia qualquer caminho previamente definido: na verdade, criar formas de usar o geocalizador do Grindr seria mais de acordo. Estando meu próprio corpo entre outros corpos no Grindr, fui acompanhando transformações, modulações, experimentando derivas e me fazendo usuário e pesquisador. Busquei não traçar uma cisão, uma premissa de neutralidade, nem me preocupar em definir o que era começo e o que era fim, ou qual posição prevalecia sobre a outra, experimentando esta simultaneidade: o que se dá entre corpo-usuário e corpo-pesquisador. Assim sendo, a ideia mais central se tornou cartografar a produção de corpos no Grindr. Posteriormente, para este objetivo, foi se constituindo a perspectiva de cartografar as práticas de uso do aplicativo, focalizando a produção do corpo de seus usuários, investigando como se dava o incitamento à (e a) produção, composição e estilização dos diferentes corpos de usuários do Grindr, pensando também sobre os processos homonormativos neoliberais e formas de empresariamento do corpo.

A cartografia permite analisar processos de produção de subjetividade e processos de subjetivação. Compõe-se como um modo de pesquisa-intervenção que requer procedimentos inventivos, abertos, que permitem o acompanhamento de processos de constituição. Mais do que olhar para estruturas e estados previamente estabelecidos (por exemplo: a arquitetura do aplicativo), o sentido da cartografia se dá na implicação em processo de produção, acompanhamento de percursos, em conexões de redes ou rizomas. Neste sentido, se forma uma inseparabilidade entre conhecer-fazer, uma atitude de abertura à experiência, e um olhar sensível para acompanhar efeitos sobre o próprio pesquisador, o próprio objeto e a produção de conhecimento. Para constituir um “mapa móvel”, o fazer cartográfico permite múltiplas entradas, não há um centro. Não existe uma totalidade de procedimentos metodológicos a serem aplicados. Passam a se delinear algumas pistas que, na própria imersão no plano da experiência, levam o pesquisador a conhecer os caminhos do objeto e a um caminhar junto ao objeto: acompanhar seu processo de constituição (PASSOS, KATRUP & ESCÓSSIA, 2015).

Neste sentido, o Grindr formava múltiplas entradas: o geocalizador, as estilizações dos diferentes perfis, suas publicidades, ferramentas, as outras redes que se conectavam, os embates midiáticos e tensões entre usuários, as transformações históricas, tudo isso formava um arranjo bastante complexo para pensar a produção do corpo no contemporâneo. Foi preciso o cuidado de não recair no desejo de representá-lo, e sim em compreender suas modulações. Segundo Kastrup (2015), a cartografia foi um método formulado por Gilles Deleuze e Félix Guattari, com a premissa de evitar a

atitude de representação do objeto, buscando investigar e acompanhar o processo de produção de algo. Não há um caminho linear que visa atingir um fim determinado, e, sobretudo, não há uma “coleta de dados”, mas uma “produção de dados”. Produção dos signos, das forças e fragmentos desconexos que ali circulam. Não havendo “coleta de dados”, a nossa criação de dados se deu a partir de diferentes materiais: o próprio Grindr, os movimentos do app, sua arquitetura, formas de interpelação, edição, inclusão de todos/todas/todes; reportagens, publicidades do aplicativo que faziam pensar as composições de corpos; meus encontros com perfis, perfis que me encontraram, corpos-perfis de diferentes composições.

E nesta presença de inúmeros elementos em movimentação pulsante... onde (e de que maneiras) o pesquisador-aprendiz de cartógrafo pode pousar sua atenção? Kastrup (2015) delineou algumas pistas de “variedades da atenção do cartógrafo”: o “rastreio”, o “toque”, o “pouso” e o “reconhecimento atento” (p. 40). De algum modo, estas pistas constituíram o modo de agir das derivas. Os “rastreios” eram gestos de varredura do campo, mesmo que não houvesse, inicialmente, algum alvo preciso a ser alcançado. Eram as formas de entrar em miradas constantes, que iam acompanhando as variações de velocidade, ritmo, aceleração, mudanças de posição, lidando com movimentos aleatórios. Rastrear um campo como o Grindr era justamente lidar com variações constantes de uma rede instável de corpos; seu geolocalizador criava sempre um território móvel e variante. Além do toque pela tela com a ponta dos dedos, era preciso se deixar “tocar” sensivelmente. Esta receptividade ativa de pesquisador-cartógrafo, por vezes, me fazia “tocar em/por algo”. O gesto de “toque” era afetado por uma sensação rápida, repentina, que ia acionando o processo de seleção: alguma coisa no toque se destacava e ganhava relevos, abria-se a dimensão de matéria-força: um perfil-corpo, uma imagem potente, uma prática discursiva interessante, uma tensão, formas de objetivação, um limiar entre coisas. Então, o gesto de “pouso” com o corpo todo, de algum modo, fechava o campo numa espécie de “zoom” momentâneo. Todavia, o “zoom” não era só a focalização, mas um novo território se formando, o campo de observação se reconfigurando. E então, um “*printscreen*”, mais uma imagem para criar outras imagens, mais um elemento para criar outras conexões, reconfigurar a pesquisa, repensar perguntas. E a seguir, se deixar voltar a um “reconhecimento atento”: repensar não só o que é aquilo, mas “o que está acontecendo ali” com outras forças, novas composições, voltar a acompanhar os processos, calibrar a sensibilidade, repetir os gestos do corpo, reconfigurar territórios (KASTRUP, 2015).

A noção de rizoma compõe as derivas cartográficas desta pesquisa. Uma produção de conhecimento em Psicologia Social comprometida em pensar possibilidades de criação, em processualidades, as transformações, e mesmo os riscos de captura que se implicam. Neste caminhar, a pesquisa vai operando como um rizoma, sem centro, em que se dão várias possibilidades de entrada, passagem, saída. O rizoma, diferente das raízes de uma árvore, não tem origem. Ele ramifica-se em múltiplas direções, que vão se ligando a um ponto qualquer, e logo a outro, crescendo de acordo com as conexões que se dão, propondo mesmo uma deriva infinita. O rizoma implica um estar entre as coisas, estar no meio, um mapa em constante processo, que recebe modificações constantes (ZAMBENEDETTI & SILVA, 2011).

Assim se deu a própria escrita da pesquisa. Embora as seções e capítulos se conectem e se complementem, o leitor pode começar por onde achar mais interessante, pois não houve a intenção de um começo ou um fim. Para isso, o leitor terá de experimentar uma postura de abertura, de lidar com a dúvida, com a não linearidade, encontros instáveis e conexões desordenadas, assim como foram as derivas para compreender a produção de corpos no Grindr. Ao longo do processo, o contato com as imagens, os conceitos e outros autores me permitiram diferentes composições, principalmente com a perspectiva foucaultiana. Segundo Zambenedetti & Silva (2011), Michel Foucault foi até considerado um tanto cartógrafo por Deleuze. E, de fato, Foucault está bastante presente na rede conceitual desta pesquisa, e aparece também, por vezes em meus “flertes” com a perspectiva arqueogeneológica, embora não seja tão perceptível (foram apenas pequenas tentativas mais iniciais). Escolhida a cartografia (em diálogo analítico com ferramentas conceituais de Michel Foucault), a produção de dados me permitiu assim diferentes experimentações e combinações de imagens-*printscreens*, criação de montagens e retalhes de corpos-perfis, recortes de ideias, hibridizações conceituais, quase até como um processo artístico.

Para Costa (2014), todo cartógrafo é também um pouco artista e a cartografia pode também ser entendida enquanto processo de criação de mundos. A função do cartógrafo neste percurso de criação de mundos é dar/fazer/ser passagens. Este “conhecer-fazendo”, cheio de afetações, respingos, torna a cartografia “suja”, longe de qualquer ideal de transparência e neutralidade. “Cartografar é estar, e não olhar de fora” (p. 75). Atuando diretamente sobre a matéria, lidando com a força dos encontros, é que a pesquisa vai fazendo corpo: corpo do pesquisador, corpo do objeto, corpo dos encontros, corpo da pesquisa. “O grande instrumento de razão de uma cartografia é o



corpo” (ibidem, p. 74). O que se passa entre as coisas, em zonas fronteiriças é que vai fazendo o cartógrafo um criador de realidade, um compositor de acasos, autor de encontros imprevisíveis. E, para cartografar este corpo que se mistura, e se suja com a pesquisa, é sempre preciso estar em um território. O autor acredita que cartografar é uma prática com o corpo no território, uma autoria com o corpo, isto é, corpos-trajetos-autorais (COSTA, 2014).

Neste caminhar meu corpo usuário e pesquisador teve de se implicar: ser parte do processo. Foi preciso caminhar lidando com alguns contornos, mesmo àqueles não definitivos, àqueles que estando no Grindr, me interpelavam a definir predefinições e até contradições, isto é, as formas de objetivação que socialmente também produz e àquelas “marcas de poder” que me interrogam. Quais as possibilidades e limites surgem de uma pesquisa permeada por um corpo que se posiciona como cis-gay, branco, (geralmente lido como) jovem, magro, classe média, (etc, etc etc...)? Que viabilidades e barreiras se davam enquanto psicólogo-mestrando, catarinense em terras gaúchas, me tornando usuário da PrEP, por vezes solteiro, por vezes em uma relação? Que encontros online e offline ficariam legíveis neste caminhar? E, como lidar com as transformações de um corpo que pesquisa... e é também monitorado e pesquisado?

Ao longo do caminho sabia que um número limitado de corpos-perfis me encontrariam, tanto pela questão algorítmica, como pelos próprios efeitos que meu corpo é capaz de produzir (corpo olhado, que repelia, seduzia, confundia, etc). Também sabia que os diferentes marcadores me impediriam de ver, sentir e pensar questões específicas. Questões de gênero, sexualidade, classe social, cor, raça, etnia, nacionalidade, geração, idade, etapa da vida, etc... todos aqueles marcadores que também constituem meus desconhecimentos, insensibilidades, privilégios e fragilidades. Marcadores que me levavam a sentir um compromisso de me “respingar”/”sujar” com as problemáticas e que não deixavam de me fazer reproduzir diferenciação: como pesquisar alguns corpos que se posicionavam como negros, mestiços, gordos, maduros, soropositivos, sigilosos, etc, etc, etc...?

A partir das minhas posições no mundo, diante das instáveis transformações do outro, era preciso lidar com limites: cabia não “falar por ninguém”, nem pesquisar “sobre”. Ter em mente o compromisso de pesquisar/falar “com”. Neste limiar, as análises deste trabalho não visaram descrições literais ou definitivas. Sabemos que àquilo que está em um perfil pode efetivar outras formas e práticas em outros campos do viver. Mesmo que tivéssemos optado por conversar mais profundamente com

usuários e acessar práticas de si, sabíamos que as derivas eram nossa maior premissa: sempre lidar com as instabilidades do acompanhamento de processos.

Por isso, durante as derivas, grande parte do tempo buscava não me fixar de maneira rígida à nenhuma posição. Estava no aplicativo como um usuário qualquer, como já experimentava antes do mestrado. De modo geral, busquei não me posicionar como mestrando/psicólogo/pesquisador, assim como geralmente evito fazer em outros espaços em que circulo. Os diálogos e pessoas encontradas faziam o processo se desdobrar e estas “posições” surgiam de acordo com as aberturas. Geralmente meu perfil continha imagens de rosto e evitava predefinições automáticas. No início da pesquisa questionava usuários algumas dúvidas autênticas que surgiam (por exemplo, “*como se pratica gouinage?*”). Alguns usuários mandavam “*taps*”, fotos ou iniciavam diálogos, e busquei trocar e responder de maneira espontânea, de acordo com a rotina e aspectos de meu desejo e de minha vida afetivo-sexual naquele momento. Em uma oportunidade expliquei a outro usuário que estava realizando uma pesquisa de mestrado, que me explicou que também estava fazendo uma pesquisa para seu trabalho de conclusão de curso da graduação. De modo geral, as derivas não tinham como regra conversar com usuários, nem deixar de dialogar. Eram processos fluidos. Algumas vezes criei perfis completamente vazios, principalmente quando não estava em busca de grandes interações, mas buscando observar funções e ferramentas do aplicativo. Prontamente percebi que este formato de perfil incitava usuários sigilosos. E, conforme fui aprendendo a dinâmica do *app*, agia conforme muitos perfis proferiam: “silêncio também é resposta”: muitas vezes circulei em silêncio.

As derivas estão principalmente nas seções 2, 3 e 4. Ao longo do trabalho espero que o próprio leitor vá cartografando outras perguntas e outras imagens. Que seja interessante adentrar entre essas errancias pela produção de corpos no Grindr. A partir de agora, na segunda seção desta dissertação, começo a trazer as análises e discussões. Início com uma imersão pelas etapas de edição de perfil e montagem do corpo, articulando às predefinições disponíveis pelo aplicativo aos “marcadores sociais de diferença”, e assim, dando margem ao leitor à reflexão quanto às possibilidades de produção do corpo, formas de objetivação e de posições de sujeitos; nesta seção também busquei apresentar um modelo de perfil completo e o “grid”, que é um espaço onde se concentram os perfis para interação, e onde ocorrem diferentes jogos com o “armário”, além de tensões entre as esferas público/privado. Nesta mesma seção busquei explicar ferramentas e funções do Grindr que possibilitam diferentes formas de experimentação

do corpo de acordo com as possibilidades de pagamento (Grindr grátis, Grindr XTRA e Grindr Unlimited).

No transcorrer pesquisa me propus também a pensar e discutir algumas transformações e estratégias utilizadas ao longo da história do Grindr para a captura de usuários entre as subjetividades dissidentes das normas de gênero e sexualidade. Neste sentido, na terceira seção deste trabalho busquei articular certa relação entre os lifestyles “zero feet away”, e seu mais recente lifestyle “unlimited” com a racionalidade biopolítica neoliberal. Através de uma deriva por materiais publicitários e jornalísticos do Grindr, busquei problematizar formas de objetivação e saberes que se referem à produção de corpos, e as estratégias aos quais o Grindr tem buscado em uma parcela da “população LGBTQ+” constituir, aos seus próprios moldes, um paradoxal público global de consumidores “queer mainstream unlimited”.

Já na quarta seção do trabalho busquei retomar algumas questões das composições de corpos que foram discutidas nas duas seções anteriores. Assim, neste escrito, pude relacioná-los às derivas por composições de corpos no Grindr tomando (à luz dos) os processos heteronormativos e homonormativos neoliberais. Neste olhar por diversos corpos-perfis busquei atentar para normalizações, privatizações, empresariamentos e tensionamentos que se dão no seu âmbito.

## 2. PERFIL: MONTANDO UM CORPO ENTRE PREDEFINIÇÕES, ESTEREOTIPIAS E TRIBOS

Ao baixar<sup>7</sup> o aplicativo *Grindr* o usuário deve preencher um perfil pessoal para começar a usá-lo. O perfil tem a função de apresentar o usuário, ou mais especificamente, o corpo do usuário. Nesta configuração do *Grindr*, o corpo não é apresentado somente a partir de formas e medidas, mas como um conjunto de informações sobre suas características, práticas e diferentes interesses. Neste processo, o *Grindr* acaba conduzindo condutas, isto é, à escolha de predefinições automáticas para descrever o usuário. Por meio deste processo específico podemos refletir determinados modos como “corpos carregam marcas [...] como os corpos são marcados social, simbólica e materialmente – pelo próprio sujeito e pelos outros. Em todo caso, é pouco relevante definir quem tem a iniciativa dessa “marcação” ou quais suas intenções, o que importa é examinar como ocorrem esses processos e seus efeitos” (LOURO, 2018, p. 76-77). Neste capítulo busco dimensionar as possibilidades de marcação no *Grindr*, e mais adiante, no capítulo 4 poderemos conjecturar alguns dos seus efeitos, tomando sempre “tais dimensões como sendo discursivamente inscritas nos corpos” (ibidem, p. 73).

Como veremos ao longo desta pesquisa, no aplicativo *Grindr*, estas “marcas”, ou, “marcadores sociais de diferença” são operados por meio de algumas predefinições automáticas. Mas, “[...] o que elas “dizem” dos corpos? Que significam? São tangíveis, palpáveis, físicas? Exibem-se facilmente, à espera de serem reconhecidas? Ou se insinuem, sugerindo, qualificando, nomeando? [...] são uma invenção do olhar do outro?” (ibidem, p. 69). O processo de edição do perfil nos permitirá pensar processos de subjetivação e objetivação. A perspectiva de mirar para estes processos é permeada pela compreensão de que os corpos “são o que são na cultura [...] sempre, significados culturalmente e é assim que se tornam (ou não) marcas de raça, de gênero, de etnia, e até mesmo de classe e de nacionalidade” (ibidem, p. 69). Mas haveria, no *Grindr*,

---

<sup>7</sup> O *download* do *Grindr* pode ser realizado em dispositivos como *smartphones* e *tablets* que contenham lojas virtuais de aplicativos, como a *AppStore* disponíveis em *iPhones* ou na *PlayStore* de sistemas *Android*. No primeiro acesso do *Grindr* o usuário deve selecionar opção “Cadastrar”, aceitar os termos de uso e informar dados manualmente (e-mail, senha, etc). O cadastramento também pode ser feito automaticamente através de contas em outras plataformas como o *Google* ou *Facebook*. Em 2020 o *Grindr* passou a disponibilizar a versão para ser utilizada em *desktops* e *notebooks* por meio da opção “*Chat Web*”, bastando que o usuário faça a leitura do código disponível no celular; ou, que faça o *login* por acesso direto no site <http://web.grindr.com>, inserindo e-mail e senha.

“corpos não-marcados”? Existem corpos que não produzem tais “marcas de poder”? É possível não se objetivar? Veremos que, embora nestes processos de edição, marcar informações seja uma ação opcional, isto é, o usuário pode optar por divulgar um perfil vazio, na contrapartida, obrigatoriamente, todo usuário do Grindr é interpelado a passar por etapas de montagem de um corpo. Mesmo a ação de não marcar é produzir marcas que se corporificam.

Além das “marcas de poder” que se inscrevem nos corpos, quando abordamos marcadores sociais nos cabe refletir o que queremos dizer com “diferença”. Brah (2006) problematizou certa multiplicidade na teorização da “diferença” por meio das categorias conceituais como “experiência”, “relação social”, “subjetividade” e “identidade”. Conforme a autora, a articulação da diferença com a categoria de “experiência” advém de estudos feministas e se refere a formas de “construção cultural”, isto é, como “um lugar de contestação: um espaço discursivo onde posições de sujeito e subjetividades diferentes e diferenciais são inscritas, reiteradas ou repudiadas” (p. 360). Já a diferença articulada à categoria de “relação social” busca pensar a “maneira como a diferença é constituída e organizada em relações sistemáticas através de discursos econômicos, culturais e políticos e práticas institucionais” (p. 362). A diferença pensada junto à categoria de “subjetividade” problematiza aos processos de formação da subjetividade, isto é, aos investimentos [...] que fazemos ao assumir posições específicas de sujeito que são socialmente produzidas”. Por último, quando pensamos a noção de diferença articulando à categoria de “identidade”, nos vemos diante de alguns impasses identitários. Todavia, para a autora, esta categoria está em consonância com as noções anteriores, e se refere a

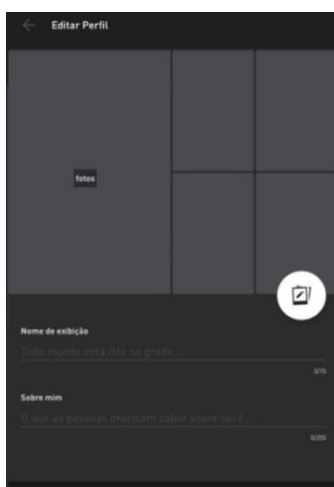
[...] multiplicidade de posições de sujeito que constituem o sujeito. Portanto, a identidade não é fixa nem singular; ela é uma multiplicidade relacional em constante mudança. [...] no curso desse fluxo, as identidades assumem padrões específicos, como num caleidoscópio, diante de conjuntos particulares de circunstâncias pessoais, sociais e históricas. De fato, a identidade pode ser entendida como o próprio processo pelo qual a multiplicidade, contradição e instabilidade da subjetividade é significada como tendo coerência, continuidade, estabilidade; como tendo um núcleo – um núcleo em constante mudança, mas de qualquer maneira um núcleo – que a qualquer momento é enunciado como o “eu”. (BRAH, 2006, p. 371).

Pela sua própria configuração, ao longo da pesquisa, nossa mirada para o Grindr fez pensar questões da “diferença” que, hora ou outra, permearam por estas categorias de “experiência”, “relação social”, “subjetividade” e “identidade”, pensadas

por autores e autoras diversos como Foucault (2014), Brah (2006) e Louro (2018), entre outros. São conceitos que, de modo geral, nos instrumentalizaram a pensar processos de subjetivação e a produção de corpos. Nesta mesma consonância seguiremos então discutindo as várias possibilidades de marcação e de predefinições automáticas disponibilizadas no Grindr, para que o próprio leitor possa imaginar as suas várias possibilidades de “diferenciação” pela via da produção do corpo, e, mais a frente, possa deparar-se com as produções de usuários. Por isso, passemos a compreender as etapas de edição do perfil.

Conforme na Figura 1, a primeira etapa de edição do perfil é a escolha das *Fotos* do usuário, tendo a opção de veicular, no máximo, cinco imagens. A seguir, pode ser informado um “*Nome de exibição*”, com quinze caracteres; e o “*Sobre mim*”, que é um texto de descrição de no máximo 255 caracteres, escrito pelo próprio usuário, ao qual o Grindr especifica com a função de informar “*o que as pessoas precisam saber sobre você*”. Cabe ressaltar que as fotografias são demandas que vem em primeiro lugar, antes mesmo de se pensar o “*Nome*” e “*Sobre mim*”, nos vai ficando evidente a importância da imagem do corpo desde o momento mais primário de seu uso: o “*mim*” vai ser diretamente afetado pelas “*imagens de mim*”. Tão importante quanto o que se diz de si, é esta precedência fundamental ao que se aparenta, que deve ser apresentado. Esta dinâmica básica fez com que em 2020 mais de 855 milhões de fotos fossem compartilhadas por mês, definindo uma média de 10 bilhões de imagens veiculadas no aplicativo ao longo deste ano, segundo postagem oficial nomeada “*Grindr Unwrapped*”.

**Figura 1** – A primeira etapa de preenchimento do perfil



Fonte: Grindr LLC, 2020<sup>8</sup>

<sup>8</sup> Figuras de edição do perfil (1 a 16) são *printscreens* realizados pelo autor no uso do aplicativo e não

Como usuário, e posteriormente como pesquisador, também criei diferentes formatos de perfis no Grindr. Ao longo destas experimentações percebi que a primeira etapa de edição do perfil é bastante importante para interações. Isto porque o ditado popular “uma imagem vale mais que mil palavras” elucida certa realidade de sua dinâmica. Além das informações escritas, as fotografias tem poder de efetivar a estratégia bastante central do Grindr, que é potencializar uma experiência imagética. Neste clima de sedução, as fotografias mostram o corpo de um modo que nem sempre o usuário consegue comunicar em palavras para fazê-lo inteligível. Por isso, em meio às interações, as imagens não são apenas a primeira tarefa do perfil, as imagens estão entre as principais convocações a se produzir. Frequentemente, como veremos, nesta dinâmica encontrei perfis dizendo: “sem foto, sem papo”. Elas tornaram-se demandas não só de avaliação do corpo do outro, mas, como ainda veremos, instauram uma série tensões entre as dimensões público/privado. Todavia, cabe já dizer que a efetivação das imagens como facilitadoras de encontros tem de lidar com outros vários fatores descontínuos e variantes, isto é, tarefa de consolidar um encontro nem sempre é tão fácil. Aliás, as imagens acabam levando ao que muitos usuários em perfis acabam chamando de “enrolação” (usuários “enroladores”/”enrolões”/”enrolados”). Sendo assim, é como se esta dinâmica produzisse quase que uma fixação contínua por olhar fotos *online*, que dificulta a concretização de encontros *offline*.

Continuamente a demanda das imagens define um clima extremamente avaliativo de si e do outro. Há desde aquele usuário que a estratégia se dá na tentativa de editar um perfil mais “genuíno” possível, como também, não raro, àquele usuário que, de uma foto para outra, parece uma pessoa completamente diferente, apenas realizando ajustes de ângulo, recorrendo a um vasto uso de filtros, truques com luz e sombra, ou mesmo na escolha das poses e dos semblantes/expressões faciais para cumprir demandas de um corpo considerado belo. Por vezes, as fotografias apresentam poses, gestuais e expressões faciais quase serializadas. Entretanto, não são meras repetições; estas predefinições acopladas às imagens corporais fazem-nos sentir no “corpo e através do corpo que os processos de afirmação ou transgressão das normas regulatórias se realizam e se expressam” (LOURO, 2018, p. 76).

Esta imediata divulgação de imagens do corpo deixa latente como se

constituem processos de hierarquização dos corpos e práticas discursivas que reiteram normas de gênero-sexualidade-desejo, entre outros marcadores sociais de diferença, como de raça, etnia, idade, etc. Nesse sentido, o Grindr funciona mesmo como um dispositivo “[...] para garantir a coerência, solidez e permanência da norma em que são realizados investimentos – continuados, reiterativos, repetidos. Investimentos produzidos a partir de múltiplas instâncias sociais e culturais” (ibidem, p. 76). Esta análise das diferenciações sociais por meio destas interconexões entre sexualidade, gênero, classe, raça ou qualquer outro marcador de diferença, buscam não ser pensadas como categorias essencialmente opostas e/ou fixas, nem buscando apenas uma instância determinante. São compreendidas em contextos históricos específicos, por meio de práticas discursivas e materiais, portanto a reflexão centra-se em como elas se articulam, e como vão inscrevendo posições de sujeito e subjetividades (BRAH, 2006, p. 359).

Nestas hierarquizações entre seu público mais frequente, isto é, as diferentes expressões de masculinidades, são recorrentes perfis editados com imagens que buscam constantemente efetivar uma composição de masculinidade hegemônica, articulando todo tipo de pressão estético-corporal, valorização de tônus muscular, de magreza, juventude, higiene, saúde, cuidado com pelos corporais, pênis grande, perfeição da pele, e mesmo formas de embranquecimento; além das várias tentativas de exibição de capital humano intelectual, psíquico, cultural, etc, tal qual nos falou Michel Foucault (2008) em “*Nascimento da Biopolítica*” sobre o modelo subjetivo do empresário de si e administração de recursos considerados raros. De todo modo, mesmo que nos deparemos com determinadas repetições, veremos que as negociações destas diferenciações são múltiplas.

Além disso, ainda que o Grindr seja reconhecido por um clima erótico, as políticas de uso de imagens no Grindr não permitem fotos que contenham nudez, sendo permitidas apenas fotos sem camiseta, por isso são frequentes as fotos de dorsos, peitorais e abdomens de homens. Com a presença de mulheres trans e travestis no Grindr, as fotos mostrando os seios não são permitidas. Neste circuito, fica evidente que as modulações de poses, partes do corpo, expressões faciais e indumentários formam um clima de oferta de si, de sedução e de um exibicionismo com foco na sexualidade.

Neste horizonte de exibição imagética e definição de si pela via da sexualidade, pode-se inferir que existam usuários que sentem-se intimidados desde o processo de edição do perfil ou não dispostos a tal prática de exibição. Como já dito, o Grindr permite que o usuário possa transitar com um perfil sem qualquer informação. Durante a



pesquisa, utilizando diferentes formatos de perfil, pude constatar que perfis vazios ou muito vagos, e principalmente, sem fotografias de rosto e de outras partes do corpo formam um perfil cinza escuro, igual a muitos outros, que são menos solicitados para interações. A inexistência de um diferencial, e/ou de algum referencial, isto é, a não oferta de algo para contemplar para avaliação do perfil, dificulta o contato e pode despertar desconfiança de outros usuários, sendo, aliás, um tipo de perfil que é geralmente ignorado.

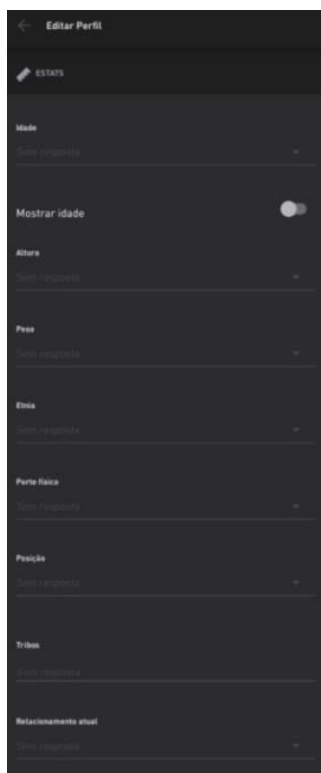
No excesso de imagens diante dos olhos, perfis vazios não conseguem competir do mesmo modo por visibilidade. Em minhas experimentações de vários formatos de perfis, pude entender que um perfil vazio quase não atrai diálogos, ou atrai um tipo de usuário bastante específico, não incomum no Grindr do Brasil: usuários definidos como “sigilosos” e “discretos”. Muitos destes usuários estão “no armário”, assunto que trarei posteriormente. Este tipo de perfil me fez compreender que tentar “não produzir marcações”, também engendra “marcas de poder”, que produzem posições subjetivas. E a partir das diferentes posições que se afirmam, o Grindr busca abarcar desde os usuários mais exibicionistas aos mais anônimos oferecendo diferentes ferramentas e funções, tão vantajosas quanto a operacionalização de imagens, como veremos.

Do mesmo modo, nesta primeira etapa de edição do perfil (Figura 1), assim como as diferentes formas de lidar com fotografias, existem diferentes estratégias para criar um “*Nome de exibição*” e o “*Sobre mim*”, que possibilitam uma apropriação singular por parte do usuário. Ali podem ser exaltados interesses específicos, “confessados” os desejos mais peculiares e demarcar aquelas características que o Grindr não disponibiliza de forma automática, havendo margem para criação. No entanto, ainda que estas definições extrapolem as limitadas predefinições do Grindr, pude perceber que tanto os nomes escolhidos como as autodescrições frequentemente veiculam apropriações discursivas de variadas estereotípias que circulam no campo de outras mídias com foco na sexualidade. Comumente, no perfil, se busca deixar visível uma precedência corporal que é definidora do sujeito. Por exemplo, encontrei perfis que se automeavam “Dotado 21 cm”, “Macho de verdade”, “Novinho 18 anos”, “Coroa safado”, “Gordo cheiroso”, etc. Estas estratégias de autoveiculação indicam como cada um precisa encontrar o melhor atrativo no corpo para se divulgar. Sendo assim, estas formas de apropriação serão mais explanadas no capítulo 4. Mas é preciso ressaltar que, mesmo estes espaços de edição do perfil com “*Nome*” e “*Sobre mim*”, permitindo um

nível maior de criação, antagonicamente são apropriados com repetições, clichês e estereótipos do campo da sexualidade. Além disso, muitos perfis que encontrei utilizam o “Sobre mim” para reivindicar por tipos de corpos de outros usuários reiterando diversas normatizações.

Posteriormente, a segunda etapa de preenchimento do perfil se denomina “*Estats*”, conforme a Figura 2. Uma busca virtual da palavra “*Estats*” indicou-me que os sentidos deste termo são imprecisos, mas não se pode perder de vista que atualmente há todo um trabalho de “métrica-estatístico” em todo e qualquer aplicativo; possivelmente, neste caso, o sentido mais próximo seja sua premissa “estatística”. As informações automáticas escolhidas aumentam as chances para que o perfil do usuário seja encontrado por usuários pagantes que utilizam os “*Filtros Premium*” (filtros que serão explicados a frente). Tal etapa também apresenta um pequeno ícone com uma régua indicando uma de suas várias intenções, que é apresentar um descritor corporal de fácil leitura. São elas: “idade”, “altura”, “peso”, “etnia”, “porte físico”, “posição”, “tribos”, “relacionamento atual”. Muitas destas predefinições disponibilizadas não tem qualquer elucidação por parte do aplicativo. O Grindr parte do princípio que estas são informações e características que seriam de interesse de quem procura parceiros e parceiras. Deste modo, reitera estereotípias, e define características que se tornam definidoras das identidades LGBTQIA+. Por isso, estas demarcações acabam por ser rotineiramente naturalizadas pela arquitetura do *app*. As singulares apropriações e combinações por parte dos usuários serão mostradas no capítulo 4.

**Figura 2** – A segunda etapa de preenchimento do perfil denominada “*Estats*”



Fonte: Grindr LLC, 2020

Conforme demonstrado na Figura 3, durante esta etapa o usuário pode informar a “*Idade*” (que vai desde os 18<sup>9</sup> anos até 99 anos), podendo optar por deixar a idade visível ou não aos outros usuários. Pude perceber, a partir de perfis salvos para acompanhamento nas derivas de pesquisa, que, constantemente, ocorriam variações de apresentação de idade em um mesmo perfil, por vezes, bastante significativas. Eu mesmo variei minha apresentação de idade, geralmente apresentando a idade que me era designada em outros espaços. Não somente a pressão pela juventude é um fator que ali circula. Sabidamente, é comum em aplicativos de encontros que os usuários busquem se apresentar a partir de ideais de idade. Oportunamente o usuário pode tentar se apresentar como mais novo, ou mais velho, de acordo com outros perfis de interesse.

---

<sup>9</sup> No Brasil, até o ano de 2019, a faixa etária de download veiculados na loja virtual do Grindr indicava permissão de download a partir dos 14 anos. Já a idade disponível pré-fixada no preenchimento do perfil sempre foi estabelecida a partir de 18 anos. Em 2020, a loja virtual do aplicativo passou a veicular que o download pode ser feito somente a partir dos 18 anos, embora a recorrência de usuários menores de idade online seja sabidamente comum.

**Figura 3 – Marcador de idade**

Idade

- 18
- 19
- 20
- 21
- 22
- 23
- 24
- 25
- 26
- 27
- 28

CANCELAR OK

Fonte: Grindr LLC, 2020

Neste campo das negociações, permeadas por questões etárias e geracionais, as diferentes idades são definidoras de diferentes posições subjetivas; articuladas a outros marcadores para se configurar nas relações, produzem muitos jogos. Neste sentido, no Grindr, não há apenas uma demarcação de idade ideal, mas, corpos jogando com diferentes temporalidades e seus desdobramentos.

Na etapa “*Estats*” podem ser também apresentadas a “*Altura*” (mínimo estabelecido: 122 cm de altura; máximo: 241 cm) e o “*Peso*” (de 41 kg a 272 kg). Conforme se olha sensivelmente para a Figura 4, não somente os parâmetros de altura e peso estabelecidos (de mínimo e máximo) deixam reflexões.

**Figura 4 – Marcadores de “Altura” e “Peso”**

Altura

- Sem resposta
- 122 cm
- 123 cm
- 124 cm
- 125 cm
- 126 cm
- 127 cm
- 128 cm
- 129 cm
- 130 cm
- 131 cm

CANCELAR OK

Peso

- Sem resposta
- 41 kg
- 42 kg
- 43 kg
- 44 kg
- 45 kg
- 46 kg
- 47 kg
- 48 kg
- 49 kg
- 50 kg

CANCELAR OK

Fonte: Grindr LLC, 2020

Ao longo da trajetória de pesquisa, assim como a afirmação da idade, compreendi que a apresentação destas medidas são consideradas muito importantes para usuários que buscam encontros. Durante as interações que mantive, se não apresentadas no perfil, são informações questionadas no bate-papo privado, logo de início. Deste modo, as formas de objetivação são constituídas igualmente por ideais de altura e de peso. Quando informadas, estas predefinições corporais permitem a experimentações de um cálculo, de uma prévia avaliação, se outro tem uma composição de corpo que interessa, combinando a outras informações para conjecturar questões menos óbvias, como definição de papéis durante um encontro, de posição sexual, possibilidade determinadas práticas, conjecturar quais experimentações de toques e texturas corporais se sentirá, atributos de masculinidades/feminilidades normativas e mesmo dissidentes, etc. Um exemplo recorrente desta combinação em perfis normativos é “busco homem masculino, *alto, com mais de 1,80*, que seja ativo”.

Com apenas os elementos explanados nos vai ficando evidente os modos como no processo de edição do perfil, as predefinições escolhidas, e suas combinações, vão montando e marcando um corpo. Neste sentido, os marcadores étnico-raciais são também considerados importantes definidores. Como se pode observar na Figura 5, o Grindr convida o usuário a definir uma “*Etnia*” específica, contando com as opções: “*asiático*”, “*branco*”, “*latino*”, “*mestiço*”, “*negro*”, “*sul asiático*”, “*árabe*”; o Grindr do Brasil também conta com a opção “*índio*”; para aqueles que não encontram uma etnia definidora há a opção “*outro*”, ou mesmo, a opção “*sem resposta*”.

**Figura 5** – Marcador de “Etnia”

Formulário de seleção de etnia com o seguinte conteúdo:

- Sem resposta
- Asiático
- Branco
- Indígena
- Latino
- Mestiço
- Negro
- Outro
- Sul Asiático
- Árabe

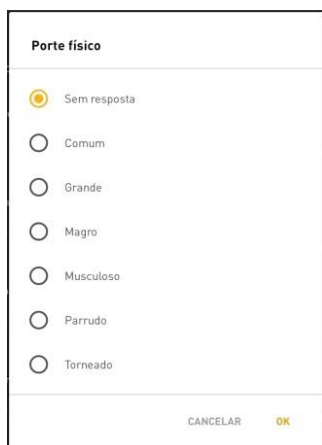
Botões de ação: CANCELAR, OK

Fonte: Grindr LLC, 2020

Articuladas a outros marcadores, esta categoria específica desdobra uma série de tensões e preconceitos étnico-raciais, que ocorrem das maneiras mais implícitas às mais explícitas. Conforme Brah (2006), “a raça ainda atua como um marcador aparentemente inerradicável de diferença social” (p. 331). Estas problemáticas são tão impactantes nas relações que, desde 2020 o Grindr passou a disponibilizar esta categoria somente como forma de apresentação do usuário no perfil, deixando de contar como filtro de busca e bloqueio de usuários nas versões pagas, que são o *Grindr XTRA* e o *Grindr Unlimited*. Deste modo, ciente ou não, sempre que o Grindr promove ferramentas que envolvem questões étnico-raciais potencialmente se desdobram efeitos problemáticos.

Além de desdobramentos referentes aos estereótipos de raça e etnia, existem outras questões que merecem reflexões. As mensurações de peso e altura podem ser articuladas também à categoria de “*Porte físico*”, que propõe informar a estrutura/formato corporal através de estereótipos tais quais na Figura 6: “*comum*”, “*grande*”, “*magro*”, “*musculoso*”, “*parrudo*”, “*torneado*”.

**Figura 6** – Marcador de “Porte Físico”



Fonte: Grindr LLC, 2020

Como mencionado, muitas destas predefinições do Grindr não são elucidadas pelo aplicativo em nenhum momento, portanto tem sentidos imprecisos e de apropriações variadas. Por exemplo, a categoria “comum” parece fazer referência aos corpos médios, considerados nem magros, nem gordos. Os “parrudos” podem ser aqueles corpos com proporções “largas” e “entroncadas”. O “torneado” pode ser um corpo que não chega a ser “musculoso”, mas que seria tonificado. Cabe refletir, a

respeito do termo “grande”, que durante a pesquisa pude constatar em perfis de usuários ser um marcador geralmente utilizado por pessoas que se consideram (ou são consideradas) gordas. Parece sintomática a existência de três opções variadas para corpos magros e musculosos, enquanto a opção “gordo”/”gorda” sequer exista como categoria automática pelo aplicativo. Não seria atrativo caracterizar-se como gordo/gorda? Nestes jogos constantes das estritas objetivações disponíveis até então aqui explanadas, o Grindr me deixou uma pista de que coopera com uma dinâmica social que estimula, além de uma pressão estético-corporal com apelo à magreza viril, uma supressão/apagamento de certas características, por compreender que algumas categorias são socialmente consideradas negativas à definição dos corpos, como neste exemplo, indicando uma nuance gordofóbica. Portanto, para aqueles e aquelas que gostariam de se predefinir automaticamente como gordo/gorda, são outras combinações que devem ser apresentadas. Até mesmo a definição de porte físico “comum” pauta-se em uma caracterização e não pela incidência social dos corpos. Se até 2025, pelo menos, 2,3 bilhões da população mundial será gorda e/ou avaliada como obesa, segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS) e a Associação Brasileira para o Estudo da Obesidade e da Síndrome Metabólica<sup>10</sup> (ABESO), esta realidade não parece ainda ter reverberado no campo estético-corporal da publicidade do Grindr, como veremos no capítulo 4. Nos últimos anos, mesmo que tenha buscado se tornar um ambiente mais inclusivo, os modelos escolhidos para sua publicidade não são corpos radicalmente gordos. Todavia, cabe destacar que, neste trabalho, não se reivindica uma marcação automática para gordos ou qualquer outra categoria de “diferença”. Todavia busca-se uma reflexão quanto à existência de variadas predefinições. Elas nos permitem questionar as próprias definições estigmatizantes que são operadas e as suas consequentes exclusões.

Seguindo, existem outras questões que compõem os corpos no Grindr. Conforme a Figura 7, além destas objetivações de porte físico, as práticas sexuais também são colaboradoras em processos de montagem do corpo para determinar papéis no âmbito das relações, a partir de normas de sexualidade. Por exemplo, a categoria seguinte, referida como “*Posição*” faz menção, especificamente, à posição sexual. Sendo assim, o Grindr disponibiliza as alternativas: “*ativo*”, “*versátil ativo*”, “*versátil*”, “*versátil passivo*” e “*passivo*”.

---

<sup>10</sup> <https://abeso.org.br/obesidade-e-sindrome-metabolica/mapa-da-obesidade/> Acesso em: 21 de dezembro de 2020.

**Figura 7** – Marcador de “Posição”

The image shows a mobile application interface for selecting a position. The title is "Posição". Below the title, there is a list of seven radio button options: "Sem resposta" (which is selected and has a yellow dot), "Ativo", "Versátil ativo", "Versátil", "Versátil passivo", and "Passivo". At the bottom of the screen, there are two buttons: "CANCELAR" and "OK".

Fonte: Grindr LLC, 2020

Estas opções se referem às preferências por posições exercidas, geralmente, durante práticas de sexo anal que envolve penetração, com certa centralidade no pênis (mas não só). São expressões dificilmente utilizadas entre pessoas heterossexuais, e historicamente estão associadas no senso comum ao sexo entre homens gays (embora, também não só). Não obstante, todas estas caracterizações estão apresentadas no gênero masculino, retirando uma linguagem das relações entre homens. Existem outras variações e problematizações de compreensão dos termos apresentados, fazendo mais menção a quem no ato sexual conduz, controla, domina, etc. Mas no cotidiano do Grindr, com valorização do pênis bastante demarcada e o imperativo de objetivação de si, o “ativo” seria, durante a relação sexual, quem estritamente penetra (com pênis ou qualquer outro objeto/membro/instrumento fático, por exemplo, geralmente representado em perfis no Grindr pela figurinha/emoji da berinjala); o “passivo” seria o parceiro penetrado; já o parceiro “versátil” exerceria o papel, tanto de penetrar, como de ser penetrado; assim, o “versátil ativo” seria a pessoa que expressa preferência por penetrar, mas poderia também ser penetrado, bem como o “versátil passivo”, que priorizaria práticas por ser penetrado, podendo também penetrar eventualmente. Como já dito, mais do que preferências por posições, elas são categorias que evocam um conjunto de modos de ser que vão além das relações sexuais. Mas aqui fica o foco do Grindr em não complexificar o processo. Mesmo deixando alguma margem de compreensão de que as relações são permeadas por modulações (exemplo, versátil ativo e versátil passivo), o Grindr busca sistematizar posições sexuais. De algum modo, o usuário aprende formas específicas de condução de si e do outro pela via da



sexualidade. E, pelo menos, no campo das masculinidades, estas definições ainda têm desdobramentos muito fundantes. Para alguns indivíduos, elas posicionam formas de existir para além da uma noção de posição sexual, isto é, àqueles que vivem ativamente e àqueles que vivem passivamente as relações no campo afetivo, psíquico, social, etc. Para o Grindr, sem muito explicar, estas posições podem até ter relação com aspectos geográficos, culturais e políticos. Segundo seu relatório estatístico informal de 2020, o “*Grindr Unwrapped*”, o usuário pode ter experimentado “uma gama de posições, mas alguns países ficaram ‘on top’, trocadilho para “ativo” e “topo”<sup>11</sup>”, sendo assim, no “topo” dos cinco países com maiores números de usuários que se identificam como “ativos” ficaram: Marrocos, Índia, Nigéria, Chile e Israel. Segundo o mesmo relatório, Por trás de todo “ativo”/“topo” de sucesso há o poder de um passivo<sup>12</sup>, portanto os países com mais usuários passivos foram: Vietnã, Suécia, Tailândia, Peru e África do Sul. “E sim, versáteis existem”<sup>13</sup>, deste modo, os países com mais usuários versáteis foram: Venezuela, Guatemala, Argentina, México e Austrália. Monitorando alguns dados, o Grindr deixa no ar uma narrativa quanto as relações de poder entre determinadas nações pela via da sexualidade.

De modo semelhante à categoria anterior, a categoria *Tribos*, na Figura 8, delimita alguns subgrupos que compõem a comunidade LGBTQIA+ a partir de uma série de características físicas, psíquicas, sociais, culturais, étnico-raciais, de sexo e gênero, etc. Muitas das tribos apresentadas são semelhantes a estereótipos que compõem a pornografia. No Grindr são elas: “*urso*”, “*elegante*”, “*papai*”, “*discreto*”, “*nerd*”, “*barbie*”, “*couro*”, “*malhadinho*”, “*soropositivo*”, “*cafuçu*”, “*trans*”, “*garotos*”, “*sóbrio*”. Especificamente nesta categoria das tribos o Grindr permite a escolha de mais de uma opção, e não evidencia sua função exata, isto é, se visa circunscrever uma tribo ao qual o usuário sente pertencer, ou mesmo, se são os grupos alvo de interesse do usuário. Durante meu percurso de pesquisa pude perceber que as tribos são apropriadas pelos usuários para ambas as intenções.

---

<sup>11</sup> Tradução: “*You ran the gamut of positions, but some countries came out on top*” (GRINDR LCC, 2020).

<sup>12</sup> Tradução: “*Behind every successful top is a power bottom*” (GRINDR LCC, 2020).

<sup>13</sup> Tradução: “*And yes, ‘vers’ does exist*”. (GRINDR LCC, 2020).

**Figura 8** – Marcadores de “Tribos”



Fonte: Grindr LLC, 2020

Justamente, mais do que demarcar seus significados, quero falar das minhas apropriações, afetações e compreensões que foram possíveis. Em uma rápida busca pela *web* para melhor compreender, e também colocar em questão minhas impressões a respeito dos treze subgrupos apresentados, fui ao encontro de outras subcategorias. Em primeiro lugar, me ficou evidente que elas são, geralmente, bastante centradas em estereótipos de diferentes masculinidades. Por exemplo, os “*ursos*” podem ser homens com pelos e barba, como podem ser grandes e pesados (encontrei mais vinte e três ramificações que explicavam os subgrupos de ursos). A tribo “*barbie*” parecia fazer menção a homens musculosos e malhados que são afeminados. Já a tribo dos “*discretos*” parecia fazer alusão aos homens “fora do meio”, “sigilosos” que “estão no armário”. Em diferentes intensidades, eram estereotípias que me retomavam questões heteronormativas e homonormativas.

Embora eu conseguisse criar imagens destes diversos estereótipos, alguns deles pareciam criações do próprio Grindr ou uma importação de termos estadunidenses, já que aqui no Brasil poucas vezes ouvi pessoas que se denominam LGBTQIA+ referindo-se a tribos dos “*elegantes*” (pessoas que tem identificação com moda?); ou a tribo dos “*sóbrios*” (diz respeito a pessoas ex-usuárias de drogas ou pessoa ponderada?); há algumas décadas circulam diferentes apreensões do que seriam os “*nerds*”, e, de fato, eles deixaram de ser figuras tão “excêntricas” e passaram a se firmar como personagens

recorrentes na pornografia. A tribo “*couro*” parece fazer menção à cultura “*leather*”, isto é, às práticas e vestuários em torno do couro e da cultura *BDSM* (bondage, disciplina, dominação e submissão). Outras tribos parecem até mais autoexplicativas como a dos corpos “*malhadinhos*” esculpidos nas academias. Há também as que fazem maior demarcação à idade, como a tribo dos “*garotos*”<sup>14</sup>, se referindo a corpos de homens jovens, e “*papai*”, que parece se referir aos homens maduros, e que falarei mais a frente no capítulo 4.

A presença do termo “*cafuçu*” foi uma das predefinições do Grindr que mais me fez refletir a respeito de estereótipos que articulam, além de normas de corpo-sexo-gênero, marcadores étnico-raciais, de classe e geográficos. No nordeste brasileiro o termo é utilizado para se referir ao diabo ou alguém sem qualquer qualidade. No âmbito das masculinidades, geralmente, os “*cafuçus*” são referidos como homens negros e mestiços, moradores de periferias. Poucas vezes observei sentidos valorizadores desta definição de corpo, ou pelo menos, tive contanto com formas de enaltecimento objetificantes. Em contato com outros homens gays brancos tais como no círculo ao qual me componho, ouvi em tons sussurrantes diferentes definições racistas de “*cafuçus*” como homens “*mulatos*”, “*mistura de negro com índio*”, “*machos rudes*”, “*rústicos*”, “*gostosos de corpo e feios de rosto*”. Produzindo outros estreitamentos entre preconceitos e desejos, algumas vezes ouvi que “*cafuçus*” eram trabalhadores comuns, com “*força braçal*”, da construção civil, obreiros, eletricitas, mecânicos, ou desempregados, “*largados*”, e mesmo homens em situação de rua; em geral, considerados homens de “*baixa renda*”, que por necessidade financeira aceitam realizar um eventual “*serviço sexual*”. Muitas destas falas acreditavam ser elogiosas. Isto é, composições de todo nosso imaginário branco que, embora experimente vicissitudes estigmatizantes nas demarcações de subjetividades gays no cenário brasileiro, prossegue produzindo processos homonormativos racistas e classistas, oportunamente objetificando e “*gozando*” de todas as formas possíveis de processos de hierarquização dos corpos. No Grindr, a intenção do termo “*cafuçu*” parece irrefletidamente buscar a sua veiculação como um termo incorporado no cotidiano dos usuários brasileiros. Talvez sua existência no aplicativo possibilite até ressignificações importantes entre os estereótipos raciais. Mas só o tempo dirá. Enquanto não houver qualquer debate sobre

---

<sup>14</sup> Eventualmente abre brecha para identificar “*garotos de programa*”, pois é uma expressão corrente no meio.

as apropriações do termo por parte da branquitude usuária do Grindr, e formas que demonstrem apropriações demarcadamente orgulhosas daqueles que se autoidentificam como “cafuços”, a veiculação desta categorização, sem qualquer diálogo sobre suas significações, me parece questionável.

Já a predefinição automática de tribo “*trans*” me pareceu ser um dos poucos espaços do aplicativo em tentar conduzir que usuários e usuárias se integrem a partir de expressões de gênero que não seja pela cisgêneridade; esta opção de tribo, que funciona como ferramenta de busca de corpos nos “Filtros *Premium*”, fez-me conjecturar se esta seria uma das estratégias suficientes por parte do aplicativo a não se fortalecer como um “*cistema*” voltado a ser um “radar gay”, desestabilizando a formação de uma comunidade majoritariamente de homens cisgêneros.

Além disso, a categoria “*soropositivo*” foi para mim uma possibilidade de pensar ambiguidades. Ao traçar uma tribo que centraliza uma condição de saúde de determinados sujeitos, o Grindr parece vislumbrar possibilidades de certa integração, inclusive de visibilidade social e política, ao passo de que, simultâneo, a todo instante, demonstra-se bastante fóbico às sorologias positivas, traçando anúncios e informações sobre cuidados e riscos, informações biomédicas de saúde sexual e estímulo de uso contínuo da PrEP. Isto é, posiciona-se politicamente engajado à causa HIV/Aids, mas demonstra-se publicamente preocupado em ser incitador de certa propagação. Assim, a empresa parece seguir acoplando-se a diferentes racionalidades biomédicas, jurídicas, morais, econômicas, políticas, de condução de condutas. Diante de outros achados que abordarei a frente, pareceu-me que esta função do Grindr está mais atento em definir amostragens específicas para monitorar e conduzir àqueles considerados historicamente um “problema a ser administrado”, isto é, alvo das mais diversas formas de controle biopolítico (FOUCAULT, 2017; SANTOS & ZAGO, 2013).

De modo geral, a categoria “Tribos” foi, desde o começo, interessante em termos de análise, pois manifestou uma das proposições mais explícitas do Grindr em conduzir condutas, e, sobretudo, produzir efeitos que vão além de experimentações em seu ambiente. Além disso, muitas vezes quando falamos de estereótipos/estereotípias nos referimos justamente às formas de produção social da diferença, entre elas, a reiteração de imagens e representações sobre o outro que (muitas vezes) estão equivocadas, simplificadas e fixam em determinadas posições e lugares. Os estereótipos enviesam comportamentos, atitudes e características de grupos sociais ou culturais, e, neste sentido, o racismo, a homofobia, o sexismo e o etnocentrismo são alguns

exemplos de seus efeitos (SILVA, 2000). Como podemos ver, a categoria de Tribos parece justamente estar operando como um reforçador de estereótipos. O Grindr nos leva o tempo todo a lidar com uma lógica de categorizações, a enquadrar sujeitos em determinadas formas de ser. Não posso afirmar que o Grindr possibilita a integração de tribos. Mas posso dizer que aliado às tentativas de conexão, ele parece obstinado a estabelecer classificações, hora individualizantes, hora totalizantes.

Combinada às informações sociais para definição corporal, a etapa de edição “*Estats*” também propõe expor um status de *Relacionamento atual* do usuário. Conforme a Figura 9 esta predefinição conta com as opções: “*casado*”, “*caso*”, “*com parceiro*”, “*comprometido*”, “*exclusivo*”, “*noivo*”, “*relacionamento aberto*”, “*solteiro*”; neste sentido, são predefinições que propõem ao usuário gerir denominações, a partir de uma revisão atualizada em si mesmo, do modo como categoriza suas experimentações de sociabilidade e os vínculos afetivos e sexuais que estabelece, e/ou visa estabelecer.

**Figura 9** – Marcador de “Relacionamento atual”

Relacionamento atual

- Sem resposta
- Casado
- Caso
- Com parceiro
- Comprometido
- Exclusivo
- Noivo
- Relacionamento aberto
- Solteiro

CANCELAR OK

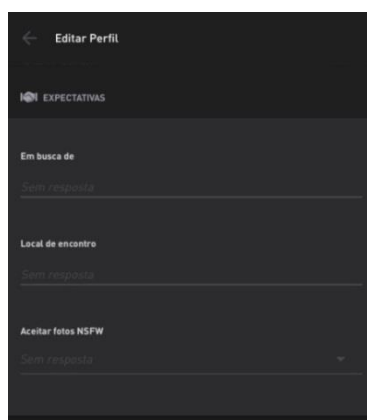
Fonte: Grindr LLC, 2020

Aqui o Grindr busca demonstrar que reconhece e define nove formas específicas de configuração dos relacionamentos afetivos. São expressões acessíveis à compreensão que, sem muito mencionar, fazem circular diferentes perspectivas entre os usuários a respeito da monogamia, da poligamia, do amor livre, do poliamor, etc. Outra etapa que considero paradoxal, já que suas próprias configurações reconhecem nuances e instabilidades em relações afetivas, mas que ainda assim, para o Grindr, devem ser

objetivadas.

Combinando-se à anterior, a terceira etapa de edição do perfil denomina-se “*Expectativas*”; esta etapa conta com um ícone de mãos se cumprimentando, apresentado na Figura 10, um gesto clássico do cumprimento entre “cavalheiros” ou mesmo quando “fecha-se um negócio”. Neste caso o Grindr parece tentar trazer um tom de seriedade às expectativas a se constituir, marcando o tipo de socialização e interação que o usuário gostaria de estabelecer.

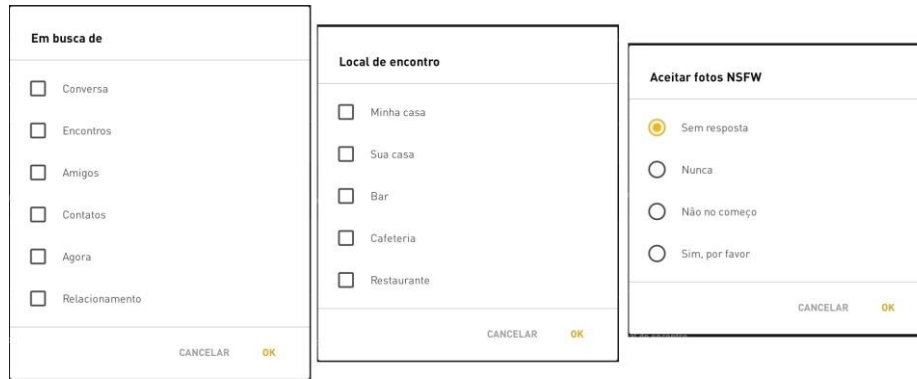
**Figura 10** – A terceira etapa de preenchimento “*Expectativas*”



Fonte: Grindr LLC, 2020

Adentrando nas predefinições disponíveis, conforme a Figura 11, veremos que são elas: “*Em busca de*”: “*conversa*”, “*encontros*”, “*amigos*”, “*contatos*”, “*relacionamento*”, “*agora*”; e a categoria seguinte é o “*Local de encontro*” que podem ser: “*minha casa*”, “*sua casa*”, “*bar*”, “*cafeteria*”, “*restaurante*”; já a terceira categoria desta sessão é se o usuário irá “*Aceitar fotos NSFW*”, que é uma abreviação da gíria estadunidense “*not safe for work*” (algo como “não seguro para o trabalho”) indicando que as imagens podem conter conteúdos impróprios e/ou constrangedores se visualizados em locais na presença de outras pessoas, como em ambientes de trabalho. No Grindr, fotos *NSFW* geralmente se referem ao compartilhamento de *nudes*. Assim sendo, as categorias disponíveis são “*nunca*”, “*não no começo*”, “*sim, por favor*”.

**Figura 11** – Marcadores de “Em busca de”, “Local de encontro” e “Aceitar fotos NSFW”.

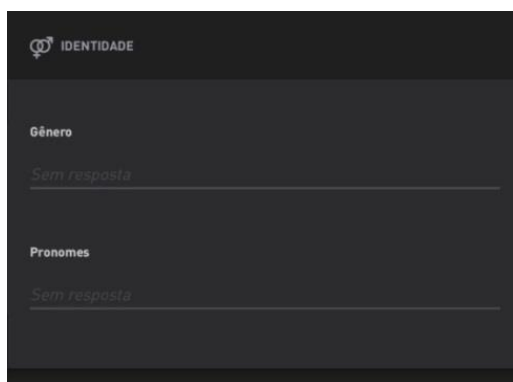


Fonte: Grindr LLC, 2020

Nesta etapa de edição todas as categorias podem ser simultaneamente escolhidas. O modo como são mescladas podem estabelecer o tom e o tipo de encontro que se busca, deixando maiores pistas se o usuário está em busca de sexo, amizade e/ou relacionamento afetivo. Esta etapa também pode indicar velocidade e intensidade que se deseja buscar nas interações, e permite pular diálogos prévios. Por exemplo, a escolha das categorias “*agora*” e a troca de “*Fotos NSFW*” podem demarcar um imperativo por agilidade nas interações e/ou de uma avaliação corporal prévia. Os ambientes propostos podem indicar também o tipo de vínculo que se quer estabelecer, precauções com a segurança, a necessidade de avaliar o outro ao vivo em local público, bem como pode dar indícios se o usuário é ou não socialmente assumido sobre sua orientação sexual e/ou se está confortável com a própria aparência. Cabe destacar que ao longo da pesquisa fui compreendendo que ter local de encontro privado pode ampliar interações, bem como indicar a necessidade de encontros mais sigilosos. A necessidade de local privado pode ainda indicar a busca por encontros sexuais mais efêmeros (no Brasil chamadas de “*fast-fodas*”).

A quarta etapa, conforme a Figura 12 é nomeada como “*Identidade* (ao seu lado há um pequeno ícone dos símbolos padrão dos gêneros masculino e feminino entrelaçados); neste sentido, esta etapa está concentrada especificamente em definir a identidade de gênero de usuários e usuárias.

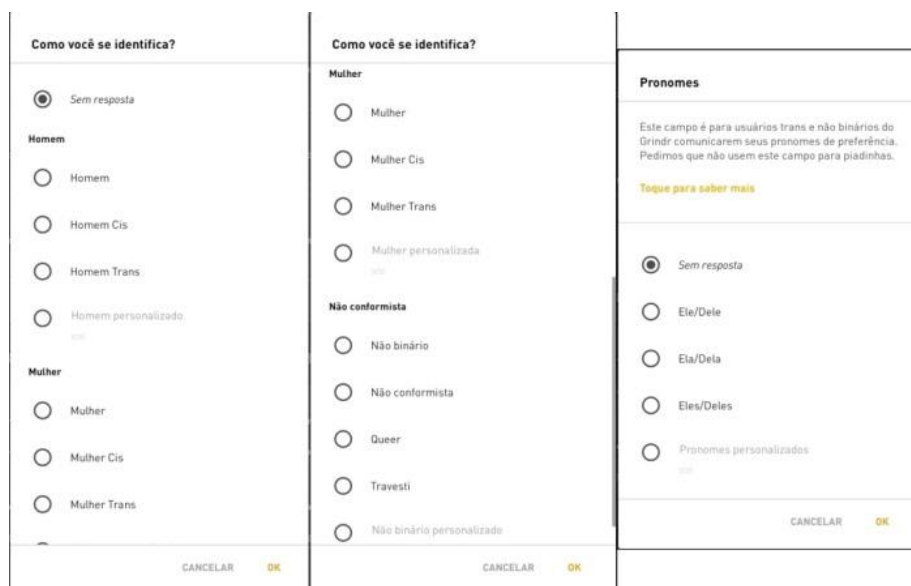
**Figura 12** – A quarta etapa de preenchimento do perfil refere-se à “Identidade” (de gênero)



Fonte: Grindr LLC, 2020

Nesta etapa, como se vê na Figura 13, o usuário pode escolher identificar o *Gênero* (“sem resposta”, “homem”, “homem cis”, “homem trans”, “homem personalizado”, “mulher”, “mulher cis”, “mulher trans”, “mulher personalizada”, “não binário”, “não conformista”, “queer”, “travesti”, “não binário personalizado”); e *Pronomes* que devem ser utilizados durante os diálogos (“ele/dele”, “ela/dela”, “eles/deles”, e mesmo, “pronomes personalizados”).

**Figura 13** – Marcadores de “Identidade” e “Pronomes”



Fonte: Grindr LLC, 2020

O campo “pronomes personalizados” é destinado “para usuários trans e não binários do Grindr comunicarem seus pronomes de preferência”, ao qual o aplicativo solicita aos outros usuários que “não usem este campo para piadinhas”. Com o



caminhar da pesquisa vi usuários que se apropriavam deste espaço para criar, não somente alguns pronomes, mas, adjetivos. Como veremos no capítulo 4, geralmente são definições de si, de fato, com base no humor e que buscavam criar certa indefinição identitária pela via da linguagem. Cabe destacar que não encontrei perfis em que esta opção era utilizada para piadas transfóbicas e/ou que satirizavam a linguagem neutra direcionada a pessoas não binárias.

Nesta categoria de edição da “Identidade” podemos melhor refletir os descompassos dos modos como o Grindr se vende e como, de fato, se configura sua arquitetura. Percebi que até o ano de 2019 esta predefinição denominava-se “Sexo” e não “Gênero”. Até o momento em que se realizava a pesquisa de campo, também pude constatar que a maioria das características anteriores disponibilizadas para edição do perfil eram prefixadas, paradoxalmente, no gênero masculino, ainda que a empresa se proponha a se veicular publicamente à missão de agregar a comunidade LGBTQ+. Além disso, desde o início da pesquisa, ficou evidente que esta etapa não apresentava, por exemplo, uma categoria para pessoas “*intersexo*”; bem como não apresentava uma categoria para definição da “*Orientação Sexual*”, apesar das insistentes formas de auto definição ao qual o aplicativo incita o usuário a apresentar constantemente, e que parecem centradas na sexualidade e na identidade sexual.

Focado na “diversidade”, o Grindr promove possibilidades importantes às subjetividades dissidentes das normas de gênero e sexualidade; entretanto, em sua predefinição de “Identidade” me pareceu que estão em questão ambiguidades. Não parece estar somente em jogo incompreensões por parte da empresa quanto a sua aceção de identidade (aqui circundada em torno do gênero); nem somente uma inabilidade institucional, descuidada às discussões quanto às normas de corpo-gênero-sexualidade, ora propondo articulações inequívocas, ora propondo formas de cisão e fragmentação pela via da marcação do corpo. Nesta etapa de montagem do corpo chamada “Identidade” está um contorno do seu nicho de mercado: indivíduos LGBTQ+. Mas não somente: a demarcação de que “todas” as identidades (de gênero e de sexualidade) são bem vindas. Nesta etapa nos deparamos mais uma vez com aquilo que é contínuo no Grindr: sua maquinação totalizante e individualizante.

Para melhor compreendermos de que modo a edição de perfis relaciona-se com produção de dados e com a regulação biopolítica contemporânea mencionada olhemos para a descrição do “*Grindr Unwrapped*” de dezembro de 2020, que se propôs ser

[...] **um relatório informal estatístico que lança alguma luz sobre a atividade no Grindr** durante o ano [...] com uma olhada nas **tendências de sexo e namoro entre os quase 13 milhões de gays, bi, trans e queer** que usam nosso aplicativo todos os meses. [...] Esses dados representam apenas uma subseção/parcela de nossos usuários (nem todos os usuários do Grindr incluem essas informações em seus perfis), e o próprio Grindr representa apenas uma subseção/parcela da comunidade queer global. Portanto, é importante notar que este não é um relatório abrangente ou científico sobre comportamentos de namoro e sexo queer global. Em vez disso, é uma forma divertida e informal de ajudar nossos usuários a se conhecerem melhor, servir como um quebra-gelo para conversar no aplicativo e fornecer alguns insights sobre as **tendências de atividade** do Grindr durante o ano (GRINDR LLC, 2020, grifo nosso).

Embora a partir das definições de si até então indicadas o usuário possa, conforme diz Louro (2018), “jogar e brincar com esses códigos, ao exagerá-los e exaltá-los, [...] a perceber sua não-naturalidade (p. 80), se instalam outras ambiguidades. Ao estabelecer que as diferenças podem ser fundamentalmente englobadas à sua compreensão de identidade (de gênero), o Grindr põe também em prática certa banalização e um esvaziamento político, que é inclusive fundamentalmente necessário ao mercado, para que ele possa sempre agir sobre seus consumidores. Estas sistematizações, concentradas em ora apagar singularizações, ora definir indivíduos e ora medir populações, demandam reflexões a respeito das concretizações cotidianas do dispositivo da sexualidade contemporâneo. O Grindr, como um dos vetores do dispositivo da sexualidade contemporâneo nesta configuração neoliberal, agencia processos de regulação biopolítica aos quais “todos os corpos” são proveitosos: processos que, não só se efetivam vastas possibilidades de montagem do corpo aos usuários; são os próprios usuários que produzem infinitas possibilidades de combinações de dados pessoais e sensíveis à disposição da empresa. Dados virtuais que são entregues a um campo completamente nebuloso.

Nesta mesma esteira biopolítica, a quinta etapa de edição do perfil para montagem do corpo se denomina “*Saúde sexual*”. Seu ícone apresenta o símbolo de um laço, fazendo alusão ao símbolo histórico dos movimentos relacionados ao HIV e a AIDS.

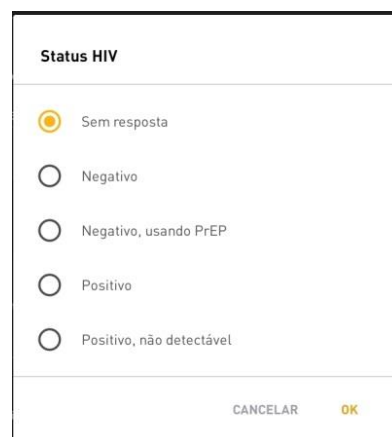
**Figura 14** – A quinta etapa de preenchimento se refere à saúde sexual



Fonte: Grindr LLC, 2020

Esta etapa está concentrada em apresentar o “*Status HIV*”, com as opções: “*negativo*”, “*negativo usando PreP*”, “*positivo*”, “*positivo não detectável*”, conforme a Figura 15; e também a “*Data do último teste*”, que no período de campo desta pesquisa ofereceu datas afixadas entre julho de 2018 a junho de 2020. Há também a opção automática de “*Lembrar de fazer o teste depois*”, em que “*um lembrete será exibido na caixa de entrada do seu Grindr no momento especificado*”, entretanto tal ferramenta não estava em funcionamento durante o andamento da pesquisa.

**Figura 15** – Marcador de “Status HIV”



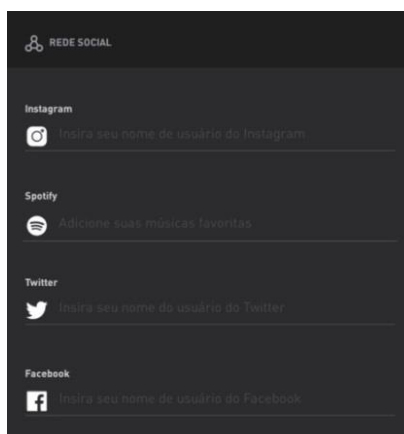
Fonte: Grindr LLC, 2020

Além disso, esta etapa do perfil também oferece um *link* com informações chamado “*Perguntas de saúde sexual*”, e especifica que sua função visa que o usuário

“aprenda mais sobre HIV, PrEP, como fazer teste para doenças sexualmente transmissíveis (DSTs) e outras perguntas frequentes”. Ao insistir em certa oposição entre saúde e doença, o Grindr enuncia um tipo de reducionismo que poderia, na realidade, chamar a seção de “Perguntas sobre doenças sexuais”. Esta etapa de edição do perfil deixa ainda mais evidente o arranjo biopolítico ao qual o Grindr se compõe em termos de regulação de poder: estreita relação entre o mercado neoliberal (produtos e serviços privados como o Grindr) e Estados (instituições públicas de saúde que disponibilizam informações e tratamentos preventivos como a PrEP), em compasso às racionalidades biomédicas, jurídicas, econômicas e políticas, que sustentam diferentes tecnologias de monitoramento de corpos: “identificação/testagem, confissão, culpabilização e responsabilização dos infectados; enumeração epidemiológico-estatística em termos populacionais; monitoração dos níveis de carga viral no corpo; adesão ao tratamento para manter-se saudável e não criar cepas virais mais resistentes” (SANTOS & ZAGO, 2013, P. 140). O medo e o perigo prosseguem como dimensões importantes para conduzir corpos marcados pelo estigma do HIV/Aids. Embora uma ferramenta considerada importante pelos próprios usuários, deixarei para falar sobre sua efetivação no capítulo 3, em que focalizarei no massivo vazamento de dados sorológicos, indicando algumas de suas funções mais polêmicas.

Finalizando a edição do perfil, a sexta etapa se chama “Rede social”, possibilitando *links* para outras redes sociais, como “Instagram”, “Twitter”, “Facebook” e “Spotify”, ao qual pode divulgar outras redes sociais. A partir de janeiro de 2020, o Grindr também passou a contar com o link para compartilhar o perfil da rede “LinkedIn”, que tem o foco de veicular a trajetória profissional do seu usuário.

**Figura 16** – A sexta e última etapa de preenchimento do perfil faz link a outras redes sociais



Fonte: Grindr LLC, 2020

A disponibilidade de acesso a outras redes sociais é uma função mais rara em perfis, contudo quando apresentadas possibilitam uma ampliação de contato e de avaliação da vida daquele usuário em diferentes âmbitos. As redes sociais disponíveis agenciam formas distintas de apresentação de si. Ficam aparentes outros acoplamentos que valoram sujeitos, a partir da exibição de *lifestyles* (*Instagram e Facebook*), opiniões pessoais (*Twitter*), carreira profissional (*Linkedin*), gosto musical (*Spotify*)<sup>15</sup>, tornando-se fontes de uma avaliação ainda mais irrestrita.

Após imersão por esta dinâmica, quando finalmente finalizadas as etapas de edição do perfil, entre medidas, predefinições, tribos e estereotípias, o usuário efetiva um corpo para apresentação de si aos outros usuários. Conforme vimos, o processo de edição de si no Grindr produz um tipo de perfil com marcadores específicos ao seu público alvo de mercado, o nicho LGBTQ+, centralizadas no corpo. As perspectivas de subjetivação do Grindr, concentradas na corporificação, em função de sempre objetivar o sujeito, como na categoria de “*Identidade*”, aliada a outras categorias como “*Etnia*”, “*Tribos*”, “*Status de HIV*”, “*Posição*”, “*Idade*”, “*Porte físico*” e etc, me colocaram a pensar quão potentes são para discussões com viés ético-político. Desdobram encontros e embates entre múltiplas identidades e, até mesmo, perspectivas de dissoluções identitárias, podendo nos fazer refletir sobre as processualidades dos sujeitos. Como notório, desde o início da sua experiência de consumo (e, como veremos, de agenciamento do corpo como mercadoria), o usuário é interpelado a processos de individualização disciplinar, isto é, a se fixar uma identidade e aprender a jogar com ela de acordo com as possibilidades deste ambiente. Com suas promessas de facilitação, a experimentação do perfil me pareceu promover, desde a possibilidade de jogar com esses códigos, a certa banalização e esvaziamento da potência ética-política dos marcadores sociais de diferença. Nos processos de interação, hora ou outra, aquilo que se definiu sobre si é interpelado pelo outro, que também teve interpelada sua subjetividade. A partir da dinâmica arquitetada pelo Grindr, muitas vezes, o encontro é meramente avaliativo.

Além disso, podemos começar a conjecturar as possibilidades de totalização

---

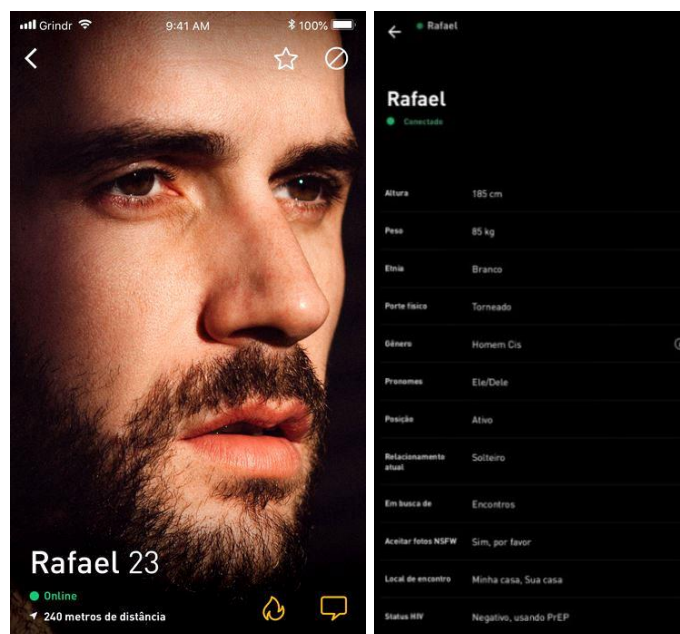
<sup>15</sup> Os dados divulgados dia 28 de dezembro de 2020 pelo *post* oficial “Grindr Unwrapped” indicou que as cinco músicas mais ouvidas no Spotify apresentadas em perfis de usuários no Grindr em 2020 eram: “*Rain On Me – Lady Gaga & Ariana Grande*”, “*Wap – Cardi B & Megan Thee Stallion*”, “*Dont Start Now – Dua Lipa*”, “*Bliding Lights – The Weeknd*”, “*7 rings – Ariana Grande*”. Segundo a mesma postagem “*inspirados pelo Spotify Wrapped anual do Spotify, que ocorre todo dezembro, [...] ele diz a muitos de nós aqui [...] a mesma coisa ano após ano: “seu gosto musical é... gay”*”.

biopolítica, configurada em processos de monitoramento dos corpos aos objetivos da empresa. No “conforto” de experiências de consumo (de consumir e ser consumido), tal como o Grindr se propõe ser, a sociabilidade que se efetiva ao seu nicho é antagônica. Não demora muito para que, nesta dinâmica das subjetividades privatizadas, o usuário sinta que também ali há uma escassez de perspectivas agregadoras, mesmo em meio àquela que, idealmente marcada pela diferença, seria “sua comunidade”. Para mim, o clima pesado do Grindr, que por vezes experimentei em seu uso, pulsa esse cálculo contínuo da nossa política de vida, entre totalização biopolítica e individualização disciplinar para condução de condutas, tal qual nos falava Michel Foucault.

## 2.1 PERFIL COMPLETO: CORPO EM AÇÃO

Como já mencionado, preenchidas as seis etapas de edição do perfil, a montagem do corpo é finalizada. A partir deste momento, o corpo é conduzido a outro modo de ação. Imediatamente o usuário passa a avaliar outros corpos e também se experimentar sendo avaliado por usuários. A imagem a seguir (Figura 17), que esteve disponível na loja oficial do Grindr em 2019, apresenta um perfil de usuário fictício.

**Figura 17** – “Rafael”, um exemplo de perfil disponibilizado pela loja oficial do Grindr



Fonte: Loja virtual do Grindr<sup>16</sup>

<sup>16</sup> Disponível em: <<https://apps.apple.com/br/app/grindr-conversa-gay/id319881193>>. Acesso em: 18 ago. 2019.

Como se pode perceber, no perfil podem ficar visíveis: fotos, nome (Rafael), idade (23 anos) e a mensuração da distância (240 metros); além disso, cada perfil possui um ícone de “*Tap*” (ícone em forma de “chama/fogo”), e um ícone que leva ao “*Bate-papo*” (ícone de “balão de texto”). Segundo o site oficial do *Grindr* os “*taps*”<sup>17</sup> são ícones que podem ser usados para quebrar o gelo. O usuário pode acioná-lo para mostrar interesse a outra pessoa sem ter que usar palavras para iniciar uma conversa. É um ícone de sinalização que pode ser optado no formato de “fogo”, “diabo” ou “biscoito”. O ícone de biscoito é utilizado apenas no Brasil, e se refere à gíria “dar biscoito”, ou dar *likes* a alguém que exhibe constantemente o corpo nas redes sociais (geralmente chamado de “biscoiteiro”). O *Grindr* disponibiliza ao usuário uma lista específica de *taps* recebidos. Além disso, segundo informações oficiais do aplicativo, no ano de 2020 foram acionados 7,85 bilhões de “*taps*” globalmente (*Grindr LLC*, 2020).

Em cada perfil também é possível visualizar o “*Status online/offline*”. Quando um usuário está *offline* o *Grindr* mensura o tempo que usuário esteve online (podendo aparecer em minutos, horas, dias ou semanas). Na parte superior do perfil há um ícone de estrela para salvar o perfil em uma lista pessoal de “*Favoritos*”<sup>18</sup> e também há um ícone de “*Bloqueio*” para restringir interações com este usuário específico. Para que se possa visualizar outras informações preenchidas basta que se deslize com dedo, e assim, aparecem outras marcações disponibilizados pelo usuário, conforme a imagem à direita, em que o usuário apresentou altura (1,85), peso (85 kg), etnia (branco), porte físico (torneado), posição (ativo), entre outras informações. Como se pode perceber, neste exemplo, o *Grindr* disponibiliza um modelo de perfil “padrão” em seus mais variados sentidos: desde os modos de estilização do perfil, ao modelo corporal escolhido. Mais recentemente, pude perceber que este tipo de homem tem sido definido em perfis por outros usuários pela gíria “padrãozinho”/“*boy* padrão”, embora o *Grindr* ainda não disponibilize uma tribo fixa para esta significação brasileira. Como veremos posteriormente, diante das diversas possibilidades de combinação, cada perfil é como se fosse uma “caixa de surpresas” em ação. Existem perfis com corpos semelhantes à Figura 17, mas muitos outros de forma bastante distinta. Apesar de perfis de usuários, no capítulo 4 coloco em questão o modo como circularam combinações de

---

<sup>17</sup> <https://help.grindr.com/hc/pt/articles/115008730267-O-que-s%C3%A3o-Taps-ou-essas-chamas-e-pequenos-dem%C3%B4nios-que-aparecem>- Acesso em: 17 de agosto de 2019.

<sup>18</sup> Segundo a postagem oficial do *Grindr*, chamada de *Grindr Unwrapped*, em 2020 mais de 584 milhões de usuários foram “favoritados” às listas pessoais no aplicativo.

marcações, isto é, como alguns destes corpos em ação se posicionavam durante minhas derivas de pesquisa.

## **2.2 JOGOS COM O ARMÁRIO NO *GRID*: ENTRE O “SIGILO” E O “SEM FOTO? SEM PAPO!”**

Como foi brevemente explicado anteriormente, após a criação do perfil, o usuário é direcionado a um espaço de interações simultâneas com outros perfis, que o Grindr denomina de *grid*<sup>19</sup>. Como se pode ver na Figura 18 a seguir, o *grid* é onde ficam concentrados todos os perfis de usuários, que mediante a tecnologia de geolocalização, são organizados por ordem de proximidade. Para interagir basta tocar nos perfis de interesse. Conforme a Figura 18, na parte superior desta grade de perfis, existe um espaço específico onde se localizam os “*Rostos novos*”, isto é, os perfis inscritos mais recentemente, sendo uma aba que se atualiza constantemente. O *grid* parece visar àquilo que o Grindr busca sempre dar ênfase em sua publicidade quanto ao seu ideal “comunitário” e “agregador”. Entretanto, o que se vê é a representação gráfica e arquitetônica de um local de encontro virtual, onde é “dada a largada” para as interações de corpos justapostos, “emulando” os corpos em diferentes negociações por visibilidade: totalização-individualização em simultâneo. Esta concentração de diferentes perfis, com ênfase nos encontros, e na valorização dos corpos e, principalmente dos rostos inteligíveis, instaura práticas peculiares: diferentes tensões quanto às esferas público/privado. Ocorrem embates quanto à necessidade de “*sigilo*” e o imperativo de exibição “*sem foto? sem papo!*”, desdobrando diferentes jogos com o armário.

---

<sup>19</sup> Mais raramente encontrei imagens em que o *grid* era nomeado como “Perto” conforme adiante na Figura 21;



**Figura 18** – O *grid* de perfis



Fonte: Loja virtual do Grindr.<sup>20</sup>

Assim, o *grid* configura-se como mais um espaço que, em sua própria arquitetura, põe à prova embates históricos quanto à sociabilidade que diz respeito às pessoas LGBTQ+, próximo ao que Eve Sedgwick (2007) buscou dizer quando abordou a “epistemologia do armário”. Para a autora, o “armário” funciona como uma estrutura definidora de opressão, que marcou o Ocidente no último século XX, e que funciona como “um dispositivo de regulação da vida de gays e lésbicas que concerne, também, aos heterossexuais e seus privilégios de visibilidade e hegemonia de valores” (2007, p. 19). Nestas regulações, mesmo pessoas heterossexuais precisam reiterar publicamente sua heterossexualidade o tempo todo.

Esse regime de opressão deu forma aos modos como valores e epistemologias foram concebidas na cultura moderna ocidental, produzindo práticas subjetivas nas quais se dão regras contraditórias, por meio de binarismos como privacidade/revelação, público/privado, conhecimento/ignorância, dentro/fora, sujeito/objeto. Para pessoas que se reconhecem como gays e lésbicas, por exemplo, esse conjunto de interdições conflitantes estabelece vetores para uma exposição simultaneamente compulsória e

---

<sup>20</sup> Disponível em: <<https://apps.apple.com/br/app/grindr-conversa-gay/id319881193>>. Acesso em: 19 ago. 2019.

proibida. Expressões comumente enunciadas como “sair do armário”, “se manter no armário”, “assumir-se” ou viver “em segredo” são constituintes, portanto, deste cenário politicamente carregado (SEDGWICK, 2007).

Neste sentido, para a mesma autora, embora a imagem do “se assumir” vise confrontar a imagem do “sigilo”, cada encontro com pessoas em novos espaços, constrói outros novos armários, isto é, novos “segredos abertos” mesmo àquelas pessoas assumidas. Não há uma saída definitiva. Há sempre o encontro com alguém importante, seja no nível pessoal, econômico ou institucional que instaura uma nova dinâmica. Independente as posições, em diferentes intensidades, este regime exige cálculos, táticas e esquemas para lidar com demandas para manter o segredo, ou prever o momento da exposição, planejar momento de revelação e mesmo formas para lidar com a interpelação. Outro exemplo é quando um filho revela aos pais sobre sua homossexualidade, e prontamente a família passa a estar em um novo armário, agora coletivo, isto é, em um novo “segredo aberto”. Para a autora o fenômeno do “segredo aberto” não desestabiliza os binarismos antes citados. E embora o armário e seus binarismos sejam comumente associados aos homens gays:

marcado pela especificidade histórica da definição homosocial/homossexual, particularmente, mas não exclusivamente, masculina [...] ao lado desses pares epistemologicamente carregados, e às vezes através deles, condensados nas figuras do “armário” e do “assumir-se”, essa crise específica de definição marcou por sua vez outros pares tão básicos para a organização cultural moderna, como masculino/feminino, maioria/minoria, [...] natural/artificial, novo/velho, crescimento/decadência, urbano/provinciano, saúde/doença, mesmo/diferente, cognição/paranóia, {etc}”. (SEDGWICK, 2007, p. 28 - 29).

Como poderemos ver estes pares aparecem frequentemente em perfis. Buscando aproximação, podemos pensar que, no Grindr, é como se cada perfil, com seus diferentes marcadores sociais, concebesse a reiteração de um armário. Em diferentes intensidades, dependendo as fotos, informações, localização e predefinições veiculadas, o armário pode se compor com suas “portas mais abertas ou mais fechadas”. O *grid* é justamente um dispositivo de regulação que instaura jogos constantes com o armário, o transformando em um espaço que põe circular diferentes estratégias de negociação. O Grindr, com a narrativa de comunidade agregadora, que previne o “perigo das ruas”, permite viver o “segredo”, mas consecutivamente convida que se abram as portas do armário, incitando que os próprios usuários compulsivamente

convoquem o outro a se mostrar. Tanto a Figura 17 como a Figura 18, apresentando faces orgulhosas de si, são ideais publicitários e institucionais de perfil e *grid*. Conforme veremos no capítulo 4, este cenário se dá com outras apropriações variadas. Como já dito, além de serem frequentes os usuários que buscam “total sigilo”, que, nos processos de edição do perfil, constituem seus corpos “dentro” de “armários” de portas bem enclausuradas, há perfis que veiculam enunciações e imagens que assumem o máximo que podem de si, orgulhosamente abertos, talvez mais próximos de um armário de vidro, ou mesmo vitrine; como já dito, muitos destes perfis avisam: “sem foto, sem papo”; aqueles que não são assumidos podem ser considerados heteronormativos, mal resolvidos, psicologicamente instáveis, e até loucos. A contrapartida, aos assumidos, também.

Nestas diferentes negociações, há aqueles que toleram, e mesmo preferem, usuários que se experimentam entre sigilo e exibição. Por vezes a discricção alia-se a outros fatores, operando outra lógica seletiva do “segredo aberto”. Neste sentido, para a troca de imagens e informações privadas, é o bate-papo que colabora para o Grindr se firmar como lugar interativo-privatizante. A seguir, a Figura 19 indica de que modo usuários podem estabelecer interações privadas pela via do bate-papo (ou “*Inbox*”). Ao clicar na caixa de bate-papo de outro usuário é possível estabelecer diálogos, compartilhar fotos (de rosto e *nudes*), enviar *emojis/figurinha*. Conforme a postagem oficial intitulada “*Grindr Unwrapped*” de 2020, os cinco *emojis/figurinhas* mais utilizadas em perfis foram: “berinjela” (figura que faz referência ao pênis, e especificamente às pessoas com pênis considerado avantajado), “olhos” (fazendo referência à ação de observar ou de surpresa), “diabo” (geralmente utilizado para demonstrar intenções sexuais), “fogo” ou “chama” (indica clima quente e de excitação) e “gotas” (refere-se ao ato de ejacular); somente este pequeno conjunto de informações divulgadas quanto ao uso de *figurinhas* indica a dimensão e a infinidade de dados sob posse do Grindr coletados neste espaço específico. Além disso, no bate-papo é possível enviar a localização exata, trocar áudios e criar grupos com outros usuários e usuárias. O modo como se constitui a comunicação, a escolha das frases, das imagens veiculadas, as possibilidades de avaliar via áudio o tipo/timbre de voz, amplificam as chances de encontro ou incompatibilidade de interesses.

**Figura 19** – O bate-papo privado, e na parte inferior uma barra de ferramentas do bate-papo



Fonte: Loja virtual do Grindr<sup>21</sup>

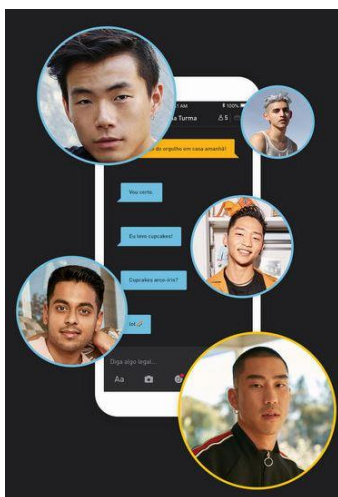
Além disso, as versões pagas do Grindr, que serão explicadas à frente, contam ainda com um ícone no bate-papo que armazena “*Frases automáticas*” para agilizar interações. Estas versões pagas também permitem realizar “*Vídeo-chamadas*” e “*Enviar fotos que expiram*”, isto é, imagens que se apagam depois de 10 segundos, isto é, justamente a perspectiva de se mostrar momentaneamente sem que fique algum registro. Cabe destacar que as versões pagas do Grindr não permitem *printscreens* (salvamento) das fotos que expiram; já a versão grátis permite que sejam realizados *printscreens* de qualquer foto compartilhada no bate-papo privado. Esta circunstância me indicou como a questão da segurança quanto à privacidade diverge de acordo com as possibilidades de pagamento de cada usuário. Quem paga mensalidades tem as portas do armário mais seguras. Aliás, quanto à possibilidade de acionar *printscreens* de perfis, me fez refletir que, de algum modo, todo usuário no Grindr está em um armário de vidro, pulsando um segredo aberto.

Sobre as possibilidades de encontros virtuais, na caixa de bate-papo também há uma ferramenta para criar conversas em “*Grupo*”, conforme a Figura 20. Em junho de 2020, diante da pandemia do covid-19 oportunamente o Grindr criou grupos fixos, que poderiam ser acessados por pessoas de todo o Brasil, de acordo com as áreas de interesse propostas. Os grupos eram: “*Fique em casa*”, “*Conselhos amorosos*”, “*Divas*

<sup>21</sup> Disponível em: <<https://apps.apple.com/br/app/grindr-conversa-gay/id319881193>>. Acesso em: 19 ago. 2019.

do pop”, “Fotos queer”, “Se exercite em grupo”. Pude perceber que, além dos clichês escolhidos pelo Grindr, geralmente as “aglomerações” virtuais eram apropriadas para compartilhamento de *nudes*. Em setembro de 2020 estes grupos tematizados pelo Grindr deixaram de ser disponibilizados. Durante a trajetória de pesquisa também percebi que a função de “Grupo” se acopla e reconfigura algumas possibilidades de sexo em espaços públicos, o estadunidense “*cruising*”, ou o “banheirão” brasileiro. Pude observar a criação de perfis que direcionavam a grupos fechados no Grindr com o objetivo de encontros sexuais em parques da cidade de Porto Alegre, criando uma dinâmica de maior previsibilidade nos encontros, que geralmente são marcados por incertezas.

**Figura 20** – Exemplo publicitário do Grindr, em que homens majoritariamente asiáticos utilizam a ferramenta “Conversas em Grupo”, na caixa de bate-papo



Fonte: Loja virtual do Grindr<sup>22</sup>

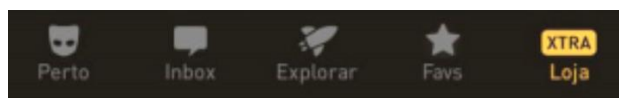
A maioria destas ações mais diretas até aqui explicadas podem ser acionadas por uma aba principal. Conforme na Figura 21<sup>23</sup>, na página principal de perfis, isto é, no *grid* (na figura o *grid* é chamado de “*Perto*”), além da “*Caixa de Bate-papo*” principal (o “*Inbox*”), da lista de perfis “*Favoritos*” (“*Favs*”) e da “*Loja*” (*XTRA*), também há disponível o ícone para acessar a ferramenta “*Explorar*” (terceiro ícone, que é um foguete), e que serve para busca de perfis em qualquer localidade, bastando inserir o

<sup>22</sup> Disponível em: <<https://apps.apple.com/br/app/grindr-conversa-gay/id319881193>>. Acesso em: 19 ago. 2019.

<sup>23</sup> Esta foi a única imagem em que encontrei o *grid* nomeado como “*Perto*”. Optei por apresentá-lo no texto, para deixá-lo mais elucidativo, lidando com a realidade do Grindr realizar atualizações há todo instante em seu design.

endereço.

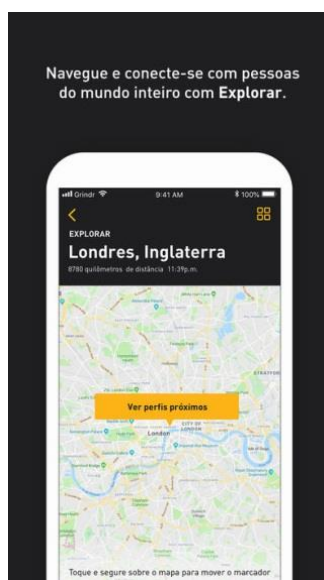
**Figura 21** – Ferramentas principais no *grid*



Fonte: Loja virtual do Grindr<sup>24</sup>

A Figura 22 exemplifica o uso específico da ferramenta. A partir do endereço escrito, abre-se um novo *grid* com perfis especificamente localizados no entorno do endereço solicitado (rua, bairro, estado e país).

**Figura 22** – A função “Explorar”



Fonte: Loja virtual do Grindr<sup>25</sup>

Ao abrir o mapa, o usuário pode deslizar com o dedo e definir o ponto exato onde gostaria de localizar perfis. Esta ferramenta que possibilita uma gama de ações e práticas, busca concretizar a premissa do Grindr de que cada perfil é um corpo geolocalizável em tempo real. Embora ela possa ser usada em qualquer versão do Grindr, apenas as versões pagas, *Grindr XTRA* e *Grindr Unlimited*, permitem que o usuário faça o salvamento de perfis buscados, diferente da versão gratuita, que permite salvar apenas quem está no entorno.

<sup>24</sup> Disponível em: <<https://apps.apple.com/br/app/grindr-conversa-gay/id319881193>>. Acesso em: 22 ago. 2019.

<sup>25</sup> Disponível em: <<https://apps.apple.com/br/app/grindr-conversa-gay/id319881193>>. Acesso em: 18 ago. 2019.

O Grindr divulga que a principal função da ferramenta “*Explorar*” é permitir a navegação e a conexão com pessoas do mundo inteiro. Isto é, a geolocalização permite que o Grindr divulgue-se como um radar global para que usuários “descubram” pessoas em muitas localidades. Está implícita na sua perspectiva de consumo que os corpos de outros lugares, “corpos internacionais”/“corpos importados”, podem ser “melhores”? De todo modo, a geolocalização permite também que a empresa monitore e saiba, por exemplo, quais são os países com maior número de usuários (isto é, Estados Unidos, Brasil, México, Índia, Reino Unido); as cidades com maior atividade *online* (Washington D.C, Paris, Bogotá, Santiago, Houston); e os países que mais entram e hospedam outros usuários (Kuwait, Tailândia, Portugal, Estados Unidos). Além disso, este tipo de tecnologia permite dizer que os usuários ficam mais conectados ao Grindr no domingo à noite. Nesta (aberta e, ao mesmo tempo, lacunosa) exibição estatística do Grindr, temos mais uma vez o exemplo da posse infinita de dados que vão desde as ações mais individuais, a grupos específicos, e mesmo características de circulação em diferentes territórios.

Na língua portuguesa a palavra (da ferramenta) “explorar” tem sinônimos vários, que vão desde o “percorrer”, o “descobrir”, ao “investigar”, e outras conotações mais negativas. Sendo assim, as apropriações de função desta ferramenta por parte dos usuários são múltiplas: pode ser utilizada para observar corpos de determinado localidade; descobrir uma concentração de pessoas ou grupo em determinados locais e horários; ou investigar se alguém de um endereço específico tem perfil, possibilitando monitorar os horários em que a pessoa fica *online/offline*. Neste sentido, também se efetivaram outros usos peculiares. Na web há exemplos de tutoriais<sup>26</sup> que ensinam o usuário a “ativar GPS falso no Grindr”, permitindo descontinuar ou ocultar o compartilhamento do local em que o usuário está. Este tipo de “hacking” indica o ímpeto por parte dos usuários de verem mais perfis de outras localidades, obterem mais visualizações em seus perfis, e principalmente, a necessidade de um falseamento que manifesta a existência daqueles usuários que se incomodam com a coleta de dados sensíveis, como localização exata. Pequeno exemplo de que, ocasionalmente, a geolocalização instaura uma sensação de monitoramento, de incerteza quanto à privacidade e de certa ameaça à segurança. Mas não para a maioria, já que os números

---

<sup>26</sup><https://www.fonezie.com/pt/grindr-fake-gps.html#:~:text=Habilitando%20o%20GPS%20falso%20da%20Grindr%20em%20um%20computador,-Voc%C3%AA%20pode%20executar&text=Esses%20aplicativos%20ajudam%20a%20executar.para%20falsificar%20a%20localiza%C3%A7%C3%A3o%20tamb%C3%A9m. Acesso em 12/10/2020;>

de usuários e transição de dados parecem seguir aumentando. Neste sentido, torna-se difícil dimensionar possibilidades de controle efetivo que usuários terão quanto às suas informações pessoais no futuro, enquanto todo tipo de ação de nosso cotidiano hoje se converte a dados para as empresas. Quanto ao Grindr, serão necessários outros estudos mais específicos quanto à característica de geolocalização e seus possíveis efeitos sociais. Todavia, a seguir, veremos que, no Grindr, as diferentes possibilidades tecnológicas deste corpo editável e geolocalizável estão diretamente atreladas às possibilidades de pagamento: neste sentido o significado linguístico da palavra “explorar” pode até ser tomado por outros sentidos menos positivos.

### 2.3 CORPOS COM DIFERENTES FERRAMENTAS: GRINDR GRÁTIS, GRINDR XTRA, GRINDR UNLIMITED

As experimentações do corpo no Grindr são engendradas também a partir das diferentes possibilidades de pagamento, que, por conseguinte, amplificam as funções do aplicativo. Neste subcapítulo explicarei as três versões disponíveis do Grindr: o *Grindr grátis*, o *Grindr XTRA* e o *Grindr Unlimited*.

Figura 23 – Logotipos do Grindr



Fonte: Loja virtual do Grindr<sup>27</sup>

Quando conheci o Grindr, habitualmente, ouvia que ele era um facilitador de encontros sexuais, sendo um aplicativo de fácil usabilidade. Geralmente essas descrições também exaltavam o Grindr como um aplicativo *grátis*. Assim como outras redes sociais, impensadamente as pessoas me diziam que seu *download* apresentava “custo zero”, não havendo uma exigência obrigatória de mensalidade para seu uso. De fato, os planos pagos são opcionais. Neste caminhar da pesquisa, percebi que nesta apreensão comum, as pessoas não calculavam a necessidade de um *smartphone* para o seu uso, os custos com internet, o tempo disponível para utilização, entre outros gastos

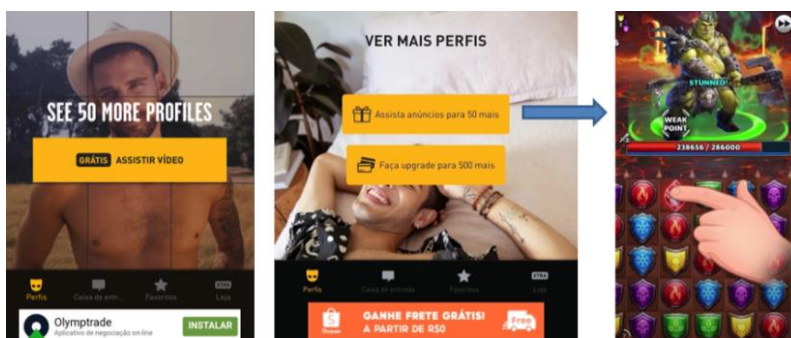
<sup>27</sup> Disponível em: <<https://apps.apple.com/br/app/grindr-conversa-gay/id319881193>>. Acesso em: 22 jan. 2020.



envolvidos. Percebi ainda que estava diante de uma das efetivações publicitárias mais primárias do Grindr, isto é, se anunciar como uma rede “despojada” para quem quer alguma diversão sem complicações. Posteriormente, quando passei a fazer uso das versões *premium*, ficou mais evidente para mim que o Grindr grátis, além de um coletor de dados sensíveis, é uma versão demonstrativa com função de incitar a captura de usuários pagantes.

A versão do Grindr grátis possibilita uma interface que acessa 99 perfis *online* e *offline* do entorno do usuário. Durante seu uso diferentes anúncios publicitários de outros produtos, serviços e aplicativos se abrem de forma automática, além de estimular também a adesão ao *Grindr XTRA* e *Grindr Unlimited*, que são planos pagos, e sempre destacam vantagens de baixos custos, preços acessíveis e parceláveis. Alguns destes anúncios publicitários são voltados a *games* e outros aplicativos, fazendo com que o usuário seja obrigado a jogar ou assistir um anúncio completo (isto é, pague com seu tempo de visualização) e que, como “bônus”, permitem visualizar mais novos 50 perfis do entorno, conforme apresentado na Figura 24. As breves experimentações como: o “maior acesso a diferentes perfis”, o “teste grátis por 7 dias das ferramentas *premium*” e o “envio de 3 fotos que expiram depois de 10 segundos”, é que vão incitando o usuário do Grindr grátis a aderir e se tornar um cliente dos planos pagos.

**Figura 24** – Acesso a mais 50 perfis somente após o usuário assistir anuncio publicitário



Fonte: Grindr LLC, 2020<sup>28</sup>

A maioria das ferramentas que facilitam o uso do Grindr nas versões pagas são impossibilitadas na versão gratuita, como por exemplo, o uso dos “*Filtros*” e o “*Salvamento de perfis*” buscados na ferramenta “*Explorar*”. Comparativamente, na sua gama de possibilidades, o Grindr grátis é limitado para aqueles usuários que desejam interações mais amplificadas, ou mesmo, seletivas. Nas versões *premium* as vantagens de “caça” são mais cômodas, criando rastreamento e/ou filtragem com maior alcance de

<sup>28</sup> *Printscreen* do autor de imagens publicitárias que aparecem durante o uso do aplicativo.

todos aqueles usuários que estiverem *online* e *offline* no seu entorno; estes rastreamentos, inclusive, podem ser feito no aconchego de casa, ou de qualquer lugar; já na versão grátis, para que o *grid* rastreie uma variedade de pessoas é preciso circular por diferentes espaços, especialmente em ambientes mais movimentados, podendo assim atualizar de forma mais dinâmica os 99 perfis específicos do entorno. Além disso, entre estes 99 perfis acessados, geralmente, pelo menos a metade deles são de usuários que se encontram *offline*, estabelecendo um ritmo de interações mais lentas e menos seletivas. Neste sentido, o Grindr grátis incita que o corpo inteiro do usuário precise se movimentar mais para criar variações; de modo diferente, nas versões pagas, com um toque do dedo, um rastreamento mais completo, de pessoas online em tempo real, se efetiva. Já o que define a versão mais vantajosa do Grindr fica a critério dos interesses e possibilidades concretas de cada usuário.

**Figura 25** – Anúncios publicitários oferecendo as vantagens do *Grindr XTRA*



Fonte: Loja virtual do Grindr<sup>29</sup>

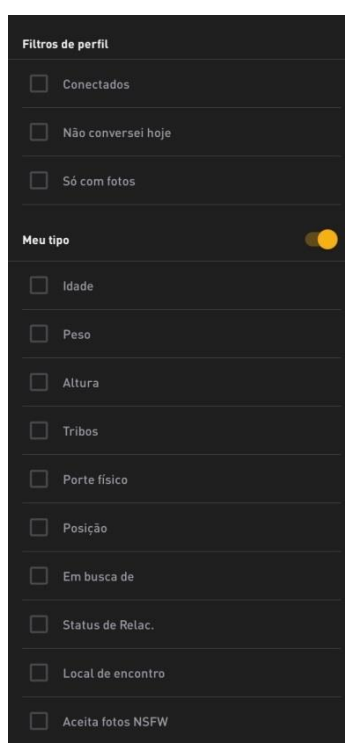
A versão paga, intermediária, é o *Grindr XTRA*. No Brasil esta versão se dá pela adesão de pacotes de “teste grátis por sete dias”, “1 mês, R\$ 42,99”, de “3 meses, R\$ 30,99 por mês”, “6 meses, R\$ 22,99 por mês” e “1 ano, R\$ 16,99 por mês”. O *Grindr XTRA*, como indica a Figura 25, busca oferecer um produto com qualidade superior, trazendo ferramentas extras, que possibilitam visualização de seis vezes mais perfis (600 de uma vez), possibilidade de “Salvar perfis favoritos de forma ilimitada”, acesso a todos os “Filtros Premium”, visualização do “Horário de leitura de respostas” na caixa de bate-papo, conversas facilitadas por “Frases previamente salvas e automáticas”, possibilidade de enviar várias fotos simultaneamente (na versão grátis o

<sup>29</sup> Disponível em: <<https://apps.apple.com/br/app/grindr-conversa-gay/id319881193>>. Acesso em: 15 jan. 2020.

usuário deve enviar uma por vez). O *Grindr XTRA* não possui anúncios publicitários de outros produtos, apenas pequenos avisos de atualização do próprio *Grindr*.

Os “*Filtros Premium*” se caracterizam em dois subgrupos: “*Filtros de perfil*” e “*Filtros Meu tipo*”, conforme a Figura 26. Os “*Filtros de perfil*” filtram: apenas os “*conectados*”, os usuários que “*não conversei hoje*”, usuários “*só com fotos*”, usuários que tem “*foto de cara apenas*”; já os “*Filtros meu tipo*” são: “*idade*”, “*peso*”, “*altura*”, “*tribos*”, “*porte físico*”, “*posição*”, “*em busca de*”, “*status de relacionamento*”, “*local de encontro*”, e se aceita “*fotos NSFW*”.

**Figura 26** – Filtros premium presentes nas versões *Grindr Xtra* e *Grindr Unlimited*.



Fonte: Grindr LLC, 2020<sup>30</sup>

Atualmente os filtros não fazem buscas por orientação sexual ou gênero, além disso, em 2020 deixaram de existir os filtros étnico-raciais, justamente pelas frequentes denúncias quanto a formas de preconceito e violência racial e de gênero, que circulam no ambiente do aplicativo. Neste sentido, as tribos prosseguem implicitamente viabilizando filtragens a partir de estereótipos de gênero, sexualidade, raça, etnia, idade, etc.

Conforme vimos, a edição de perfis mostrou que o Grindr possibilita uma

---

<sup>30</sup> *Printscreen* do autor de imagens publicitárias durante o uso do aplicativo.

produção massiva de tipificações de corpos. São combinações de formatação de corpo que formam modelos dos mais variados. A partir destas predefinições, os filtros funcionam como uma aparelhagem para separar corpos de maneira rápida e fácil. Servem para deixar alguns corpos visíveis e invisibilizar aqueles corpos considerados indesejáveis. Nestas equações, o usuário experimenta outros cálculos: avalia a si mesmo e o outro, calculando como e que tipo de informação pode potencializar o número de visitantes no perfil. Não seria, justamente, este tipo de ferramenta que reitera a lógica de classificação e hierarquização dos corpos? Este aparato não seria um exemplo dos atuais mecanismos que viabilizam naturalização de determinados lugares sociais e posições dos sujeitos em grupos no contemporâneo? Ao menos durante a minha experimentação, as filtragens me pareceram incitar ainda mais uma frequente sentença, que vi se repetindo, visando resguardar o desejo com uma noção de liberdade individual: “não curto, questão de gosto”.

A versão *Grindr XTRA* também possibilita o uso de outra ferramenta controversa, que é o “Ícone sigiloso”. Ela é utilizada para camuflar o logotipo original do *Grindr*, que é amarelo, marcante e de fácil identificação no *smartphone*, podendo transforma-lo em um ícone de calculadora, máquina fotográfica, aplicativo de música, lista de tarefas ou bloco de notas, conforme a Figura 27.

Figura 27 – Algumas opções disponibilizadas pela função “Ícone sigiloso”.



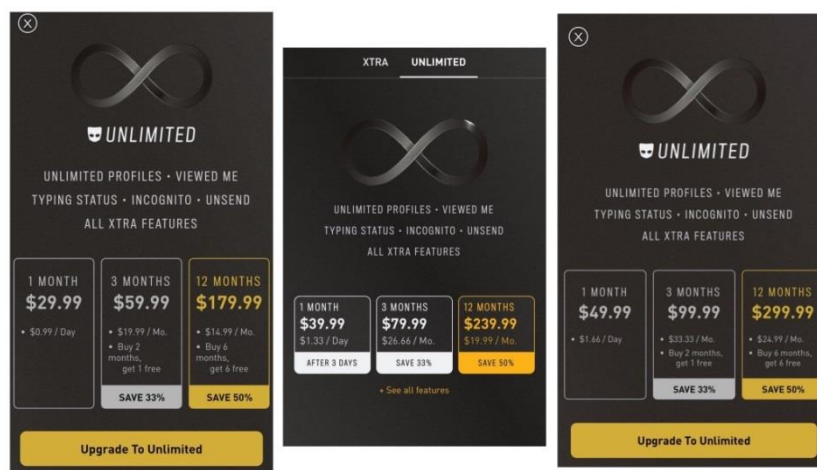
Fonte: Grindr LLC, 2020<sup>31</sup>

Em sua publicidade o Grindr não explicita a função do “ícone sigiloso”. Passei a vislumbrar algumas de suas possibilidades e funções mais específicas, como por exemplo: seria direcionado àqueles usuários não assumidos, reiterando mais uma vez o “armário” para circular com *smartphone* em diversos espaços frequentados; para

<sup>31</sup> Disponível em: <https://help.grindr.com/hc/pt/articles/360016894174-%C3%8Dcone-Discreto-do-App-DAI-> Acesso em: 16 dez. 2020

aqueles usuários que tem parceiros/parceiras em relações monogâmicas e querem evitar serem flagrados quanto à infidelidade potencial de uso do Grindr; àqueles usuários que, diante de familiares, amigos, colegas de trabalho e em espaços públicos, embora assumidos, vivem o “segredo aberto” de estarem em um aplicativo com forte apelo à sexualidade como o Grindr; e até mesmo uma função de segurança, caso o *smarthphone* seja roubado, como pequena garantia de dificultar a identificação de um aplicativo que potencialmente possui dados sensíveis e privados ali à mão, disponíveis. De todo modo, eis mais uma ferramenta que busca abarcar usuários diversificados, propondo diferentes intensidades quanto às esferas público/privado. O Grindr oferece múltiplas ferramentas continuamente viabilizando uma paradoxal sociabilidade privatizada/privatizante.

**Figura 28** – Anúncios publicitários em diferentes períodos de 2019 e 2020 apresentam variação de valores do *Grindr Unlimited*

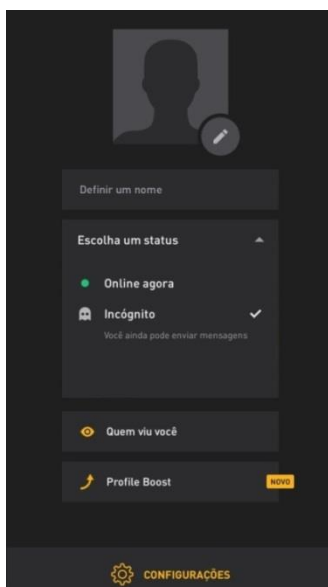


Fonte: Grindr LLC, 2020<sup>32</sup>

Durante a pesquisa, em agosto de 2019 surgiu o *Grindr Unlimited*, extensão do *Grindr XTRA*, com as mesmas funções, mas divulgando vantagens exclusivas, novas ferramentas e recursos. No Brasil, os pacotes de adesão são: “1 mês R\$ 69,99”, “3 meses, R\$ 149,99” e “12 meses, R\$ 402,99”. Esta versão permite ao usuário ver perfis de forma ilimitada; acesso a “*Quem viu você*”, que é uma lista de visitantes do perfil pessoal com horário; além de indicar um “*Status de digitação*”, permitindo saber quando outros usuários estão digitando no momento exato. Também possibilita o “*Cancelamento de envio de fotos*”, “*Envio de fotos que expiram*” depois de dez segundos, e interação por “*Chamadas de vídeo*”.

<sup>32</sup> *Printscreen* do autor de imagens publicitárias durante o uso do aplicativo.

**Figura 29** – A função “*Incógnito*”



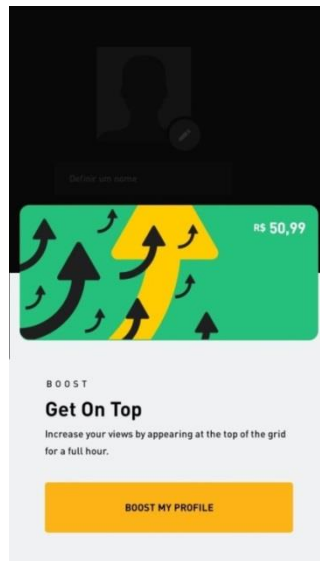
Fonte: Grindr LLC, 2020<sup>33</sup>

Além destas ferramentas, conforme a Figura 29, esta versão conta com o uso do recurso “*Incógnito*”, em que o usuário pode navegar de forma invisível na grade de perfis por tempo ilimitado, permitindo que outros perfis possam ser visualizados sem que o usuário seja identificado na lista de visitantes. O ícone da versão *Grindr Unlimited* usa um logotipo cinza e preto, definindo uma distinção e estabelecendo um formato *premium* em relação às suas outras versões. O logo acompanhado pelo símbolo do infinito indica uma ideia de amplificação, de que o usuário possa experimentar “possibilidades ilimitadas”, principalmente pela função de geolocalização do *grid*, que não cria barreiras de distância. Como já mencionado, suas ferramentas são fundamentalmente focadas em permitir um nível ainda maior de monitoramento dos outros usuários, apresentando horários, visualização do momento exato de digitação de mensagens, possibilidade de ver perfis de modo invisível, lista de visitantes, etc.

---

<sup>33</sup> *Printscreen* do autor de imagens publicitárias durante o uso do aplicativo.

**Figura 30** – A função paga “Boost”



Fonte: Grindr LLC, 2020<sup>34</sup>

Assim como os pacotes voltados aos clientes dispostos a pagar por ferramentas que amplifiquem a qualidade do seu consumo, o Grindr oferece também a compra do “Profile Boost”. Conforme Figura 30, visando aumentar a popularidade do usuário no Grindr, esta ferramenta paga serve para impulsionar a divulgação do perfil por uma hora a mais no barra de perfis novos do *grid*, por mais R\$ 50,99. Todas estas ferramentas e funções que compõem uma arquitetura própria falam de uma racionalidade que pretendo problematizar a seguir, onde abordarei seu *lifestyle* e alguns de seus desdobramentos históricos.

<sup>34</sup> *Printscreen* do autor de imagens publicitárias durante o uso do aplicativo.



### 3. DO LIFESTYLE “ZERO FEET AWAY” AO LIFESTYLE “UNLIMITED”: RACIONALIDADE BIOPOLÍTICA NEOLIBERAL DO GRINDR

O principal slogan do Grindr é “*zero feet away*” (“a zero passos de distância”). Ele anuncia, justamente, uma das características fundamentais do Grindr ao utilizar a ferramenta de geolocalização de aparelhos (*smartphones Android e iPhone iOS*) para conectar os usuários. Desde seu início, em 2009, o *Grindr* se propunha a criar “[...] um estilo de vida, uma nova experiência para encontrar pessoas. Nossa missão é materializar *offline* a pessoa com quem você ainda há pouco estava conversando” (Grindr LLC, apud Padilha, 2015, p.75). Como visa anunciar, esta tecnologia permite que o usuário tenha acesso a perfis próximos do seu entorno, organizados pela mensuração das distâncias em metros e quilômetros. A partir da visualização destes perfis, ou mais precisamente, dos corpos, torna-se possível estabelecer interações simultâneas no bate-papo privado. Neste bate-papo é possível enviar localização do lugar exato de onde se está situado via *Google Maps*.

**Figura 31** – Contraste entre antigos bate-papos utilizados em computadores *desktop* e o aplicativo Grindr em *smartphones*



Fonte: Instagram oficial do Grindr no Brasil, 2019<sup>35</sup>

<sup>35</sup> Disponível em: [https://www.instagram.com/grindr\\_bra/?hl=pt-br](https://www.instagram.com/grindr_bra/?hl=pt-br)> Acesso em: 04 jun. 2020.



Como a Figura 31 sugere, a empresa que gerencia o Grindr tem noção que colaborou com transformações em práticas de sociabilidade. Há pelo menos uma década, os aplicativos geolocalizados passaram a traçar mudanças nas formas de facilitar encontros. Segundo Miskolci (2017) até o final dos anos dois mil os chats e sites de encontros ainda eram geralmente utilizados em desktops e notebooks marcados por menores níveis de mobilidade, por interações menos ágeis e seletividade mais lenta. Desde 2009 aplicativos geolocalizáveis em *smartphones* intensificam a sociabilidade globalizada, continuamente conectada e monitorável. Nesta perspectiva, o Grindr não se restringe a um bate papo, é uma rede social com múltiplas funções.

Articulada à geolocalização, a veiculação de imagens do corpo foi um aspecto fundamental para a efetivação mercadológica do Grindr. Além disso, as funcionalidades do *Grindr* são praticamente intuitivas e se dão durante o uso na própria interface. Esta característica se reflete desde sua criação, ao que seu criador, Joel Simkhai, propôs que o Grindr fosse “uma experiência muito, muito visual. Não acredito muito em palavras”<sup>36</sup>. Segundo Miskolci (2017) durante o final dos anos noventa, com a popularização da web 1.0, *chats* e bate-papos fizeram massivo sucesso, mas depois da primeira década foram gradativamente sendo esvaziados, marcados pela sua ausência de imagens, exigindo improvisos diversos de seus usuários para viabilizar encontros. As interações ainda se davam quase exclusivamente por meio da textualização, descrições de si tendenciosas e nem sempre comprometidas com a veracidade, trazendo à tona desapontamentos após os encontros. Com o advento da web 2.0, sites de relacionamento que surgiram após os anos dois mil (como o *Badoo* e o *Manhunt*) contavam com filtros de busca e seleção mais rudimentares e já contavam com o uso de fotografias das câmeras digitais, trazendo certo progresso na veiculação de instantâneos. Simultaneamente, com a comercialização de aparelhos celulares com câmeras acopladas e com a tecnologia do *bluetooth* as trocas de imagens em espaços públicos também passaram a se naturalizar. Com a inserção da internet em todas as esferas da rotina, da difusão de *smartphones*, o uso dos aplicativos impactou a vida dos sujeitos. (MISKOLCI, 2017).

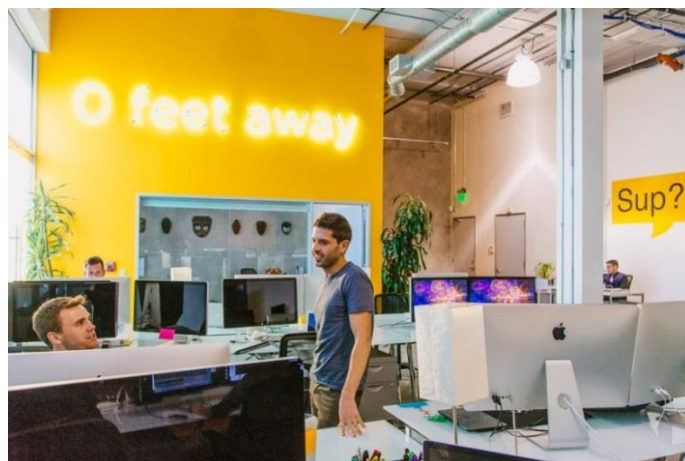
Em 2009 Joel Simkhai parecia saber, desde o começo, que as imagens do corpo seriam importantes para estimular o crescimento do Grindr, e que como consequência algumas composições corporais despertariam maiores possibilidades de encontros. “Não

---

<sup>36</sup><https://www.nytimes.com/2014/12/14/fashion/the-sex-education-of-grindr-joel-simkhai.html> - Acessos em: 13 de julho de 2020.

estou dizendo que a beleza interior não é importante, mas o visual leva ao impulso de desejar e ser desejado”<sup>37</sup>, explicou ele sobre sua experiência pessoal no aplicativo, em reportagem ao NY Times em 2014. Joel relatou que após quatro anos sendo usuário do Grindr passou a sentir a necessidade de ir à academia, a prestar atenção em seu corpo ao postar fotos sem camiseta no aplicativo. “As pessoas me criticam como se eu fosse alguém superficial, mas não fui eu quem inventou isso na natureza humana. O que o Grindr faz é intensificar este jogo”. Esta intensificação corporal, justificada a partir desta compreensão de Joel, fica bastante evidente durante um rápido olhar pela plataforma, enquanto se vai deslizando o dedo e os olhos por vários dorsos e rostos de perfis dos usuários.

**Figura 32** – Ao centro, o inventor do Grindr, Joel Simkhai em Los Angeles, na sede do Grindr com o logo “zero feet away” reluzindo na parede, em 2014



Fonte: The New York Times, 2014<sup>38</sup>

Entretanto, para Simkhai, o ímpeto de criar o Grindr também estava marcado pelas adversidades de ritmo para encontrar parceiros: “penso muito como acelerar o processo, é por isso que a imagem e o visual são super importantes”, traçando uma mentalidade geral do serviço e uma imposição de ritmo de “produtividade” no âmbito dos encontros. Esta concepção, e mesmo a análise do uso próprio, fez com que o empresário buscasse reunir facilidades que buscavam efetivar adesão intensa na rotina do usuário: “é um hábito, [...] eu estou no aplicativo dez vezes por dia procurando

<sup>37</sup> <https://www.nytimes.com/2014/12/14/fashion/the-sex-education-of-grindr-joel-simkhai.html> - Acessos em: 13 de julho de 2020.

<sup>38</sup> Disponível em: <https://www.nytimes.com/2014/12/14/fashion/the-sex-education-of-grindr-joel-simkhai.html> - Acesso em: 13 jul.2020.

alguém, porque você nunca sabe quando poderá ter aquele encontro mágico e transformador”, revelando abrir o aplicativo de hora em hora, durante viagens, reuniões, restaurantes. Esta narrativa neoliberal de “não perder oportunidades vantajosas”, reiterada por Simkhai permitiu que ele dissesse que o mesmo ciclo de consumo ocorria com usuários, conectados de hora em hora, em todo lugar. Portanto, para seu criador, a experiência no *lifestyle* do Grindr deveria ser olhado, não como um mero consumo, mas pela perspectiva de experiência capaz de modificar a vida do indivíduo. Declaração que evidencia nossa subjetivação contemporânea, de uma vida para o consumo em que cada um é capital de si mesmo.

Ao final dos anos dois mil, a ascensão de redes sociais geolocalizáveis em formatos semelhantes como o Grindr, como, por exemplo, o site de encontros *Manhunt*, ou os aplicativos como o *Hornet* e mesmo o *Tinder*, se propunham a públicos diferentes, mas prosseguiram se multiplicando por fatores comuns. A facilidade da geolocalização e de vasta transação de imagens do corpo sanava expectativas de seus clientes, ao mesmo tempo, criava novas expectativas. Todavia uma necessidade pulsante não passara despercebida por aplicativos que miravam a diversidade sexual: a sociabilidade entre homens que buscam outros homens, e mesmo de outras subjetividades dissidentes de normas de gênero e sexualidade, prosseguia vivenciada sob silêncio e invisibilidade. Por isso, rapidamente tecnologias como o Grindr passaram a ser aderidas por estes públicos como mais uma das estratégias para viabilizar encontros. Neste sentido, o logotipo do Grindr também já deixava pistas a respeito do seu público inicial. Como demonstrado na imagem anterior, a parede da sala de Joel Simkhai, até 2014, era decorada com várias máscaras. O logotipo do Grindr faz referência a este acessório, como uma metáfora às práticas que alguns homens se camuflam para viver experiências afetivas e sexuais em sigilo com outros homens<sup>39</sup>. A discrição, ou mais especificamente, a possibilidade de privacidade, proposta inicial do Grindr, fez com que logo ele se tornasse um produto rapidamente aderido.

Além deste fator, as condições de possibilidade para que o aplicativo Grindr surgisse foram múltiplas. Criado nos Estados Unidos, em 25 de março de 2009 com US\$ 2000,00<sup>40</sup> por Joel Simkhain, logo no ano seguinte o Grindr contava com 700 mil usuários. Segundo Miskolci (2017), seu inventor desenvolveu o aplicativo como

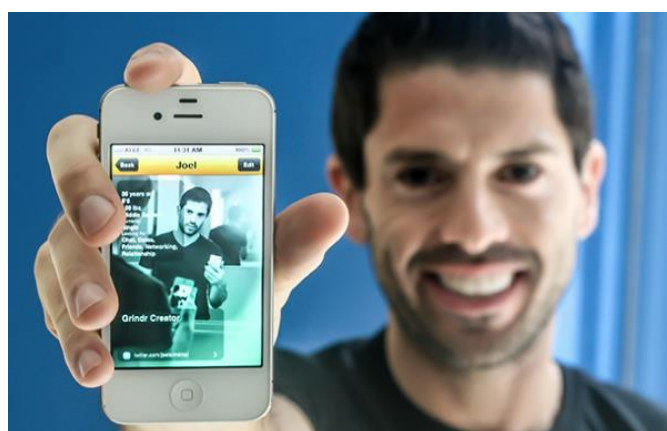
---

<sup>39</sup><https://www.nytimes.com/2014/12/14/fashion/the-sex-education-of-grindr-joe-simkhai.html> - Acessos em: 13 de julho de 2020.

<sup>40</sup> <https://www.datingsitesreviews.com/article.php?story=will-grindr-soon-be-up-for-sale> Acesso em: 12 de agosto de 2019.

resposta a pergunta “como encontro outros homens gays?”. Portanto, materializou-se como um “radar gay” portátil com a possibilidade de ver corpos diversos. Embora o Grindr tenha se consolidado como um aplicativo para encontros sexuais aqui no Brasil, Simkhai tentou vendê-lo de outra maneira: “eu nos vejo mais como um bar do que um clube de sexo”, ou mesmo como um “ponto de encontro *online*”. Ele acreditava, por exemplo, que em 2014 as pessoas fora da comunidade gay estadunidense viam o Grindr apenas como um aplicativo de encontros, “o sexo está rolando, mas é mais do que isso, porque há a possibilidade de você tirar a sorte grande e encontrar alguém que o mova, tem o potencial de causar um grande impacto na sua vida”, argumentava novamente ele a respeito de uma experiência impactante. Esta narrativa criada por Simkhai sobre uma “experiência transformadora” pareceu consecutivamente estratégica, evitando que o Grindr gerasse certa repulsa: “se você vai ao bar não quer ver alguém com as genitais para fora”, argumentava ele com certo tom moralizante. Defini-lo como um local apenas para sexo seria delimitá-lo e restringi-lo. Além disso, há outro aspecto, mais adaptativo. Desde sua criação a empresa teve de se adaptar enfrentando desafios: “fomos limitados pela *Apple* no começo”. Desde lá não eram permitidas imagens sugestivas, nem fotos de roupas íntimas muito menos fotos com nudez explícita abaixo da cintura na página principal do aplicativo. Neste sentido, o Grindr começou a ser vendido especificamente como “*app* de conexões e encontros”, e prossegue com a mesma categorização na loja oficial. Atualmente, em 2020, não são permitidas fotos que contenham nudez na apresentação dos perfis, podendo apenas ser compartilhadas no bate-papo privado.

**Figura 33** – Joel Simkhai, em 2014, exibindo seu perfil de usuário, no qual se apresenta com uma série de características corporais e como “criador do Grindr”



Fonte: Site Lado Bi, 2013<sup>41</sup>

<sup>41</sup> Disponível em: <http://ladobi.com.br/2013/11/grindr-fundador-combate-homofobia/> Acesso em: 15

Joel Simkhai, um imigrante israelense que chegou aos Estados Unidos com três anos de idade, pareceu captar algumas demandas do contexto onde cresceu. O pequeno investimento por parte do criador do Grindr estrategicamente buscou suprir uma demanda de mercado para o nicho gay estadunidense, levando com que a ascensão do *Grindr* acontecesse rapidamente, vislumbrando assim um novo *lifestyle*, ainda que segmentado. Inicialmente, a invenção do Grindr trouxe efeitos geográficos e sociais bastante localizados, como a captura de um nicho específico, sendo chamado *gay bubble*<sup>42</sup> (“bolha gay” de Los Angeles): homens gays, brancos, estadunidenses, jovens, de classe média, concentrados em centros urbanos (MISKOLCI, 2017).

Foi em 2015<sup>43</sup>, quando o aplicativo havia faturado 38 milhões de dólares, que se iniciaram rumores de sua venda a outras empresas. Em 2016<sup>44</sup>, a empresa chinesa *Beijing Kunlun* comprou a participação de 62% do *Grindr* por 88 milhões de dólares, enquanto os 38% permaneciam com Simkhai e seus associados. E em 2017<sup>45</sup>, a *Beijing Kunlun* comprou os outros 38% de Simkhai por 152 milhões de dólares, detendo o patrimônio total. Até então o *Grindr* havia sido comprado por 240 milhões de dólares. Em março de 2020 a empresa chinesa *Beijing Kunlun Tech* informou à Bolsa de Valores de Shenzhen a revenda do Grindr à *holding* estadunidense San Vicente Acquisition LLC por um valor próximo a 608,5 milhões de dólares<sup>46</sup>.

Referente à relação mercadológica entre o governo dos Estados Unidos e o governo da China ocorreram tensões específicas. Desde 2017 o *Grindr* contava com pelo menos 30 milhões de usuários espalhados pelo mundo. Em 2019<sup>47</sup>, o governo dos Estados Unidos divulgou que o Comitê de Investimentos Estrangeiros (CFIUS), órgão do governamental encarregado de supervisionar as ameaças à segurança de empresas estadunidenses, passou a pressionar os proprietários chineses a venderem o aplicativo,

---

jul.2020.

<sup>42</sup> <https://www.wehoville.com/2013/11/12/breaking-la-gay-bubble-inspiration-behind-joel-simkhais-grindr/> Acesso em: 20/09/2020

<sup>43</sup> <https://www.datingsitesreviews.com/staticpages/index.php?page=grindr-statistics-facts-history> Acesso em: 12 de agosto de 2019.

<sup>44</sup> <https://www.nytimes.com/2016/01/12/technology/grindr-sells-stake-to-chinese-company.html> Acesso em: 12 de agosto de 2019.

<sup>45</sup> <https://www.scmp.com/business/companies/article/2095674/chinese-tech-firm-fully-buy-gay-dating-app-grindr> Acesso em: 12 de agosto de 2019.

<sup>46</sup> <https://www.istoedinheiro.com.br/grupo-chines-vende-o-aplicativo-gay-grindr-por-pressao-dos-eua/> Acesso em: 13 de julho de 2020.

<sup>47</sup> <https://www.washingtonpost.com/politics/2019/04/03/why-is-us-is-forcing-chinese-company-sell-gay-dating-app-grindr/> Acesso em: 13 de agosto de 2019.

alegando que o *Grindr* se configurava como uma ameaça à segurança nacional. A preocupação se deu a partir de uma lei que passou a vigorar no território chinês em 2017 que exige que as empresas cooperem com os serviços de inteligência do país. O governo dos Estados Unidos alegou que a empresa *Beijing Kunlun* podia aproveitar a função de geolocalização do aplicativo para monitorar dados de autoridades militares, de funcionários de segurança e contratados do governo que são usuários do aplicativo, expondo ao risco de chantagem ou vazamento de informações. Em maio de 2019<sup>48</sup>, os proprietários chineses decidiram ceder, estabelecendo o prazo para venda do *Grindr* até junho de 2020. Até aquele momento a empresa também chegara a um acordo com o Comitê dos EUA, que proibiu o acesso e transmissão de informações confidenciais dos usuários a entidades sediadas na China. Assim, como descrito, em março de 2020 a empresa chinesa *Beijing Kunlun Tech* revendeu o *Grindr* a *holding* estadunidense San Vicente Acquisition LLC.

Como indicado na tensão entre Estados Unidos e China, fica ainda mais evidente afirmar que o *Grindr* tornou-se estimado pelo mercado justamente por capturar estrategicamente uma necessidade que seu nicho mercadológico é constantemente incitado a buscar: a segurança. Como já dito, o *Grindr* anuncia-se como “espaço seguro”. Diante dos riscos da sociabilidade de pessoas LGBTQIA+ em espaços públicos, o mundo virtual se anuncia como fonte de acesso a um espaço discreto e o *Grindr* oferece-se como produto-solução. Esta sociabilidade privatizada do *Grindr* busca vender-se como solução para que usuários não sofram retaliações físicas ou morais fazendo seu uso. Entretanto, há um descompasso em aspectos que concernem à questão da segurança que provoca atenção. Reportagens indicaram que em 2017<sup>49</sup> a polícia do Egito estaria usando o *Grindr* para marcar encontros em quartos de hotéis com homens que tinham relações com outros homens para prendê-los, diante da cultura repressiva no país. Em 2017 também surgiram reportagens sobre o caso Stephen Port<sup>50</sup>, considerado um assassino em série, por ter cometido estupros e quatro assassinatos através de encontros marcados via *Grindr*.

---

<sup>48</sup> <https://www.scmp.com/news/china/article/3010074/grindr-chinese-owner-beijing-kunlun-tech-must-sell-gay-dating-app-2020>

<sup>49</sup> <https://poenaroda.com.br/diversidade/lgbtfobia/policia-do-egito-esta-usando-grindr-para-marcar-encontros-e-prender-gays/> Acesso em: 14 de agosto de 2019.

<sup>50</sup> <https://www.independent.co.uk/news/uk/crime/grindr-stephen-port-scotland-yard-met-police-homophobia-serial-killer-a7734031.html> Acesso em: 14 de agosto de 2019.

**Figura 34** – Alerta de segurança durante as eleições em 2018 no Brasil



Fonte: Site Canal Tech, 2018<sup>51</sup>

Articuladas ao aspecto da segurança, questões políticas estão cotidianamente presentes no Grindr. Exemplo disso são os perfis de usuários com diferentes posições políticas, usando *hashtags*, memes e descrevendo diferentes posicionamentos como parte da apresentação de seus perfis e como pré-requisitos para encontros. Algumas problemáticas referentes ao cenário político no Brasil efetivam casos reais de violência e assassinatos, e continuamente trazem discussões referentes à segurança de seus usuários. No Brasil, em outubro de 2018<sup>52</sup>, o *Grindr* criou alertas e dicas de proteção aos seus consumidores brasileiros, informando sobre os riscos de flertar com pessoas desconhecidas. Os informes, que pareciam ter sido feitos às pressas e com erros de concordância, vieram rapidamente a partir de uma onda de ataques de seguidores pró-Bolsonaro durante as eleições, que estavam utilizando o aplicativo para marcar encontros. Um destes casos ocasionou a morte de José Carlos Oliveira Matos, que foi assassinado em seu apartamento em um encontro marcado via *Grindr*.

<sup>51</sup> Disponível em: <https://canaltech.com.br/apps/grindr-envia-alerta-para-usuarios-redobrem-seguranca-durante-as-eleicoes-124592/> Acesso em: 13 ago. 2019.

<sup>52</sup> [https://www.vice.com/pt\\_br/article/qv9n9w/apos-ataques-feitos-por-apoiadores-de-bolsonaro-grindr-alerta-usuarios](https://www.vice.com/pt_br/article/qv9n9w/apos-ataques-feitos-por-apoiadores-de-bolsonaro-grindr-alerta-usuarios) Acesso em: 14 agosto de 2019.

**Figura 35** – “Kit gay” proposto pelo Grindr em 2018 no Brasil



Fonte: Instagram oficial do Grindr no Brasil, 2019<sup>53</sup>

Ciente da gravidade destas tensões políticas, possivelmente o Grindr optou, por razões mercadológicas, permanecer em silêncio para não maximizar o debate dos casos de violência ocorridos. A publicidade veiculada no *Instagram* oficial brasileiro do Grindr demonstrava a opção por uma estratégia de conteúdos focados no humor. Diante do clima político de 2018, o polêmico debate do “kit gay” foi alvo de publicações. Com a descrição “cheguei a tempo de dizer que vai ter #kitgay sim!”, o “kit gay” proposto na imagem, visivelmente voltado à sexualidade e a centralidade do corpo, apresentava um *smartphone* com o símbolo do Grindr, gel lubrificante, um creme facial “para pele perfeita”, um instrumento de higiene retal (conhecido como “chuca portátil” utilizado para sexo anal), e um “*cookie*” (biscoito fazendo alusão à gíria “biscoteiro”, isto é, às pessoas que gostam de exibir o corpo em redes sociais). Nesta imagem o Grindr buscou conciliar a posição política de uma parcela, que se pode supor, é bastante ampla dos seus usuários brasileiros, geralmente posicionados politicamente à esquerda, ou, ao menos, insatisfeitos com posições conservadoras de partidos políticos da direita brasileira, que tomam pessoas LGBTQIA+ como alvos e inimigos políticos. Entretanto, a mim ficou visível que o Grindr, gerando um debate quase ínfimo e isolado na seção de comentários de seus usuários no *Instagram*, buscou permanecer em uma linha tênue entre um humor politizado e um humor despolutizante, ao reiterar estereótipos que não colocam em questão demandas políticas de subjetividades LGBTQIA+, e mais

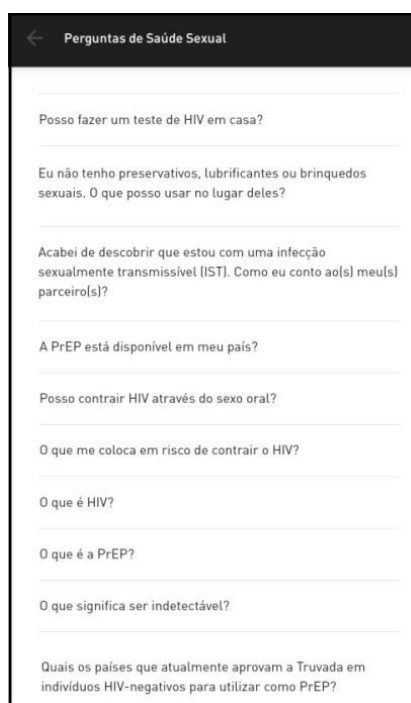
<sup>53</sup> Disponível em: [https://www.instagram.com/grindr\\_bra/?hl=pt-br](https://www.instagram.com/grindr_bra/?hl=pt-br)> Acesso em: 02. Set. 2020.



precisamente homens gays, à histórica tríade discursiva “corpo, sexo, consumo”.

Retornando aos aspectos que concernem à segurança dos usuários, também encontrei reportagens que demarcavam inquietação referente à sexualidade, sobretudo entre homens, e implicações sobre aspectos de saúde, doenças e cuidados com o corpo. Já em 2012<sup>54</sup> o aplicativo era responsabilizado pelo aumento da sífilis entre homens gays na Nova Zelândia. A assessoria informou que o *Grindr* visava promover sexo seguro em mensagens que apareciam quando usuários faziam *login*, e que ocasionalmente, listavam clínicas próximas para que usuários se submetessem a testes de rotina.

**Figura 36** – Espaço de “Perguntas de Saúde Sexual” no *app* Grindr em 2020



Fonte: Grindr LLC, 2020<sup>55</sup>

Há alguns anos o *Grindr* cria estratégias de veiculação que enfatizam informações em consonância com o discurso biomédico de cuidado com o corpo, saúde e doenças, através de *links* com informações sobre “saúde sexual”, além de criar uma categoria específica em perfis com informações pessoais pré-definidas sobre saúde sexual do usuário, principalmente voltadas ao HIV/AIDS. Em geral, em contraste às imagens publicitárias chamativas, as orientações de saúde sexual são feitas em seções

<sup>54</sup> <https://www.gaystarnews.com/article/gay-dating-app-grindr-blamed-rise-syphilis250812/#gs.vtk2to>  
Acesso em: 13 de agosto de 2019.

<sup>55</sup> *Printscreen* do autor das configurações, ferramentas e funções do app durante seu uso.

específicas e discretas do aplicativo (Figura 6). Entre as principais práticas aconselhadas para saúde sexual responsável estão: o uso de preservativos; brinquedos sexuais especificamente fabricados para cada prática específica, evitando o risco de lesões; lubrificantes que não geram atritos e reduzem o risco de infecções e doenças sexualmente transmissíveis; e principalmente, o uso da PrEP (Profilaxia Pré-Exposição/Truvada), protagonizando-a como a melhor forma de prevenção ao HIV durante os encontros via Grindr

[...] uma das ferramentas mais novas e eficazes na luta contra a epidemia do HIV. É um medicamento que pode ser muito eficaz na prevenção da transmissão do HIV, se tomado de forma consistente. A PrEP não previne outras doenças sexualmente transmissíveis. Neste momento, a única pílula aprovada para prevenir o HIV é chamada de Truvada, que é administrada todos os dias por via oral. Atualmente, a Truvada só é aprovada para uso por pessoas HIV negativas {sendo utilizada} como PrEP em alguns países, mas em breve chegará a muitos outros países (GRINDR LLC, 2020)

Como já mencionado, a pandemia do HIV/AIDS, das décadas anteriores, produziu efeitos nas formas de monitoramento e controle das populações tidas como LGBTQIA+, tendo efeitos, inclusive nas práticas de consumo deste público, que é concebido como importante nicho mercadológico. Em 2020, o *Grindr* prosseguiu fomentando o debate em torno das práticas consideradas sexualmente arriscadas e irresponsáveis. Os constantes alertas de cuidado com a saúde sexual passaram também a ser agregados com alertas de cuidado com a saúde relacionado à pandemia do COVID-19. Simultaneamente, em maio de 2020 circulavam reportagens<sup>56</sup> indicando que a empresa responsável pelo *Grindr* estudava a possibilidade de contar com um novo recurso, o *pass-covid*, que poderia ser vinculado ao perfil de usuários apresentando um link com os exames e resultados negativos de COVID-19. Este recurso também chamado de *coronavirus filter* seria uma parceria com uma empresa de softwares europeia. O recurso permitiria que médicos ou enfermeiros dos usuários submetessem os resultados do teste padrão de COVID-19 em um perfil de saúde do usuário vinculado ao perfil do *Grindr*. Este perfil, inclusive, permitiria que outras pessoas pudessem ver os resultados, viabilizando circulação e encontros. A empresa, *VST Enterprises*, do Reino Unido, informou que empresas aéreas e empresas de outros aplicativos também entraram em contato interessadas nesta tecnologia. Embora esta função não tenha se efetivado, sua intenção indicou-me, mais uma vez, algumas de suas proposições:

---

<sup>56</sup> <https://www.queerty.com/grindr-may-soon-coronavirus-filter-20200523> Acesso em: 09 de julho de 2020.

constantemente criar facilidades que garantam ao usuário o uso contínuo do aplicativo para encontros; incitar autoveiculação máxima de informações de rotina de cada usuário; e mais amplamente, vasta produção de dados privados dos seus inscritos, ampliando processos de monitoramento.

As facilidades para encontros, aglomeração e circulação de usuários para consumo do Grindr também já traçava problemáticas anteriores à pandemia do COVID-19. Referente à adesão do *Grindr* durante eventos específicos encontrei reportagens que afirmavam que em 2014<sup>57</sup> o Brasil tornou-se um dos maiores mercados do *Grindr*, havendo aumento de 31% de usuários desde o início da Copa do Mundo naquele ano. Neste sentido, pode-se compreender como eventos deste porte são associados como um campo profícuo para encontros via *Grindr* e que experiências de consumo diversas se articulam para “movimentar a economia”. Embora os latinos estivessem consumindo de forma significativa o *Grindr*, no ano de 2017, pelo menos 30% dos usuários ainda era principalmente estadunidenses<sup>58</sup>, e, junto ao *Tinder*, o *Grindr* era um dos aplicativos mais baixados nos Estados Unidos.

A segurança dos dados de rotina dos usuários e as formas de monitoramento que o *Grindr* promove consecutivamente instigou atenção da mídia, me trazendo a possibilidade de problematizar a produção biopolítica do corpo articulada aos níveis de monitoramento que a geolocalização sujeita seus consumidores. Em 2016 existiam especulações midiáticas quanto à exposição de usuários, quando o jornalista Nico Haynes escreveu um artigo descrevendo que havia conseguido marcar encontros com atletas ao utilizar o *Grindr* na Vila Olímpica durante os Jogos Olímpicos de Verão, no Rio de Janeiro<sup>59</sup>. Neste período algumas reportagens problematizaram o fato destes atletas, que advém de países conservadores, terem sido potencialmente expostos pelo jornalista ao risco de violência em seus locais de origem. E em tom mais ruidoso e que extrapolam as problemáticas de tirar sujeitos do armário forçosamente, em 2018<sup>60</sup> surgiram reportagens que afirmavam que a empresa chinesa responsável pelo aplicativo *Grindr* havia compartilhado e vazado dados sensíveis de pelo menos três milhões de usuários, como status de HIV/dados sorológicos, e-mails e localização exata para empresas como *Localytics e Aptimize*. Este achado, em que se destacam o vazamento

---

<sup>57</sup> <https://time.com/2923517/world-cup-sex-tinder-grindr/> Acesso em: 13 de agosto de 2019.

<sup>58</sup> <https://www.datingsitesreviews.com/article.php?story=quantcast-map-reveals-the-most-searched-dating-app-in-every-u-s--state> Acesso em: 13 de agosto de 2019.

<sup>59</sup> <https://www.hypeness.com.br/2016/08/jornalista-expoe-atletas-homossexuais-no-rio-usando-grindr/> Acesso em: 06/09/2019

<sup>60</sup> <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-43620447> Acesso em: 14 de agosto de 2019.

de dados sorológicos, confirma certa articulação entre aspectos de saúde/segurança, relacionados aos estigmas históricos que se referem às pessoas LGBTQIA+, e que compreendo prosseguir produzindo variadas formas de homofobia/lgbtqfobia, bem como reiteram variados estigmas e preconceitos a respeito de pessoas com sorologia positiva ao HIV-AIDS.

Após estes vazamentos, um post no *tumblr* oficial do Grindr trouxe uma entrevista com o ex-proprietário Joel Simkhai visando certo diálogo com seus usuários e público principal, explicando mudanças de gerenciamento do aplicativo, e enfatizando seu compromisso com a privacidade ao afirmar que o governo chinês não acessou contas de usuários<sup>61</sup>. Neste mesmo período, reportagens<sup>62</sup> prosseguiram especulando as questões de segurança (com títulos de reportagens como “*O governo chinês pode agora ter acesso ao seu perfil?*”) em função da compra do *Grindr* por uma empresa chinesa. Embora certa desconfiança, muito mais midiática e política, ainda em 2018<sup>63</sup> o *Grindr* havia atingido 196 países, com 228 milhões de mensagens e compartilhamento de 20 milhões de fotos diariamente. Foi durante a pesquisa, em agosto de 2019, que a empresa chinesa também realizou novas atualizações no aplicativo, sendo lançada a versão paga *Grindr Unlimited*, extensão do *Grindr XTRA*. As suas novas ferramentas e recursos deixaram ainda mais evidentes que o *Grindr* busca constantemente incitar que os próprios usuários executem maiores níveis de monitoramento em relação aos outros perfis.

O surgimento do Grindr vai ao encontro do funcionamento da governamentalidade neoliberal. O seu valor de criação irrisório à transformação de um serviço lucrativo permitem compreender também como ocorre a fabricação de outra sensibilidade. Um exemplo: a modificação às maneiras de vivenciar o “*cruising*” (sexo em público entre homens). Neste sentido, práticas de sexo em público não deixam de existir, mas são rearranjadas e complementadas a uma rede de contatos para o espaço virtual. O Grindr, inclusive, se tornou um dos facilitadores para um tipo de “banheirão” menos imprevisível, possibilitando concentrações em espaços públicos que podem ser previamente combinados no espaço virtual privado. Além disso, colocando em questão a relação do Grindr com a governamentalidade neoliberal, as negociações entre o

---

<sup>61</sup> <https://grindr.tumblr.com/post/161183176178/whats-up-with-grindr> Acesso em: 14 de agosto de 2019.

<sup>62</sup> <https://www.washingtonpost.com/news/josh-rogin/wp/2018/01/12/can-the-chinese-government-now-get-access-to-your-grindr-profile/> Acesso em: 14 de agosto de 2019.

<sup>63</sup> <https://www.independent.co.uk/news/business/news/grindr-stock-market-listing-gay-dating-app-kunlun-group-ipo-china-a8514476.html> Acesso em: 14 de agosto de 2019.

mercado chinês e estadunidense demonstram quão indispensáveis o corpo e a sexualidade sempre foram para a biopolítica neoliberal. O *Grindr* adentrou tão profundamente nas relações, ao ponto de que, quando se pensa em clichês que constituem atualmente a cultura *gay mainstream*, o logotipo do *Grindr* não pode mais ser evitado como uma rede que é referencial de socialização, sexualidade e estilização corporal. Entretanto, o caminho de pesquisa foi dando pistas que as tentativas de condução de condutas não se restringem a um nicho gay. Outros corpos estão em jogo.

Foi com a venda ao mercado chinês em 2017 que iniciaram transformações de público alvo do *app*. Estudos anteriores (Miskolci 2014; Padilha, 2015; Bianchi, 2014) sobre o *Grindr* constataram um formato de publicidade voltada centralmente como “aplicativo para homens gays e bissexuais”. Além do slogan “*Zero feet away*”, também eram anunciadas frases como “*Meet guys near you*” (“Conheça caras perto de você”) e “*Find your perfect guy*” (“Encontre seu cara perfeito”), as imagens publicitárias deste período eram veiculadas com corpos de homens viris, fortes, geralmente brancos, retomando o que se toma por beleza tradicionalmente, isto é, traçando um público fundamentalmente cisgênero, com configuração corporal que reitera o ideal de uma masculinidade normativa, justamente como idealizado o seu público inicial, mais heteronormativo e homonormativo.

Figura 37 – Imagens publicitárias do Grindr veiculadas entre 2014 e 2016



Fonte: Google Imagens, 2020<sup>64</sup>

Após a sua venda, em 2017<sup>65</sup>, o *Grindr* promoveu atualizações e passou a contar com novas opções para que usuários pudessem se identificar como homem trans, não binário, *queer* e *crossdresser*, podendo optar também por um pronome preferencial. Posteriormente, o canal oficial<sup>66</sup> do *Grindr* no *YouTube*, desde 2018, divulgou uma série de vídeos em inglês, como estratégia global, que intencionalmente produzem uma publicidade com corpos diversificados, visando discutir o respeito e novas formas de convívio com usuários diversos, como mulheres e homens trans, pessoas não binárias, homens negros e asiáticos, homens gordos, etc, marcando um deslocamento no sentido da acolhida/captura de mais usuários.

<sup>64</sup> Disponível em:

<https://www.google.com/search?q=grindr+publicity&tbm=isch&bih=657&biw=1366&hl=pt-BR&sa=X&ved=2ahUKEwiX1vbd2vvuAhUJA7kGHRz8BJcQBXoECAEQGA> Acesso em 17 ago. 2020.

<sup>65</sup> <https://www.datingsitesreviews.com/article.php?story=grindr-update-brings-greater-gender-inclusivity-to-the-app> Acesso em: 13 de agosto de 2019.

<sup>66</sup> <https://www.youtube.com/user/GrindrLive/videos> Acesso em: 14 de agosto de 2019.

**Figura 38** – Imagem publicitária da campanha *Kindr* em 2018



Fonte: Google Imagens, 2020<sup>67</sup>

Intitulada a partir da condensação das palavras “*kinder*” e Grindr, a série “*Kindr: is time to play nice*” (algo como, “*Mais gentil: é hora de ser legal/ é hora de portar-se bem*”) indicava a existência de conflitos e preconceitos vivenciados entre os próprios usuários *Grindr*, trazendo tom de zelo e consciência por parte da empresa, e simultaneamente estabelecendo uma precaução evidente de evitar o afastamento de usuários de seu consumo. Neste sentido, ficou mais evidente o modo como o Grindr, historicamente, se apropria e personifica diferentes identidades a partir de estereótipos bastante evidentes. Antes, um visível erotismo em torno de determinado tipo de corpo masculino, agora, o tom politizado, desconstruído e ativista, visando uma liberdade corporal e identitária.

No *Instagram* do Grindr no Brasil, uma postagem de outubro de 2018, passa a circular fazendo referência a mesma campanha, utilizando como título a frase “*Respeito*

---

<sup>67</sup> Disponível em:

[https://www.google.com/search?q=grindr+kindr&tbm=isch&ved=2ahUKEwj2tIjf2vvuAhWmALkGHY5xDisQ2-cCegQIABAA&oq=grindr+kindr&gs\\_lcp=CgNpbWcQAzoECAAQEzoICAAQBRAeEBM6CAgAEAgQHhATULOdBlikogZg96IGaABwAHgAgAGAAyGB8wOSAQMwLjSYAQCgAQGqAQnd3Mtd2l6LWltZ8ABAQ&scient=img&ei=DbQyYLB6GqaB5OUPjuO52AI&bih=657&biw=1366&hl=pt-BR](https://www.google.com/search?q=grindr+kindr&tbm=isch&ved=2ahUKEwj2tIjf2vvuAhWmALkGHY5xDisQ2-cCegQIABAA&oq=grindr+kindr&gs_lcp=CgNpbWcQAzoECAAQEzoICAAQBRAeEBM6CAgAEAgQHhATULOdBlikogZg96IGaABwAHgAgAGAAyGB8wOSAQMwLjSYAQCgAQGqAQnd3Mtd2l6LWltZ8ABAQ&scient=img&ei=DbQyYLB6GqaB5OUPjuO52AI&bih=657&biw=1366&hl=pt-BR)  
Acesso em: 19 ago. 2020.

é a nossa preferência”. A frase de efeito não foi escolhida à toa. No Grindr, sabidamente, o usuário é conduzido a apresentar uma precedência/antecedência corporal. Diante da centralização corpórea estimulada pelo próprio aplicativo, a frase fazia alusão às postagens preconceituosas presentes em perfis de usuários brasileiros, que rotineiramente proferem frases que visam afastar usuários específicos, com a justificativa de que é uma “questão de gosto” ou “questão de preferência”. O texto, que demarca uma posição institucional, visava afirmar que “*racismo, bullying e discursos de ódio*” sobre “*raça, tamanho, gênero, status de HIV, idade, ou simplesmente, por sem quem ela é*” não seriam mais aceitos, a partir de uma atualização das políticas da comunidade trazendo novas regras de convivência, ainda mais rígidas, certificando que os usuários poderiam fazer denúncias.

**Figura 39** – A campanha *Kindr* promoveu uma nota institucional no Instagram brasileiro em 2018



Fonte: Instagram oficial do Grindr no Brasil, 2018<sup>68</sup>

Entretanto, nesta campanha com tom ativista, o Grindr ainda tentava sustentar uma retórica que responsabilizava os próprios usuários pelas práticas preconceituosas, não promovendo uma autocrítica institucional. Em nenhum momento o Grindr deixa visível que estas problemáticas estão atreladas à própria publicidade, que historicamente vinha apresentando imagens com modulações visivelmente homonormativas, os

<sup>68</sup> Disponível em: [https://www.instagram.com/grindr\\_bra/?hl=pt-br](https://www.instagram.com/grindr_bra/?hl=pt-br)> Acesso em: 15. Set. 2020.



vazamentos de dados que desdobravam diferentes formas de preconceito e violência em diferentes contextos, e mesmo ao estabelecer configurações automáticas e pré-definições estereotipadas, que atualmente ainda são componentes importantes das apropriações e reiteraões normativas e de preconceitos entre sua própria comunidade, das mais variadas formas. Pelo contrário, sucessivamente, de modo sutil, ainda em 2018, no *Instagram* do Grindr Brasil, como parte da mesma campanha, materiais com formatos com tom ativista prosseguiram sendo veiculados.

**Figura 40** – Vídeo publicitário da campanha *Kindr* do Grindr Brasil em 2018



Fonte: Instagram oficial do Grindr no Brasil, 2018<sup>69</sup>

Em um destes vídeos publicitários era possível ver apenas o peitoral e barriga de um homem gordo, negro, ensaboando-se durante o banho. A imagem parece fazer alusão à rotina de sedução no Grindr, já que muitos dorsos são apresentados em imagens de perfis de usuários. O erotismo em torno do banho também fica implícito. No ambiente entre usuários do Grindr, a higiene corporal é uma prática constantemente solicitada. O vídeo apresentava em dezoito segundos um dorso sem face, entre a espuma e movimentos lentos. A seguir a imagem trazia a frase “*Kindr: é tempo de respeitar*”. A imagem publicitária deixa a ambiguidade se o objetivo é referir-se ao tamanho do corpo, ao marcador racial, ou mesmo a sua combinação. Ficou-me ainda a pergunta sobre o que se tenta evocar na utilização de um corpo sem face, de um homem preto e gordo, limpando-se em um banho. Que efeitos se efetivam quando a questão da sedução de

<sup>69</sup> Disponível em: [https://www.instagram.com/grindr\\_bra/?hl=pt-br](https://www.instagram.com/grindr_bra/?hl=pt-br)> Acesso em: 02. Set. 2020.

determinados estereótipos raciais são articulados pela via da higiene do corpo? De todo modo, indicou como determinadas composições corporais, como na Figura 40, neste período foram apresentadas não com o objetivo de uma exposição erótica qualquer, mas visando acompanhar um apelo por respeito, distinguindo-se de outros dorsos tonificados, também sem rosto, no mesmo *Instagram*, que eram veiculados com frases e trocadilhos de cunho sexual. Nesta postagem, o Grindr não explicitou que tipo de respeito visava colocar em questão, deixando apenas que a imagem ganhasse seus sentidos entre os seguidores. Posteriormente, a campanha *Kindr* brasileira ganhou novas postagens. Já em 2019, foi veiculada outra imagem de um homem gordo, agora branco, apresentando um rosto com traços harmônicos e simétricos, utilizando barba e cabelos curtos. Longe de um corpo radicalmente gordo ou obeso, aproximando-se ao que o mercado vem chamando de “modelo *plus size*”.

**Figura 41** – Imagem publicitária no Instagram do Grindr Brasil em 2019



Fonte: Instagram oficial do Grindr no Brasil, 2019<sup>70</sup>

Em contraste às poses geralmente firmes de corpos magros e tonificados, que rotineiramente são postados no mesmo *Instagram*, o corpo curvado também deixa visível um peitoral mais flácido e uma barriga mais proeminente. O braço é grande, mas não torneado. A imagem deixa a incerteza se o jovem está nu ou não. O jogo de sedução

<sup>70</sup> Disponível em: [https://www.instagram.com/grindr\\_bra/?hl=pt-br](https://www.instagram.com/grindr_bra/?hl=pt-br)> Acesso em: 06. Set. 2020.

produzido pela imagem ao abordar um corpo “grande”, isto é, o modo como o Grindr vem buscando se referir em suas pré-definições automáticas evitando o uso da palavra “gordo”, demarca certo deslocamento em termos de valorização corporal, ao menos, em uma faceta de sedução e aceitação de outros modelos de beleza que não sejam magros. A face séria, do jovem branco, com olhar fixo para a câmera apresenta uma descrição com a frase “não me olha assim que me apaixono fácil” com a *hashtag* #pride (“orgulho”). Nesta publicação o Grindr insistiu mais uma vez em se promover como aplicativo para experiências não estritas ao sexo, ao veicular a narrativa de um corpo orgulhosamente gordo, fora dos padrões, capaz de, não só requerer afeto, mas evocar paixão. As problematizações ficam entre os usuários nos comentários, enquanto isso a foto recebeu milhares de curtidas.

Entre outros deslocamentos, durante o mês de junho de 2020 o Grindr havia recentemente sido revendido aos Estados Unidos, e em meio à pandemia do COVID-19 também estavam acontecendo intensos debates sobre racismo estrutural e violência policial após o assassinato de George Floyd, homem negro que morreu asfixiado por um policial branco em Minneapolis, Estados Unidos. Assim, naquele momento houve adesão global aos protestos do #BlackLivesMatter (“Vidas negras importam”). Como estratégia para se inserir neste debate, o Grindr informou que visando combater o racismo na plataforma estava definitivamente retirando os filtros étnicos de busca por parceiros<sup>71</sup>. Antes disso, os filtros permitiam que usuários pagantes pudessem tanto buscar, como deixar de visualizar, perfis de usuários de etnias específicas (principalmente categorias como *negros*, *asiáticos*, *árabes*, *latinos*, e no Brasil, também a categoria pré-definida, *indígenas*). Há alguns anos a mídia já vinha veiculando reportagens<sup>72</sup> que enfatizavam experiências problemáticas de usuários a partir das configurações do Grindr, que estariam fomentando racismo entre a própria comunidade LGBTQIA+ no Grindr. Ao longo desta pesquisa o filtro de busca racial foi retirado e as características étnico-raciais passaram a fazer parte somente da construção dos perfis como forma de autodescrição, e não mais de filtragem.

Em consonância com as problemáticas étnico-raciais e de demandas de representatividade no campo do trabalho que passam a circular na mídia, em 2020 o *Instagram* oficial do Grindr divulgou produtos com o logo oficial da marca,

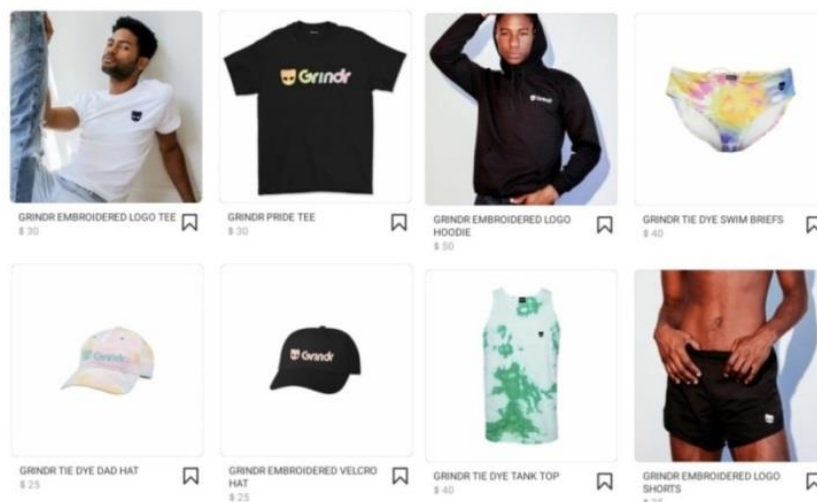
---

<sup>71</sup> <https://www.uol.com.br/universa/noticias/redacao/2020/06/02/grindr-vai-remover-filtro-de-etnia-em-protesto-contraviolencia-policial.htm> Acesso em: 12 de agosto de 2019.

<sup>72</sup> <https://www.uol.com.br/universa/noticias/redacao/2020/06/04/karamo-sobre-racismo-no-meio-lgbtq-gays-brancos-ainda-tem-privilegios.htm> Acesso em: 12 de agosto de 2019.

apresentando camisetas, bonés, moletons, bermudas e sungas, que variavam de 25 a 50 dólares. Todos os modelos contratados eram homens negros, jovens e magros, traçando mais um deslocamento em termos de escolha de garotos propaganda.

Figura 42 – Imagens da loja oficial do Grindr em 2020

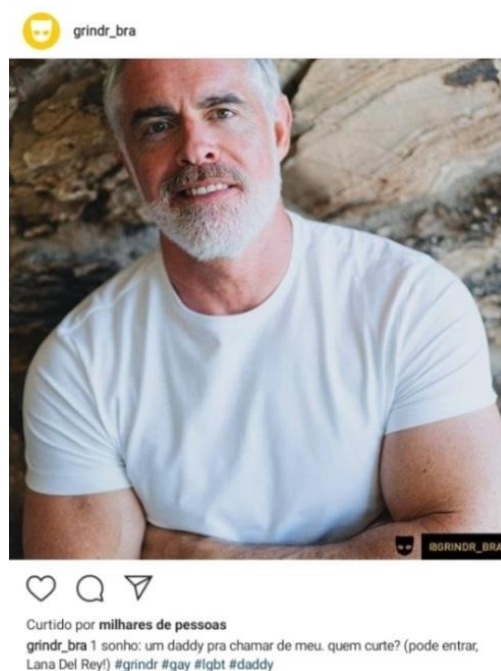


Fonte: Instagram oficial do Grindr, 2020<sup>73</sup>

Os apelos à juventude nos materiais publicitários do Grindr também implicam uma reflexão em torno da adesão de usuários de variadas idades, incluindo homens considerados maduros. Como já explicado, nas pré-definições automáticas das “Tribos” disponibilizadas pelo *app*, a objetivação para este tipo usuário no Grindr do Brasil é categorizada como “Papai”, indicando que, para a empresa este grupo não é definido apenas por uma idade, mas por um tipo de corpo e também por uma configuração de relação. No Grindr do Brasil, a categoria “Papai”, com sentidos explicitamente paternalistas, também circula acompanhada da versão estadunidense da gíria, “Daddy” (com o mesmo significado); estas gírias são igualmente utilizadas na pornografia. Na publicidade do Grindr pude encontrar uma postagem no *Instagram* oficial brasileiro que em 2019 um “Papai/Daddy” era apresentado como “*um sonho: um daddy para chamar de meu*”; a imagem era de um homem maduro que apresentava um aspecto jovial, forte, branco, com barba e cabelos grisalhos.

<sup>73</sup> Disponível em: <https://www.instagram.com/grindr>> Acesso em: 05. Set. 2020.

**Figura 43** – Instagram oficial do Grindr no Brasil veicula foto de um “daddy” em 2019



Fonte: Instagram oficial do Grindr no Brasil, 2019<sup>74</sup>

De fato, durante a pesquisa encontrei perfis de usuários que eram e/ou solicitavam encontros com homens maduros, em diferentes negociações, entretanto percebi que dificilmente estavam sendo referidos como “Papais”, tal qual sugere o marcador automático na categoria das “Tribos” do Grindr. Geralmente eram chamados apenas de “maduros”, ou “daddys”, mas também de “sugar daddies”. Neste mesmo período já observava a profusão do debate no Brasil sobre os “sugar daddies”, em redes sociais como o *Twitter* e mesmo em reportagens<sup>75</sup> (como a notícia com o título “Enganado por falso sugar daddy no Grindr, não pode denunciar golpe por causa do corona-vírus”), e, geralmente, as discussões abarcavam tanto homens gays, como homens heterossexuais e mulheres heterossexuais por diferentes razões (as nuances sexualmente “edípicas” e “paternalistas”, interesses financeiros, liberdade sexual, afetividade de pessoas mais velhas e entre pessoas de diferentes idades, etc). Apenas no Google, em 2020 a gíria “sugar daddy” produziu cerca de 125.000.000 resultados. Embora nestes debates não exista uma definição precisa da idade deste tipo de homem, a apropriação da gíria “sugar daddy” por usuários do Grindr é geralmente mencionado como um homem considerado maduro, rico e bem sucedido profissionalmente, que

<sup>74</sup> Disponível em: [https://www.instagram.com/grindr\\_bra/?hl=pt-br](https://www.instagram.com/grindr_bra/?hl=pt-br)> Acesso em: 02. Set. 2020.

<sup>75</sup> <https://ipiranoticias.com/tecnologia/42133/enganado-por-falso-sugar-daddy-no-grindr-nao-pode-denunciar-golpe-por-causa-do-coronavirus/> Acesso em 07 de outubro de 2020.

oferece a seus parceiros presentes e viagens, e com quem se estabelece uma relação que não necessariamente configura prostituição, mas uma troca de favores. O “*sugar daddy*” é um provedor. Quanto a gíria “*daddy*” remete a um homem idealmente maduro e que pode ser sexualmente atraente, assim como objetiva a Figura 43.

Buscando uma aproximação desta discussão com a Figura 43, busquei imagens no *Google* utilizando as objetivações “*daddy*” e “*sugar daddy*”, e, de modo geral, encontrei dois estereótipos contrastantes: um homem idoso com vestimentas formais acompanhados por pessoas jovens, ou um homem maduro, mas jovial, grisalho, com tatuagens, forte, e apresentando maior apelo à sensualidade, semelhantes à imagem publicitária que encontrei no *Instagram* do Grindr brasileiro. Portanto, assim como a Figura 43, ambos os estereótipos articulam marcadores de idade, e, sobretudo classe, e também raça, já que, em todas as imagens que encontrei, eles eram apresentados como homens brancos. Além disso, reservavam esta imagem de um “pai” que provê, seja financeiramente ou afetivamente. Entretanto, as imagens de “*sugar daddies*”, que aparecem acompanhados por parceiros jovens, estes homens idosos remetem-se abjetos, ou mais desejáveis pelo seu dinheiro; enquanto o “*daddy*” é apresentado como um homem desejável, em que não aparecem insinuações sobre dinheiro na relação, e sim de cunho sexual e/ou objetificantes (como dizia na imagem do Grindr, “um *daddy* para chamar de *meu*”). Nesta breve pesquisa de imagens no *Google* utilizei as palavras-chave “*sugar daddy*” e “*grindr*” e também encontrei variadas imagens com diálogos entre usuários sobre esta mesma temática, e percebi que também apresentavam homens maduros procurando por homens jovens (que nas imagens são chamados de “*sugar babies*”, reservando certa infantilização na definição destes parceiros mais jovens). Nesta breve experimentação percebi uma pequena faceta das diferentes tensões que abarcam outras várias negociações etárias e geracionais, que vão além de uma composição do corpo e restritas às idades.

Em consonância com a tentativa de abarcar maior “diversidade”, em 2019 o Grindr também veiculou em suas redes sociais oficiais vídeos que traçavam outra discussão etária e geracional, mas também territorial e cultural. Com o crescimento global do mercado voltado ao nicho *drag queen*, e da sua grande adesão mercadológica por jovens, em sua maioria homens gays, o Grindr passou a incorporar materiais que visavam abranger este público, e uma articulação de diferentes *lifestyles*. Em 2019 o *Instagram* do Grindr Brasil anunciava o vídeo “*Old gays meet Pablllo Vittar*”, com a descrição em português: “*nossos velhinhos gays favoritos reagindo a Pablllo Vittar*”,

trazendo três homens gays estadunidenses na faixa etária dos 60 a 70 anos analisando fotos e vídeos da *drag queen* brasileira, e simultaneamente explicando gírias antigas, além de reflexões sobre o estilo atual de jovens e de elementos da cultura latino-americana. Em determinado momento do vídeo o mediador questiona aos participantes a idade de Pablllo, em que as respostas variam dos 25 aos 40 anos. Ficaram surpresos quando descobriram que Pablllo era mais jovem do que imaginavam, tendo 23 anos. A discussão da idade é um dos elementos do debate, que continuamente estabelece polêmicas e questões sobre a pressão da juventude, sobretudo, entre homens gays.

**Figura 44** – Vídeo em que homens gays dialogam com a *drag queen* Pablllo Vittar em 2019



Fonte: Instagram oficial do Grindr no Brasil, 2019<sup>76</sup>

Ao longo do vídeo Pablllo Vittar entrou em cena com os participantes, estabelecendo um diálogo sobre expressões brasileiras e curiosidades sobre a vida pessoal/profissional da cantora. Em determinado momento um dos homens diz “*eu adoraria festejar com você no Brasil, mas estou muito velho*”, então a jovem e “alegre brasileira” Pablllo Vittar diz “*baby, você pode tudo que quiser! Eu te convido para minhas festas*”, indicando um dos objetivos principais do vídeo, que parecia ser a interação entre diferentes gerações e culturas, produzindo também discursos “motivacionais”. Além deste diálogo, entram em questão algumas estereotípias, ao qual um dos participantes diz “*adoro as cores do Brasil e os homens latinos... calientes*”.

<sup>76</sup> Disponível em: [https://www.instagram.com/grindr\\_bra/?hl=pt-br](https://www.instagram.com/grindr_bra/?hl=pt-br) Acesso em: 02. Set. 2020.

“*Ouvi dizer que existem muitos bissexuais*”, ao qual Pablllo confirma positivamente, mas não deixa evidente a compreensão que faz a respeito desta colocação do participante. De modo geral, este vídeo apresenta os debatedores produzindo verdades a respeito das diferenças geracionais, de alguns modos de vida de acordo com a idade, contrastes entre aspectos culturais e territoriais, além de tentativas de compreender definições (e indefinições) identitárias que dizem respeito a homens latinos a partir de estereótipos de etnia, raça (“*adoro as cores do Brasil, [...] calientes*”) e de sexualidade (“*muitos são bissexuais*”).

Pude constatar também que, com a revenda do Grindr para a *holding* estadunidense San Vicente Acquisition LLC em 2020, outras ampliações de conteúdos focados na cultura *drag queen* passaram a ser postados mais constantemente no *Youtube* oficial. Este tipo de conteúdo passa a indicar um foco aos homens considerados mais afeminados e/ou que se identificam com este nicho, e sem dúvida, a tentativa de manter a adesão deste perfil de usuário. Se até 2017 o Grindr propunha-se ser um radar discreto para homens que buscavam encontros sigilosos com outros homens discretos, isto é, subjetividades heteronormativas e homonormativas, há alguns anos a publicidade parece ser produzida com elementos mais demarcados de um perfil “*gay pride*” estadunidense, que vem veiculando identidades assumidamente orgulhosas. Além disso, este formato de publicidade fortalece um mercado que também se acopla e vislumbra, cada vez mais a incorporações e performatividades compreendidas como femininas.

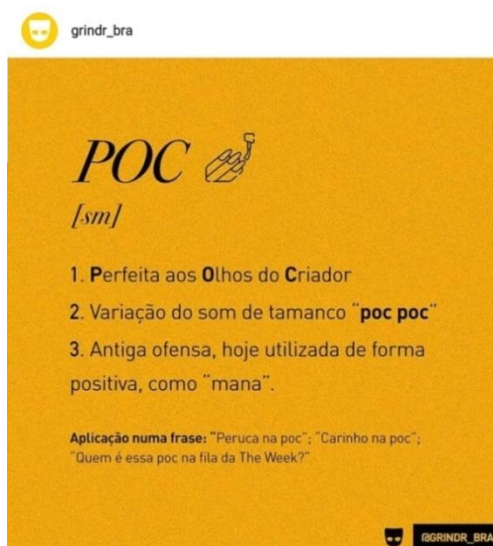
Durante a pesquisa, me pareceu que este formato de publicidade com *drags* buscou se voltar, principalmente, embora não só, àqueles homens gays que consomem *reality shows* de competição de *drag queens* como o *Ru Paul Drag Race*, bares e boates com a mesma temática e, mesmo, cantoras *drag queens* (como Pablllo Vittar). Sabidamente, muitos participantes deste circuito não necessariamente se montam, são apenas consumidores destes formatos de produtos, identificando-se com o humor e os personagens criados por artistas performáticos, muitas vezes também inspirados em cantoras, performers e divas da indústria fonográfica estadunidense, e recentemente, latina e asiática.

De modo geral, esta publicidade do Grindr também indica um foco no nicho de homens que, em diferentes intensidades (frequentemente em detalhes) buscam incorporar um ou outro elemento de estereótipos de feminilidade (pequenas “transformações” consideradas feminilizantes, que podem ser maquiagem, unhas pintadas, uso de determinados cabelos, acessórios, gírias, gestual, poses, etc). No



*Instagram* do Grindr do Brasil, um destes exemplos foi uma postagem que aborda a gíria brasileira “POC”. A gíria surge décadas atrás, nos contextos brasileiros metropolitanos, entre pessoas LGBT (possivelmente sem que estas pessoas fossem assim referidas ainda). Assim como apresentada na imagem (Figura 45), a gíria refere-se a uma antiga ofensa, não explicada na postagem. Geralmente se referia, de forma pejorativa, a homens gays jovens, de periferias, principalmente negros e mestiços, bastante afeminados, que utilizavam acessórios considerados femininos, como sapatos altos e maquiagens, em festas e boates, fazendo alusão ao som “*poc poc*” dos saltos altos de sapatos. A abreviação “POC” vem também de uma combinação da gíria “pão com ovo”, comida associada à pobreza, à escassez financeira e às periferias, e que também faz alusão à demarcação recente da homossexualidade de um jovem que acabou “de se descobrir”, “despertar”, “sair da casca do ovo”.

**Figura 45** – *Instagram* do Brasil explica o que é uma *POC* em 2018



Fonte: *Instagram* oficial do Grindr no Brasil, 2018<sup>77</sup>

Posteriormente, ressignificada, também a partir de uma apropriação do mercado e da veiculação em redes sociais, a gíria (que reservava significados racistas-classistas-homofóbicos) ganhou novos sentidos, e passa por um processo de embranquecimento em sua significação. Deixa de se referir a gays negros e mestiços das periferias. Entretanto, mantém o componente da incorporação de elementos, gestuais e acessórios considerados femininos, mantendo também sua significação de juventude. Não necessariamente se refere a uma pessoa transformista, e principalmente, não faz

<sup>77</sup> Disponível em: [https://www.instagram.com/grindr\\_bra/?hl=pt-br](https://www.instagram.com/grindr_bra/?hl=pt-br)> Acesso em: 12. Set. 2020.

referência a outras identidades com expressão de gênero femininas, como por exemplo, travestis, ou identidades não binárias; atualmente a *poc* prossegue sendo, geralmente, mencionada como um jovem garoto gay bastante afeminado, mas de maneira orgulhosa.

Novamente recorrendo às estereotípias, este é um dos exemplos de como o Grindr visa demonstrar-se minimamente aberto às formas de estilização e experimentação que compõem as plurais masculinidades brasileiras. Assim, estas composições demarcam nuances de progressismo, não sendo necessariamente inaceitáveis. Neste sentido, a ideia de exibir-se enquanto corpo político no Grindr pode forçar as fronteiras de oposição e subversão diante de processos heteronormativos, e estas mesmas autoveiculações, que absorvem principalmente uma estética feminilizante de mercado, pendem também ao clichê e a algo de serializado. Isto é, simultaneamente, marcam processos vários: ser uma “poc”, uma “mana”, uma “bichinha”, um “viadinho” ou mesmo, ser levemente afeminado, pode ser resistência, e ao mesmo tempo, pode simplesmente ser “cool” e descolado, sem grandes proposições. Para fomentar isso, nada mais efetivo ao Grindr do que se promover mostrando-se atento às gírias brasileiras, hibridizando humor ácido com discurso religioso, ou como diria o *post* satirizante, que visa revalorizar subjetividades estigmatizadas: “*Perfeitas aos Olhos do Criador*”. Sem problematizar a etimologia da gíria, apagando a discussão racial e de classe, e fortalecendo seu embranquecimento, tanto faz quem é o “criador”, seja um deus, a própria empresa ou o mercado; neste grande olho, o objetivo é deixar “claro” que, todas as afeminadas são perfeitas para (consumir) o Grindr.

Neste mesmo sentido das estratégias de alargamento, percebi uma ampliação e variação de temáticas visando lidar com a abrangência de usuários com diferentes interesses. No mesmo canal oficial do *YouTube*, um quadro mensal de vídeos com homens gays maduros (os mesmos que estão presentes no vídeo com a *drag* Pablo Vittar) passaram a participar de um quadro fixo, comentando questões atuais e fortalecendo as discussões etárias e geracionais. Além disso, conteúdos sobre “homens atléticos encontram o amor”, “uma discussão sobre racismo”, passaram a ser veiculados junto a outros conteúdos no *Youtube*, buscando discussões de como se operam problemáticas sociais várias, que entram em questão na perspectiva do Grindr.

Outros exemplos destas ampliações são as diferenciações identitárias contrastando “estilos de vida”, nem sempre tão díspares, como o exemplo de dois vídeos realizados nos Estados Unidos durante a quarentena do COVID-19 em 2020. Um dos vídeos se chama “*garotos queer tentam cortar os cabelos*”, em que todos os garotos,

individualmente apresentados eram jovens, geralmente brancos e afeminados, com visuais “alternativos”, com *piercings*, cabelos coloridos, tatuagens, expondo suas rotinas durante o isolamento. O vídeo não explicita compreensões acerca de uma identidade *queer*. Ao que parece o vídeo resguarda a ideia de protagonizar participantes que podem ser gays, bissexuais, pansexuais, polisssexuais, assexuais e buscam produzir tensionamentos a padrões cis-heteronormativos. O outro vídeo chamado “casais de *homens gays* tentam cortar os cabelos durante a quarentena”, traz casais de homens gays, geralmente casados, improvisando cortes de cabelos. Entre eles está especificamente um casal composto por um homem branco e um homem negro, com mais de 30 anos, ambos carecas e com visuais do que se apresentariam como masculinidades mais “convencionais”, conforme a capa do vídeo na Figura 46. Embora fiquem embaralhadas práticas que diferenciem “garotos *queer*” e “homens gays”, ambos os vídeos apresentam proposta semelhante, mas efetivam diferenças. Estas diferenças não se dão somente a partir de suas rotinas e estilos de vida apresentadas; sem enunciar, ficam implícitos diferentes contornos no que se refere à orientação sexual, orientação romântica, expressão de gênero, identidade de gênero, articulados a partir de marcadores como idade, etnia, raça, geração, configuração amorosa e estilização do corpo.

**Figura 46** – Em 2020, vídeos do *Youtube oficial* do Grindr tem a participação de “garotos *queer*” e outro de um casal inter-racial de “homens gays” tentando cortar os cabelos



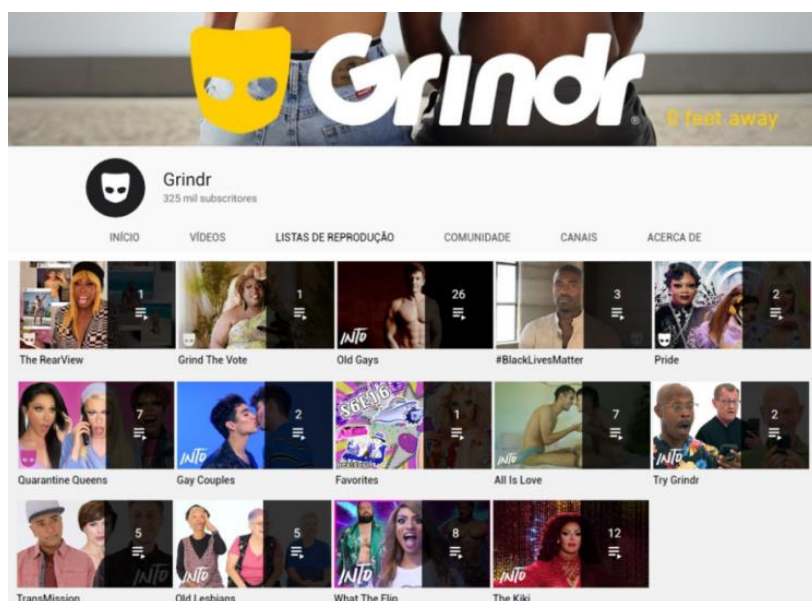
Fonte: Canal oficial do Grindr no YouTube, 2020<sup>78</sup>

Estes vídeos não só concentram diferentes públicos alvo do Grindr, como

<sup>78</sup> Disponível em: [https://www.youtube.com/results?search\\_query=grindr+cutting+hair](https://www.youtube.com/results?search_query=grindr+cutting+hair) Acesso em: 03 out. 2020.

personificam seus usuários, renegociando diferentes posições identitárias, reiterando estereótipos presentes nas tribos e pré-definições presentes em configurações do Grindr, e dão visibilidades às práticas atuais do *lifestyle* LGBTQIA+ estadunidense. Mesmo aquelas subjetividades que não são usuárias efetivas aparecem neste tipo de material publicitário, como o vídeo “lésbicas maduras aconselham jovens lésbicas”. Diante desta deriva pelo seu canal oficial do *Youtube*, pude fortalecer a perspectiva do Grindr como uma rede já assentada no imaginário popular como um dos elementos da cultura gay *mainstream*. Entretanto, a análise destes materiais me permitiu conjecturar como vem se constituindo uma série de estratégias da empresa em abordar amplamente um público LGBTQ, dando importância cada vez maior à sigla “Q”, isto é, uma suposta identidade *queer*, e mais precisamente, uma identidade *queer* demarcadamente do Grindr, estadunidense, aos seus moldes e compressões.

**Figura 47** – Canal do Youtube oficial do Grindr em 2020 focaliza em diferentes nichos



Fonte: Canal oficial do Grindr no YouTube, 2020<sup>79</sup>

Durante a visualização destes conteúdos me ficou a suposição de que, ao menos nos Estados Unidos, esta proposta publicitária de não reduzir o Grindr ao domínio de um público de homens discretos, e mesmo da figura do gay orgulhoso *mainstream*, está o *app* tentando produzir e efetivar, estrategicamente, um paradoxal público *queer mainstream*, ainda mais amplificado, comercial, palatável e neoliberal. A

<sup>79</sup> Disponível em: [https://www.youtube.com/results?search\\_query=grindr+cutting+hair](https://www.youtube.com/results?search_query=grindr+cutting+hair) Acesso em: 03 out. 2020.

sua perspectiva publicitária de “liberdade”, “tipos distintos de sujeitos”, de “diferentes formas de condutas e valor social”, acesso a determinados direitos pra ter “a esfera pessoal protegida”, e de que sujeitos possam romper determinadas normas, e ainda assim, estarem em compasso aos modos hegemônicos de vida atuais, inspira um olhar contínuo. Neste sentido, a Figura 48 nos mostra que em 2020 o Grindr posicionou-se abertamente apoiador à vitória do partido Democrata, com Joe Biden e Kamala Harris.

**Figura 48** – Postagens do Instagram oficial do Grindr em 2020 após vitória de Joe Biden e Kamala Harris



Fonte: Instagram oficial do Grindr, 2021<sup>80</sup>

Como se pode ver, o Grindr comemora a perspectiva de defesa de direitos LGBTQ+ pelo Partido Democrata, que, entre primeiras propostas de Biden e Harris, buscarão sancionar a “Lei da Igualdade” dentro dos primeiros cem dias de mandato, visando proibir discriminação por orientação sexual e identidade de gênero em espaços de trabalho, instituições públicas, e, não menos importante, ao acesso a financiamentos federais. Portanto, cabe acompanhar conjecturando as suas redes, pensando quais reverberações subjetivas este novo formato “*queer* estadunidense” do Grindr, sem barreiras, aqui no Brasil estenderá, considerando Rolnik (2018), quando diz que a versão contemporânea do regime colonial-capitalístico que atravessa a produção dos corpos é neoliberal, financeirizada e globalizada, justamente como Grindr se propõe ser: um estilo de vida que efetiva, individualmente, o “*zero passos de distância*”, a ideia de

<sup>80</sup> Disponível em: <https://www.instagram.com/grindr>> Acesso em: 05. Set. 2020.

localizar e conectar corpos ao redor do mundo com “infinitas possibilidades” de estilização. Ao que indicam os elementos na Figura 48, do mesmo modo como tem feito ano após ano em sua história, o Grindr persistirá em ser uma empresa que se põe a crescer e se espriar com suas concepções específicas de política e de liberdade, efetivando processos homonormativos neoliberais privatizantes, em sintonia ao que veremos no capítulo a seguir, que trago uma discussão de Lisa Duggan (2002). Seja como for, não devem existir limites: para isso é preciso prosseguir produzindo um sujeito “*unlimited*”.

## 4. DERIVAS POR CORPOS NO GRINDR

Passemos às nossas derivas por corpos, a refletir como são “seladas as utopias no corpo” (FOUCAULT, 2013). Em nosso último capítulo de análise, retomo os dois escritos anteriores, a partir das composições de corpos que já foram discutidas. Além disso, a questão mais central é abordar e composições de corpos no Grindr tomando (à luz dos) os processos heteronormativos e homonormativos neoliberais.

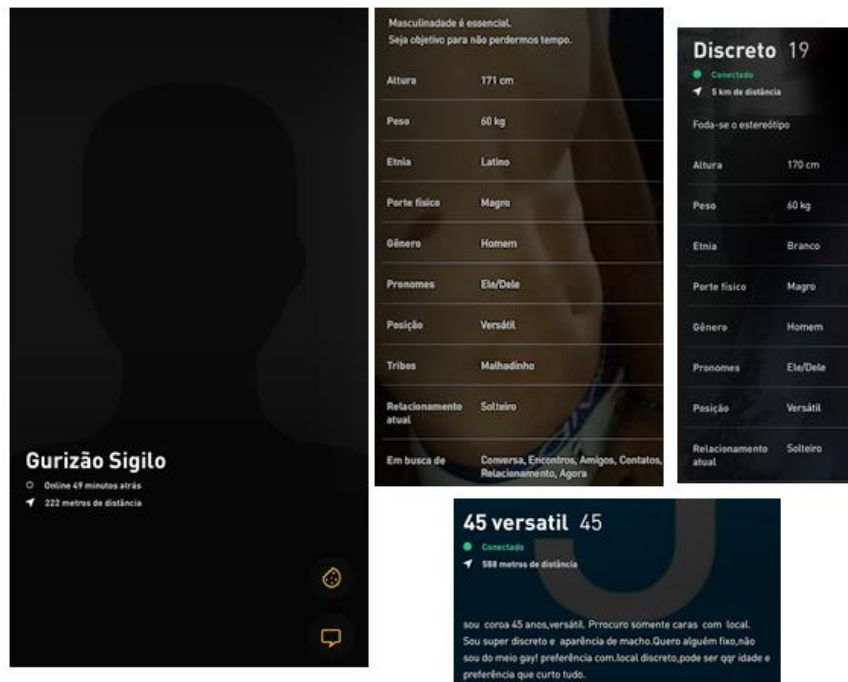
### 4.1 “SIGILOSOS”: DISCRIÇÃO E PROCESSOS HETERONORMATIVOS

Como uma de suas estratégias publicitárias, o Grindr oferece-se como produto-solução aos riscos que predisõem a sociabilidade de pessoas LGBTQ+ em espaços públicos. O temor às formas de humilhação, retaliação e violência fizeram com que as empresas começassem a materializar e ofertar redes sociais como espaços “discretos” e “seguros”. As diferentes ferramentas do Grindr, sejam elas as possibilidade de edição de perfil sem qualquer informação, bate-papo privado, “ícone sigiloso”, função “incógnito”, fotos que expiram depois de 10 segundos com impossibilidade de *printscreens*, filtros específicos de busca, categoria de “Tribo” de “Discretos”, e mesmo seu logotipo fazendo alusão a uma “máscara”, são bons exemplos. Como já discutido anteriormente, a sociabilidade que se efetiva é antagônica: pulsantes segredos abertos.

Uma olhadela pelo “*Grid*” e rapidamente podia perceber como ali operava um dispositivo de regulação e instauração de jogos com o armário. Entre as diferentes negociações por visibilidade, alguns usuários reivindicam invisibilidade, a proteção do rosto, o não reconhecimento. Comumente eram homens que buscavam encontros com outros homens (embora não só), evitando afirmarem-se como “gays”, “bissexuais” ou mesmo “homens que fazem sexo com homens”. Eles eram referidos e se autodenominavam os “discretos” e “sigilosos”.



Figura 49 – Perfis que negociam discrição e sigilo



Fonte: Grindr LLC, 2020<sup>81</sup>

Neste sentido, desdobravam-se distintas formas de reivindicar discrição e sigilo. Não eram raros perfis neste mesmo formato. O imperativo do sigilo parecia se consolidar a partir de diferentes práticas “estratégicas” e de “seletividade” dos encontros. Assim como perfil da Imagem 49, o “*Gurizão Sigilo, 27 {anos}*”, muitos destes homens não veiculavam qualquer informação. Frequentemente usuários que se autodenominavam “sigilosos” não mostravam o rosto, e mesmo não compartilhavam fotos de corpo no bate-papo. Havia todo um cuidado para que não fossem reconhecidos, embora eles sempre solicitassem imagens explícitas para que pudessem fazer uma avaliação segura. Na contrapartida, quando solicitadas fotos de rosto a usuários “sigilosos”, uma das suas estratégias de proteção era a sentença “*apenas retribuo {fotos}*”; dependendo a avaliação da foto enviada, não havia retribuição, mesmo que persistisse um desejo pelo encontro. Por vezes, o pouco diálogo que ocorria-era cheio de respostas vagas e questionadoras, em que era possível sentir uma atmosfera de precaução e medo. Em suas falas eram confidenciais os temores de, entre usuários encontrarem os colegas de trabalho, pessoas da família, conhecidos assumidos que vazassem informações, pessoas que conheciam companheiras, etc. Uma parte destes

<sup>81</sup> Os perfis apresentados nesta seção (Figuras 49 a 84) são *printscreens* realizados pelo autor no uso do aplicativo e não possuem links. O Grindr pode ser acessado pelo site oficial (<http://grindr.com>) ou fazendo *download* na loja virtual do Grindr em *playstores* de *smartphones*.



usuários eram homens casados ou estavam em um relacionamento monogâmico com uma mulher.

De modo que se constituem formas diversas de reivindicar discrição e sigilo, conforme perfis da Imagem 49, alguns usuários exibiam fotos que, sem o rosto, valorizavam o dorso, o abdome, o peitoral. Eram semelhantes a diversos outros perfis, que exibiam fotos que buscavam atrair olhares, mas que ainda assim eram irreconhecíveis. As procuras por semelhantes (sigiloso busca sigiloso, discreto busca discreto) não era regra, mas frequente. A sentença “*masculinidade é essencial*”, tendia a ser uma repetição discursiva neste tipo de perfil. As convocações da aparência, dos gestuais, das atitudes idealizadas quanto a um “*cara fora do meio gay*” evocavam: o homem cis-heterossexual, desejado pelas suas nuances, diferenças e pelos seus universalismos. Como em um dos perfis, a escolha dos *emojis*/figurinhas (de “aviso” e de “berinjela” = pênis grande) para compor o nome “*{atenção} curto {dotados}*”, demonstrava os modos como ocorrem buscas por homens, não só dotados de um grande pênis, mas dotados do estereótipo do macho. Mas não somente o pênis era capaz de ajudar a elaborar e ratificar o macho discreto. Muitas vezes, como no perfil da Figura 49, sendo “*discreto, pode ser qualquer idade e preferência, que curto tudo*”; os interesses por corpos eram diversificados, podendo variar marcadores como idade, diferentes posições sexuais, composições estético-corporais, etc. O importante era o imperativo de privacidade. A reserva e a manutenção deste segredo em comum, das coisas “entre homens” não assumidos, demarcavam as masculinidades normativas no Grindr.

Ao final dos “sobre mim” destes perfis as “linguagens de macho” também reiteravam-se nas gírias: “fera”, “*brow*”, “*brother*”, “cara”, “mano”, como se fossem ditas por uma voz potente, máscula e com certa malandragem. Além dos imperativos de ser “*super discreto, {com} aparência de macho*” como no perfil do usuário “*45 Versátil, 45 {anos}*”, “*ter local*” facilitava o segredo. “*Procuro caras somente com local*”, produzindo a ambiência do corpo discreto, resguardado, que não chama atenção. Aquele que é capaz de circular, capaz de ser observado somente pela sua “normalidade”, definindo a produção de um meio social que almeja ser marcado pela “heterossexualidade” e pelo “homem sério”, comedido, que tem controle de si, reservado e misterioso. Neste sentido, as diferentes configurações de perfis sigilosos, que eu visualizava pela sua opacidade, remontam processos heteronormativos, que são aquelas “instituições, estruturas de compreensão e orientações práticas que não apenas

fazem com que a heterossexualidade pareça coerente – ou seja, organizada como sexualidade – mas também que seja privilegiada” (BERLANT & WARNER, 2002).

Estes processos heteronormativos, variados e singulares, corroboram com práticas que constituem uma ordem sexual que prescreve aos sujeitos a se comportarem como pessoas heterossexuais em espaços de sociabilidade, até mesmo em espaços que dizem ter o objetivo de “agregar a comunidade LGBTQ” como o Grindr. Nesta produção de corpos sigilosos, é a própria matriz cis-heterossexual demandando sua “naturalidade”, sua ocupação em espaços públicos, e determinando que identidades sexuais e de gênero dissidentes sobrevivam no espaço privado. Constitui a garantia de permanência, coerência e solidez da norma. “Revelar” o rosto e ter que “assumir” determinadas identidades parecia exigir a estes homens o enfrentamento do medo, da aversão, a lidar com estigmas de loucura, doença, feiura, pecado e fragilidade que marcam corpos LGBTQ+. Me parecia estar diante de homens que viviam a constante tentativa de produzir “corpos não-marcados” pela estigmatização. Eram perfis que, na sua proposição de segredo, circulavam como dispositivos discursivos de produção e manutenção de determinados corpos (os que se exibiam corpos fora da norma) como vergonhosos, indesejáveis, inferiores, abjetos, doentes, loucos, ontologicamente fracassados.

Além disso, no Grindr, os processos heteronormativos articulavam-se ao empresariamento do corpo, da esfera pessoal segura, à noção de liberdade, de ter um espaço íntimo certificado. Sendo cada usuário seu próprio capital, vi diferentes formas do “corpo-privatizado-privatizante”. A interpelação de divulgação das imagens, das pressões estético-corporais, que demandam um corpo potente e viril, exigiam variáveis estratégias para despertar o desejo. Surgiam ambivalências e colisões. Assim como um dos perfis da Figura 49, o “*Discreto, 19 {anos}*”: “*foda-se o estereótipo*”, o macho parece não se compor só de discrição e da não exposição do rosto, mas, como veremos adiante, de um corpo viril. Assim, alguns poucos “discretos” podiam até exibir o rosto, mas não deixavam de reservar semblantes comedidos, tentativas de aparentar certa sobriedade e seriedade, etc. A busca paradoxal de reluzir circulando discretamente, sendo um “homem de verdade”.

Neste sentido, em distintos perfis lembro de ter visto piadas que buscavam desestabilizar certa segurança sobre as perspectivas de discretos e sigilosos: “Sigiloso? Discreto? Fora do meio? Todo mundo sabe, meu bem”. E seria equivocados acreditar que as tensões que marcam os pulsantes segredos estejam determinadas aos espaços

virtuais. Como disse Miskolci (2014, 2017) as profundas mudanças na visibilidade do desejo com o advento dos aplicativos gerou um massivo compartilhamento de “nudes”, a facilitação do “hook up” estadunidense, no Brasil, as “fast-fodas”. Estes processos transformaram práticas como o “cruising” dos Estados Unidos e, no Brasil atualizaram as práticas de “banheirão” e “pegação” em público. Mas as práticas de sexo em público entre homens não deixam de existir, elas são rearranjadas e complementadas a redes de contatos no espaço virtual como o Grindr.

**Figura 50** – Diferentes perfis solicitam e tensionam o sexo em espaços públicos e no ambiente virtual



Fonte: Grindr LLC, 2020

As apropriações de uso, bem como os objetivos do Grindr, entravam sempre em questão em perfis, já que suas múltiplas ferramentas viabilizam uma paradoxal sociabilidade privatizada/privatizante. Além disso, as diferentes gírias, símbolos, tribos, práticas, conduzem os usuários a aprender uma “gramática própria” do Grindr, como problematizou o estudo de Maracci *et al.*, 2019. Existem diferentes solicitações e também negativas ao contato sexual em espaços públicos conforme a Figura 50. “*Me critico e penso que posso sim conhecer alguém legal para algo, que não seja apenas uma “fast-foda”... palhaçada, {a} primeira pergunta {ser}: “tem mais fotos? Tem nudes? Tens local? Ai gente, tá parecendo as “taquaras da redenção”, só que virtual*”, referia-se o usuário “*Jhon urso, 26 {anos}*”, com um perfil cheio de informações e fotos de rosto/corpo à mostra. Assim como ele, se materializavam interesses colidentes em

termos de configuração afetivo-sexual. Circulavam conhecimentos prévios das diferentes localidades da cidade onde acontecem as práticas de “banheirão”, como neste caso apontado pelo usuário, os encontros no Parque Farroupilha em Porto Alegre/RS. Além disso, indicavam algumas articulações discursivas quanto às tensões de práticas de sexo em público e sexo virtual.

Não raramente é possível encontrar perfis discretos, quase imperceptíveis, sem fotos, que solicitavam: “*quero banheirão; só me avisa onde e quando; ativos e passivos (emojis/figurinhas de “berinjela” e de “pêssego”, que fazem alusão ao pênis e à bunda e aos parceiros ativos e passivos); preferência por machos gostosos e casados; redenção, parcão, zaffari, pucrs, rodoviária; bora trocar dicas?*”, como no perfil do usuário “36” da Figura 50. Havia todo um saber em torno das localidades, com a perspectiva de novas dicas e aprendizados, bem como formas de condução de condutas (“*me avise quando e onde*”), de (in)definição de posições de sujeito articulada às estereotípias (“machos”, “casados”, “ativos” e “passivos”) que arranjam e configuram os corpos nos encontros. A função de “Grupo” e os perfis destes usuários específicos se materializavam para a criação de novas formas de experimentação do “banheirão”. De modo que o “banheirão” tem sido historicamente caracterizado pela excitação em torno das incertezas, casualidades e imprevistos em locais públicos, constituem-se maiores previsibilidades nos encontros e a sustentação de uma garantia: a manutenção do sexo em público enquanto possibilidade.

As perspectivas de corpos marcados pelo sigilo e discrição vão compondo processos heteronormativos que permanecem efetivando uma ordem sexual que prescreve aos sujeitos a se comportarem como pessoas heterossexuais em todos os espaços de sociabilidade. A valorização de corpos do “homem de verdade”, do “macho”, da “cis-heterossexualidade masculina” também desdobrava outras estereotípias, e promoviam outros processos de hierarquização, como veremos a seguir.

#### **4.2 “PADRÃOZINHO” E PROCESSOS HOMONORMATIVOS NEOLIBERAIS**

A perspectiva do Grindr de ser uma rede social que promova uma experiência muito visual combina-se com a imposição de um ritmo de aceleração e de “produtividade” no âmbito dos encontros. Não raro encontrei perfis de usuários que diziam “*dê oi e já mande foto*”. Além disso, estudos anteriores já mencionados (Padilha, 2015; Bianchi, 2014;) constatavam um formato de publicidade do Grindr que até 2015

ainda valorizava corpos de homens viris, fortes, geralmente brancos. Estas configurações corporais buscavam reiterar um padrão de beleza e de masculinidade normativa, que afiguraria elementos mais heteronormativos e homonormativos.

Deste modo, para alguns dos usuários a convocação do corpo viril levava a outras formas de não relevar o corpo. Para alguns deles, os objetivos de estarem no Grindr centravam-se nas expectativas de estabelecerem um contato menos baseado na pressão da imagem, na valorização estético-corporal, e conforme os imperativos de beleza. Determinados perfis veiculam a proposta do diálogo e o compartilhamento de ideias, sentimentos e vínculos mais profundos. Podiam também estar em questão idealizações/romantizações em torno dos afetos. Bem como, podiam demarcar os desconfortos com a própria aparência.

Conforme a Figura 51, alguns destes usuários produziam perfis sem mostrar suas faces. “*Ninguém liga para descrições, preferem músculos e beleza, a conexões e química*”, dizia o usuário “*INDIFERENTE 26, {anos}*”. Seu perfil, quase completo de informações predefinidas (*altura: 1,76; peso: 77 kg; etnia: branco; porte físico: comum, etc;*), descrevia alguém que não se deixava aparecer, veiculando uma foto de uma silhueta escura ao por do sol. O perfil “*real 25, {anos}*” apenas dizia “*não sou sarado/padrão*”; estava “*em busca de: encontros/agora*”, e uma foto sem face, com um dorso envolto por um roupão/robe, deixavam a mostra o mamilo como parte de sua apresentação. Já o usuário “*FicaEmCasa 29, {anos}*” exibia, não só a intenção de muitos usuários em se manterem em isolamento social devido à pandemia do covid-19, como traçava uma reflexão comum aos outros usuários: o imperativo de um “corpo padrão”. “*Vontade de pegar um padrazinho, né minha filha? Sinto muito, aqui não tem, mas vai encontrar alguém de bom coração. Cuidado com o corona! Vamos bater um papo e trocar uma ideia por aqui ou pelo whatsapp! Gosto muito de conversar*”. Além de não mostrarem as faces, e terem em comum o desejo por dialogar, há uma compreensão do “padrão” associado ao corpo sarado, musculoso e trincado.

Figura 51 – Corpos com diferentes objetivos se ocultam diante de um “padrão” que circula no Grindr



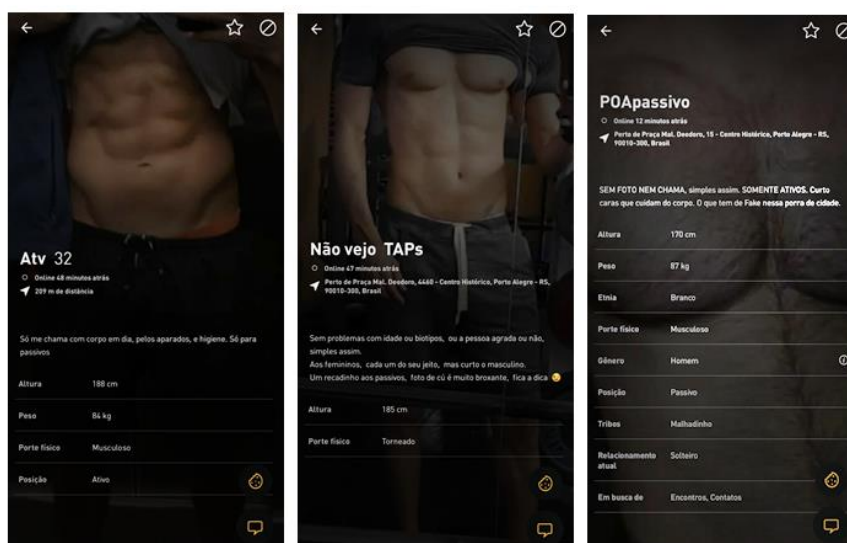
Fonte: Grindr LLC, 2020

Comumente, as gírias “*padrãozinho*” e “*boy padrão*” eram utilizadas em perfis para se referir a uma composição de masculinidade hegemônica, que articulava valorização estético-corporal, magreza, saúde, tônus muscular, juventude, higiene, o cuidado com pelos corporais, perfeição da pele, e simetria de todas as formas; além do mais, ser dotado de um grande pênis e/ou bunda, compunham as prescrições de beleza corporal entre homens. Se colocavam em jogo diversas formas de capital humano intelectual, psíquico, cultural, que visam intelectualizar, elitizar, corroborando com aspectos de maior *status* social no campo das hierarquizações corporais. Além disso, instaurava-se a questão racial, já que muitas vezes eram homens brancos e que, silenciosamente, buscam apenas seus semelhantes para relacionamentos afetivos, aqueles que seriam capazes de promover a manutenção do status/estilo de vida “padrão”. E embora o Grindr ainda não disponibilize uma “Tribo” fixa para esta significação brasileira, o “padrãozinho”/“boy padrão”, produzia contornos específicos em um clima extremamente avaliativo de si e do outro.

Ao longo das derivas, de fato, foi possível encontrar corpos que se exibiam com orgulho. Eventualmente mostravam rostos materializando ideais de beleza subjetivados e reelaborados há muitas gerações (barba e cabelos bem cortados, mandíbulas e queixos bem demarcados, dentes, sobrancelhas, nariz e olhos simétricos, etc). E, acima disso, geralmente eram corpos brancos, torneados, musculosos e jovens.

As fotos quase serializadas mostravam seus esforços de cuidado com o corpo.

Figura 52 – Diferentes tensões entre corpos brancos, jovens e musculosos



Fonte: Grindr LLC, 2020

Esta precedência fundamental que valorizava corpos brancos, malhados, surgia em perfis com descrições que, quando lidas, me davam a sensação de um tom mais imperioso, e até altivo: “*só chama com corpo em dia, pelos aparados e higiene*”, dizia o usuário “Atv 32, {anos}” conforme o perfil da Figura 52, que complementava dizendo, “*só para passivos*”; mesmo a escolha das características predefinidas (*altura: 1,88 cm; peso: 84 kg; porte físico: musculoso; posição: ativo;*) e a foto do dorso sarado, visavam afirmar as expectativas criteriosas de muitos destes usuários. O usuário “POApassivo”, que apresentava um peitoral musculoso e alguns pelos aparados, proferia: “*SEM FOTO, NEM CHAMA, simples assim. SOMENTE ATIVOS. Curto caras que cuidam do corpo*”. Outro perfil apresentava a imagem de um homem musculoso referindo-se: “*sem problemas com idade ou “biotipos”, ou a pessoa agrada ou não, simples assim. Aos femininos, cada um do seu jeito, mas curto e masculino. Um recadinho aos passivos, foto de cu é muito brochante*”. Em diferentes intensidades, a idade e mesmo o cuidado com as formas corporais são negociadas, mas geralmente permaneciam e se combinavam as perspectivas de encontrar “machos” fortes e que se cuidavam. Estas convocações se combinavam, comumente justificando-se como “*questão de gosto*” e separavam quem era desejável e quem não era.

Além das variações em torno da valorização do corpo musculoso, jovem e branco, as definições de posições sexuais se articulam definindo ordenações e critérios

específicos. Nestes perfis era possível perceber que, embora a produção de corpos centralizava-se na máxima “masculinização” estética, o atravessamento da díade “ativo/passivo” se dava de forma mais enrijecida. Estas nuances heteronormativas parecem ter ainda como referência a visão hegemônica de relação sexual reprodutiva heterossexual, tal qual disse Miskolci (2016). Neste caso, a mim, eles pareciam definir posições sexuais mais inflexíveis, embora não seja possível dizer como se efetivavam nas suas práticas.

Por vezes, estes perfis contavam com poucas informações. Eram comuns as fotos de corpos de sunga em praias e piscinas, que falavam por si próprias: “*NÃO RESPONDO SEM FOTO, 1,84 cm, 95 kg, porte físico: musculoso;*” Como em outros perfis, as categorias predefinidas de porte físico “*musculoso*”, “*torneado*”, “*malhadinho*” eram apresentadas em diferentes perfis, mas bastante semelhantes, e eram fundamentalmente ratificadas pelas fotos. Ter fotos parecia ser a única tarefa. Por vezes, a categoria de tribo “*barbie*”, que assinalava corpos musculosos, mas afeminados, também prosseguia sendo utilizada, embora me pareceu estar ficando datada. Entre estes homens, mesmo alguns usuários considerados mais afeminados eram considerados desejáveis, embora fosse justamente por cumprirem os critérios estético-corporais. Todavia, no geral, ainda operava uma preferência pelos “machos”. Além disso, mesmo que muitos destes usuários não mostrassem suas faces em perfis, as fotos de rosto (*selfies*) geralmente eram compartilhadas no bate-papo privado. A veiculação um pouco mais aberta do “segredo”, e a autodenominação enquanto homens “gays”/“bissexuais” não chegava a construir a única, ou a maior de todas as tensões.

Ao longo da pesquisa pude perceber que, comumente, em diferentes espaços estes corpos podem ser compreendidos como “homonormativos”, embora como já dito anteriormente, não há um corpo que possa identificar/definir uma “homonormatividade” unívoca. O que se vai percebendo é que estavam em jogo diferentes processos homonormativos que se renegociavam, se atualizavam, operando diversas prescrições, que para muitos homens, pareciam inacessíveis e até inalcançáveis. Além disso, a deriva por estes corpos deixou mais evidente como os processos homonormativos no Grindr articulam-se às perspectivas neoliberais como uma tecnologia do eu. Como dito ao longo do trabalho, no modelo subjetivo do “empreendedor de si” o indivíduo é seu próprio capital. Ou seja, pela própria arquitetura que se configura no aplicativo, o sujeito assume a forma-empresa, convertido à fonte dos próprios lucros. Embora os corpos discutidos nos subcapítulos anteriores também sejam problematizados quanto ao



empreendedorismo do corpo, determinadas estereotípias corporais como a do “boy padrão”, que incontestavelmente valorizavam a veiculação de imagens de corpos musculosos, deixam mais evidente como no Grindr cada corpo-empresa tem, além de seu próprio objetivo e missão, um *design* estético-corporal e um público alvo a atuar.

Conforme vimos, para Lisa Duggan (2002) a homonormatividade neoliberal é uma política sexual do neoliberalismo, e suas formações normativas não questionam instituições heterossexuais. Há um empenho para se assimilar e se incluir promovendo a manutenção dessas instituições. Deste modo, os processos homonormativos são pensados como incorporações das demandas LGBTQIA+ no funcionamento da economia neoliberal. Estes processos homonormativos neoliberais vão incitando a desejar determinadas formas de sucesso. Neste sentido, é possível dizer que os empenhos de homens brancos imersos na academia também remontam imperativos da beleza incidida ao “*gay mainstream*”, sendo considerados bem-sucedidos, ao menos, nos seus aspectos estético-corporais. O corpo malhado lhes afiguraria o aspecto de corpo exitoso e desejável entre os corpos “comuns”. De todo modo, conservam diversos aspectos da hegemonia da heterossexualidade (sobretudo cisgênero e branca) como modelo natural em todas as esferas da vida, operando por prescrições que fundamentam os processos sociais de regulação e controle a produção dos corpos: outra face dos processos heteronormativos. Nessa perspectiva, cabe pensar ainda que, os modos como os processos homonormativos neoliberais aqui em questão, produzem muitas outras formas de empresariamento de si no Grindr, como veremos a seguir.

Quase ao final das derivas de pesquisa me deparei com diferentes comentários em postagens<sup>82</sup> de redes sociais que abordavam as aglomerações entre homens em praias durante o réveillon, para práticas de sexo em público em meio à pandemia. Ao ler os comentários de seus seguidores, percebi que passavam a haver os usos da gíria “boy padrão” acoplada à gíria “*gay branca*”. Neste sentido, as críticas que racializavam a estereotípias e multiplicavam seus sentidos, concebiam os impasses, privilégios e certa hegemonia em termos desta posição de sujeito. Alguns comentários também questionavam os relatos em forma de postagens de sofrimento e preconceitos habitualmente reivindicados por parte de determinados homens “gays brancos” em redes sociais. Neste sentido, o fato de serem “minorias”/“dissidência” não lhes asseguraria a isenção de críticas, principalmente pelas “dificuldades de reconhecerem

---

<sup>82</sup><https://www.instagram.com/p/CJ5xQTxn4Wj/?igshid=3op84te46w8g;>  
<https://www.instagram.com/p/CJ8T5vnH9xQ/?igshid=1kq2lffqdvob6;> Acesso em: 12/01/2021.

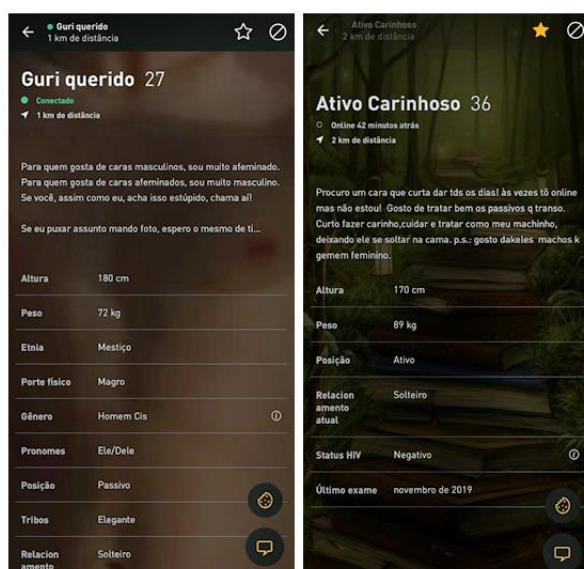
outros privilégios”. Nos comentários eram tensionados outros marcadores, sobretudo de raça, mas também gênero, privilégios de classe, idade e composição corporal. As críticas em torno da quebra do isolamento e a moralização do sexo em público, gracejavam o “arreto coletivo” como um típico exemplo da “*gay branca padrão*”: o desejo por pares “iguais”, um “pacto narcísico branco” que repele diferenças e que efetiva a certeza de que “podem tudo, e na hora que querem”.

De todo modo, cabe reafirmar que os processos homonormativos neoliberais até então problematizados não visam circunscrever universalidade ou uma identidade. Prossigamos pensando os modos aos quais, através do corpo, realizam-se outros processos de afirmação e/ou transgressão das normas regulatórias. Passemos então a pensar em certas hibridizações, tensionamentos entre formas e intensidades “feminilizantes” e “masculinizantes” que produzem corpos.

### 4.3 HIBRIDIZANDO: “MASCULINOS DEMAIS, AFEMINADOS DEMAIS”

Conforme vamos vendo, tenho tomando o Grindr como um vetor biopolítico neoliberal, mais especificamente, como um dos componentes do dispositivo da sexualidade contemporâneo. Em sua dinâmica o sexo continua a ser objeto de verdade, e consecutivamente arranja um esquadramento descritivo próprio das práticas dos usuários, tipificações de corpos e propõe identidades aos sujeitos. Mas a produção de verdade a respeito de si pela via de reconhecimento do seu desejo, e a tarefa de se fixar em uma identidade, podem não ser experimentações tão simples como almeja o Grindr, por meio de suas marcações. Por exemplo, tensionamentos entre ser “afeminado” e/ou “masculino” desdobram questões variadas em relação aos processos homonormativos neoliberais.

Figura 53 – Tensionamentos entre ser afeminado ou masculino



Fonte: Grindr LLC, 2020

Como temos visto, de modos bastante variáveis, os processos homonormativos, ainda propõem conformidade e coerência às normas de corpo, gênero e sexualidade. Além disso, vão incitando a competição, que ampliam tensões internas nas comunidades, em forma de desigualdade e até coerção e entre os indivíduos. São processos marcados pela assimilação e normalização, que embora mais brandos, também visam tornar os sujeitos adaptáveis às instituições da heteronormatividade: família, casamento, trabalho, adoção, reprodução, consumo, propriedade privada (DUGGAN, 2002; OLIVEIRA, 2013;). De diversas maneiras, os processos

homonormativos que se efetivam no Grindr propõem também um foco no “lucro”, mesmo que o lucro não seja somente monetário, mas em ganhos psíquicos, vantagens nas relações, valorização de posição social, rendimentos afetivo-sexuais, conquista de posições subjetivas, etc. O Grindr faz parte daquilo que diz o estudo de Oliveira (2013), isto é, da gama de produtos e serviços que levam a viver no privado experiências que dão certa sensação de “fuga” e “liberdade” aos enfrentamentos rotineiros da realidade heteronormativa. Mas as contradições heteronormativas/homonormativas não deixam de entrar em operação.

*“Para quem gosta de caras masculinos, sou muito afeminado. Para quem gosta de caras afeminados, sou muito masculino. Se você assim como eu, acha isso estúpido, chama aí!”*, veiculava o usuário *“Guri querido 27, {anos}”*. Esta tensão, que parece ir além da obrigação de se passar por heterossexual, remontava a realidade de desgaste psíquico que as observações mais minuciosas do cotidiano em torno do gestual, da voz, do modo de se portar, de se vestir, expressar emoções, etc, que homens diversos são impelidos ao longo da vida. No campo dos desejos, atravessados por contradições homonormativas e heteronormativas, surgiam os usuários que hibridizavam fantasias, enunciavam especificidades nos corpos a serem encontrados: *“Procuro um cara que curta dar todos os dias! Às vezes tô online, mas não estou! Gosto de tratar bem os passivos que transo. Curto fazer carinho, cuidar e tratar como meu machinho, deixando ele se soltar na cama. p.s.: gosto daqueles machos que gemem feminino”*, demandava o usuário *“Ativo Carinhoso 36, {anos}”*.

Os *“machinhos”* que gemem *“feminino”*, os *“afeminados demais e masculinos demais”* me propuseram pensar que, justamente, alguns corpos, mesmo que não o façam de forma radical, passavam a desestabilizar determinadas noções mais simplistas de que o Grindr é somente caracterizado pelos desejos em corpos heteronormativos, e/o que todo usuário do Grindr só “goza” com a norma. Mesmo que se reproduzam formas de regulação e controle, estes homens me faziam pensar os corpos nas suas processualidades, suas desestabilizações, variações e simultaneidades em tensão. Mas é preciso não perder de vista que as contradições heteronormativas, as formas de normalização dos corpos, os esquadrinhamentos das práticas, realmente estão no Grindr em consonância ao projeto neoliberal, efetivando a busca dos diferentes interesses. De modo geral, me parecia que, o que importa ao Grindr é que, entre o binarismo afeminado/masculino, cada usuário se mantenha inscrito e online, tenha seus próprios rendimentos afetivo-sexuais e sintam que estão conquistando determinadas posições

subjetivas. Como na Figura 53, entre as hibridizações, ser um *guri querido*, desejado, exercer desejos, ser um *ativo carinhoso*, etc.

#### **4.4 OSTENTANDO FEMINILIDADE**

De tal modo que o Grindr, enquanto vetor do dispositivo da sexualidade nos indica o funcionamento da governamentalidade neoliberal, parece-nos necessário atentar aos modos como ele busca intensificar a sua produção de subjetividade: indivíduo como ponto de intervenção, incitação à diferenciação, estratégias que viabilizem a lógica da concorrência, a busca por interesses privados, e modulação dos efeitos em um corpo múltiplo em conformidade aos interesses que perpassam esta população. Individualização/totalização em simultâneo, tal qual situou Foucault na ênfase da racionalidade biopolítica neoliberal (CANDIOTTO, 2011; SAMPAIO, 2018).

Desde 2017 a publicidade do Grindr se transformou, trazendo um tom mais politizado, ativista e desconstruído, visando uma liberdade corporal e identitária. Vemos também, a perspectiva do indivíduo LGBTQ+ tomado como livre “empreendedor de si mesmo” permitindo-nos pensar que as “tecnologias do eu” arquitetadas pelo Grindr, que transformam os corpos em empresas a atuar a favor de suas “marcas”. Neste sentido, as “marcas de poder” inscritas nos corpos, de sexualidade, gênero, raça, nacionalidade, idade, etc, tornam-se também como logomarcas que identificam e distinguem serviços e produtos de cada corpo-empresa. Neste sentido, entre as diversas estratégias às quais cada corpo-empresa atuante no Grindr precisa fazer publicidade, a heteronormatividade como repúdio passa a ser incorporada como demanda de busca.

**Figura 54** – A heteronormatividade enquanto repúdio passa a ser critério de busca

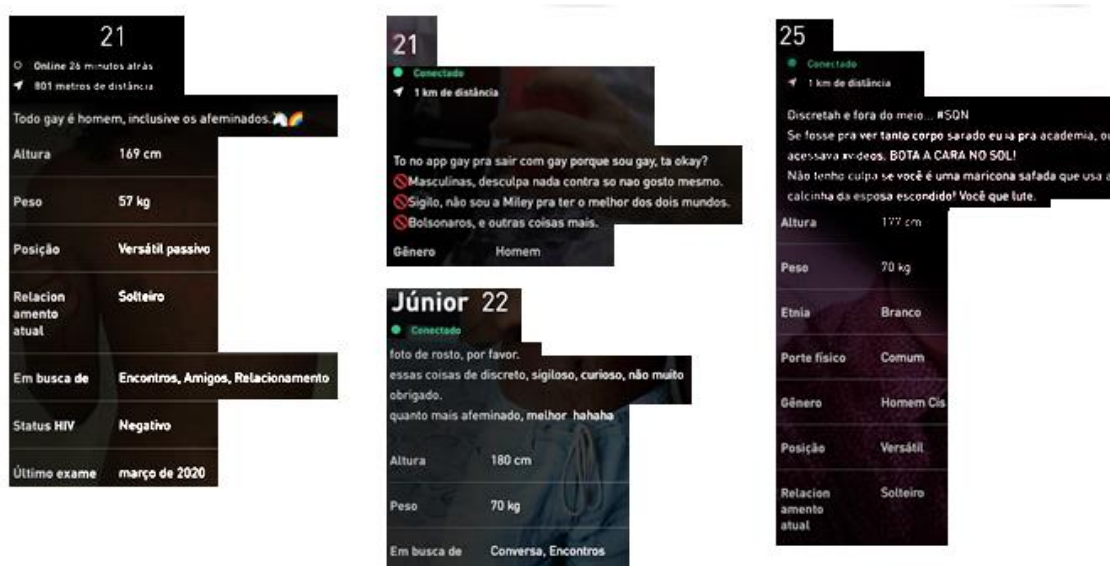


Fonte: Grindr LLC, 2020

“O que te difere dos demais? Não precisa simular uma personalidade heteronormativa para ser atraente. Dispensio machistas”, anunciavam usuários como o “d. 27, {anos}”, conforme o perfil da a Figura 54; entre suas predefinições, um corpo a ser considerado pequeno e magro (*altura: 1,62; peso: 54 kg*);, em simultâneo, a foto sem camiseta faz parte da estratégia de chamar os olhos ao seu corpo-empresa combinado a outros marcas (*etnia: branco; gênero: homem cis; posição: versátil ativo*);). Assim como ele, nas tarefas de se diferenciar para ser exclusivo/ único, muitos outros usuários buscavam criar formas de expressar a negação do outro para traçar distinção (“não sou” e “não curto”), formando categorias legítimas/valorizadas (GROHMANN, 2015).

Não raro, vi perfis que anunciavam “Não me interessam discretos, “machos alphas” e gays com complexo de hetero. Obrigado! {emoji/figurinha negativa} Bolsogado, {emoji/figurinha negativa} normativos”, conforme o perfil da Figura 54. Surge um cenário ao qual a heteronormatividade passa a ser referida como “masculinidade tóxica”, como atributo de pessoas mal resolvidas, com problemas de auto aceitação, que predispoem problemas psicológicos, reiteração do machismo e até loucura. As possibilidades de ser “indiscreto quando eu quero”, virava mesmo sua contrapartida: a ostentação da feminilidade como estratégia afirmativa e formas de individualização tais quais conduzem os processos homonormativos neoliberais do Grindr.

Figura 55 – As buscas de/por homens afeminados



Fonte: Grindr LLC, 2020

Se historicamente homens gays afeminados ainda não são considerados “homens de verdade”, a sua discordância virava *slogan*: “*todo gay é homem, inclusive os afeminados*”, conforme o usuário “Eli, 21 {anos}” na Figura 55. Do mesmo modo, as negações às experiências afetivo-sexuais de homens afeminados sempre foram proferidas com enunciados diretos e bastante explícitos, na contrapartida, esta linguagem é ressignificada como estratégia semelhante: “*Tô no app gay pra sair com gay porque sou gay, tá okay? {emoji/figurinha negativa} Masculinas, desculpa, nada contra, só não gosto mesmo; {emoji/figurinha negativa} Sigilo, não sou a Miley pra ter o melhor dos dois mundos; {emoji/figurinha negativa} Bolsonaro, e outras coisas mais*”. Com humor, os “sigilosos heteronormativos” eram comparados à personagem da Disney, da série Hannah Montana, a qual a atriz e cantora Miley Cyrus vivia o segredo de uma vida dupla, entre ser uma garota anônima do ensino médio e uma pop-star de sucesso. Além disso, muitos destes perfis, conforme vamos vendo, criavam certa articulação entre heteronormatividade, sigilo, bolsonarismo e fascismo.

Enunciações como: “*essas coisas de discreto, sigiloso, curioso, não, muito obrigado. Quanto mais afeminado, melhor, hahaha*”, se articulavam às gírias absorvidas das mídias e linguagens mais estereotipadas “*Discretah*’ e *fora do meio*, #SQN {“só que não”}; *Se fosse pra ver tanto corpo sarado eu ia pra academia ou acessava o {site pornô} xvideos. ‘BOTA A CARA NO SOL!’*, *Não tenho culpa se você é*

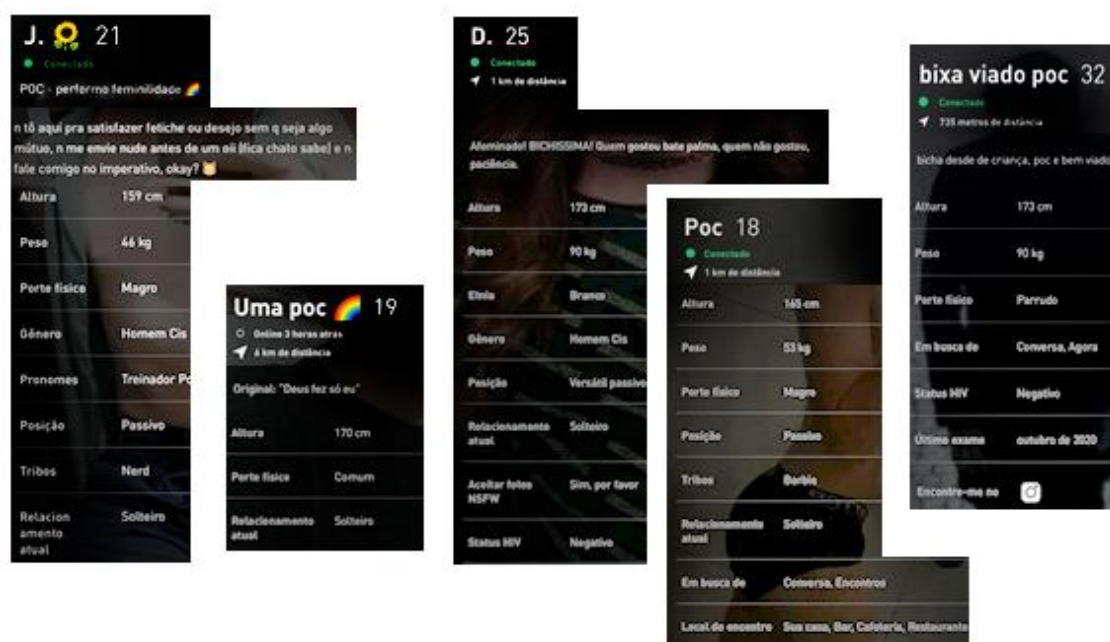
*uma mariconsa safada que usa a calcinha da esposa escondido! 'Você que lute'*". A valorização de homens afeminados me parecia traçar deslocamentos importantes em termos de afeto e sexualidade. Quanto às possíveis desestabilizações que homens afeminados buscavam delinear, jogando e brincando com os códigos, busco refletir também impasses de que, "afeminadas *mainstream*" não deixam colonizar a lógica do corpo livre, individual, estilizável, para consumo, isto é, um investimento a ser gerido para aumento do próprio capital.

Esta produção dos corpos do Grindr, alinhada ao paradigma neoliberal, parcelável/financeirizado, globalizado, do sujeito "*unlimited*" produz novas estereotípias. As novas significações e formas de objetivação com linguagem de mercado, também passam a criar outras exigências estético-corporais, uma nova gama de predefinições identitárias para fixar e conduzir sujeitos. Redes como o Grindr funcionam como dispositivos discursivos de produção e manutenção de alguns corpos, que em determinados momentos são socialmente reconhecidos, em outros são considerados abjetos. Essas tentativas de efetivar condições para emergir outros corpos de "sucesso", "orgulhosos" e "belos", embora importantes, não deixam de reiterar novas formas de competição, desigualdade e hierarquização.

Conforme já dito, há uma realidade no aplicativo em que os corpos, em diferentes intensidades e detalhes, incorporam determinados elementos e estereótipos de feminilidade. Muitas vezes, são pequenas "transformações" e indumentários considerados feminilizantes, como a maquiagem, as unhas pintadas, determinados cortes de cabelo, acessórios como brincos, além do uso das gírias, gestual, poses, etc.



Figura 56 – POC's performatizando feminilidades



Fonte: Grindr LLC, 2020

Ao longo dos últimos anos, muitos destes usuários passaram a se autodenominar em seus perfis como “POC’s”. No passado a gíria brasileira se referia a homens gays afeminados, jovens, negros e mestiços, moradores de periferias. Porém o termo foi embranquecido e reatualizado com linguagem de mercado, mantendo a incorporação de elementos, gestuais e acessórios considerados femininos. O Grindr é caracterizado também como um espaço que possibilita modos de exagerar e exaltar códigos, brincar com a não-naturalidade da norma, gerando uma profusão de perfis autodenominadas a partir desta estereotipia. Apesar do aplicativo não indicar a intenção de disponibilizar uma categoria de “Tribo” para POC’s, na prática as apropriações seguem acontecendo.

Tal qual a definição do termo no *Instagram* brasileiro do Grindr (POC: *Perfeitas aos Olhos do Criador*), surgiam composições como na Figura 56: “*Uma poc 19, {anos}*”, que indicava as tentativas de traçar quase uma “unicidade divina” e uma “exclusividade de mercado” das que se automeiam POC’s: “*original: Deus fez só eu*”. Os *emojis*/figurinhas de “arco-íris”, se compunham também com “flores” no perfil e cabelos coloridos de “*J. 21, {anos}*”: “*POC – performo feminilidade; leia a bio. não to aqui para satisfazer fetiche ou desejo sem que seja algo mútuo, não me envie nudes antes de um “oi” (fica chato, sabe), e não fale comigo no imperativo, okay?*” {*emoji/figurinha de “gato”*}).

Muitos perfis mostravam faces com olhos maquiados, sobrancelhas arqueadas, bem desenhadas, em consonância com as últimas tendências da indústria da beleza, com infinitas possibilidades de produtos, maquiagens, contornos, que lembram também a estética das *drag queens*. Neste sentido, a proposta é se afirmar ao máximo: “Afeminado, BICHISSIMA! Quem gostou bate palma, quem não gostou, paciência”. A estética variava conforme outras combinações, mas a perspectiva de traçar uma trajetória de autenticidade se afirmava como: “Bicha desde criança, poc e bem viado”. Embora suas faces orgulhosas estejam lá, os nomes pareciam evitados. Ficavam as abreviações, as gírias e objetivações que demarcavam antecedências: “poc, 18; uma poc, 19; bicha viado poc, 32;). Os números, que identificavam as idades, variavam articulando diferentes gerações, embora homens com mais de trinta anos raramente se caracterizavam de tal modo. De fato, os fatores étnico-raciais também se tornaram variáveis, mas me pareceu ter se efetivado certo embranquecimento.

O campo “*pronomes personalizados*”, destinado “*a usuários trans e não binários comunicarem seus pronomes de preferência*”, ao qual o aplicativo solicita que “*não usem este campo para piadinhas*”, eram empregados para marcar certa ininteligibilidade e humor com termos aleatórios, por exemplo: “*treinador pokémon*” (referência aos personagens dos games e da série Pokémon; os “*trainers*” são aqueles que capturam e treinam os esquisitos monstros selvagens, domesticando-os para batalhas). Como se pode perceber, as tentativas de lidar de maneira orgulhosa com possíveis estranhamentos traçava um cenário que possibilita muitas formas de se compor enquanto “POC”. Mas a gíria prossegue sendo apropriada por homens, quase sempre, jovens, orgulhosos de si e afeminados. Estes usuários absorvem principalmente uma estética feminilizante de mercado, pendendo também ao clichê. Por vezes, as fotografias apresentavam poses, gestuais, expressões faciais e maquiagens que indicavam também certa serialização. Neste sentido, chego a pensar que parece estar em operação todo um nicho específico voltado a esta estereotipia, incitando uma imersão à lógica de sempre escolher uma única “*drag*” vencedora nos *realities*, estímulo às novas tendências e produtos nos diversos tutoriais de maquiagens e *skincare*, práticas de consumo em torno de acessórios da moda, além dos intermináveis debates sobre quem é a melhor diva do *pop*. Este *lifestyle* poderia estar a produzir a racionalidade da “POC” empresária de si-empoderada, que concorre para ostentar a melhor forma possível sua feminilidade.

Alguns desses corpos eram também semelhantes aos participantes do vídeo já

mencionado no capítulo 3, presente no canal oficial do Grindr no *Youtube*, nomeado “garotos *queer* tentam cortar os cabelos”. Todos os participantes do vídeo eram jovens, geralmente brancos e afeminados, com visuais “alternativos”, *piercings*, cabelos coloridos, tatuagens. Esta proximidade estética com visual intencionalmente mais excêntrico, mas que não deixa de repetir/serializar tendências de moda parecia uma tentativa do Grindr em materializar a predefinição automática de “Identidade” “*queer*” presente no aplicativo. Adaptada à linguagem de mercado estadunidense, demarcar-se “*queer*” parecia remeter às tentativas de produzir tensionamentos aos padrões cis-heteronormativos, e o orgulho de serem gays, bissexuais, pansexuais, polisssexuais, assexuais, corpos não-binários, entre outras identidades. De maneira semelhante, as POC’s também pareciam tensionar a norma, ao delinear corpos que não se encaixam a imposição da “coerência” da heterossexualidade/cisgeneridade. Simultaneamente, as POC’s estavam assimilando-se socialmente por meio das linguagens de mercado. Todas estas composições de corpo, intencional e orgulhosamente “incomuns” podem estar cada vez mais identificáveis e palatáveis. Neste sentido, os processos homonormativos, marcados pela assimilação de mercado, não deixam ninguém de fora: “quem gostou bate palma, quem não gostou, paciência”.

**Figura 57** – Negociações que articulam uma virilidade afeminada e idade, buscando diferentes rendimentos



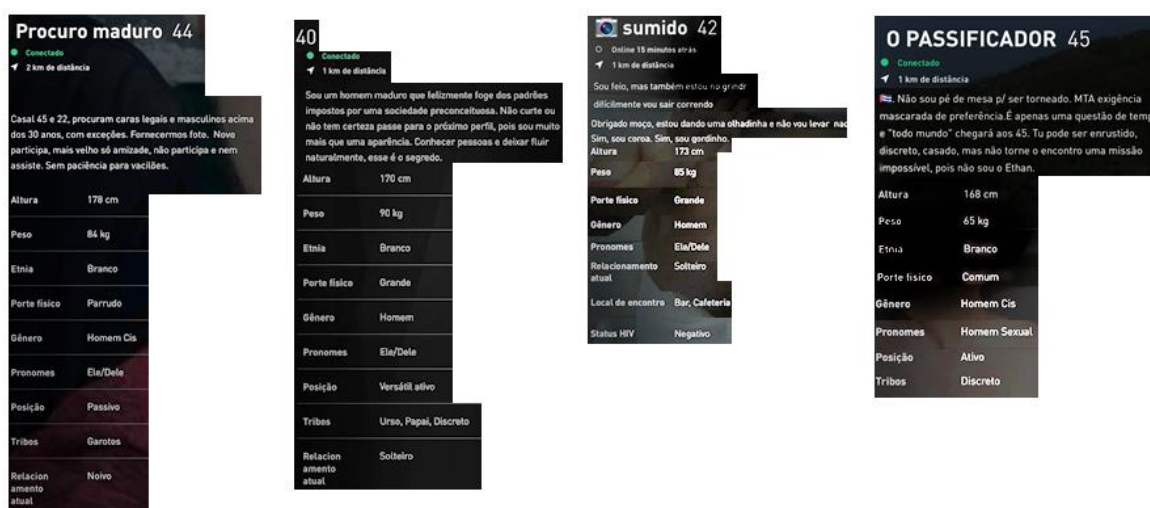
Fonte: Grindr LLC, 2020

Estes corpos que se negociavam (“negócio” em seus múltiplos sentidos), buscavam também seus próprios rendimentos, benesses, ascensão e lugares sociais. Por vezes a tentativa de lucro não era somente sexual, afetiva e/ou psíquica, era literalmente material. Ser afeminado, mas jovem, podia suscitar a perspectiva de recorrer a quem, no imaginário coletivo, já teria uma trajetória de estabilidade financeira constituída: *“tenho fetiches em “coroa”, se me dá mimo\$ melhor ainda; eu ser afeminado não significa que não sei te fazer de minha putinha na cama {emoji/figurinha ‘ piscando os olhos’}”*. Além dos pretendidos tensionamentos evocados em torno desta “potência” sexual afeminada, ocorriam as negociações entre diferentes idades, gerações e marcadores socioeconômicos. Estas objetivações podiam implicar nas formas do conduzir condutas em torno das configurações afetivo-sexuais. A seguir faremos uma deriva por diferentes corpos que negociavam jovialidade/maturidade.

## 4.5 TENSÕES ETÁRIAS E NEGOCIAÇÕES DA MATURIDADE

Ao longo das derivações por corpos pude salvar perfis e ver variações de idade nas apresentações destes mesmos perfis. De modo geral, embora a juventude tenha me parecido uma grande demanda, não somente a pressão pela juventude era fator circulante. Em muitos aspectos, os usuários buscavam se apresentar a partir de ideais de idade, compondo diferentes combinações que agregavam valor. Por isso, oportunamente, usuários podiam tentar se apresentar como novos, ou mais velhos, de acordo com outros perfis de interesse. Neste sentido, busquei compreender os modos como os jogos com as temporalidades do corpo implicavam diferentes formas de condução de condutas e posições subjetivas.

Figura 58 – Os impasses de definições sobre o corpo maduro variam a partir de outros marcadores



Fonte: Grindr LLC, 2020

As primeiras questões que me afetaram em torno das negociações de idade, em torno da produção de corpos, foram as diferentes tentativas de (auto)-definição do corpo “maduro”. Conforme a Figura 58, para alguns usuários os atravessamentos da “maturidade” começavam a decorrer a partir dos trinta anos, mas para ser atrativo ainda era necessário se compor a outras características, como a “masculinidade” hegemônica: “*Procuo maduro, 44 {anos}*”: “*Casal, 45 e 22 {anos} procuram caras legais e masculinos acima dos 30 anos, com exceções*”. As auto definições ainda utilizavam termos como “coroa” articulando a afirmação das formas do corpo, uso de barba, entre outras características que apareciam nas fotos, como o “*Sumido, 42 {anos}*”: “*obrigado*

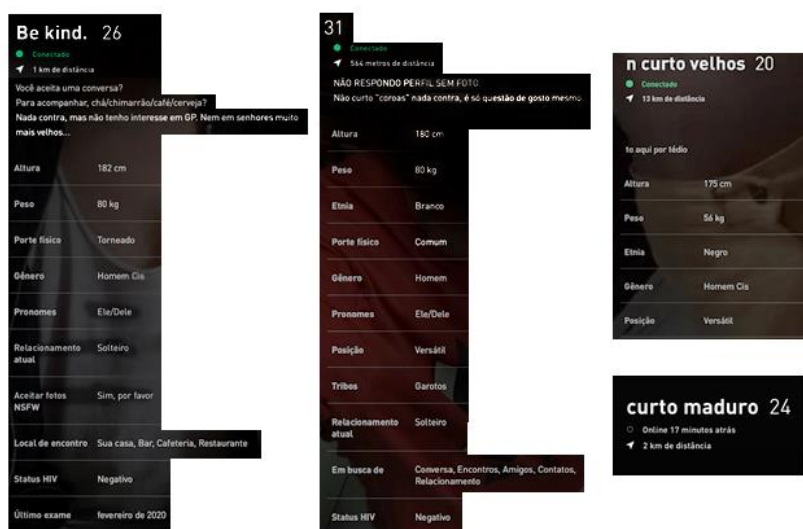
*moço, estou dando uma olhadinha e não vou levar nada. Sim, sou coroa. Sim, sou gordinho*". Para outros as definições se davam em termos de críticas à pressão estética e temporalidade buscando traçar um saber: "*Passificador, 45 {anos}*": *Não sou pé de mesa para ser torneado. MUITA exigência mascarada de preferência. É apenas uma questão de tempo e "todo mundo" chegará aos 45*". Neste sentido, durante as derivas, vi que os impasses de definições sobre o corpo maduro variavam, em média, a partir dos 30 anos aos 45 anos. Mas cabe novamente destacar que não há aqui a tentativa de encontrar uma idade definidora, ou tipo específico de corpo, mas entender como se formam prescrições e um conjunto de características em negociação. As necessidades prévias de aviso (como: "*sim, sou coroa*") vão falando de um envelhecimento do corpo que vai marcando diferenciação. A maturidade compunha-se como corpo fora do padrão, tomando a juventude como norma e referencial social de corpo.

Por vezes, alguns usuários, como "*Henrique, 40 {anos}*" na Figura 58, não apresentavam imagens do corpo, mas afirmavam orgulho de si diante de preconceitos etários e que pressionavam à magreza: "*Sou um homem maduro que felizmente foge dos padrões impostos por uma sociedade preconceituosa. Não curte ou não tem certeza passa para o próximo perfil, pois sou muito mais que uma aparência. Conhecer pessoas e deixar fluir naturalmente, esse é o segredo*". Em um lugar como o Grindr, que põe o corpo a se empresariar, a potência, a vitalidade e o vigor consolidavam-se como parte dos valores que compunham a economia-política destas negociações. A falta de tônus na pele, a calvície, a perda ou ganho excessivo de peso, cabelos e barbas grisalhas, dificuldades de ereção, declínio na potencia sexual, carência afetiva e solidão pareciam compor todos os possíveis preconceitos. Silenciosamente, o corpo que processualmente matura era reduzido e produzido em torno de uma simplificação de seus aspectos biológicos e possíveis limitações sociais.

No Grindr, além dos parâmetros de idade disponíveis (*18 a 99 anos*), as tribos "*Papai*" e "*Garotos*" são exemplos de como se constituem estereótipias em torno da jovialidade/maturidade nas predefinições automáticas. Mas em perfis, muitos outros estereótipos são objetivados para estabelecer negociações etárias nas descrições: "*maduros*", "*coroas*", "*velhos*", "*tios*", "*senhores*", "*daddys*", "*sugar daddies*"; "*jovens*", "*guris*", "*meninos*", "*boys*", "*novinhos*", "*twinks*", "*sugar babies*". Muitas destas estereótipias, legadas também da pornografia, buscam previamente definir funções e posições, perspectivas de condução, demarcação de hierarquias. As buscas e formas de repelir que eram centralizadas nestes estereótipos constituíam vários outros

impasses, como veremos.

Figura 59 – Buscando e evitando corpos de homens maduros



Fonte: Grindr LLC, 2020

Durante as derivas pelo campo de pesquisa encontrei muitos perfis conforme o “*curto maduro, 24 {anos}*”, perfil da Figura 59. Eram homens jovens em busca de homens mais velhos por diversas razões. Muitos deles pelo desejo afetivo-sexual, pela atração às características corporais, pelo imaginário que se produz em torno dos encontros que se pode experimentar e pelas diferentes possibilidades de vínculo. As formas de repelir indicam as indisposições com as abordagens de homens mais velhos. Vão desde as formas mais diretas, até mesmo no nome do perfil: “*não curto velhos, 20 {anos}*”; indo às formas de repelir mais “delicadas”: “*Nada contra, mas não tenho interesse em GP (garotos de programa). Nem em senhores muito mais velhos*”, dizia o usuário “*Be kind, 26 {anos}*”. Se anteriormente vimos que, a partir dos trinta anos um corpo pode começar a ser considerado maduro, para outros não se afigura do mesmo modo, como para “*John Regis, 31 {anos}*”: “*NÃO RESPONDO PERFIL SEM FOTO. Não curto “coroas”, nada contra, é só questão de gosto mesmo*”, (marcando a predefinição de “*Tribo*”: “*garotos*”).

Outras formas de se afirmar a partir dos trinta anos também passavam a surgir, assim como em perfis como do usuário “*Banco novinho, 30 {anos}*”. Poucas informações quanto aos seus objetivos estavam disponíveis neste perfil, mas passava a me chamar atenção certa articulação entre idade e a capacidade de prover financeiramente. Neste sentido, as relações entre homens com idades díspares são

historicamente marcadas pelo sexo pago, assunto ao qual não pretendo me aprofundar. Ao longo da pesquisa encontrei alguns perfis que indicavam o desejo de prover financeiramente, disseminando diferentes interesses e idades. Pude acompanhar perfis como o usuário “tio Ajuda boy, 61 {anos}”, conforme a Figura 60: “*sentindo a solidão e à procura de garotos legais acima de 18 anos, que realmente curta um maduro... carinhoso, discreto, solitário. Deixar rolar, mas me convida para conversar e quem sabe dar uma volta... por favor, se não te foto nem me chame*”. O horizonte da solidão é temor para alguns homens que buscam constituir relações afetivo-sexuais com outros homens. A perspectiva de “ajuda” financeira, por parte de homens mais velhos a homens mais jovens, traça uma série de especificidades de sociabilidade e do envelhecimento homossexual, que não só são experimentados pela solidão (POCAHY, 2012). Entretanto, mais recentemente passam a surgir especificidades em perfis do Grindr, marcando a produção de outras configurações de práticas visam prover financeiramente acopladas à questão da idade.

**Figura 60** – Homens que provém, e mais recentemente, os “sugar daddies” e os “sugar babies”



Fonte: Grindr LLC, 2020

Conforme já dito, no Grindr do Brasil, a categoria automática de Tribo “Papai”, tradução da sua versão estadunidense “Daddy”, compõe-se como uma definição para corpos de homens maduros, enquanto a categoria “Garotos” se refere aos corpos jovens. Contudo, neste trabalho pude acompanhar a profusão de outras apropriações em perfis a partir da colonização de termos estadunidenses como “sugar daddy” e “sugar baby”, que reatualizam as articulações etárias e monetárias. Como em



outros espaços da sociedade, entre usuários do Grindr o “*sugar daddy*” passa a ser idealizado como um homem maduro, rico, bem sucedido, e com ares de “jovialidade”. Pode ser visto também como um homem generoso e experiente, com o objetivo de ter companhia, proporcionando a seus parceiros presentes, viagens e “mimos”. Enquanto o “*sugar daddy*” é um provedor, o “*sugar baby*” é idealizado como o parceiro mais jovem, que busca um estilo de vida pautado no acesso às práticas de consumo, ao cuidado com o corpo e a manutenção de sua juventude<sup>83</sup>. Neste sentido, as discursividades que se estabelecem atualmente em sites especializados deste nicho de mercado, não configuram a díade *sugar daddy/baby* necessariamente como prostituição/sexo pago, mas como “troca de favores” marcada pela transação de “interesses mútuos” com “diferentes benefícios”. Neste tipo de relação nem sempre precisa haver também o toque físico ou a relação sexual.

Conforme a figura 60, ao longo da pesquisa encontrei perfis como o “*Quero jovem, 52 {anos}*”, que se definia como “*sugar daddy*”: em “*busca {de} jovem com corpo em dia... posso dar o que você deseja*”, combinando marcadores como (*posição: ativo; etnia: branco; altura: 1,78 cm; peso: 75 kg; em busca de: encontros, relacionamento;*). Nenhuma menção a dinheiro, somente figurinhas como “*berinjela*”, “*coração*”, “*globo terrestre*” e “*avião*”, deixavam no ar algumas intenções. Já o perfil do usuário “*Sugar Baby, 26 {anos}*”, contava com uma foto de perfil sorrindo: “*Procurando por Sugar Daddy; Looking for Sugar Daddy*”. Posteriormente, ao longo da pesquisa, pude ler reportagens<sup>84</sup> que refletiam desdobramentos de tais relações, marcando diferentes níveis de moralização como “um jogo de poder nada saudável”<sup>85</sup>. As problemáticas discutidas, geralmente eram em torno do “*sugar daddy*” como efetivação do “*paternalismo*”, de domínio pela via do “*poder aquisitivo*” com estratégias de “*controle financeiro*” e “*lógica de recompensa*”, enquanto o “*sugar baby*” efetivaria

---

<sup>83</sup> A rede social <https://www.universosugar.com/>, voltado mulheres e homens heterossexuais, define os “*sugar daddies*” como “homens maduros, experientes e bem-sucedidos, generosos, que não abrem mão de ter companhia”; muitos destes inscritos tem idades a partir de 30 anos. Já as *sugar babies* são definidas como “mulheres atraentes que buscam homens para patrocinar seus sonhos, estabilidade financeira, crescimento pessoal e profissional”. A publicidade da rede “Universo Sugar” ainda define seus inscritos como “pessoas decididas a quererem viver um relacionamento com benefícios mútuos”. Acesso em: 08/01/2021

<sup>84</sup> <https://empoderadx.com.br/2020/08/04/5-mitos-sobre-os-relacionamentos-entre-sugar-babies-e-sugar-daddies/>; Acesso em: 08/01/2021;

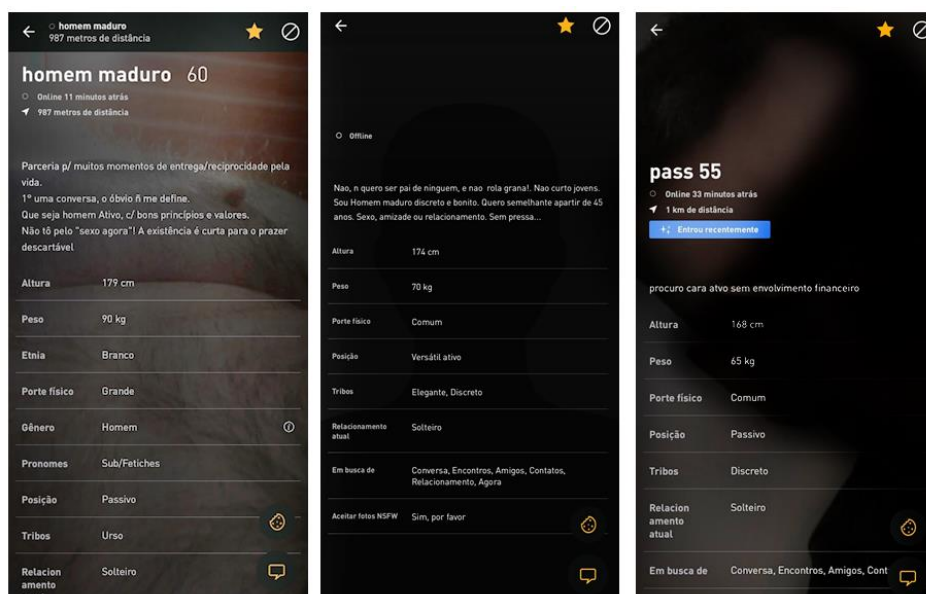
<sup>85</sup> <https://congressoemfoco.uol.com.br/opiniao/colunas/sugar-babies-e-sugar-daddies-um-jogo-de-poder-nada-saudavel/>; Acesso em: 09/01/2021;

uma “infantilização”, com “foco na juventude, aparência e consumo”, traçando também o risco de muitos serem “golpistas”<sup>86</sup>.

Na compreensão dos modos como certos discursos e saberes passem a formatar sujeitos, as incorporações destes estereótipos marcam apenas algumas descontinuidades em nosso tempo. O Grindr, enquanto um dos dispositivos biopolíticos que opera as técnicas de governo do neoliberalismo, a partir do consumo, da individualização e da concorrência, efetiva-se justamente como um dos espaços voltado à busca destes diferentes interesses. De modo geral, a ideia de relação marcada pela “transação” entre patrocinador/patrocinado concretiza mais um modo de empreender a si mesmo.

Além disso, nas discussões sobre sexo pago vemos de forma mais explícita a busca por homens negros e mestiços incorporando uma série de estereótipos raciais (POCAHY, 2012). Aqui neste caso, passamos a ver outra especificidade na diáde “*sugar daddy/baby*”. Entre os marcadores de idade em tensão, em minha busca por imagens havia uma tendência de sempre representar, tanto o “*sugar daddy*” como o “*sugar baby*”, como pessoas brancas, demarcando a atualização de um imaginário de hegemonia, elite e manutenção de lugares de poder da branquitude. E neste cenário das tensões etárias, geracionais, socioeconômicas e de raça, surgem homens que demonstram descontentamentos com as intenções marcadas pela objetificação e do interesse em rendimentos materiais.

**Figura 61** – Homens que evitam relações explicitamente demarcadas pelo dinheiro



Fonte: Grindr LLC, 2020

<sup>86</sup> <https://www.menstylefashion.com/5-tips-for-new-sugar-daddies/>; Acesso em: 09/01/2021;

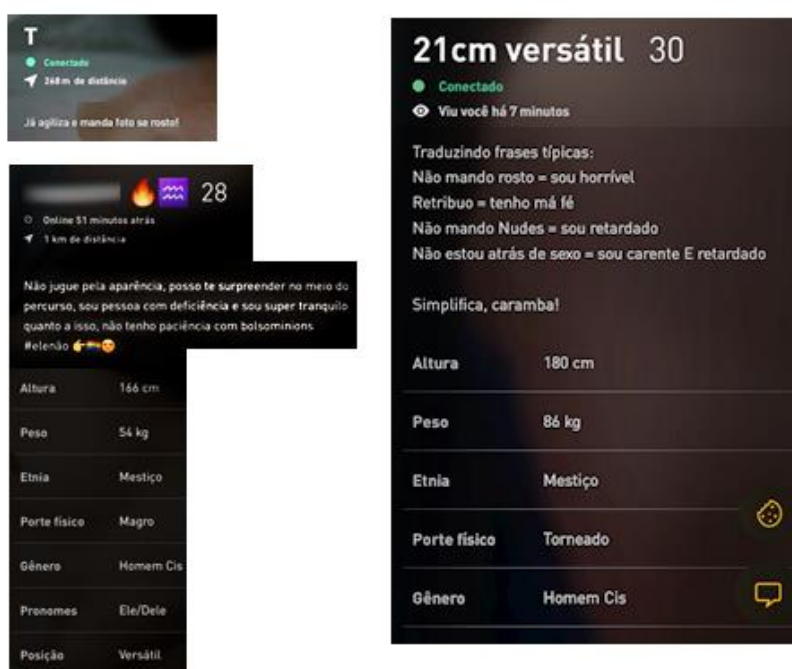
Por vezes encontrei perfis que prontamente evitavam tais formatações em torno do estereótipo de “Papai” do Grindr: “*Não, não quero ser pai de ninguém, e não rola grana! Não curto jovens. Sou homem maduro, discreto e bonito. Quero semelhante, a partir de 45 anos. Sexo, amizade ou relacionamento. Sem pressa...*”. Além de surgir a proposição de busca por semelhantes, surgiam desejos por outro ritmo e outras configurações dos encontros não marcadas pela “*fast-foda*” e pelo sexo pago. “*Procuro cara ativo sem envolvimento financeiro*”, como o usuário “*pass, 55 {anos}*”. Denominarem-se como “passivos” também parecia gerar certa desestabilização do ideal “maduro provedor/ativo-penetrador/dominador”, embora também fosse marcado por buscas deste mesmo ideal. Em geral, conforme a Figura 61, muitos destes homens, além de demarcar “passividade”/“versatilidade”, se predefiniam como “*Discretos*”. De algum modo, parecia circular os efeitos dos processos heteronormativos como parte da constituição desta geração, idealizando “homens de verdade” com bons princípios, conforme o perfil do “*homem maduro, 60 {anos}*”: “*Parceria para muitos momentos de entrega/ reciprocidade pela vida. Primeira conversa, o óbvio não me define. Que seja homem, ativo, com bons princípios e valores. Não tô pelo ‘sexo agora’! A existência é curta para o prazer descartável*”. As questões que se referem à descartabilidade, às intensidades, velocidades e produtividade dos encontros têm tensões que vão além de marcadores etários e geracionais. Falamos de um horizonte da nossa dinâmica social. Como discutido anteriormente, a aceleração da obsolescência em sincronia aos imperativos de velocidade das transformações tecnológicas fez com que o corpo fosse tomado como ponto de intervenção (BORBA & HENNIGEN, 2015).

Passemos a olhar, portanto, a outras interpelações da montagem do corpo, relacionadas à estilização e formas de apresentação de si. Na próxima seção abordo algumas pressões estético-corporais homonormativas no Grindr, bem como a marcação de antecedências das formas do corpo que produzem hierarquizações entre masculinidades.

## 4.6 DEFININDO ANTECEDÊNCIAS E FORMAS: AS GRANDEZAS DA PRESSÃO ESTÉTICO-CORPORAL

Passemos a pensar como formas de pressão estético-corporal atravessam a produção do corpo no Grindr. Um corpo que consome e é consumido em torno de si mesmo pela intermediação de imagens entre sujeitos-consumidores. (BORBA E HENNIGEN, 2015). Conforme estamos vendo, o Grindr estimula a concretizar este mundo cercado por imagens que é parte importante da subjetivação contemporânea. De modo mais específico, no aplicativo muitos perfis passam a indicar a valorização de fotos de “um corpo bonito” com “um rosto bonito”. A necessidade de reconhecer com quem se fala exige também formas faciais delineadas pela simetria, inteligibilidade e inscrição daquilo que é universalizado como “belo” entre as masculinidades. O corpo todo é avaliado por meio do controle dos tamanhos, determinando proporcionalidades, exigindo imprescindíveis grandezas das formas, estabelecendo valorização de corpos bem lapidados, fortes, autocontrolados e potentes.

**Figura 62** – Exigências estético-corporais entre avaliações de imagens do corpo com rosto



Fonte: Grindr LLC, 2020

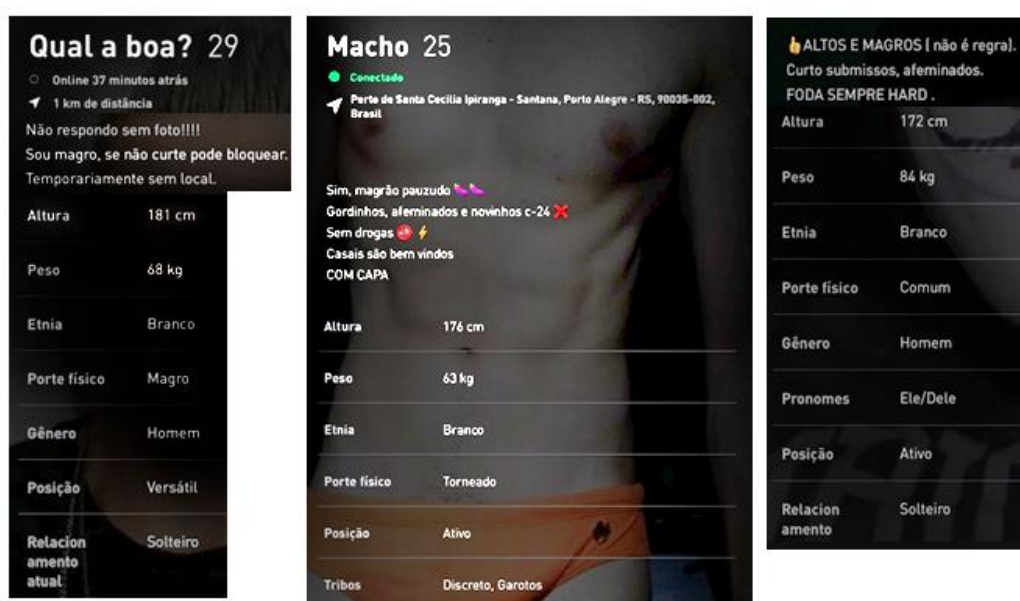
Para que possam fazer as avaliações de corpo/rosto muitos usuários utilizam a frase: “*Já agiliza e manda foto de rosto*”, exatamente como o usuário “T”, na Figura 62. Assim como ele, muitas vezes os perfis contam apenas com as predefinições

automáticas e exibiam várias fotos de uma mirada mais total do corpo. Dorsos, abdomens, pernas, peitorais combinavam-se com faces com expressões que buscavam seduzir pelas representações de autoconfiança, charme, graciosidade, virilidade e até “autoestima”. Quando as fotos não eram apresentadas, ou mesmo não eram compartilhadas no bate papo-privado, as possibilidades de socializar ficavam mais limitadas. E geravam tensões específicas marcadas por diferentes saberes. Alguns usuários passavam a decifrar, criar seus próprios sentidos, veiculando significações que falam sobre as transações das imagens do corpo: “*Traduzindo frases típicas: não mando {foto de } rosto = sou horrível; Retribuo = tenho má-fé; Não mando “nudes” = sou retardado; Não estou atrás de sexo = sou carente E retardado*”, dizia o usuário “21cm versátil, 30 {anos}”. Mesmo sem apresentar fotos pessoais em seu perfil, a valorização do pênis (considerado grande, 21 centímetro), a especificação do corpo torneado, a proporcionalidade de medidas de peso e altura (1,80 e 86 kg) combinavam-se como dimensões de suas exigências. Não mandar fotos de rosto poderia significar feiura; não mandar fotos de nudez ou mesmo não querer transar em um aplicativo marcado pela caça ao sexo poderia significar insensatez, carência, insegurança. A proposição de apenas retribuir as fotos somente com o imperativo de antes avaliar o outro, ou mesmo de não retribuir as fotos, poderia significar desonestidade, blefe, intenções ruins.

Àqueles corpos que não atingem os parâmetros de beleza precisavam marcar antecedências das formas do corpo e produzir estratégias de negociação. Havia aqueles que não só se compunham a este cenário geral de pressão estético-corporal com a valorização de imagens de rosto, como também são alvos de opressões e preconceitos velados: “*Não julgue pela aparência, posso te surpreender no meio do percurso, sou pessoa com deficiência {facial} e sou super tranquilo quanto a isso, não tenho paciência com “bolsominions” #elenão*”. A realidade de lidar com as exigências dos padrões de beleza, se articulava em ter de lidar com o capacitismo, e mesmo às diferentes formas de discriminação de pessoas com deficiência sofrem em relação ao “belo”. Até mesmo a realidade de lidar, conforme Gavério (2017) com categorias científicas que diagnosticam como “doentes” aqueles que procuram se relacionar eroticamente com pessoas com deficiência, definindo-a como uma “estranha atração”. Neste perfil, cada foto deixava aparente, manifesto, visível, fazendo-me lembrar às expressivas buscas que se tem notícia quanto a produções de pornografia com o protagonismo de pessoas com deficiências, marcando transformações nos regimes de visibilidade dos corpos. As tensões entre formas de consideradas

“exóticas”/“excêntricas”, e as perspectivas de “fetichização” colidiam e se acoplavam com moralizações em torno do controle para invisibilizar desejos afetivo-sexuais de corpos que escapam das normas. Como no Grindr todos os corpos são consumíveis, a veiculação de imagens que valorizavam outras partes do corpo, partes mesmo que atingiam os parâmetros exigidos socialmente, pareciam ser uma das estratégias para empreender o corpo dissidente, mas com seu próprio sucesso. E assim, para não serem referidos como anormais, feios, ou não desejáveis, estes usuários anunciavam a capacidade de “poder surpreender”.

Figura 63 – Tensões e desejos quanto à magreza



Fonte: Grindr LLC, 2020

Em meio aos corpos torneados, fortes, musculosos, sarados, a magreza considerada excessiva também podia ser vista demarcada como precedência, aviso, advertência, conforme a Figura 63: “*Não respondo sem foto!! Sou magro, se não curte pode bloquear*”; as predefinições (como *altura: 1,81cm, peso: 68 kg; porte físico: magro*);, bem como as suas fotos, buscavam facilitar as avaliações, os cálculos de tamanhos e formas. Mas é preciso destacar que, no geral, a magreza parecia muito bem aceita socialmente no Grindr. Principalmente quando a magreza era combinada a outras características: “*Sim, magrão pauzudo; Gordinhos, afeminados e novinhos com menos de 24 anos {emoji/figurinha negativa}*”; dizia o usuário “*Macho, 25 {anos}*”. Ser dotado, predefinir “*porte físico: torneado*” e ser “*macho*”, “*discreto*” lapidavam a magreza viril, que repelia a diferença (gordos, afeminados, jovens demais, os considerados menos

viris). Também me foi possível encontrar perfis em que as primeiras frases do “*Quem sou eu*” já constavam solicitações como: “{figurinha positiva}: *ALTOS E MAGROS, não é regra*”. Não definir uma regra, de fato, sintetizaria melhor a não homogeneização dos desejos que lá circulavam. Havia todo tipo de convocação.

Entre as precedências corporais, o imperativo da magreza viril criava centralizações em torno do abdome, conforme os perfis da Figura 64: “*corpo normal, barriga {de} chopp*”. Entre as suas fotos, o corpo à mostra, de sunga, na praia. Corpos que se consideravam apenas “normais” diante das imagens dos abdomens trincados e avaliados como “artificiais”. “*Aqui tem barriga sim, não curte não incomoda e continua tentando achar um boneco aqui*”. Já outros justamente solicitavam as barrigas mais protuberantes do cotidiano: “*#Amo pancinha {figurinha de coração} e pelos, hihi*”. Corpos, que não eram considerados excessivamente gordos, no máximo “fora de forma”, “pançudos”, “barrigudos”.

Figura 64 – O abdome em questão



Fonte: Grindr LLC, 2020

As várias funções da predefinição de “*Porte Físico*” conduziam que, especificamente, estes corpos passassem a ser considerados “*comuns*” a partir dos parâmetros convencionados: nem magros demais, nem gordos demais. Não só são triviais, eles marcavam “normalidade”, uma maior aceitabilidade, embora sempre em compromisso às possíveis melhorias com dietas, exercícios físicos e cirurgias plásticas. Além disso, mesmo que não estejamos aqui focados em números e dados estatísticos, passemos a compreender certa incidência em minhas derivas. Vários desses corpos indicavam apropriações à categoria “*grande*”, já problematizada anteriormente, sendo um marcador voltado a pessoas que se consideram ou são consideradas gordas.

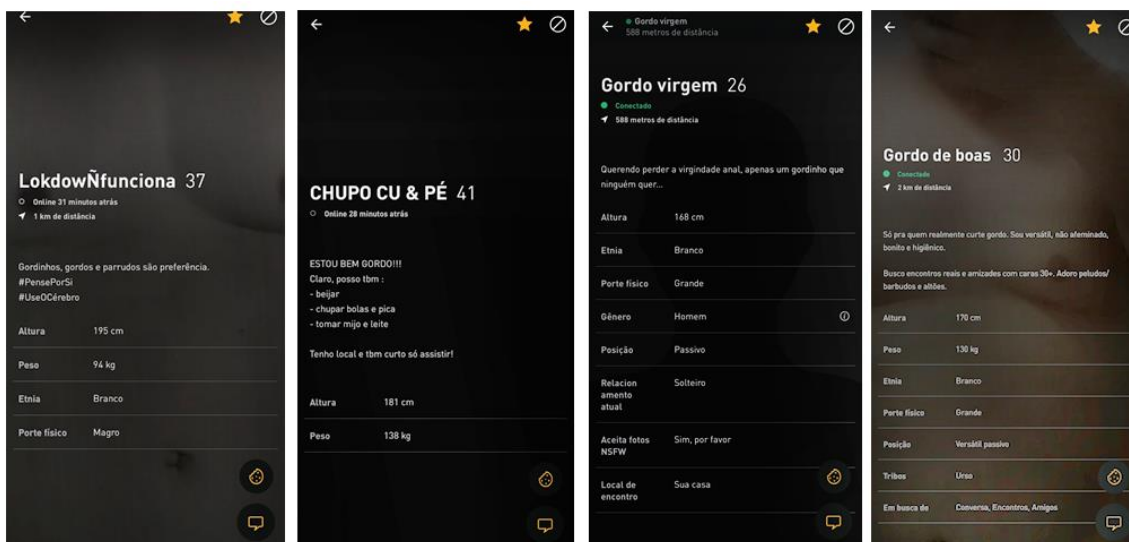
Como vimos nas Figuras 38 e 41 do capítulo 3, geralmente quando a publicidade do Grindr decide veicular um corpo que não sejam magros, os modelos



escolhidos não são radicalmente gordos, aproximam-se ao que o mercado chama de “modelo *plus size*”. Para além de sua publicidade, os corpos que me surgiam eram por vezes até semelhantes a modelos “*plus size*”. Mas também circulavam corpos que mostravam barrigas ainda maiores, mamas mais flácidas, pernas e braços roliços, buscando ângulos que não escondiam as suas curvas. Em alguns perfis, sem recorrer tanto às predefinições automáticas, eram veiculadas imagens de formas gordas, em poses diversas, flexíveis, sorridentes, seduzindo até semelhantes às publicidades do Grindr. Entre as poucas marcações, por vezes, além do “*Porte Físico*” “*Grande*”, também era utilizada a predefinição “*Parrudo*”.

Nem todos os corpos gordos eram expostos em imagens com aspectos de orgulho. Na lógica da precedência corporal definidora do sujeito, existem usuários que buscavam alertar suas medidas (predefinindo peso máximo até 272 kg), do mesmo modo que o usuário “*CHUPO CU & PÉ, 41 {anos}*”: “*ESTOU BEM GORDO!!!!*”. Entre as únicas predefinições constavam a “*altura: 1,81 cm*” e o “*peso: 138 kg*”. E como forma de atenuarem, para gerar interesse, estes usuários buscavam ressaltar suas habilidades: “*Claro, posso também: beijar, chupar bolas e pica, tomar mijo e leite; Tenho local e também curto só assistir*”. A garantia de poder ofertar diversas formas de prazer funcionava quase na lógica do ressarcimento, diante de sua característica destacada.

**Figura 66** – Diferentes negociações entre corpos gordos, grandes, gordinhos, parrudos



Fonte: Grindr LLC, 2020

Por vezes, a explícita gordofobia do Grindr, que vai além da pressão estética,



fazia revelar sentimentos de preconceito e rejeição: “*Querendo perder a virgindade anal, apenas um gordinho que ninguém quer*”. Assim como este usuário, o “*Gordo virgem, 26 {anos}*”, que predefinía características como “*posição: passivo*”; “*porte físico: grande; altura: 1,68*”, o peso e as fotos não eram exibidos. Conforme já discutido, apresentar numerações predefinidas permitem cálculos, imaginar dimensões, o controle das medidas. As predisposições incitadas ao nosso olhar, como quem olha uma balança, fortalecem as expectativas minuciosas em torno da definição do peso como definidor de todo o sujeito. Esta vigilância aparecia, inclusive, muitas vezes em mim enquanto pesquisador. Estes processos fazem pensar aos reducionismos desumanizantes que praticamos sobre os corpos gordos.

Mas estes homens se contrastavam e se enlaçavam em seus desejos. Por vezes encontrei usuários como “*Lokdownãfunciona, 37 {anos}*”. Na lógica da centralidade do porte físico, do peso e da altura entre as únicas predefinições, (*magro; 1,95 cm; 94 kg;*) apareciam imagens de um dorso malhado. E afirmavam-se prioridades: “*gordinhos, gordos e parrudos são preferência*”. Entre as diferentes formas de negociação das grandezas, com formas corpulentas, nutridas, redondas, apareciam diferentes desejos por homens “grandes”. O desejo pelas grandezas também se revelam em diferentes estratégias de composição. O usuário “*Gordos de boas, 30 {anos}*” precavia: “*Só pra quem realmente curte gordo. Sou versátil, não afeminado, bonito e higiênico. Busco encontros reais e amizades com caras 30+ {mais de trinta anos}. Adoro peludos/ barbudos e altões*”. Agregar idade, pelos, barba e altura também iam compondo uma grandeza viril. Assim como ele, muitos destes homens se utilizavam da “*Tribo*” dos “*Ursos*” para se lançar entre os corpos, exatamente conforme o Grindr incita.

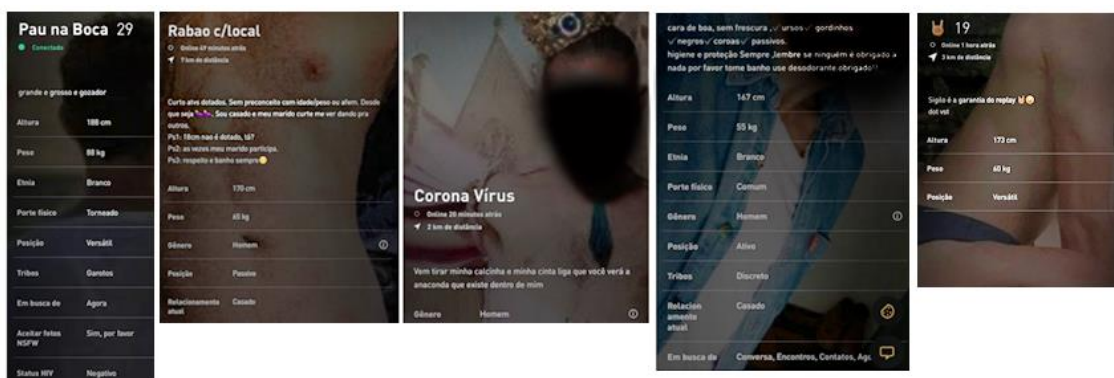
E entre as nuances homonormativas neoliberais, das negociações das grandezas viris, apareciam expectativas de “alturas”. A distinção pela “altura” gerava também pressão entre as masculinidades. Durante as derivas não me preocupei em compreender quais medidas definiam um “homem alto”. Lancei-me a pensar modos como demarcar altura também pode hierarquizar os corpos, e como as “alturas”, ou a falta das alturas se tornam insuficiências, enquadramentos, impregnam e traçam antecedências do sujeito. Como já vimos, a predefinição “*Altura*” (*mínimo estabelecido: 122 cm de altura; máximo: 241 cm*) não estão lá a toa. Ela era bastante utilizada em perfis. Mas são outras apropriações que ocorriam que me chamavam atenção. Na lógica do empresariamento de si dos corpos-empresa, estavam aqueles eram quase as “empresas de porte pequeno”: os “baixinhos”.

Como já dito no capítulo 2, combinada a outros marcadores, acredito que o marcador “*Altura*” compõe todo um imaginário anatômico, com questões menos óbvias, como a definição das posições sexuais, a hierarquização do olhar durante um encontro, pode até definir as intensidades e os momentos de quem irá conduzir e/ou exercer determinadas funções (modos de pegar, abraçar, proteger, conduzir as condutas do outro), quais experimentações de toque, texturas corporais se sentirá, que estão ligadas aos atributos de masculinidades/feminilidades normativas. Isto é, a altura define posições de sujeito também. No caso das masculinidades, o estereótipo do macho cis-heteronormativo, entra em questão como certa necessidade grandeza.

Nestes perfis eles definiam suas alturas geralmente até “1.70 cm”. Muitos tinham como “*Nome*” o adjetivo “*Baixinho*”, além de usarem o “*Sobre mim*” com frases como “*Não sou grande*”; “*baixinho e barrigudo... rs*”, “*sou urso baixinho e não tenho local*”. Novamente o estereótipo do “*urso*” passava a operar, com barbas volumosas e pelos visíveis. Em outros perfis eles eram chamados de “*ursinhos*”, um diminutivo que é deliberado também pela altura. Mas entre as antecedências marcadas nas formas, outras formas de controle dos tamanhos me ficaram bastante evidenciadas, porém mais pelo uso do aumentativo: as negociações pelo pênis grande, ou como usuários se referem em perfis, o “*pauzão*”.

Além da valorização da bunda grande e das pernas grossas, as grandezas necessárias que compõem as coerências de corpo-gênero-desejo dos processos heteronormativos e homonormativos apareciam as convocações quanto às formas do pênis. Neste ambiente falocêntrico, os “*dotados*” eram referenciados como “*dot*”, e por vezes, traziam suas devidas medidas, como era o caso de perfis como do usuário “*Felipe, dot 20 {cm}, 21 {anos}*”, na Figura 67.

**Figura 67** – Apresentações em torno da grandeza do pênis



Fonte: Grindr LLC, 2020

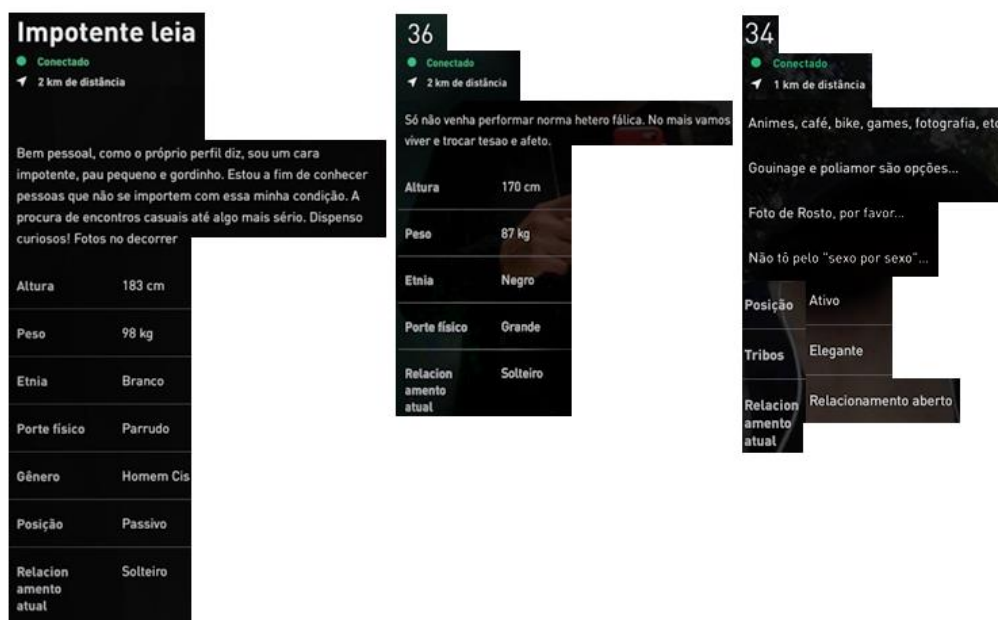
No Grindr, as exigências vão desde o comprimento à circunferência para conceber a potência do “macho” viril. Ter um grande pênis conferiria assim um grande capital, trazendo potência ao corpo empresa. Nestes perfis pude ver que, por vezes o pênis era o único enfoque, tal qual em perfis como o usuário: “*Pau na boca, 29 {anos}: grande e grosso e gozador*”. De modo como vimos, a altura, o peso, o porte físico e até a posição sexual ajudariam a definir certa virilidade do corpo, quando não o fazem de modo suficiente, a estratégia de anunciar ter um grande pênis poderia aticar as fantasias mais heteronormativas e homonormativas: “*Sigilo é a garantia do replay; “dot” {dotado} “vst” {versátil}*”; entre as fotos, aparecia um garoto que tendia a ser mais magro, sem pelos, posando de lado, com uma sunga que mais fazia aparecer a bunda. Se as fotos tendiam a nos fazer presumir certo estereótipo de passividade, a anunciação como *versátil dotado* desestabilizava suposições, ou, por exemplo, a ideia de que todo dotado é ativo. Não raro as imagens confundiam o olhar, suponho que por vezes intencionalmente, por vezes sem intenção... muitas vezes por que nossos olhares são constituídos pelos estereótipos subjetivados ao longo da vida. Além disso, o “capital do pau” indicava a possibilidade de jogar com as fronteiras dos binarismos “afeminado/masculino”, “ativo/passivo”, principalmente quando eram provocadas brincadeiras usando exageros: “*Vem tirar minha calcinha e minha cinta liga que você verá a anaconda que existe dentro de mim*”. O imaginário da cobra anaconda entre as fotos de uma *drag queen* delineava as muitas formas de humor que se utilizam alguns usuários do Grindr. Corpos que se empresariam, que podem apresentar seus shows, performar hibridismos, criar formas de fazer imaginar uma *drag queen* dotada de um super “pauzão”.

Não compete definir aqui as qualidades de um pau-empresa dotado de sucesso. Mas os usuários buscavam prescrever, por exemplo, os centímetros necessários: “*Rabão c/ local*”: “*Curto atvs {ativos} dotados. Sem preconceito com idade/peso ou afem {afeminado}. Desde que seja {duas figurinhas de berinjela, bem dotado}; Sou casado e meu marido curte me ver dando pra outros. Ps1: 18 cm não é dotado, tá? Ps2: Às vezes meu marido participa. Ps 3: respeito e banho sempre*”. De modo geral, realmente percebi que usuários buscavam se anunciar como dotados quando descreviam ter tamanhos de pênis a partir de 19, 20, 21,22 centímetros em diante. Além disso, pude ver que muitos usuários que buscavam um pau obrigatoriamente grande, não se importavam tanto com a idade, o peso, o modo de se portar, a raça, etc. O tamanho, a potência, a sua

higiene muitas vezes eram considerados fatores mais fundamentais. De modo que, a única certeza que ficava é que, a produção do corpo em torno deste ambiente falocêntrico era atravessada por muitas modulações.

Durante as derivas, pareciam igualmente estar sempre em questão, além do tamanho, da grossura, simetria e formato, se o pênis funciona, os modos de usa-lo, seu rigor, etc. As tensões em torno do pau ficavam ainda mais evidentes quando se assinalavam insuficiências e, literalmente, impotências: *“Bem pessoal, como o próprio perfil diz, sou um cara impotente, pau pequeno e gordinho. Estou a fim de conhecer pessoas que não se importem com essa minha condição. A procura de encontros casuais, até algo mais sério. Dispensso curiosos! Fotos no decorrer”*. Mesmo que entre as predefinições automáticas pudessem estar indicando uma maior “passividade” sexual, de supostamente ser desejado em torno da bunda, os limites da “condição” da impotência e de ter o *“pau pequeno”* deviam ser lembrados em um ambiente tão marcado pela lógica de produtividade do sexo, do pênis ereto como sinônimo de prazer e de exigências de grandiosas medidas, conforme vemos na Figura 68.

**Figura 68** – Tensões em torno no pau: impotência, grandeza, gouinage e a “norma-hetero-fálica”



Fonte: Grindr LLC, 2020

Todavia, busquei pensar os modos como alguns deles buscavam tirar o foco do pênis. Determinados usuários listavam opções que não só desestabilizavam a centralidade do pau-grande-penetrador, como evocam pensar em outras configurações

afetivas, diferentes atividades e esboçar um dinamismo de outras experiências: “Animes<sup>87</sup>, café, bike, games, fotografia, etc... *Gouinage e poliamor são opções... Foto de rosto, por favor... Não tô pelo “sexo por sexo”*”, escreviam usuários como “D., 34 {anos}”. Através dos perfis e dos diálogos privados com usuários pude compreender que o “*gouinage*” se configurava como determinadas práticas que buscavam não se focalizar apenas em torno do pênis, isto é, evitavam que a prática sexual fosse apenas penetrativa. Pareciam estar em questão os toques, diferentes intensidades e ritmos, buscando as sensações em outras partes do corpo, embora parecesse haver a ideia de não exclusão das estimulações do pênis e ânus, procurando certa integralidade das zonas erógenas corporais. Além disso, as posições sexuais vislumbradas pelas práticas do “*gouinage*” me foram explicadas como tentativas de desestabilizar a díade ativo-penetrador/passivo-penetrado. Embora para muitas pessoas tal cenário gere estranheza, por parecer “o básico esperado” das práticas sexuais entre parceiros, a existência do “*gouinage*” me indicou justamente que a centralidade do pênis traçava uma crise importante nas relações entre homens cis que buscam outros homens cis.

No mais, também pude entender que há uma especificidade racial implicada: a convocação, bem como a demarcação do homem-dotado-penetrador era recorrentemente encontrada em perfis de homens brancos, tais quais todos os perfis presentes na Figura 67. Todavia, encontrei perfis que buscavam justamente criticar tal panorama, como o perfil na Figura 68: “*Só não me venha performar norma hetero fálica. No mais, vamos viver e trocar tesão e afeto*”. Entre as suas marcações (*altura: 1.70 cm, peso: 87 kg, etnia: negro; porte físico: grande;*) estavam fotos de um homem de óculos e *dreads*. A partir de questões lançadas em perfis por outros homens semelhantes, compreendi que estava diante de repetições: as expectativas heteronormativas e homonormativas do pênis grande a que homens pretos são convocados se articulam ao racismo, além de algumas outras tensões raciais, que me ficaram mais evidentes durante as derivas por processos de produção do corpo no Grindr.

---

<sup>87</sup> Animes se referem a animações ou desenhos animados japoneses.

#### 4.7 EMBATES RACIAIS NO GRINDR: “NEM TODO NEGRO É DOTADO” E “HOMEM BRANCO BUSCA HOMEM BRANCO”

Ao longo do processo de pesquisa, em meio às miradas por diferentes corpos, vimos que “a raça ainda atua como um marcador aparentemente inerradicável de diferença social” (Brah, 2006, p. 331). No Grindr a predefinição de “*Etnia*”, precisamente, incita que seus usuários se diferenciem se predefinindo entre algumas opções como: “*branco*”, “*latino*”, “*mestiço*”, “*negro*”, “*índio*”, etc. Entre as suas opções de “*Tribos*”, há a opção “*cafuçu*”, a única categoria que é explicitamente assinalada por um estereótipo racial, geralmente homens negros e mestiços. Além disso, ao longo dos capítulos 2 e 3 vimos imagens publicitárias de homens negros com diferentes corpos, que vão desde os mais musculosos (Figura 38), aos jovens e torneados (Figura 42), e àqueles com formas gordas (Figura 40). Desde 2018 o Grindr buscou criar algumas campanhas que visavam combater o racismo na plataforma, como o estímulo às denúncias, retirando filtros étnicos de busca para parceiros (embora tenha mantido a categoria de “*Tribo*” “*cafuçu*” nos filtros). Além disso, vem propondo vídeos no canal do *Youtube*, com temáticas sobre “*racismo, bullying e discursos de ódio*”. Neste cenário, as tensões raciais também compõem as negociações de desejo e demarcam aspectos específicos na produção do corpo de homens negros.

Como dito no subcapítulo anterior, a centralidade do pênis no ambiente avaliativo do Grindr, também se compõe retomando estereótipos raciais como o do “negro dotado”, que estão recorrentemente presentes em representações raciais da indústria pornográfica, com produções de vídeos categorizadas como “de negros” e “inter-raciais”. Muitos destes filmes produzem representações de raça que encenam uma hipermasculinidade, com estereótipos de trabalhadores braçais, *thugs*, *cholos*, *hustlers*, policiais, e sexo casual e/ou pago com outros homens heterossexuais, etc, (PINHO, 2012).

Como um dos efeitos globais desta realidade, o estudo interacional de Shield (2018) também indicou pelo menos cinco padrões frequentes de fala racistas e xenófobas recorrentes em mais de três mil textos em perfis de plataformas de encontros entre homens como o Grindr e o PlanetRomeo no território dinamarquês, que eram: dúvidas e desconfianças persistentes quanto às origens das pessoas com histórico de migração; exclusões racial-sexuais; fetiches racial-sexuais; articulação conflituosa entre imigração e potencial oportunismo econômico; e insultos com base na raça,

nacionalidade, religião e imigração.

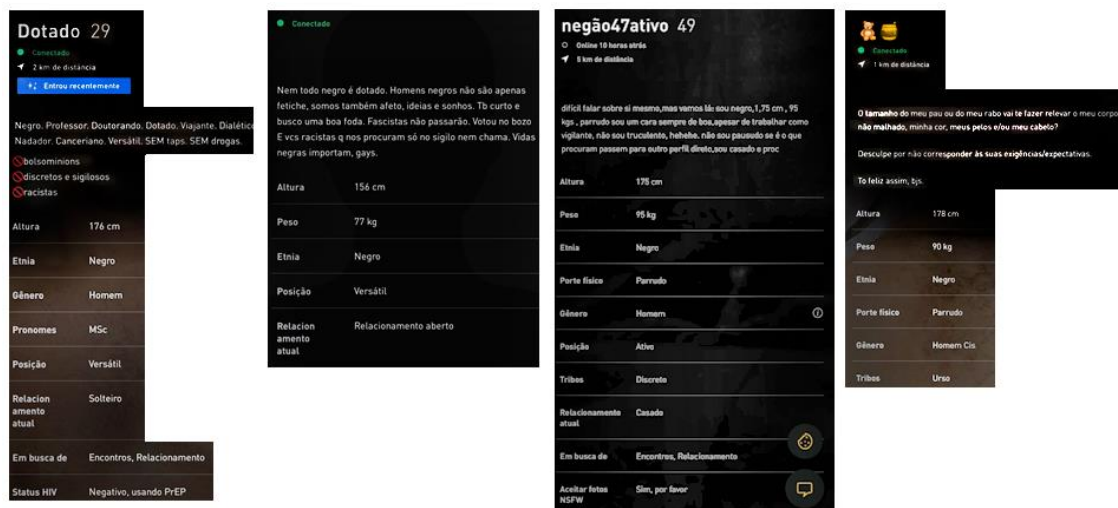
Já o estudo de Ward (2015) demonstrou que nos Estados Unidos o discurso público sobre homens heterossexuais que fazem sexo com outros homens foi altamente racializado desde os anos 2000. Desde lá, a mídia passou a focalizar em histórias de homens negros "*on the down low*" (DL), isto é, homens negros que faziam sexo com homens, e não se identificam enquanto gays ou bissexuais. O termo "*DL/down low*" passou a ser aplicado quase exclusivamente para os homens de cor, evocando um submundo nebuloso com imagens que reforçam uma longa história de conceitos sobre o caráter perigoso ou predatório da sexualidade masculina negra. Neste estudo Ward (2015), passou a olhar diversos anúncios de homens que buscavam encontros com outros homens. Nos anúncios homens brancos que buscavam somente homens brancos não expressavam qualquer desejo por mistura racial: eles invocam o "*down low*" - embora de maneira diferente e reatualizada - como um código para "sexo rápido" e sem grandes envolvimento entre homens heterossexuais, bastante semelhantes aos anúncios de homens brancos "sigilosos" e "discretos" que vimos até então no Grindr, como na Figura 49.

Neste mesmo estudo os anúncios em que homens brancos expressavam desejo por homens negros não eram utilizados termos amigáveis como "*bud*/parça/amigo", ou *bro*/irmão" como homens brancos utilizavam entre si. Também não envolviam desejo por encontros com trocas de lazer nas quais os caras tinham objetivo de relaxar, beber cerveja e conversar sobre mulheres, práticas bastante comuns entre estes homens brancos heterossexuais que buscavam encontros entre si. Em vez disso, eles eram concentrados em destacar a diferença, com propostas de "serviço"/"trabalho sexual", e principalmente eram caracterizados por apresentar imagens de homens brancos praticando sexo oral em homens negros-musculosos-dotados. O imaginário de submissão de homens brancos e de dominação de homens negros era temática recorrente nestes anúncios. O termo "*down low*" ganhava outros sentidos exigindo anonimato, discrição e também encontros em lugares "escuros" como o "canteiro de obras". Apenas os homens negros deveriam receber o "serviço sexual"/sexo oral, e não deviam praticá-lo. O desejo inter-racial buscava demarcar um encontro sem grandes vínculos e permeado de diferença e desigualdade (WARD, 2015).

Ao longo do trajeto de pesquisa passei a ver os modos como a produção dos corpos de homens pretos eram também marcados por esta objetificação e quais questões surgiam quando não cumpriam determinadas expectativas do imaginário da branquitude

do Grindr. Todavia busquei compreender estas questões a partir dos perfis produzidos pelos próprios usuários que se autodenominavam homens negros. Estes perfis traziam algumas repetições importantes que demarcavam as vivências da negritude no aplicativo, conforme a Figura 69.

Figura 69 – Diferentes composições de corpos de homens pretos



Fonte: Grindr LLC, 2020

“*Nem todo negro é dotado. Homens negros não são apenas fetiche, somos também afeto, ideias e sonhos. Também curto e busco uma boa foda. Fascistas não passarão. Votou no bozo*” {Bolsonaro} *E vocês racistas que nos procuram só no sigilo, nem chama. Vidas negras importam, gays*”. O recado se fazia evidente diante das expectativas do pênis grande, que traçam os imperativos de hipermasculinização formas de fetichização desumanização de pessoas pretas como não pensantes, não afetivas ou não merecedoras de afeto pela via da estrita sexualização de seus corpos, além das prováveis experiências de sigilo. A demarcação de experimentação da sexualidade (“*também curto e busco uma boa foda*”), também nos permite pensar quanto a nossa capacidade de não simplificação do desejo de afeto aos termos como “carência” ou potencial “solidão”. No geral, estas falas constituintes da sedução de homens negros demarcavam as inumeráveis formas de racismo que estão sendo produzidas no Grindr. Articuladas ao marcador de raça, outras desestabilizações destes estereótipos quanto a homens negros se combinavam (predefinições como: *altura: 1,56 cm; peso: 77 kg; posição: versátil; relacionamento atual: relacionamento aberto;*), indicando as tensões e violências sobre corpos de homens pretos não tão altos, ou não tão magros, não



dotados, além daqueles que buscavam romper com as configurações monogâmicas e rigorosas experimentações da díade ativo/passivo.

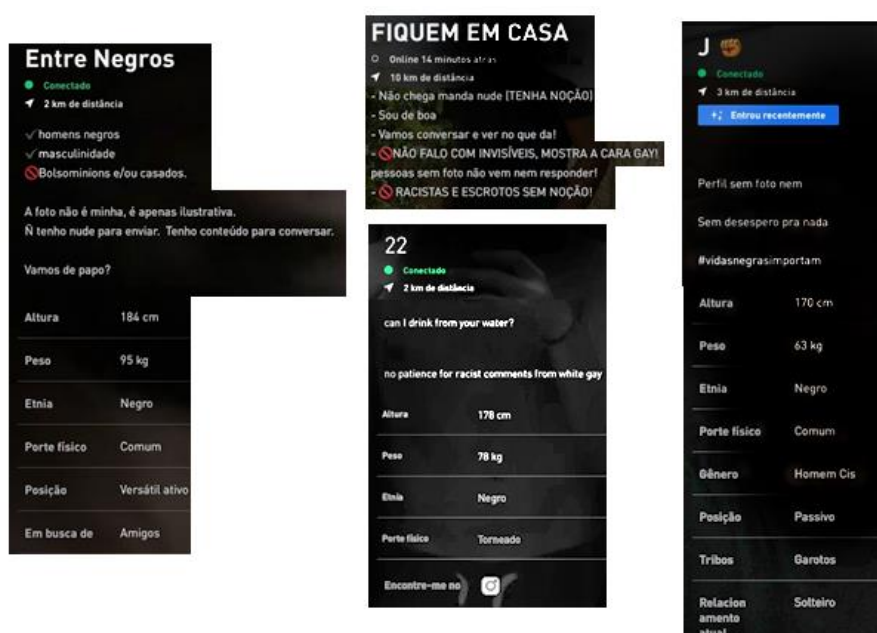
Por vezes, vi perfis em que os marcadores como idade/geração, profissão/classe e configuração afetiva se combinavam pelo desejo do sigilo heteronormativo, principalmente quando casados, como o usuário “*negão47ativo, 49 {anos}*”: “*Difícil falar sobre si mesmo, mas vamos lá: sou negro, 1,75 cm, 95 kg, parrudo, sou um cara sempre de boa, apesar de trabalhar como vigilante não sou truculento, hehehe, não sou pauzudo, se é o que vocês procuram passem para outro perfil direto, sou casado [...]*”. A necessidade de alerta por não serem “pauzudos”, combina-se com outra necessidade além: demarcarem que são “de boa”, “não sou truculento”, a tranquilidade (“*hehehe*”), retomam imagens racistas do homem negro potencialmente violento e perigoso. Não encontrei qualquer perfil entre homens brancos que contassem com a necessidade deste tipo de precaução ou justificativa.

O uso do termo “negão” compõe um estereótipo racial de nosso cotidiano no cenário brasileiro, todavia, por vezes sucediam algumas outras reiteraões que me levavam a pensar não só na inscrição dos estereótipos instituídos ao longo da vida como apelidos. Algumas reafirmações podem indicar uma estratégica forma autovalorização que, apesar das suas nuances de empresariamento do corpo, foram quase sempre praticadas de maneira tranquila por pessoas brancas. Esta autovalorização aparecia em perfis como o do usuário “*Dotado, 29 {anos}*”: “*Negro. Professor. Doutorando. Dotado. Viajante. Dialético. Nadador. Canceriano. Versátil. SEM taps. SEM drogas. {emoji/figurinha negativa} bolsominions; {emoji/figurinha negativa} discretos e sigilosos; {emoji/figurinha negativa} racistas*”. Além das fotos do corpo malhado, o uso da PrEP se combinavam sugerindo as proposições de cuidado com o corpo e da saúde sexual, que para alguns segue muito pouco acessível. Embora também estas composições pudessem retomar os estereótipos de negros dotados e musculosos, podem sugerir a valorização da beleza, bem como a tranquilidade de circular pelo aplicativo sem marcarem-se exclusivamente por estigmas e pela diferenciação racial durante as negociações de desejos.

De todo modo, foi ficando mais evidente os modos como estes usuários lidavam com pressões diferentes pela perfeição desumanizante, por meio da proposição branca de consumo de corpos negros-dotados-viris no sigilo e precarização afetiva aos quais homens pretos são impelidos. Entre os diferentes perfis, evocavam-se as perguntas, as reflexões: “*o tamanho do meu pau ou do meu rabo vai te fazer relevar o*

*meu corpo não malhado, minha cor, meus pelos e/ou meu cabelo? Desculpe por não corresponder às suas expectativas/exigências. Tô feliz assim, bjs {beijos}*”. Os potenciais pedidos de “desculpas”, na contrapartida, podiam não ser bem necessidade de perdão, mas um lembrete das mudanças que se tem vislumbrado para o futuro. O cuidado de não corresponderem às exigências, a não obedecerem ninguém, as tentativas de não se importarem totalmente, as buscas por produzir outras formas de afirmação da alegria no cotidiano, foram me parecendo algumas práticas de ação política no campo das relações afetivo-sexuais para homens negros.

**Figura 70** – Postagens antirracistas no Grindr entre homens negros



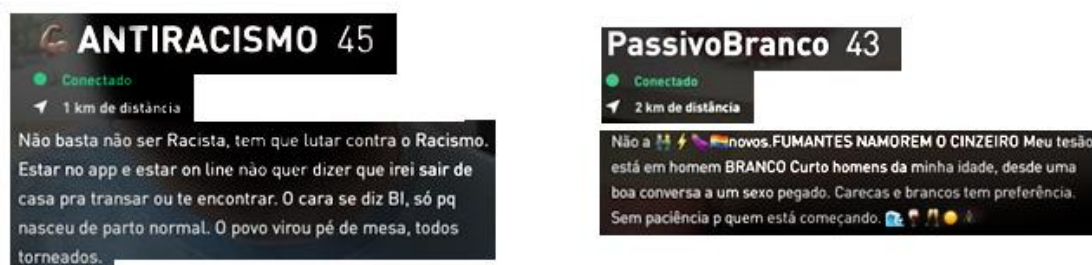
Fonte: Grindr LLC, 2020

Ao longo das derivas encontrei postagens que mostravam formas muito distintas de experimentação de homens pretos que buscavam outros homens. Conforme a Figura 70, estas formas de produção do corpo também se atravessavam por reiterações de processos heteronormativos pelos imperativos de masculinidade, mas que buscavam encontros “entre negros”, sem perder de vista a ação política. *{emoji/figurinha positiva}: homens negros; {emoji/figurinha positiva}: masculinidade; {emoji/figurinha negativa}: bolsominions e/ou casados*”. Entre as diferentes demandas aos homens pretos no Grindr, formavam-se estratégias de autoproteção, defesa, apoio e diferentes formas de atuação política, implicando postagens antirracistas: *“{emoji/figurinha negativa}: RACISTAS E ESCROTOS SEM NOÇÃO!”*; *“no patience for racist comments*

from white gay {“sem paciência para comentários racistas de gays brancos}”; e hashtags como “#vidasnegrasimportam”, conforme a Figura 70.

As derivas por corpos também me permitiram ver alguns homens brancos que negociavam tensões centralmente raciais via perfil no aplicativo. Entre eles o usuário “ANTIRACISMO, 45 {anos}”: “Não basta não ser racista, tem que lutar contra o racismo”. O desejo de encontrar outros homens passava a ser afirmado possivelmente diante dos debates atuais quanto ao privilégio branco e articulava o desejo de lutar por justiça racial, e que de algum modo, tentava redimir/amenizar a própria branquitude. Entre as tensões raciais, começam também a ficar muito explícitas as polarizações. Surgem perfis que considero mais raros no Grindr, não pelo seu desejo de “mesmice”, já que vimos vários perfis de homens nos subcapítulos anteriores que buscavam outros homens muito semelhantes; considero-lhes mais raros pelas maneiras explícitas as quais demarcavam desejos de “homem branco busca homem branco” articulando outros marcadores específicos. Entretanto, não busco afirmar que demarcam uma exceção. Falam de um cenário racista e instituído em nosso país, que tem se sentido autorizado a demarcar a segregação racial como questão de desejo e de um tipo de liberdade.

Figura 71 – Tensões entre homens brancos e a questão racial



Fonte: Grindr LLC, 2020

Perfis como o usuário “PassivoBranco, 43 {anos} buscavam enaltecer a branquitude de forma característica: Não à {emojis/figurinhas de: casal de mãos dadas, raio, berinjela e bandeira LGBTQIA+ = “casais, usuários de cocaína, dotados e ativistas engajados à causa LGBTQIA+” novos}. FUMANTES, NAMOREM O CINZEIRO. Meu tesão está em homem BRANCO. Curto homens da minha idade, uma boa conversa a um sexo pegado. Carecas e brancos tem preferência. Sem paciência para quem está começando”. As fotos confirmavam a busca por um homem exatamente igual. Desde 2019 passei a perceber no ambiente do Grindr alguns desdobramentos articulados ao cenário político brasileiro que dizem de polarizações de nosso tempo,

assunto ao qual pretendo abordar adiante. Estes homens brancos não escondiam seus rostos, nem desejos ou suas ideias. Todavia é preciso perceber aqui as repetições do termo “branco”: homens igualmente brancos, as mesmas composições estético-corporais, as mesmas proposições, visões políticas e estilos de vida bem demarcados; nos vão apresentando uma parte da branquitude brasileira, que veremos nos próximos subcapítulos.

Além disso, há outro debate a ser retomado quanto à branquitude do Grindr. Como dito, ao longo deste trabalho vimos muitos perfis de homens brancos que não se denominavam gays ou bissexuais. De modo geral, eles enalteciam a figura do homem cis-heterossexual e, sobretudo, reivindicavam “sigilo e discrição”. A autora Jane Ward (2015), já citada anteriormente, buscou pensar os modos como homens brancos heterossexuais produziam anúncios no site *CasualEncounters*, e os modos como constituíam narrativas sobre “quando, por que e como” acabavam fazendo sexo entre eles próprios. Segundo ela, estes homens que faziam sexo, e igualmente não se autodenominavam como gays ou bissexuais, têm um repertório bastante limitado para praticar sexo; existe o “jeito gay”, e existe o jeito “dos caras heterossexuais”: tomar cervejas, ver pornôns, se masturbar juntos, falar de “vadias”, se chupar, e praticar sexo anal como ato de coragem para comprovar suas masculinidades. Esses laços eram (temporariamente e circunstancialmente) sexuais, isto é, “coisas entre homens de verdade”, homens que tinham coragem de se pegar entre machos, conferindo assim uma credibilidade a uma heterossexualidade paradoxal. Para a autora estas significações são extraídas da lógica heteronormativa. Neste aspecto, podemos ver muitas semelhanças com os perfis permeados por processos heteronormativos e homonormativos até então abordados durante nossa deriva por corpos pelo Grindr.

Além disso, a autora compreendeu que a raça era determinante para desdobrar processos específicos. Para alguns “caras brancos que buscam caras brancos” a desidentificação com homens de cor, demarcavam muito explicitamente as formas de recusa do desejo inter-racial. Arquétipos da masculinidade jovem branca estadunidense - atletas, skatistas, surfistas e caras de fraternidade - eram apresentados em perfis como “caras comuns” paradigmáticos e como os sujeitos mais naturais da união de homens brancos entre homens brancos. Portanto, para ela, a mesmice racial, ou a sociabilidade de homens heterossexuais brancos, infunde credibilidade na narrativa das amizades, das “pegações” e das “coisas entre homens de verdade”, isto é: os amigos dos meninos brancos são sempre os meninos brancos. Por isso, os encontros concentrados apenas

entre homens brancos e heterossexuais não são casualidades. Diante as várias formas de dominação racial branca, não só a cis-heterossexualidade deve estar em todos os lugares, mas a branquitude se articula e é instituída também como invisível/natural. Do mesmo modo, os arquétipos da masculinidade heterossexual branca evocavam “esportes de equipe”, “fraternidade”, “comunidades fechadas”. Eles sugerem um contexto institucional que facilita e requer o contato homosocial/homossexual entre homens: promovem o pacto de masculinidade branca. (WARD, 2015).

Por isso, cabe lembrar que a produção de todos os corpos abordados até então (sejam aqueles das Figuras 49, 52 e 71, etc), são compostos por muitos processos, diferenças e singularidades; não nos cabe a tarefa de decifrá-los, pois não buscamos uma verdade nem olhamos aqui para individualidades. Cabe-nos pensar que todos estes diferentes perfis falam do sujeito, e são forjados por processos heteronormativos e homonormativos neoliberais no Grindr, e compõem-se pelas suas diferentes articulações. Eles nos indicam que, em diversas intensidades, também se mantêm lugares marcados, posições definidas e funções bem deliberadas, nas suas muitas formas de reiteração do modelo hegemônico do homem cis-heterossexual, e, sobretudo, branco.

#### 4.8 EMBATES DO CUIDADO COM O CORPO E “SAÚDE SEXUAL”

Esta incitação de corpos vigorosos no Grindr ainda se compunha com outras questões: o cuidado do corpo, a perspectiva de saúde sexual e a higiene. Ao longo do trabalho vimos que em 2018 o Grindr divulgou um vídeo publicitário em que era possível ver o peitoral e a barriga de um homem gordo, negro, sem face, acariciando-se enquanto se ensaboava durante um banho. Neste sentido, podemos dizer que a higiene corporal faz parte do seu espectro de sedução, e como diversas vezes vimos, é constantemente solicitada em perfis de usuários.

Em História da Sexualidade I, Foucault argumenta que após o século XVIII, o poder moderno conduziu as populações, e especificamente as burguesias, a se empenharem em se “atribuir uma sexualidade e constituir para si, a partir dela, um corpo específico, um corpo “de classe”, com uma saúde, uma higiene, uma descendência, uma raça”. (FOUCAULT, 2014, p. 135). A perspectiva de família, do casamento legítimo e heterossexual, os corpos fecundos e higiênicos, compõem-se também com as diferentes classificações, as diversas “perversões”, as necessárias punições jurídicas ao “sodomita”, às forçosas classificações psiquiátricas e diversas formas de controle do “homossexual” enquanto identidade fixada a partir do desejo. (FOUCAULT, 2014). Portanto, todos os corpos devem ser saudáveis e higienizados.

O imperativo de cuidado do corpo nutrido, saudável e higiênico perdura igualmente no Grindr. Durante as derivas, vi diferentes negociações em questão, conforme a Figura 72: “*Está decadente esse meio gay. Nem comida e desodorante compram mais. Uma foto de rosto não tem preço. Muita Skol se achando Heineken*”. Os cheiros corporais, as formas nutridas, o uso de PrEP, passavam a conceber corpos como produtos de qualidade inferior (cerveja Skol) e corpos de qualidade superior (cerveja Heinken). Os cuidados com os cheiros corporais solicitavam o banho, o desodorante e os preservativos durante as práticas sexuais como os cuidados mais básicos e imprescindíveis: “*Higiene e proteção sempre, lembre-se, ninguém é obrigado a nada, por favor, tome banho, use desodorante, obrigado!*”. Por vezes, surgiam os “fetiches”, as práticas consideradas mais incomuns. Aquelas que concebem o prazer em torno dos odores, no contato com substâncias do corpo, como suor, urina, fezes, vômito, sebo e outros fluidos corporais. Tal qual se propõe o Grindr a facilitar encontros de pares que buscam diferentes interesses e práticas, lá estão eles, os “*pigs*”. Embora cheguem a ser considerados “pervertidos” por outros usuários, eles se incorporam entre as diferentes

negociações: “*Bora um scat gostoso; pau sujo; mijada; bosta; puke;*”, definindo a nomenclatura baseada na ideia do “porco”, da ordem do “imundo”, tal qual o usuário “*boyzinho pig, 24 {anos}*”.

**Figura 72** – Imperativos de higiene e diferentes negociações dos fluidos corporais

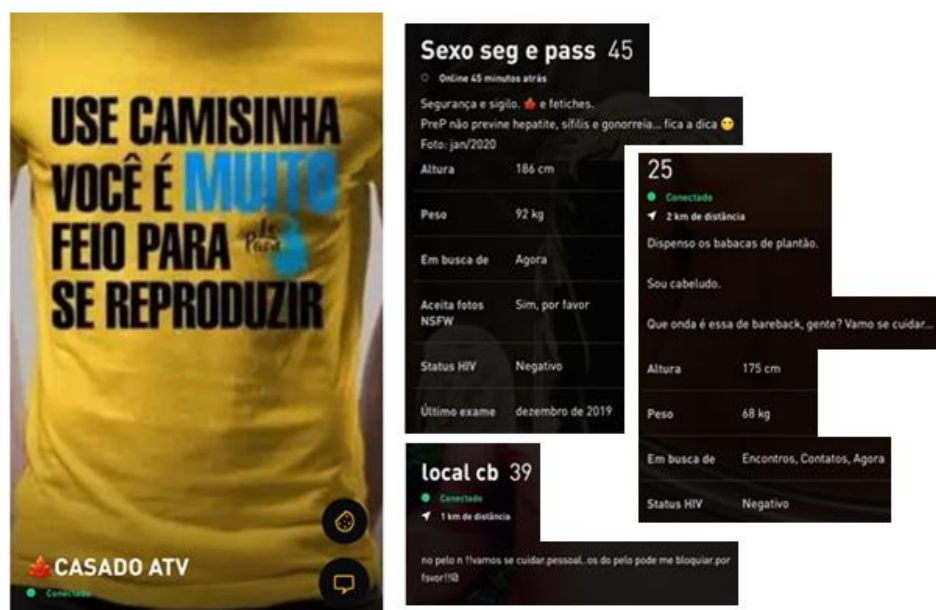


Fonte: Grindr LLC, 2020

Após a modernidade, se deram diferentes arranjos de governos biopolíticos em contextos diferentes, instaurando outros processos de normalização e processos regulatórios relacionados a corpos de “homens gays”, pautados pela sua adesão, ou não, a racionalidades biomédicas que preconizam o imperativo de cuidado com o corpo, de saúde e de pureza orgânica dos corpos (SANTOS & ZAGO, 2013). A prevenção e a perspectiva de saúde sexual também passam a traçar tensões específicas no Grindr. Como já dito no capítulo 3, surgem diversas notícias<sup>88</sup> em que o aplicativo fora responsabilizado pelo aumento da sífilis entre seus usuários. O uso de preservativos, de brinquedos sexuais que evitam o risco de lesões, os lubrificantes que não geram atritos e reduzem o perigo de infecções bem como doenças sexualmente transmissíveis, além da PrEP (Profilaxia Pré-Exposição/ Truvada), demarcam as principais informações que compõem o conceito de “*Saúde Sexual*” do Grindr.

<sup>88</sup> <https://www.gaystarnews.com/article/gay-dating-app-grindr-blamed-rise-syphilis250812/#gs.vtk2to>  
Acesso em: 13 de agosto de 2019.

**Figura 73** – As infecções e doenças sexuais são tensionadas com o uso de preservativos



Fonte: Grindr LLC, 2020

Entre as diferentes formas de requisitar preservação havia o uso do humor: “Use camisinha, você é muito feio para se reproduzir”, resultado impossível nas relações sexuais entre homens cis. Mas havia principalmente o desejo do “sexo seguro” com uso do preservativo. O uso da PrEP também passa a colocar em questão as infecções e doenças sexualmente transmissíveis, como em perfis do usuário “Sexo seg e pass, 45 {anos}”: *Segurança e sigilo. Maconha e fetiches. PrEP não previne hepatite, sífilis e gonorreia, fica a dica* (status HIV: negativo; último exame: dezembro de 2019;). Alguns destes perfis ainda buscavam deixar o “Status HIV” preenchido e sempre atualizado, por vezes até sendo uma das poucas informações disponíveis. Além disso, o uso do termo “bareback” para se referir ao ato de ejacular durante sexo anal sem preservativo também passava a ser questionado: “Dispensar babacas de plantão. Sou cabeludo. Que onda é essa de bareback, gente? Vamo se cuidar”. Frequentemente também encontrava outras gírias que se referiam ao sexo sem preservativos a serem veiculadas em perfis usando a expressão “sexo no pelo”: “No pelo não! Vamos se cuidar, pessoal... os “do pelo” podem me bloquear, por favor!!!”.

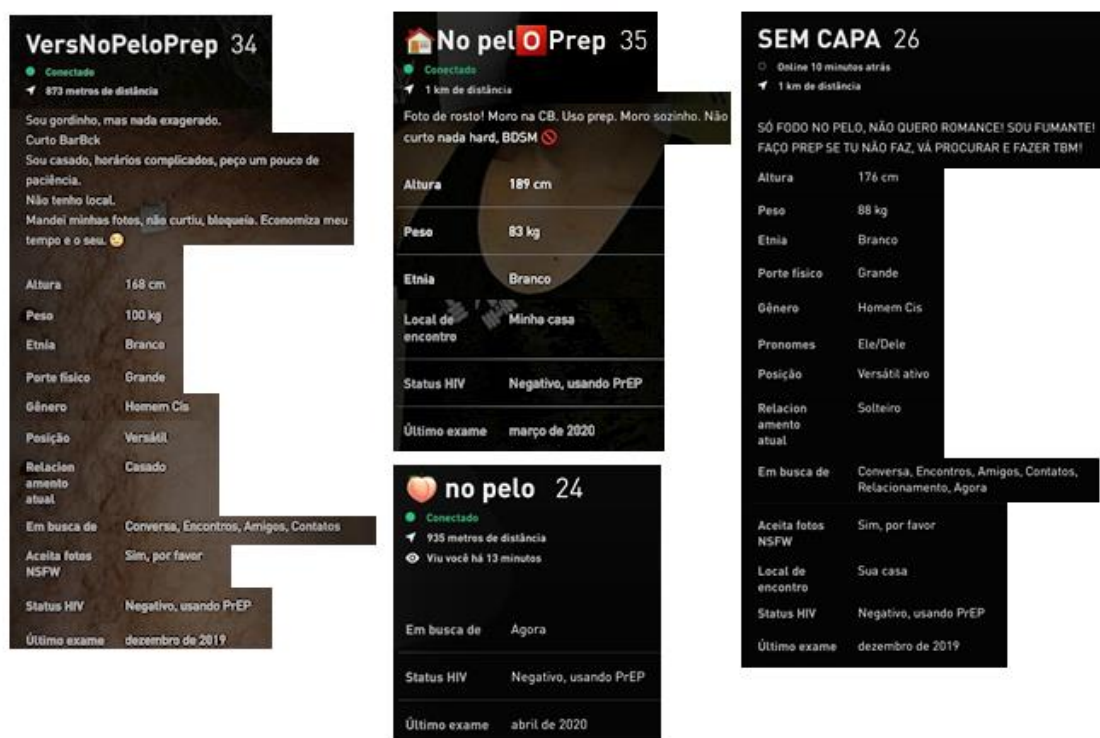
Apesar dos apelos de usuários em torno das formas de prevenção e da moralização do “sexo no pelo”, durante as minhas derivações pelo Grindr não vi campanhas sobre “saúde sexual” sendo veiculadas em meio à rotina de uso do aplicativo. Os rápidos avisos geralmente ofereciam uma ou outra nova ferramenta de



uso temporário do próprio Grindr, sempre com o enfoque de estimular encontros, lazer e diversão. Sobretudo, não vi campanhas voltadas ao uso de preservativos; elas constavam apenas na aba de orientações de “*Saúde Sexual*” e deviam ser visitadas por iniciativa do próprio usuário. Todavia, há uma evidente condução da arquitetura do Grindr à prevenção ao HIV por meio da Profilaxia Pré-Exposição. Ela é oferecida como “um medicamento que pode ser muito eficaz na prevenção da transmissão do HIV [...]”, e especifica que a sua versão “*Truvada* só é aprovada para uso por pessoas HIV negativas {sendo utilizada} como PrEP em alguns países, mas em breve chegará a muitos outros países” (GRINDR LLC, 2020).

Nas buscas por artigos internacionais sobre o *Grindr* identifiquei alguns estudos que faziam conexões entre o Grindr, “comportamentos de risco” e doenças sexualmente transmissíveis. Estes estudos sugeriam o uso de PrEP como a melhor estratégia preventiva ao HIV/Aids. O estudo de Los Angeles com usuários do Grindr apontou que, entre os 146 participantes, 20% haviam feito sexo anal desprotegido na última relação sexual. O estudo também categorizava “fotos sexualizadas” (sendo peito nu e abdome) associadas aos “comportamentos sexuais de risco” (WINETROBE *et al.*, 2014). O outro estudo realizado em Atlanta, no estado da Georgia/EUA com 84 usuários do Grindr, apontou que 84% dos participantes relatara preocupação em se infectar com o vírus HIV/Aids, sendo que, 65% conheciam a PrEP, e 11% fazia uso da estratégia preventiva (GOEDEL *et al.*, 2016). Neste sentido, o medo e o perigo são dimensões constantemente incitadas e que viabilizam a condução destes corpos. Mas passemos a pensar como se dão as formas de veiculação e empresariamento de corpos que realizam estratégias específicas de cuidado e prevenção ao HIV/Aids, sendo eles, os usuários que associam uso da PrEP e uso do Grindr.

Figura 74 – As buscas por sexo “no pelo” a partir do uso da PrEP e do Grindr



Fonte: Grindr LLC, 2020

Durante as derivas por corpos de usuários do Grindr e da PrEP constatei que alguns buscavam encontros com práticas específicas já mencionadas (“bareback” e “no pelo”). Chamava atenção que todos estes usuários indicavam o uso da medicação e a data do último exame como forma de reafirmar o tratamento. Além disso, ter local para os encontros também parecia um fator recorrente e favorável aos encontros. “No Pelo Prep, 35 {anos}”: “[...] Moro na CB. Uso prep. Moro sozinho. Não curto nada “hard {forte}”, apresentando predefinições como: “Local de encontro: Minha casa; Status HIV: Negativo, usando PrEP; Último exame: Março de 2020”. Também me parecia haver certa premissa de que os encontros fossem rápidos e imediatos, demarcando uma tendência às “fast-fodas”, conforme perfis de usuários como “no pelo, 24 {anos}, em que as únicas informações eram as predefinições: “Em busca de: Agora; Status HIV: Negativo, usando PrEP; Último exame: Abril de 2020)”. Bem como demarcavam uma tendência à busca por encontros sem maiores envolvimento afetivos: “SEM CAPA, 26 {anos}”: “SÓ FODO NO PELO, NÃO QUERO ROMANCE! SOU FUMANTE! FAÇO PREP, SE TU NÃO FAZ, VÁ PROCURAR E FAZER TAMBÉM!”; (Status HIV: Negativo, usando PrEP; Último exame: Dezembro de 2019)”. Alguns destes usuários, inclusive, eram homens casados, buscando sexo sigiloso. “VersNoPeloPrep, 34

{anos}”: [...] Curto “bareback”. Sou casado, horários complicados, peço um pouco de paciência. Não tenho local. Mandei minhas fotos, não curtiu, bloqueia. Economiza meu tempo e o seu; (Status HIV: Negativo, usando PrEP; Último exame: Dezembro de 2019)”. De certo modo, me ficou a ideia de que a PrEP passava a efetivar um tipo de empresariamento específico: o “corpo-blindado do HIV”, isto é, aquele que possui o *status* de “protegido”, em constante manutenção, cuidado e monitoramento. Talvez até viabilize que, estes corpos, há longos períodos controlados por diferentes racionalidades, possam buscar se ressignificar social e culturalmente. De todo modo, me pareceu que a associação entre PrEP e Grindr promove a produção de corpos que constantemente embaralham as fronteiras de noções como risco/segurança/saúde/doença para negociar desejo e liberdade.

Conforme já contei no início do trabalho, em 2018 me tornei usuário desta estratégia preventiva no Instituto POAPrEP. Atualmente, em 2021, o Instituto POAPrEP busca estudar os efeitos da Profilaxia Pré-Exposição – PrEP, em corpos de uma população específica de homens gays, bissexuais, homens que fazem sexo com homens, mulheres trans e travestis, que moram em Porto Alegre/RS. Durante dois anos de acompanhamentos e exames, eu buscava conectar o aplicativo neste espaço para apreender alguns efeitos. Logo de início percebi que os participantes do estudo se conectavam ao *Grindr* estabelecendo interações e buscando encontros, embora pudesse perceber que alguns usuários não buscassem sexo sem preservativos, justamente por terem medo de infecções e doenças sexualmente transmissíveis, recorrentemente avisadas nas consultas pela equipe de profissionais da instituição. Além disso, na primeira visita os profissionais do estudo me relataram desconhecer a existência de um “*Status PrEP*” no Grindr, e mesmo diziam não conhecer o Grindr. Neste sentido, por um pequeno momento, nem tudo me pareceu “controle” absoluto, mas também a possibilidade de diálogo, novos conhecimentos e a chance de trocar informações.

Durante este período também pude perceber melhor o ambiente do Grindr, as suas tensões, diferentes falas e novos estigmas igualmente pautados no controle contínuo dos corpos. Entre um dos estigmas veiculados por usuários do Grindr é de que usuários de PrEP tornam-se promíscuos e/ou buscam somente a prática do “bareback”, principalmente quando associado o uso do Grindr. Entretanto, não cabe aqui o tom moral ou a reiteração de controle: as práticas de usuários do Grindr e da PrEP são múltiplas, não-lineares e complexas. Também pude conversar com pessoas, que assim como eu, sentiram a possibilidade de ter a maior autonomia de suas escolhas, maior

qualidade na socialização, experimentação de novas práticas sexuais, e outras possibilidades de comunicação e intimidade com o(s) parceiro(s). Embora ainda sem romantizar, desde lá, venho compreendendo em minhas experimentações as transformações e especificidades deste circuito. As articulações entre redes sociais como o Grindr, inserido na indústria dos aplicativos e instituições de caráter público/privado como o Instituto POAPrEP, associado à indústria farmacêutica, agenciam diferentes estratégias biopolíticas de monitorando de seus usuários, promovendo formas de atenção específicas, exames de rotina, etc. Além disso, conduzem a determinadas forma de cuidado com o corpo, que passam pelo consumo da medicação, promovendo a transformação de várias práticas, entre elas, as práticas sexuais. Este campo múltiplo, cheio de estigmatizações, do incitamento ao medo da morte, de desumanização praticada em determinados corpos como “problema de saúde pública”, bem como as necessárias transformações simbólicas, discursivas e materializantes da epidemia de HIV/Aids merecem ainda outros estudos mais específicos.

Neste sentido, busco abrir o próximo subcapítulo relembrando as reportagens que denunciavam que o aplicativo *Grindr* havia compartilhado e vazado dados sensíveis de três milhões de usuários que constavam dados sorológicos, e-mails e localização exata às empresas como *Localytics e Apptimize*. Além de seu aspecto de monitoramento, passemos a pensar as diversas formas de demarcação da soropositividade como um dos atravessamentos da produção do corpo no Grindr.

## 4.9 DIFERENTES FORMAS DE DEMARCAR AS SOROPOSITIVIDADES

Entre os estigmas que subjetividades dissidentes de normas de gênero e sexualidade carregam estão as marcas de “sexualidade intensa”, de “população infectada pelo HIV/Aids” e como “problema de saúde pública” a ser administrado. Como vimos, o Grindr cria algumas funções em perfis que são voltadas a pessoas soropositivas (como “Tribo” “Soropositivo”; “Status HIV”; “Último teste realizado”; “Perguntas de Saúde Sexual”; etc;). Estes processos paradoxais que propõem visibilidade e integração política, também demonstram formas de monitoramento e sorofobia. Como já dito, o Grindr acopla-se às diferentes racionalidades biomédicas, jurídicas, morais, econômicas, políticas, de condução de condutas de corpos normalizados, saudáveis e experimentação de sociabilidade privatizante. Deste modo, passemos a pensar tal contexto sob outra perspectiva, isto é, as formas de demarcação das soropositividades como processo importante na produção do corpo no Grindr. Durante as derivas utilizando os “*Filtros Premium*” pude encontrar muitos perfis, que me permitiam reflexões específicas e também me sinalizavam a máquina de decantação que é o Grindr. Prontamente percebi que estas demarcações eram igualmente diversas. Determinados usuários apresentavam a soropositivo enquanto condição central do perfil, e traçavam a proposição de trazer informações no próprio ambiente do Grindr.

**Figura 75** – Entre as demarcações das soropositividades surgem corpos marcados por campanhas



Fonte: Grindr LLC, 2020

De modo geral, estes perfis sempre demarcavam o “*Status HIV*” com as predefinições: “*Positivo, não detectável*”, e datas do “*Último exame*” realizado. Diante dos preconceitos sorofóbicos enquanto “corpos impregnados de morte”, apareciam os

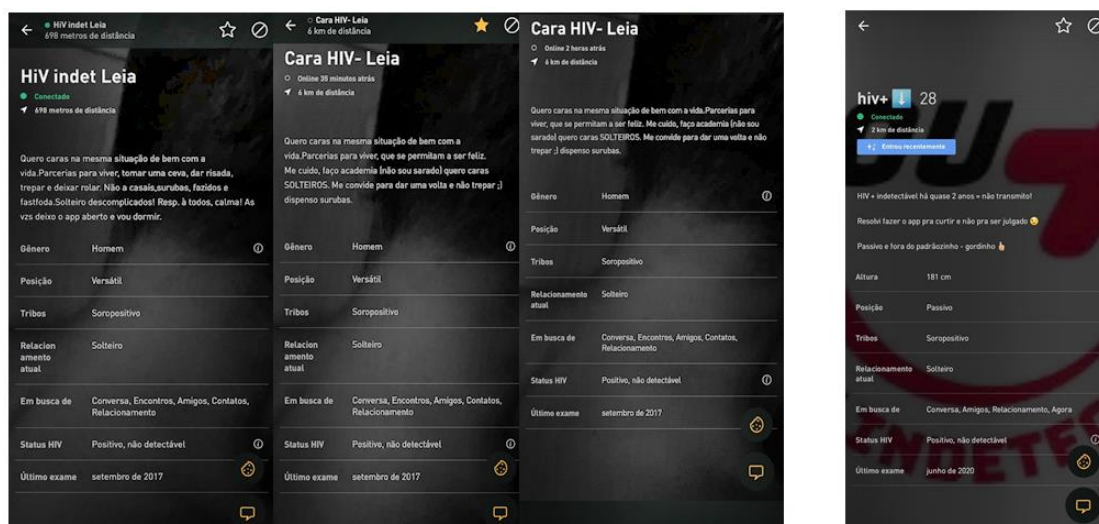
desejos de pares com as mesmas questões. *“Procuro pessoas positivas, dê preferência para não ter nenhum estigma! Deixe seu preconceito guardado junto contigo, pois não tenho nada a temer, a não ser a morte, como qualquer um!”*. Muitos deles não apresentavam fotos de rosto, e sim imagens de campanhas que veiculavam frases como *“HIV indetectável não transmite!”*, *“Uma pessoa com carga viral indetectável não transmite o HIV sexualmente”*, além de imagens com o *“laço vermelho”*, símbolo do comprometimento da luta contra a AIDS.

De todo modo, as contradições que o Grindr faz seus usuários experimentarem colocam em prática alguns processos de esvaziamento da dimensão política do sujeito. Enquanto a sociedade brasileira vive o desmonte das políticas públicas, o desmonte do SUS, e a precarização de vida dos portadores do HIV, vemos a efetivação da subjetividade neoliberal, em que os indivíduos devem lutar por si próprios. Dispositivos de consumo privatizantes como o Grindr, que surgem se propondo a ser *“lugar de alívio, lazer, diversão, experiências transformadoras”* efetivam processos de individualização/totalização, produzindo o *“corpo atomizado”/“população específica”*. Este processo imbricado permite o constante cálculo para conduzir seus consumidores. E as concretizações cotidianas do dispositivo da sexualidade contemporâneo desdobram diversas formas de diferenciação dos corpos, conduzindo àqueles marcados pelas soropositividades a estarem continuamente em processos de (auto) identificação e confissão, responsabilização (e culpa), permitindo o Grindr, formas de computar, sistematizar, criar suas próprias enumerações epidemiológico-estatísticas globais sobre o panorama do HIV/Aids.

Estes corpos, muitas vezes concebidos apenas por seus silenciosos tratamentos antirretrovirais, passaram a vislumbrar as dimensões de longevidade, inclusão e normalização, mas ainda lidam com a manutenção do *“segredo aberto”*. Como já dito, geralmente os perfis não tinham fotos de rosto e havia uma busca por pares semelhantes, prescrevendo desejos por encontros não somente sexuais. Usuários como da Figura 75 realizavam atualizações constantes nos perfis, buscavam ampliar as imagens de encontros ideais: *“HiV indet Leia”/“Cara HIV – Leia”*: *“Quero caras na mesma situação, de bem com a vida. Parcerias para viver, tomar uma “ceva”, dar risada, trepar e deixar rolar. Não à casais, surubas, “fazidos” {enroladores/dissimulados} e “fast-foda”. Solteiros descomplicados! Resposta à todos: calma! Às vezes deixo o app aberto e vou dormir”*. *“Me cuido, faço academia (não sou sarado), quero caras SOLTEIROS. Me convide para dar uma volta e não trepar ;)*

*dispensou surubas*”. As formas de repelir convites das práticas de sexo grupal e de encontros rápidos, na contrapartida ressaltavam a busca por encontros com homens solteiros e por enlances afetivo-sexuais que possibilitassem mais “leveza”, a atenuar estigmas e preconceitos históricos, e também os contornos de certa solidão. Além disso, as proposições de cuidados com corpo e o auto monitoramento constante da saúde, pareciam se acoplar com as pressões estético-corporais: *“HIV + indetectável há quase 2 nos = não transmito! Resolvi fazer o app pra curtir e não pra ser julgado! Passivo e fora do padrãozinho – gordinho*”. No geral, muitas vezes eu sequer conseguia dimensionar as suas pressões vividas.

**Figura 76** – Diferentes buscas por enlances afetivo-sexuais entre usuários que autodeclaram sorologias positivas



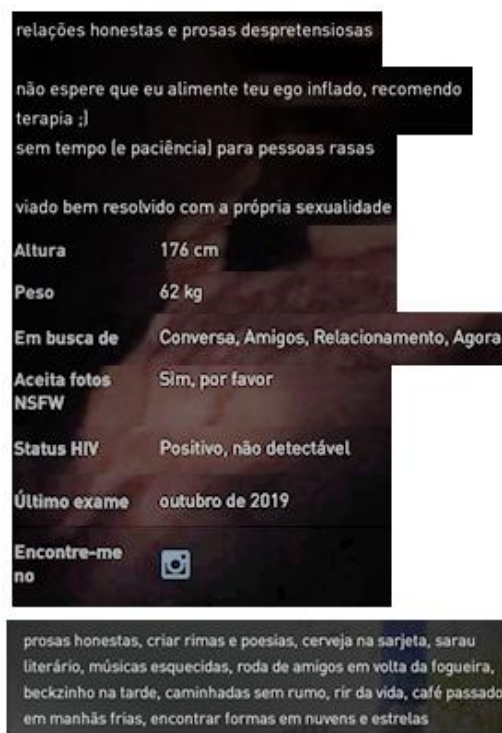
Fonte: Grindr LLC, 2020

Ao longo destes trajetos online e offline percorri por muitos caminhos, sentindo que silenciosamente muitos ali também vislumbram avanços científicos que tragam a cura ao HIV/Aids. O fato de atualmente eu ser usuário da PrEP também me trouxe reflexões, dúvidas, o desejo de ampliar minha sensibilidade. A ideia de desestabilizar certezas, os medos, romper com as presunções e as “blindagens” morais. Intimamente sabia que eu não seria capaz de dimensionar modos aos quais estes usuários lidam no cotidiano com este momento político, com os sensacionalismos das reportagens que criam o “vilão que intencionalmente transmite o HIV”, as suas percepções de novas classificações e estigmas, e mesmo com os desafios de possíveis outras vulnerabilidades, não só do HIV, mas outras doenças que ameaçam, que



produzem as dores psíquicas, etc. A imersão nas derivas me levou a pensar que, ainda me será preciso rever as formas de abordar a temática, enquanto somos impregnados de discursividades morais, biomédicas, jurídicas, econômicas e políticas.

**Figura 77** – Compondo a soropositividade como mais um elemento qualquer do corpo



Fonte: Grindr LLC, 2020

Estas derivas por corpos me fizeram mudar minhas próprias rotas, olhar novamente para as vivências da soropositividade quando apresentadas como outra característica qualquer: “*Relações honestas e prosas despreziosas. Não espere que eu alimente teu ego inflado, recomendo terapia ;)* sem tempo (e sem paciência) para pessoas rasas. Viado bem resolvido com a própria sexualidade [...] prosas honestas, criar rimas e poesias, cerveja na sarjeta, sarau literário, músicas esquecidas, roda de amigos em volta da fogueira, “bezcinho” na tarde, caminhadas sem rumo, rir da vida, café passado em manhãs frias, encontrar formas em nuvens e estrelas”. Diante disso, optei por encerrar o subcapítulo entendendo que é preciso não idealizar ou mesmo romantizar a produção de corpos que constituem as diversas soropositividades, mas sem dúvida fui afetado por novas formas de sentir, por outros modos de olhar o céu, de ouvir músicas, de buscar prosas, ler poesia, sobretudo, tirar do centro as cicatrizes.

Busco abrir o próximo subcapítulo lembrando minhas afetações diante de



leituras de reportagens sobre ações do atual presidente do Brasil, Jair Bolsonaro, criticando custos de pacientes com HIV/Aids<sup>89</sup>, concebendo cada um destes corpos como “despesa”<sup>90</sup> e os desmontes do programa brasileiro no combate à disseminação do HIV/Aids<sup>91</sup>. Ao longo do trabalho, pudemos ver diversas elocuições em perfis que manifestam posições políticas de usuários do Grindr. Passemos a pensar as diferentes formas de produção do corpo atravessadas pela “gestão de um corpo político” no Grindr, bem como por um ambiente marcado por polarizações características do atual cenário brasileiro.

---

<sup>89</sup>[https://siteigbt.org/bolsonaro-reclama-do-custo-de-pacientes-com-hiv-aids/?gclid=CjwKCAiAgJWABhArEiwAmNVTB4UCLpkgqTphzBS67zKAHgkshVMHUvYdYFnCeA7MTSGPQPuGUwLcwhoCrHsQAvD\\_BwE](https://siteigbt.org/bolsonaro-reclama-do-custo-de-pacientes-com-hiv-aids/?gclid=CjwKCAiAgJWABhArEiwAmNVTB4UCLpkgqTphzBS67zKAHgkshVMHUvYdYFnCeA7MTSGPQPuGUwLcwhoCrHsQAvD_BwE) Acesso em: 17/01/2021;

<sup>90</sup><https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2020/02/05/bolsonaro-pessoa-com-hiv-e-despesa-para-o-pais.htm> Acesso em: 17/01/2021;

<sup>91</sup><https://www.andes.org.br/conteudos/noticia/governo-desmonta-programa-brasileiro-referencia-internacional-no-combate-ao-hiv-aids1> Acesso em: 17/01/2021;

#### 4. 10 GERINDO UM CORPO POLÍTICO NO GRINDR

Ao longo desta pesquisa fomos ao encontra de diferentes corpos, que veiculavam demarcações de suas posições políticas, usando várias *hashtags* e discorrendo diferentes posicionamentos. Esta seção buscou colocar em questão algumas práticas cotidianas dos usuários, os estigmas, suas apreensões quanto aos direitos, formas de ocupação em espaços, o acesso às políticas públicas, à proposição de sair ou não do armário, etc; isto é, posições políticas ligadas a embates não necessariamente partidários, mas a uma estrutura política de uma nação como o Brasil. Entendo ainda que, estas várias posições vão desde as formas de ativismo e/ou mesmo às diferentes formas de posição no mundo enquanto ideia de que todas as ações são políticas.

Deste modo, entendo que a produção do corpo político é uma parte fundamental da negociação do desejo no Grindr a ser colocada em questão. De modo geral, posso dizer que a experimentação do ambiente do aplicativo durante as derivas me foi marcado por polarizações bastante características do cenário mundial. Como vimos no capítulo 3, em 2020 o Grindr posicionou-se abertamente apoiador à vitória do partido Democrata, com Joe Biden e Kamala Harris, após as eleições contra Donald Trump. Anteriormente, em 2018, a publicidade do Grindr no Brasil também veiculou brandos posicionamentos ao ironizar o polêmico “*kit gay*”, propondo seu próprio “*kit grindr*” fazendo uso da tríade “corpo, sexo, consumo”. Neste sentido, também vimos que em 2018 houve uma onda de ataques de seguidores pró-Bolsonaro durante as eleições, que utilizaram o Grindr para marcar encontros. Um dos encontros via Grindr ocasionou a morte de José Carlos Oliveira Matos, que foi assassinado em seu apartamento. Mas estes são apenas alguns elementos que compõem um arranjo complexo.

Desde sua invenção, a partir de dois mil dólares em 2009, ao valor de seiscentos milhões de dólares em 2020, o Grindr segue acendendo na “colônia das ações”, junto ao Google, a Apple, Microsoft, Amazon, Facebook, etc, se associando aos grandes possuidores de ações, e galgando seu lugar entre os empreendimentos mais ricos ao redor do mundo. Neste sentido, o Grindr, é um dos dispositivos biopolíticos que efetiva as técnicas de governo a partir do consumo, atravessadas pelo neoliberalismo, promovendo um alargamento de políticas sexuais neoliberais que se espraiam pela globalização.

Conforme fomos vendo, a narrativa de valorização de “todos os corpos” do

Grindr, típica “diversidade de propaganda”, visa uma série de incitações em seu nicho de mercado. Na prática, incita a reiteração de normas, a processos heteronormativos e homonormativos neoliberais, que desdobram preconceitos e hierarquizações entre usuários. Quando abordadas estas interconexões entre sexualidade, gênero, classe, raça, idade ou qualquer outro marcador de diferença, vemos que não são essencialmente opostas ou fixas, mas se articulam e inscrevem posições de sujeitos. Neste sentido, se os corpos carregam “marcas de poder”, e são rotineiramente marcados social, simbólica e materialmente, enquanto o Grindr atua por meio de suas dimensões totalizantes/individualizantes pondo em operação um objetivo central: a formação do modelo subjetivo característico de nosso tempo.

O cuidado da vida neoliberal, ao qual o Grindr se afina, predispõe à constituição do indivíduo LGBTQ+ como livre “empreendedor de si mesmo”. Em consonância com o neoliberalismo, o *lifestyle* do Grindr, põe em prática, mais do que um programa político e ideológico, um projeto de investimento na vida, a determinados modos de pensar, agir, viver e ser: tecnologias do eu. No modelo subjetivo do “empreendedor de si” o indivíduo é seu próprio capital. Ou seja, pela própria arquitetura que se configura, o sujeito assume a forma-empresa, convertida à fonte dos próprios lucros, responsável pela própria (in)satisfação. (BROWN, 2018; SAMPAIO, 2018)

A liberdade, tomada como a possibilidade das escolhas variadas, amplia o sentimento da esfera privada e da atomização das individualidades. No “*grid*” é dada a largada para as interações de perfis com corpos justapostos, organizando-os orientados pelas necessidades da concorrência. No “*grid*” os corpos não estão somente estáticos como produtos em prateleiras esperando para serem adquiridos, mas como empresas ativas, devendo atuar a favor de suas “marcas”. Conforme fomos vendo, as “marcas de poder” inscritas nos corpos tornam-se como logomarcas que identificam e distinguem visualmente seus serviços e produtos. Cada corpo-empresa tem seu próprio objetivo, missão, *design* estético-corporal, proposta de serviço, nicho a produzir desejo, público alvo a atuar, níveis de segurança e risco, local de gestão, etc.

Maurizio Lazzarato (2019) busca traçar uma análise específica, e mesmo crítica às discussões foucaultianas sobre a racionalidade neoliberal. Segundo ele, a nova modalidade de fascismo que vemos emergir é justamente a outra face do neoliberalismo. Estes novos fascismos buscam reforçar hierarquias de classe, sexo, gênero, raça, mas a estratégia continua sendo a efetivação neoliberal. O objetivo central não é combater apenas um “inimigo político” ameaçador ou uma oposição de governo,

mas aplicar ao máximo o projeto político que compõe a base das políticas neoliberais. Neste sentido, o autor afirma que desde 2008, após a derrocada financeira, se desdobrou um período de rupturas e transformações políticas globais. Para Lazzarato, no Brasil os governos Lula e Dilma Rousseff, além da implantação de importantes reformas e efetivação de políticas sociais, promoveram também uma progressiva financeirização dos pobres que, trouxe consequências difíceis de contornar: individualização e uma classe e de consumidores despolitizados. Neste sentido, o individualismo despolitizado é justamente um dos objetivos neoliberais. Esta transformação da população de pobres assalariados e endividados também determinaram condições para polarizações, que se assentam ao cenário global, até o momento em que vemos o Brasil diante de um confronto com o neofascismo de direita neoliberal:

[...] no Brasil podemos seguir esse processo passo a passo: do fim da ditadura à implantação de dispositivos de uma governança financeirizada durante os mandatos de Lula e Dilma Rousseff e, a partir da crise do governo desta, a novas e inéditas modalidades de confronto estratégico que a eleição de Bolsonaro cristaliza. O que o Brasil deixa transparecer tão claramente **é a incompatibilidade radical do reformismo com o neoliberalismo** (LAZZARATO, 2019, p. 27, grifo nosso).

Para Lazzarato (2019) a vitória de Bolsonaro como presidente do Brasil demarca precisamente a onda neofascista, racista, sexista que se espalha nos Estados Unidos e pelo planeta. Este cenário “neoliberal autoritário” também tem sido marcado por um evidente ressentimento das elites brancas e da classe média alta, que encontraram espaço e representação política para se manifestar. Além disso, o autor acredita que, com o neoliberalismo, houve uma mudança nos dispositivos do biopoder nos últimos sessenta anos:

[...] a privatização do que Foucault chama de dispositivos do “biopoder” muda radicalmente suas funções [...] ela é **usada para desfazer sistematicamente a potência política que as populações acumularam** em dois séculos de lutas revolucionárias [...] Para a grande maioria da população do planeta, **a biopolítica deve assegurar um mínimo “vital” necessário a sua simples reprodução.** [...] a biopolítica divide (em três classes e individualiza ainda mais sutilmente), e dividindo ela empobrece uma grande maioria e enriquece uma minoria. **Não produz o capital humano, o empreendedor de si, mas o “trabalhador pobre”.** (LAZZARATO, 2019, p. 52, grifo nosso).

A despeito das diferentes concepções dos autores quanto aos efeitos de processos de subjetivação neoliberais e a produção de subjetividades do empreendedor de si/trabalhador pobre, passemos a pensar a circulação dos corpos políticos no Grindr,

em meio à incorporação de seu *lifestyle* “zero feet away” e de corpos “unlimited” no Brasil, desde 2009. Como “espaço para todos”, o Grindr também se viu diante da ascensão conservadora e neofascista do Brasil e do mundo. Neste caminhar encontrei perfis explicitamente bolsonaristas e auto definidos como de “direita”. Estes homens eram também múltiplos, singulares e não cabe aqui a tentativa de definição de um universal. De todo modo, continuam as diversas incorporações mais estereotipadas, que vão desde as gírias, como as definições de corpos buscados/repelidos:

**Figura 78** – Transformações em um mesmo perfil de usuário “bolsonarista”



Fonte: Grindr LLC, 2020

*“AMO BOLSOMINION. Não tolero Mimimi, nem Petista. {emoji/figurinha de vômito}. Curto muito mamar bem mamado. Ou só uma conversa. Ou só beijos, uma transa. Ou nada. Tenho 1,90, 92 kg, cabeça raspada. Pau P e M {pequeno e médio} tem preferência. Não curto gente nova. Não à usuários de cocaína {emoji/figurinha de raio}. Não à “bareback” [...] Sou passivo, bem resolvido, bem humorado. [...] TALKEI? Bolsominion. [...] Sem paciência com gente nova, drogados, casados, PETISTAS e NÃO TENHO TESÃO EM PAU GRANDE. Amante de um bom café, jantar, queijo, espumante com boas risadas. Por do sol, bike, natureza. [...] Passivo sem estresse. De direita, se não curte vaza e não fode a paciência, amado. [...] Meu tesão está em homem BRANCO. Curto homens da minha idade [...] carecas e brancos*

*tem preferência. [...] Me reservo ao direito de não responder quem não se enquadra no meu perfil”.*

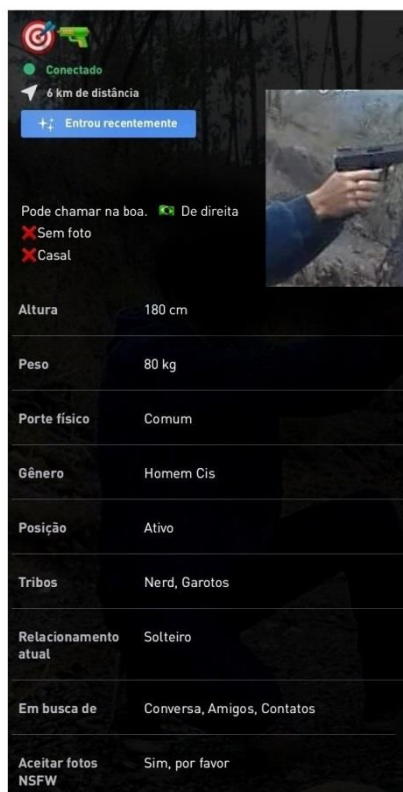
Como se pode ver, neste campo afetivo-sexual estavam apenas homens semelhantes: bolsonaristas, brancos, carecas, por volta dos quarenta anos, que apreciassem o estilo de vida idealizado pela classe média branca brasileira. Reafirmando as polarizações, os indesejáveis que não se enquadravam no perfil eram: petistas, esquerdistas, ativistas LGBTQI+, homens jovens, negros, dotados, usuários de drogas, fumantes, homens que praticavam sexo sem proteção. Ou seja, precisamente, os “inimigos” forjados pelos movimentos neofascistas atuais. Desde então, vi um cenário em que a noção de “liberdade” individualizada se tornava cada vez mais aguda pela via de discursos fascistas. A “questão de gosto” no Grindr tomava a forma do exercício de um “direito fundamental”, isto é, só falar com quem se “enquadra em um perfil” tendo assegurada a “esfera pessoal protegida” em nome de um tipo de liberdade, mas que expressavam os preconceitos de raça, classe, etc. A gestão deste corpo-empresa com ideal político-econômico me parecia não ser só fenômeno local.

A população estadunidense branca, evangélica e sem escolaridade que conduziu Trump ao poder, consolidou também aquilo que Wendy Brown (2018) compreende como, uma reação branca que luta a favor de si contra usurpadores imaginários, diante da perda de poder socioeconômico das últimas décadas (os “trabalhadores pobres” que citava Lazzarato). Esta perda de poder também é efeito da globalização selvagem das próprias políticas econômicas neoliberais que precarizam a vida. Nas narrativas de Trump radicavam-se ações para arruinar qualquer esfera do “social”, conceber a sociedade como grande mercado, a produção de novos anti-cristos políticos, desinibição de belicosidade, deslegitimação de direitos civis mais básicos das minorias raciais e sexuais, formação de uma liberdade autoritária, ensejo pelo retorno aos valores tradicionais morais e familiares em todos os espaços públicos, anseio explícito por hierarquização e mesmo autoritarismo, tradição, patriarcalismo, hegemonia branca, etc (BROWN, 2018).

Nos períodos das derivas pelo Grindr de 2018 até 2020, me parecia estar vendo uma explícita “troca de *taps*” entre (a subserviente “chama”) de Bolsonaro e (um toma “biscoito”) de Trump. Os desejos por importações subjetivas de um dos maiores produtores de tecnologias neoliberais como os Estados Unidos, ainda reverberavam efeitos no ambiente do aplicativo. Enquanto o “nicho de mercado” do Grindr é constantemente incitado a buscar segurança, a afirmar a necessidade de privacidade e de

esfera pessoal protegida, em simultâneo, há a possibilidade das várias formas de estilização, mesmo que seja uma estética mais “bélica” e “armamentista”.

**Figura 79** – As armas de sedução do homem “de direita” têm que alvo?



Fonte: Grindr LLC, 2020

Durante esta caminhada de pesquisa, a lei 10.826 e o decreto 9.685 facilitaram o acesso ao porte de armas por meio de ações políticas do presidente Jair Bolsonaro. Já ao final da pesquisa pude ver as fotos de um homem branco, ajoelhado, em que se destacavam as mãos empunhando uma arma de fogo: {emoji/figurinhas de alvo e arma}: “Pode me chamar na boa. {emoji/figurinha de bandeira do Brasil}: De direita; {emoji/figurinha negativa}: sem foto; {nem} casal”. Desde os anos dois mil as perspectivas neoliberais de assimilação e inclusão de gays e lésbicas na sociedade civil estadunidense, por meio do acesso ao consumo, ao trabalho, à vida religiosa e entrada no exército, têm efetivado processos homonormativos neoliberais. Entre os seus efeitos globais temos presenciado os ideais de privacidade doméstica, formas de defesa, o ideal de nação como mercado e o patriotismo (DUGGAN, 2002). Novamente me pareceu que algumas facetas desta realidade bélica/armamentista e em torno da autodefesa passam a se desdobrar aqui no Brasil.

Neste sentido, a materialidade de perfis como estes inferem a necessidade de estudos mais específicos sobre processos homonacionalistas no Grindr. O termo “homonacionalismo”, cunhado por Puar (2003), buscou abrir um debate sobre determinadas tensões em termos de aceitação/tolerância às pessoas LGBTQ+, tomando como foco as questões locais de países como a Palestina e Israel, bem como as lutas por cidadania e reconhecimento sexual nestes territórios. Conforme Irineu (2014), de modos específicos, é preciso pensar tais questões no território brasileiro, isto é, os deslocamentos e as transformações quanto aos direitos civis, às políticas públicas e as diferentes formas de reconhecimento. É preciso compreender igualmente de que modos no Brasil a “nacionalidade” passa a ser forjada e concebida enquanto direito às subjetividades dissidentes, enquanto marcados a partir da heterossexualidade como modelo natural, dos privilégios da branquitude hegemônica, pelo modelo “familista”, e de uma realidade abalizada por preconceitos à diversidade sexual, racismos, sexismos, etc. Neste sentido, é preciso prosseguir pensando de que modo determinadas ideologias nacionalistas passam a ser incorporadas por pessoas LGBTQIA+ em busca de cidadania, ao mesmo tempo em que se promove estigmatização de comunidades, legitimação de agressões a determinados alvos, justificativas de ataques, formas de violência e até mesmo a necessidade da guerra enquanto ideal político.



**Figura 80** – Entre as tensões “a tua posição política não me interessa”, “vá trabalhar”



Fonte: Grindr LLC, 2020

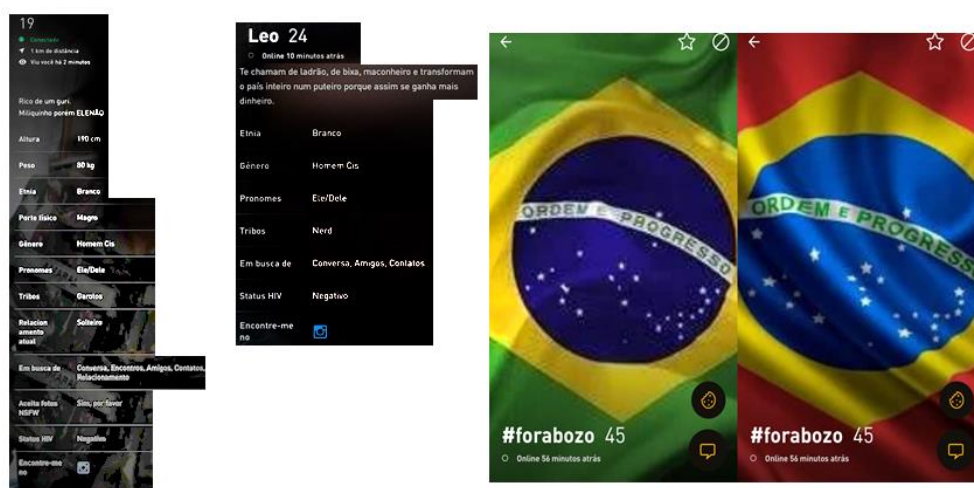
Em meio às polarizações de corpos atravessados por processos homonormativos neoliberais e homonacionalistas, e suas nuances de defesa pessoal, amor à nação e de livre concorrência, vê-se também a circulação de corpos que se empresariam veiculando formas mais ponderadas de subverter a democracia representativa. Por meio de concepções nebulosas quanto aos valores democráticos, estes usuários indicavam-se incomodados com os posicionamentos recorrentes, semelhando a processos de esvaziamento da potência política dos corpos. Volta e meia, apareciam como parte da rotina do aplicativo frases como: “*tua posição política não me interessa, esse app não é pra isso, então de fode!!*”, ou mesmo, “[...] *NÃO SEJA UMA MULHERZINHA LOUCONA! POSTURA E HOMBRIDADE, POR FAVOR! [...] ENTRE O #ELENÃO E O #ELESIM, VÁ TRABALHAR*”. Mesmo entre as posições mais heteronormativas e homonormativas, as formas de assimilação das pessoas LGBTQ+ são vislumbradas para se reconfigurar aos modos hegemônicos do viver no contemporâneo, pautadas ainda na heterossexualidade, nas práticas de consumo, na esfera domiciliar, em vidas voltadas ao trabalho, ao casamento e à família. Neste sentido, há um esvaziamento na constituição do sujeito político que é própria do neoliberalismo:

[...] os processos de constituição do sujeito político, as formas de organização, a produção de saberes para a luta, [...] **confrontam-se imediatamente com as “razões” do lucro, da propriedade, do poder, do patrimônio** [...] um duplo e terrível problema, o da **constituição do sujeito**

**político e o do poder do capital** [...] a representação não detém poder algum [...] **o neoliberalismo executa as ordens do capital e da propriedade e não as do “povo” ou do interesse geral** (LAZZARATO, 2019, p. 13-14, grifo nosso).

Este esvaziamento do sujeito político configura uma das efetivações do neoliberalismo enquanto uma espécie de “não política”, colocando em prática um conjunto de intervenções e interesses, baseadas em certo convencionalismo, produtividade, equilíbrio, e até decência, na necessidade de rotina, de uma vida para o consumo de bens, bem como em produtos culturais ligados às identidades LGBTQIA+ que só permitem viver no privado as suas experiências. Estas intervenções fazem com que as privatizações sejam desejáveis nos diversos âmbitos da vida, como forma de uma construção imaginária da igualdade “gay”, isto é, em estar dentro da estrutura da política neoliberal. Neste sentido, as possibilidades de resistência, exercício do poder e outra relação com a norma do movimento LGBTQIA+ são adequadas ao projeto neoliberal, e é transformado em mais um produto do capitalismo. (DUGGAN, 2002; OLIVEIRA; 2013).

**Figura 81** – Perfis de “esquerda” e anti-bolsonaristas no Grindr



Fonte: Grindr LLC, 2020

Conforme dito, estes novos fascismos que emergem apostam na figura de inimigos. No Brasil, os confrontos neofascistas em defesa de Bolsonaro tem como um dos alvos a destruição simbólica e política do governo lulista como uma ação fundamental. Entre as experimentações do Grindr, portanto, alguns usuários precisavam lidar com estereótipos de “petralhas”, “esquerdistas”, “militantes mimimi”, entre outros.

A retomada de músicas interpretadas por Cazuza passavam a se compor com fotos da bandeira LGBTQ+, reconfigurando a veiculação estética de posicionamentos mais a esquerda no ambiente do Grindr: “*te chamam de ladrão, de bicha, maconheiro e transformam o país inteiro num puteiro porque assim se ganha mais dinheiro*”. Além disso, a bandeira do Brasil era retomada em cores vermelhas com *hashtags* “#elenão” e #forabozo. Na contrapartida, era preciso desestabilizar mesmo aqueles estereótipos que pareciam previamente posicionados à direita: “*Miliquinho, porém #ELENÃO*”, mostrando fotos de um jovem militar com roupas camufladas.

Por vezes, as fotos os perfis eram vazios, apenas veiculando fotos de rosto incluindo o *design* de alguma *hashtag* e/ou campanha do momento, como “*EU APOIO O #IMPEACHMENT JÁ!*”. Além disso, referente mais especificamente ao “*lulapetismo*”, o humor também traçava algumas das estratégias de seus seguidores, como na Figura 82, utilizando a imagem de uma *drag queen* fazendo continência, caracterizada com um traje vermelho e com símbolos comunistas, abraçada ao ex-presidente Luís Inácio Lula da Silva: “*Lula de cu é rola e todo mundo aqui ama rola. Que 2020 seja um ano com mais amor e menos bolsominions*”.

**Figura 82** – *Hashtags* “#elenão” e “#forabozo” apareciam em perfis de usuários que se posicionavam à esquerda



Fonte: Grindr LLC, 2020

Também pude compreender vendo perfis de homens que se posicionavam politicamente à esquerda as várias concepções quanto aos bolsonaristas, que passavam por significações como pessoas ignorantes e/ou com problemas psíquicos e identitários: “*Minhas condolências aos gays que elegeram a besta. Vocês tem que voltar aos bancos escolares e ler sobre história, sobre movimentos sociais, sobre conceitos de educação,*

identidade e projeção. AMANHÃ PARADA LIVRE! Fora MBL!” Como podemos ver, alguns perfis destes usuários eram também utilizados para mobilizar participação de eventos, encontros políticos e manifestações.

Além disso, pude encontrar a produção de perfis que buscavam veicular posições em defesa de diferentes políticas públicas, como o Sistema Único de Saúde e as políticas de educação: “*Eu defendo as universidades e institutos federais; contra o corte de verbas e perseguição!*”; “*Psicólogo, defensor do SUS e contra quaisquer tipos de opressões*”; “*Me apresenta uma música? Deus me livre beijar alguém que não defende o SUS. Com local*”.

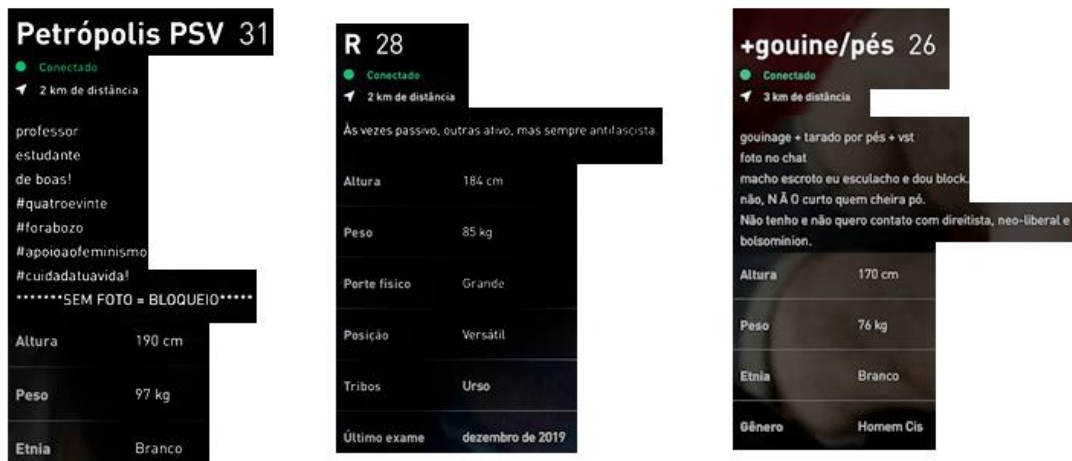
**Figura 83** – Usuários em defesa de políticas públicas



Fonte: Grindr LLC, 2020

Neste caminhar pelo Grindr vi diferentes modos de gestão dos corpos políticos. Entre os modos de “emprender” politicamente a si mesmo, vi também as concretizações de tipos distintos de sujeitos, diferentes formas de condutas, maneiras diversas de produzir valor social. Durante estes dois anos de pesquisa, de modo geral, vi que a maioria dos posicionamentos eram politicamente no espectro à esquerda, como era de se presumir. Perfis em defesa de mulheres e dos movimentos feministas, com demarcação antifascistas e críticas ao neoliberalismo também circulavam: “*#fora bozo; #euapoiioofeminismo {“eu apoio o feminismo”}*”; “*às vezes passivo, outras ativo, mas sempre antifascista*”; “*gouinage + tarado por pés + vst {versátil}, foto no chat, macho escroto eu esculacho ou dou “block” {bloqueio} [...] Não tenho e não quero contato com direitista, neoliberal e “bolsominion”;*”

**Figura 84** – Anti-fascismo, feminismo e críticas ao neoliberalismo também se compõem



Fonte: Grindr LLC, 2020

Os processos de produção de corpos no Grindr nos sugerem algumas pistas dos desafios na constituição dos sujeitos políticos, embora não só. Será preciso prosseguir refletindo quanto às formas de adequação ao quadro neoliberal, as formas de fragmentação e de superindividualização, que traçam limites e contornos mais duros a outras formas de relação com a norma de subjetividades dissidentes de sexualidade e gênero. Entre as polarizações e as hierarquizações que conduzem condutas dos corpos, os processos de normalização administrados pela *holding* estadunidense San Vicente Acquisition LLC para fazer o Grindr crescer precisam estar em questão em outros estudos. Enquanto são seladas novas utopias sob o corpo, a nós, parece necessário produzir um limiar. Se lançar em uma dúvida que sequer busque resposta. Olhar para o que pode haver, em simultâneo, entre *o corpo ilimitado do Grindr* e *os limites dos nossos corpos*.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo das derivas, entre cafés, anotações e leituras, muitas vezes dei uma mirada rápida pelo “*grid*” do Grindr. Deslizando o dedo velozmente pela tela, via os diferentes corpos, e logo me prontificava a fazer outras atividades da pesquisa. Essa multiplicidade de corpos por vezes me embaralhava, e me fazia agir em passo acelerado. Do mesmo modo, alguns pontos desta pesquisa também são uma imersão momentânea, uma “passada rápida”, um olhar que muitas vezes flutuou de forma mais panorâmica, e que por isso demandam outros desdobramentos, mais estudos, e outras reflexões mais elaboradas. Mas entre as derivas, em meio aos pousos com o corpo todo, fiz miradas mais lentas e busquei apontar algumas especificidades. Conforme vimos, ao longo desta pesquisa busquei problematizar a produção de corpos no Grindr, buscando indicar como a arquitetura do aplicativo conduz condutas. Para isso, focalizei algumas práticas de uso dos usuários, para investigar como se dá o incitamento à produção, às diferentes formas de composição e estilização dos corpos. Ao longo das derivas vimos os modos como corpos-perfis se engendram a processos heteronormativos e homonormativos neoliberais, em que são incitadas determinadas formas de empresariamento de si, a uma sociabilidade privatizante, à lógica de concorrência e individualização. Tomando como nicho de mercado o público LGBTQ+, o Grindr parece querer constituir, aos seus próprios moldes, um paradoxal público global de consumidores “*queer mainstream unlimited*”, isto é, sujeitos que busquem romper determinadas normas, mas que ainda assim, estejam bastante alinhados aos modos hegemônicos de vida propostos pelo neoliberalismo. Diante dos corpos que negociam seus próprios rendimentos, vimos a formação de várias estereotípias. Os processos homonormativos neoliberais efetivam condições para emergir outros corpos de “sucesso”, “orgulhosos” e “belos”, mas não deixam de reiterar novas formas de competição internas. Entre algumas formas recentes que passam a falar, formatar, enquadrar sujeitos, surgem as denominações como: o “padrãozinho”, a “gay branca” o corpo “grande” (e não gordo), o “sugar daddy”, o “sugar baby”, as “POC’s”, etc.

Conforme vimos, as perspectivas de corpos marcados pelo sigilo e discrição no Grindr prosseguem compondo processos heteronormativos que efetivam uma ordem cis-heterossexual que ainda prescreve aos sujeitos terem de tentar ser o “macho” ou o “homem de verdade”. Mesmo que sempre se articulem outros marcadores, promovem outros processos de hierarquização dos corpos. Além disso, a paradoxal sociabilidade

privatizante do Grindr parece produzir maiores previsibilidades nos encontros entre homens, além de algumas formas de garantia e manutenção do sexo em público enquanto possibilidade. Entre os processos homonormativos neoliberais, as estereotípias como o “padrãozinho”/”boy padrão”, indicaram especificidades deste clima extremamente avaliativo de si e do outro, em que circulam imagens serializadas de corpos que passam por esforços de cuidados específicos. Estes homens brancos imersos na academia também remontam imperativos da beleza incidida ao “*gay mainstream*”, sendo considerados bem-sucedidos no seu capital estético-corporal. Sendo articulada também à gíria “gay branca”, tanto os “boys padrão” como os “sigilosos” pareciam buscar homens bastante semelhantes. Entre os processos de empresariamento do corpo pareceu se formar certa racionalidade da “POC” empresária de si, que concorre para ostentar a melhor forma possível sua feminilidade. Composições de corpos como as POC’s, que tendem ser consideradas dissidentes, excêntricas e “incomuns”, podem estar cada vez mais identificáveis e palatáveis. Neste sentido, os processos homonormativos, marcados pela assimilação de mercado, trabalham para não deixar ninguém de fora.

De modo geral, também vimos diferentes tentativas de (auto)-definição do corpo “maduro”, que começavam a decorrer a partir dos trinta anos, mas podia variar. Para ser atrativo ainda era necessário se compor a outras características, parecendo perdurar resquícios heteronormativos articulados a questões geracionais. Ao longo das derivas também vimos que o marcador de idade, articulado com outros marcadores, produz novos modelos de relação marcadas pela “transação” entre patrocinador/patrocinado, concretizando mais um modo de empreender a si mesmo veiculando-se como “*sugar daddy*” e “*sugar baby*”.

Entre os imperativos de juventude, simetria, beleza as fotos impulsionavam as negociações para fazer as avaliações “corpo” e “rosto”, indicando um ambiente caracterizado pela pressão estético-corporal. Entre as várias demandas deste corpo que consome e é consumido em torno de si mesmo, vimos que passam a estar em jogo as necessidades prévias de “aviso”. Os corpos que não atingem os parâmetros de beleza precisavam marcar antecedências sobre as formas do corpo e produzir estratégias de negociação, a partir de marcas como altura, peso, idade, etc. Neste sentido, os corpos parecem avaliados por meio do controle dos tamanhos, determinando proporcionalidades, exigindo grandezas das formas, muitas vezes advertidas como inegociáveis. Entre as grandezas, o “pau-empresa dotado de sucesso” surge como um sintoma de hierarquização, de um ambiente marcado pela lógica de produtividade do

sexo, do pênis ereto como sinônimo de prazer e de exigências de grandiosas medidas. De modo geral, a centralidade do pênis me pareceu traçar uma crise importante nas relações entre homens cis que buscam outros homens cis.

Ao mesmo tempo, também surgiam imagens racistas, que interpelam o homem negro a ser potencialmente dotado, hipermasculino, bem como retoma imagens de preconceitos históricos a partir de estigmas como homens “violentos” e “perigosos”. Já a autovalorização da beleza afro e as formas de demarcar tranquilidade para circular pelo aplicativo buscando ressignificar estigmas durante as negociações pareceram potentes estratégias entre homens pretos. Entre as tensões raciais dos usuários vimos efetivar-se uma sequência de “homens brancos buscam homens brancos”, isto é, uma continuidade silenciosa do pacto de masculinidade branca. As formas de reiteração do modelo hegemônico do homem cis-heterossexual, e, sobretudo, branco, indicou que a heteronormatividade é também um regime racial.

Este pacto branco e racista nem sempre é silencioso, principalmente quando articulado a ideais políticos de direita. Ao longo das derivas vimos uma faceta autoritária do neoliberalismo, e um cenário marcado por uma evidente absorção do ressentimento das “elites” brancas. A “questão de gosto” no Grindr é experimentada como exercício de um “direito fundamental” tendo a “esfera pessoal protegida” em nome de um tipo de liberdade, mas que expressavam os preconceitos de raça, classe, etc.

Entre estes ideais de raça e classe, os corpos devem ser saudáveis e higienizados: banho, desodorante e preservativos eram apontados como os cuidados mais básicos. O uso dos termos “*bareback*” e “*sexo no pelo*”, ou seja, as práticas de ejacular durante sexo anal sem preservativo, surgem em um cenário marcado por tensões e temores. A condução da arquitetura do Grindr à prevenção ao HIV por meio da Profilaxia Pré-Exposição indicou um tipo de empresariamento específico: o “corpo-blindado do HIV”, indicando que a associação entre PrEP e Grindr pode estar promovendo a produção de corpos que constantemente embaralham as fronteiras de noções como risco/segurança/saúde/doença. No geral, é possível perceber um ambiente bastante sorofóbico, incitado pela própria arquitetura do aplicativo. Neste sentido, vimos diferentes buscas por enlaces afetivo-sexuais entre usuários que autodeclaram sorologias positivas, inclusive a soropositividade sendo apresentada como outra característica qualquer, demarcando também uma potente estratégia para tensionar o cenário sorofóbico do Grindr. Neste sentido, acredito que estudos específicos devam ser



realizados quanto às experimentações das soropositividades no ambiente do Grindr.

Entre os diferentes embates da estrutura política brasileira, a constituição do sujeito político parece se confrontar diretamente com a racionalidade neoliberal. As privatizações por vezes apareciam como desejáveis nos diversos âmbitos da vida, como forma de uma construção imaginária da igualdade social, estando justamente incorporada na estrutura da política neoliberal. Além disso, ideais de privacidade doméstica, acesso a formas de autodefesa, e patriotismo de direita também estavam presentes, indicando que algumas facetas da realidade bélica/armamentista no cenário global passam a se desdobrar aqui no Brasil. Estes ideais se materializam em perfis de um modo bem característico, em sintonia ao que vemos se formar mais recentemente. Estes homens que buscam outros homens podem estar incorporando ideologias nacionalistas para se assimilar socialmente, indicando a importância de estudos mais específicos sobre processos “homonacionalistas”. Além disso, ao longo das derivas nos vimos diante de diferentes modos de gestão dos corpos políticos. Entre os modos de “empreender” politicamente a si, efetivam-se tipos distintos de sujeitos e com diferentes formas de conduta, marcando um cenário de polarizações. Mas, de modo geral, no Grindr, durante estes dois anos, pude perceber que a maioria dos posicionamentos políticos eram de espectro à esquerda.

No entanto, cabe destacar que a superindividualização deve ser melhor refletida. Estes processos parecem colocar em risco algumas ações políticas das subjetividades dissidentes das normas de sexualidade e gênero. Neste sentido, cabe pensar com delicadeza outra relação com a norma, repensar ativismos e posições no mundo: de que modos podemos usar o mercado de forma política? Diferentes países permitem diferentes atualizações do neoliberalismo, todavia é preciso prosseguir com atenção ao contexto-sede do Grindr e as transformações políticas dos Estados Unidos, já que ainda estamos diante de um grande produtor de tecnologias neoliberais que se espraiam e aqui reverberam. Embora o neoliberalismo atravesse o globo e “conviva” com diferentes regimes de governo, seus efeitos tem sido devastadores. Além disso, o problema não parece ser só uma questão de consumo, mas a formação de um modelo subjetivo: indivíduo que é capital de si mesmo; em que tudo depende de si e dos dividendos que faz em si; o corpo é seu maior capital, não parecendo haver margem para parceiros; na lógica da concorrência é preciso que o outro sempre fracasse. Nem totalmente execrável, nem totalmente benevolente: o Grindr é um paradoxo de nosso tempo. Se o corpo é um dos *nossos* lugares de atuação, será preciso compor outras

formas de produzi-lo. Ainda podemos selar outras utopias no corpo.

## REFERÊNCIAS

- BERLANT, Laurent. WARNER, Michael. Sexo em Público. In: Jiménez, Rafael M. M. (editor) Sexualidades Transgressoras. Barcelona, Içaria, 2002. p.229-257.
- BIANCHI, Eduardo. Caminhos de prazer, caminhos de lazer: Imagens corporais de desejo na rede geosocial *Grindr*. **Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação**. Foz do Iguaçu, set, 2014.
- BORBA, Mário. P. HENNIGEN, Inês. Composições do corpo para consumos: uma reflexão interdisciplinar sobre subjetividade. **Psicologia & Sociedade**, n. 27, v.2, p. 246-255, 2015.
- BRAH, Avtar. Diferença, Diversidade, Diferenciação. In: **Cadernos Pagu**. Campinas, Núcleo de Estudos de Gênero Pagu, n.26 p.329-376, 2006.
- BROWN, Wendy. *O Frankstein do neoliberalismo: liberdade autoritária ns “democracias do século XXI*. In: RAGO, Margareth. PELEGRINI, Maurício. (Org.). **Neoliberalismo, feminismos e contracondutas: perspectivas foucaultianas**. 1 ed. São Paulo: Intermeios, 2019.
- BUTLER, Judith. **Corpos que importam: os limites discursivos do “sexo”**. 1 ed. São Paulo: n-1, 2019.
- BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão de identidade**. 8 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.
- CANDIOTTO, Cesar. Cuidado da vida e cuidado de si: sobre a individualização biopolítica contemporânea, **Dissertatio**, UFPel, n.34, p. 469 – 491, 2011.
- CASTRO, Edgardo. **Vocabulário de Foucault – Um percurso pelos seus temas, conceitos e autores**. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016.
- COSTA, Luciano Bedin da. Cartografia: uma outra forma de pesquisar. **Revista Digital do LAV - Santa Maria - vol. 7, n.2, p. 66-77 - mai./ago, 2014**.
- DUGGAN, Lisa. *The New Homonormativity: The Sexual Politics of Neoliberalism. Materializing democracy: toward a revitalized cultural politics*. **Duke University Press**, Durham, London, 2002.
- FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I - A vontade de saber**. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 2014.
- FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade II - A vontade de saber**. 6 ed. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 2017.
- FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. Organização e tradução de Roberto Machado. 28 ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2016.

FOUCAULT, Michel. **Nascimento da Biopolítica**: Curso dado no Collège de France (1978 – 1979). 1 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

FOUCAULT, Michel. **O corpo utópico, as heterotopias**. 1 ed. São Paulo: n-1, 2013.

GARCIA, Marília. **Câmera lenta**. 1 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

GAVÉRIO, M. A. **Estranha atração**: a criação de categorias científicas para explicar os desejos pela deficiência. Dissertação de mestrado. Universidade Federal de São Carlos. São Carlos, p. 107, 2017.

GHEL, Robert W. What's on your mind? Social media monopolies and noopower. **First Monday**, v. 18, n. 3-4, march, 2013. Disponível em: <https://firstmonday.org/ojs/index.php/fm/article/download/4618/3421> doi:10.5210/fm.v18i3.4618. Acesso em 24 de jan de 2021.

GOEDEL William C., HALKITIS, Perry N., GREENE, Richard E., HICKSON, DeMarc A., DUNCAN, Dustin T. HIV Risk Behaviors, Perceptions, and Testing and Preexposure Prophylaxis (PrEP) Awareness/Use in Grindr-Using Men Who Have Sex With Men in Atlanta, Georgia. **Journal of the Association of Nurses in AIDS Care**. Volume 27, Issue 2, March–April 2016, Pages 133-142. Acesso em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S1055329015002496>

GRINDR LLC, Sobre o *Grindr*: chegue mais. 2019, Disponível em: <https://www.grindr.com/br/about/> Acesso em: 24 de abr de 2019.

GROHMANN, Rafael. Não sou/ não curto: sentidos circulantes nos discursos de apresentação do aplicativo Grindr. **Sessões do Imaginário**, Porto Alegre, v. 21, n. 35, p. 70-79, 2016.

IRINEU, Bruna Andrade. Homonacionalismo e cidadania LGBT em tempos de neoliberalismo: dilemas e impasses às lutas por direitos sexuais no Brasil. Revista da Faculdade de Serviço Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro: **EM PAUTA**, Rio de Janeiro, n. 34, v. 12, p. 155 – 178, 2014.

KASTRUP, Virgínia. *O funcionamento da atenção no trabalho do cartógrafo*. In: PASSOS, Eduardo. KATRUP, Virgínia. ESCÓSSIA, Liliana da. (Org.). **Pistas do Método da Cartografia**: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Editora Sulina. 2015

LAZZARATO, Maurizio. **Fascismo ou revolução?** O neoliberalismo em chave estratégica. São Paulo: n-1 edições, 2019.

LAZZARATO, Maurizio. **O governo do homem endividado**. São Paulo: Edições SESC São Paulo: n-1 edições, 2017.

LOURO, Guacira Lopes. 2ª ed. **Um Corpo Estranho**. Belo Horizonte, Autêntica, 2018.

MARACCI-CARDOSO, João, PAZ, Bernard M., ROCHA, Kátia B., PIZZINATO,

Adolfo. Imagem, corpo e linguagem em usos do aplicativo Grindr. **Psicologia USP**, v. 30, p. 1-11, 2019.

MISKOLCI, Richard. A Teoria Queer e a Questão das Diferenças: por uma analítica da normalização. **Congresso de Leitura do Brasil**. Campinas: Unicamp, 2007.

MISKOLCI, Richard. **Desejos digitais**: uma análise sociológica da busca por parceiros *on-line*. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2017.

MISKOLCI, Richard. San Francisco e a nova economia do desejo. **Lua Nova**, (91), 269-295, 2014.

MORELLI, Fábio, PEREIRA, Bruno. A pornificação do corpo masculino: Notas sobre o imperativo das imagens na busca entre homens por parceiros *on-line*. **Civitas**, Porto Alegre, v. 18, n. 1, p. 187-203, jan.-abr, 2018.

OLIVEIRA, João Manuel. “Cidadania sexual sob suspeita: uma meditação sobre as fundações homonormativas e neoliberais”. **Psicologia & Sociedade**; 25(1): 68-78, 2013.

PADILHA, Felipe. Isto não é um manual de instruções: notas sobre a construção e consumo de perfis em três redes geosociais voltadas ao público gay. **Norus**, v3, n.3, jan-jun 2015.

PASSOS, Eduardo. KATRUP, Virgínia. ESCÓSSIA, Liliana da. (Org.). **Pistas do Método da Cartografia**: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Editora Sulina. 2015

PELBART, Peter, P. Poder sobre a vida, potência de vida. **Lugar Comum**, n. 17, p. 33-43, 2006.

PINHO, Osmundo. Race Fucker: representações raciais na pornografia gay. **Cad. Pagu** [online]. n.38, p.159-195, 2012.

POCAHY, Fernando Altair & NARDI, Henrique Caetano. Saindo do armário e entrando em cena: juventudes, sexualidades e vulnerabilidade social. **Revista Estudos Feministas** [online]. Vol. 15, nº 1, p. 45-66. 2007.

POCAHY, Fernando. Vem meu menino, deixa eu causar inveja: ressignificações de si nas transas do sexo tarifado. **Sex., Salud, Soc. (Rio J.)** [online], n.11, pp.122-154, 2012.

PUAR, J. **Terrorist assemblages**: homonationalism in queer times. Durham: Duke University Press. 2007.

RAGO, Margareth. PELEGRINI, Maurício. In: RAGO, Margareth. PELEGRINI, Maurício. (Org.). **Neoliberalismo, feminismos e contracondutas**: perspectivas foucaultianas. 1 ed. São Paulo: Intermeios, 2019.

SAMPAIO, Pedro Ivan Moreira. *Indivíduo: começo, meio e fim do neoliberalismo*. In:

RAGO, Margareth. PELEGRINI, Maurício. (Org.). **Neoliberalismo, feminismos e contracondutas**: perspectivas foucaultianas. 1 ed. São Paulo: Intermeios, 2019.

SANTOS, Luis Henrique Sacchi dos. ZAGO, Luíz Felipe. Topologias dos corpos de homens gays: deslocamentos na produção de sensibilidades biopolíticas. **Nômad**, Colômbia, n. 39, p. 137-151, 2013.

SEDGWICK, Eve Kosofsky. *A Epistemologia do Armário*. In: **Cadernos Pagu**. Tradução de Plínio Dentzien. Campinas, Núcleo de Estudos de Gênero Pagu, 2007.

SHIELD, Andrew DJ. “Looking for north Europeans only”: Identifying Five Racist Patterns in an Online Subculture. **KULT: Racism in Denmark**, vol. 15, p. 87 – 106, June, 2018.

SILVA, Rosane Neves. Ética e paradigmas: desafios da psicologia social contemporânea. Ética e Paradigmas na Psicologia Social. In: PLONER, KS., et al., org. Ética e paradigmas na psicologia social [online]. Rio de Janeiro: **Centro Edelstein de Pesquisas Sociais**, 2008. 313 p. ISBN: 978-85-99662-85-4.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Teoria cultural e educação**: um vocabulário crítico. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

TAVARES, Thaís. TAVARES, Tatiane. GRINDR: Microterritorialidade homossexual em Campos dos Goytacazes/RJ. **Geofronter**, Campo Grande, n. 4, v. 4, p. 67-99. 2018.

WARD, Jane. **Not gay**: sex between straight white men. New York, New York University Press. 2015.

WINETROBE Hailey , RICE Eric, BAUERMEISTER Jose, PETERING Robin, HOLLOWAY, Ian W. Associations of unprotected anal intercourse with Grindr-met partners among Grindr-using young men who have sex with men in Los Angeles.

**Psychological and Socio-medical Aspects of AIDS/HIV**, v. 26 – 10, p. 1303-1308, 2014. Acesso em:

<https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/09540121.2014.911811>

ZAMBENEDETTI, Gustavo. SILVA, Rosane Azevedo Neves. Cartografia e genealogia: aproximações possíveis para a pesquisa em psicologia social. **Psicologia & Sociedade**, v. 23, n.3, p. 454-463, 2011.

# ANEXO 1

Featured  
Dec 18

## Grindr Unwrapped: a Snapshot of Sex & Dating on Grindr in 2020

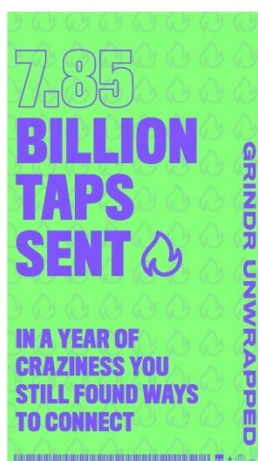
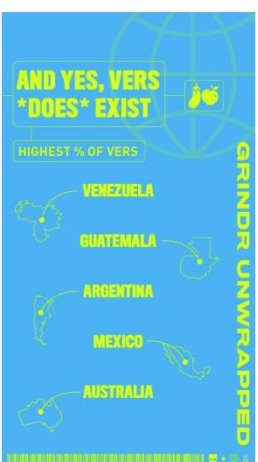


We're giving our users a little something extra to open this holiday season with *Grindr Unwrapped*, an informal stats report that sheds some light on the year in Grindr activity. If you couldn't already tell from the name, we were inspired by Spotify's annual *Spotify Wrapped*, which we look forward to every December even though it tells many of us here at Grindr HO the same thing year after year ("your music taste is... gay"). And since imitation is the sincerest form of flattery, we decided to throw our hat in the ring in 2020 with a look at sex & dating trends among the nearly 13 million gay, bi, trans & queer folks who use our app each month.

Now, before you balk at the claim that Chile is a hot spot for tops, or that Sweden is home to a higher-than-average bottom population, we wanted to offer a caveat. This data only represents a subsection of our users (not all Grindr users include this information about their profiles), and Grindr itself only represents a subsection of the global queer community. So it's important to note that this is not meant as a comprehensive or scientific report on global queer sex & dating behaviors. Instead, it's meant as a fun and informal way to help our users get to know each other better, serve as an ice-breaker for conversations in the app, and provide some insights into Grindr activity trends from the year.

It was a year unlike any other, and many of the usual ways people enjoy Grindr—in-person dates, hookups, tennis lies, some of us use Grindr to find tennis partners—were off the table in 2020 due to COVID-19. But that doesn't mean people weren't still connecting. This snapshot of activity shows that even in a year of quarantine and isolation, people still found ways to express themselves and connect safely from home.

Dig in below, and cheers to a safer and more connected 2021.



“GRINDR UNWRAPPED: Um instantâneo de sexo e namoro no Grindr em 2020”

“Estamos dando aos nossos usuários algo extra para abrir esta temporada de férias: um relatório informal estatístico que lança alguma luz sobre a atividade no Grindr durante o ano.

*Se você não reconheceu pelo nome, fomos inspirados pelo Spotify Wrapped anual do Spotify, que vemos ocorrer todo dezembro, embora ele diga a muitos de nós aqui no Grindr HQ a mesma coisa ano após ano (“seu gosto musical é... gay”). E como imitação é a forma mais sincera de lisonja, decidimos lançar nosso “chapéu no ringue” em 2020 com uma olhada nas tendências de sexo e namoro entre os quase 13 milhões de gays, bi, trans e queer que usam nosso aplicativo todos os meses. Agora, antes que você recuse a alegação de que o Chile é um ponto quente para encontrar “ativos”, ou que a Suécia é o lar de uma população acima da média de “passivos”, gostaríamos de oferecer um aviso. Esses dados representam apenas uma subseção/parcela de nossos usuários (nem todos os usuários do Grindr incluem essas informações em seus perfis), e o próprio Grindr representa apenas uma subseção/parcela da comunidade queer global. Portanto, é importante notar que este não é um relatório abrangente ou científico sobre comportamentos de namoro e sexo queer global. Em vez disso, é uma forma divertida e informal de ajudar nossos usuários a se conhecerem melhor, servir como um quebra-gelo para conversar no aplicativo e fornecer alguns insights sobre as tendências de atividade do Grindr durante o ano. Foi um ano diferente de qualquer outro, e muitas das maneiras usuais pelas quais as pessoas gostam do Grindr – encontros pessoais, encontros sexuais, partidas de tênis (sim, alguns de nós usamos o Grindr para encontrar parceiros para jogar tênis) – foram descartadas em 2020 devido ao COVID-19. Mas isso não significa que as pessoas não estavam se conectando. Este instantâneo de atividades de usuários mostra que mesmo em um ano de isolamento, as ‘pessoas ainda encontraram maneiras de se expressar e se conectar com segurança a partir de suas casas’”.*

(GRINDR LLC, 2020, tradução nossa; acesso em: 28 dez de 2020).